

Vice-Reinado

№ 0488 *



Marguerite Laurade

Serie 5.ª

BRASILIANA

Vol. 214

BIBLIOTECA

PEDAGOGICA

BRASILEIRA

D. José D'Almeida

6.º MARQUEZ DE LAVRADIO

Vice-Reinado de D. Luiz D'Almeida Portugal

2.º MARQUEZ DE LAVRADIO .

3.º VICE-REI DO BRASIL

PREFÁCIO DE
PEDRO CALMON

981
B823
v. 2/4

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — PORTO ALEGRE

— 1942 —

P R E F Á C I O

O eminente historiador português D. José de Almeida, 6.º Marquês de Lavradio, apaixonado cultôr das tradições lusiadas e herdeiro, juntamente com as responsabilidades cívicas, dos papeis e dos titulos de numerosos fidalgos vinculados à formação, ao crescimento, à expansão e à gloria de Portugal — escreveu para o publico brasileiro este livro: o perfil biográfico e a crônica de serviços do 2.º marquês, 3.º vice-rei do Brasil, singular administrador e soldado do seculo XVIII.

Fazia falta, à galeria dos "heróis coloniais", o retrato do hábil e severo marquês de Lavradio. Onze anos consagrou a este "ultramar" recheiado de riquezas novas, de promessas, de problemas e de dificuldades graves: a fixação da fronteira meridional, a criação de um exercito que a defendesse, a fortificação do Rio de Janeiro, a substituição da monocultura açucareira por uma lavoura variada, o incentivo do comercio enlanguescente, o aumento das rendas do Estado em proveito das despêsas militares urgentes e enormes... Inclúe-se pois na linha dos maiores governadores da colonia, conservados no cargo alem do limite ordinário pelo êxito, pela intelligencia e pela moderação de sua magistratura: Mem de Sá, D. João de Lencastro, Sa-

bugosa, o conde dos Arcos. É representativo d'uma filosofia prática (o economismo dos enciclopedistas), d'uma politica forte (o absolutismo patriarcal e "iluminado"), d'um patriotismo reacionário, d'um romântico sentimento de honra, d'uma austera concepção da justiça, do poder e da gloria, que formam o ambiente emocional da côrte de D. José e Pombal, do inicio do reinado devoto e conciliadôr de D. Maria I. Mas as velhas qualidades da nobreza da Restauração — cujos escudos d'armas el-rei D. João IV mandou pintar, ao jeito de apoteóse, no tecto apainelado da sala dos Veados do castelo de Cintra — lhe sobrelevavam à sutileza e à finura de estadista que lêra Rousseau, Quesney e Voltaire. A sua correspondencia revela-o nesse duplo aspecto: de homem de seu tempo e de general da linhagem antiga dos leais cavaleiros das viagens e conquistas em Africa, Etiopia e India. Não tem diferente linguagem nos seus relatorios saborosos de pitorêscico e senso descritivo, impregnado — dir-se-ia — do espirito clássico de D. João de Castro e de "Albuquerque terrível", se comprazia em combinar as suas noções atávicas de fidelidade à corôa, de pundonôr e honestidade, com as inspirações racionalistas do seculo do epigrâma, do lirismo rural e da dúvida elegante. Não transigiu — como um capitão de outr'ora — com as incursões de estrangeiro no territorio que era de Portugal, com o desânimo e a deserção dos fracos comandantes, com os revêzes — largamente explicados — de 1777. Pediu licença para ir ao sul, assumir a chefia das tropas em Santa Catarina ou no Rio Grande. Não lha deram; e a isto atribuiu a fácil occupação da ilha por D. Pedro de Ceballos. Queria estar simultaneamente no Rio de Janeiro, séde do governo, e no campo de batalha; erguendo baluartes ou rasgando ruas na cidade nova (a illustre "rua do Lavradio" é uma reminiscencia do seu urbanismo) e cruzando o ferro com o inimigo na

região contestada; civilizando e julgando; adextrando as milicias nos quartéis da Colonia do Sacramento, do Rio Pardo e do Desterro e plantando, nas chácaras de Mata-Porcos e do Catumbí, os primeiros pés de café. . . Não poudes evitar desastres transitórios, infortunios efêmeros: mas levantou alguns pilares definitivos da grande Casa brasileira. Antecipou-lhe a fartura do século seguinte com a introdução do cafeeiro nos quintais cariocas. Organizou-a com decência e modestia. Retocou-lhe a harmonia interna com o seu famoso instinto de disciplina, em que se juntavam a influencia do conde de Lippe e o exemplo do marquês de Pombal. Orientou a recuperação do "continente do Rio Grande de São Pedro". E teve o mérito acessório de crêr — com sizudo optimismo — no futuro do Brasil.

O decênio administrativo de Lavradio deixou na história nacional um sulco profundo. Podemos hoje revivê-lo na comprovação original que nos oferece o atual marquês de Lavradio. Sem recorrer aos textos, naturalmente lacunosos e confusos, abriu simplesmente os seus cofres repletos de documentos de familia; e, com a probidade paciente dos verdadeiros investigadores, nos extraiu deles um relato singêlo, minucioso e autêntico. É a crônica do 3.º Vice-rei segundo os seus guardados. Quasi uma autobiografia; ou o livro de memórias que escreveria, se lhe sobrassem lazêres e preocupações de celebridade, o sóbrio 2.º marquês de Lavradio.

Ha ainda em Portugal tais tesouros ocultos: os cartórios de muitas casas nobres que mantêm, no salão barroco da quinta ou do palacio vetusto de Lisbôa, o retrato sombrio e orgulhoso do avô que foi grão-senhor em além-mar. São arquivos religiosamente conservados que escondem parcelas do nosso passado. A história do Brasil nunca será completa sem o subsidio dessas coleções

inestimáveis. Exatamente porque apresentam a outra face da verdade histórica: a interpretação meúda, pessoal e sincera dos acontecimentos que conhecemos na sua exterioridade... oficial. Confissões, desabaços, segredos, ajustes de contas; o panorama social, caracteres, erros, virtudes, sacrifícios, misérias; as intrigas, as confidencias, as paixões, os homens. Cartas que não aspiravam á posteridade, e porisso têm a frescura e o interesse de todas as indiscreções; bilhetes patéticos, mensagens reservadas, ordens secretas, narrativas que põem por terra o enrêdo imaginoso dos historiadores das gerações precedentes; mina rica de gêmas sem preço — donde desentranhou o sr. D. José de Portugal estas páginas objetivas, amôstra da valia e larguêza dos arquivos nobiliárquicos do seu país.

Ganhamos assim um capitulo de história brasileira — valorizado por uma copiosa informação inédita — escrito em Portugal, por um português illustre, de acôrdo com os manuscritos de sua propriedade, cento e cincoenta anos á espera de quem lhes dêsse o relêvo e a importancia d'um depoimento, o mais autorizado e o mais eloquente, sôbre o império que emergia do "deserto americano".

É aliás a impressão final que dele se tem: o esforço lúcido d'uma côrte pobre, d'um ministerio astuto mas hesitante, d'um Estado ainda vigoroso porém entibiado pela diplomacia burocrática e mole que sucedêra a D. Luiz da Cunha e Alexandre de Gusmão, dos proconsules que no Brasil lhe cumpriam as ordens indecisas (como tanto se queixou Lavradio), esforço ansioso e vivo pela fundação do império que seria a nova Lusitania. Tornára-se o pensamento d'um Brasil semelhante á Europa e talvez substitutivo da Europa — a obsessão dos altos personagens de Lisboa após o terre-

moto. Reatára, na secretaria del-rei, muito atordoado pelos tumultos da terra, pela conspiração dos fidalgos e pelo combate aos jesuitas, a tradição legada por D. João IV. Havia de ser o argumento heroico de Pombal, de D. Maria, de D. João Príncipe Regente, sempre que corresse perigo, no Tejo, a independencia da monarchia. Provocára atos enfáticos, palavras sibilinas, grandes providencias. Bobadella, o conde da Cunha, o marquês de Lavradio, trabalharam seguidamente nesses preparativos hercúleos: a aparelhagem d'uma nacionalidade, sem que suspeitassem disto os colonos — a lamentar-se da opressão metropolitana — e as potencias estrangeiras — que nos ignoravam. D. João VI foi o beneficiário de meio seculo de bôa politica colonial. Em 1808, parecia um passe de mágica a revelação do Brasil; em 1822, um milagre o Império. A razão do prodigio está no seculo XVIII: em parte o ativo Lavradio o preveniu e engendrou. Anteviu a unidade nacional ductilizada pela descentralização administrativa; fez valer a sua autoridade coordenadora; e descobriu a solução econômica de 1830: o café.

Entra justamente no rol dos precursôres: ao contrário de tantos governadores retrógrados daquelle periodo de pequenos déspotas, como o Fanfarrão Nemésio das "Cartas Chilenas", devassou com o olhar esperto horizontes e destinos. Profetizou o Brasil do seculo XIX. Ajudou-lhe a evolução. Foi sem limites o seu poder temporário. E no fim desembarcou nos cães de Alcantara, de volta à metropole — conta o seu biografo — sem ter dinheiro siquer para gratificar os remadôres do escaler real que o conduziram da náó de alto bordo para a terra, onde resplandeciam as casacas vermelhas, as garnaxas, as cabeleiras empoadas e os espadins da parentéla que fóra recebe-lo.

Gastou do seu; empobreceu no Brasil; endividou, em consequencia, a sua Casa, de pingues recursos. Retribuem-lhe agora o patrimonio e a vida, desfalcados em proveito do seu Rei, de Portugal e do Brasil: com o prêmio digno e tardio deste livro.

PEDRO CALMON

Rio de Janeiro, Dezembro de 1940.

ÍNDICE

Prefácio	VII
Prólogo	1
CAPITULO I	
Breve notícia do Marquez do Lavradio — Governo da Bahia	3
CAPITULO II	
Chegada ao Rio de Janeiro — O Rio de Ja- neiro em 1770 — Primeiras medidas do Go- verno — Primeiros anos	19
CAPITULO III	
Conflito com os castelhanos na America — Reconquista do Rio Grande — Rendição de Santa Catarina e Colonia	47
CAPITULO IV	
Continuação do Vice-Reinado — Ultimos anos	127
Documentos	145

P R O L O G O

Na historia da colonisação Portuguesa do Brasil, occupa um logar de destaque o 3.^o vice Rei (1) D. Luiz de Almeida Portugal, 2.^o Marquez do Lavradio e 5.^o Conde d'Avintes.

Começando por governar a Bahia e passando depois a Vice Rei do Brasil, ali permaneceu por 11 anos durante os quaes poz ao serviço de tão vasto imperio toda a sua intelligencia, toda a sua energia, toda a sua actividade e até a sua fortuna pessoal.

Com a sua clara intelligencia, com a sua cultura pouco vulgar, soube governar sem ofender, obrigar sem opprimir, repreender sem agravar (2); erigiu fortalezas, edificou vilas, trouxe os indios á boa ordem e civilisação, á religião e ás suas leis; a ele deve o Brasil a sua mais rica cultura: o café, e ainda a introdução do anil, da cochoilha, a fundação no Rio de Janeiro de uma sociedade de sciencias naturaes. Protegeu extraordinariamente as sciencias, as letras, a agricultura e o commercio. Dirigiu a guerra contra os hespanhoes não hesitando em dispen-

(1) O 1.^o Vice Rei foi D. Antonio Alves, Conde da Cunha; o 2.^o foi D. Antonio Rolim, Conde d'Azambuja; o 3.^o, D. Luiz d'Almeida Portugal, Marquez do Lavradio.

(2) Oração funebre pronunciada em 18 de Agosto de 1790 nas exequias pelo Marquez do Lavradio feitas no convento do Monte do Carmo do Rio de Janeiro e ordenadas pela Irmandade de Santa Cruz dos Militares da mesma cidade.

der grossas quantias da sua propria fortuna, quando o dinheiro do Estado não era sufficiente para as enormes despezas necessarias.

“Como Presidente da Relação nunca votou de morte, sempre quiz assistir aos summarios; não para impedir a justiça, sim para ver se tinha logar a misericordia. Misericordia que sempre triunfou quando tinha na sua mão exaltal-a, que sempre foi ouvida, quando dependeu do seu sufragio, e sempre confiou n'ele, quando pretendeu livrar da morte as victimas da justiça.” (1)

A sua administração foi de tal forma honesta e desinteressada que, quando no fim de 11 annos desembarcou em Lisboa, não trazia dinheiro para gratificar os remadores do escaler Real que o fora buscar, sendo necessario que seu filho, o 6.º Conde d'Avintes, lhe trouxesse a quantia sufficiente tanto para esse fim como para mandar comprar, em uma loja de ourives da capital, alguns presentes de pedras do Brasil, fingindo os trouxéra de alem-mar para suas filhas.

Trouxe a consciencia do dever cumprido, a certeza de bem ter servido o seu paiz, o nome honrado que legou aos seus.

(1) Oração funebre nas exequias feitas pela alma do illmo. sr. Marquez do Lavradio no convento de N. S. do Monte do Carmo do Rio de Janeiro em 18 de Agosto de 1790.

CAPITULO I

BREVE NOTICIA DO MARQUEZ DO LAVRADIO GOVERNO DA BAHIA

O dia 25 de Setembro de 1767, no palacio de Nossa Senhora d'Ajuda, o 2.^o Marquez do Lavradio prestava homenagem a El-Rei D. José, como governador e capitão general da Bahia.

O 2.^o Marquez do Lavradio e 5.^o Conde d'Avintes D. Luiz d'Almeida, Portugal, Soares, Alarcão, Essa, Mello, Pereira, Aguilar, Fiel de Lugo, Mascarenhas, Silva, Mendonça e Lencastre, contava então 38 annos de idade, pois nascera a 27 de Junho de 1729, em uma quinta de seu pae, denominada "da Conceição", no julgado da Ribaldeira, pertencente ao morgado que em 21 de Julho de 1475 havia instituido seu 11.^o avô o Conde Ruy Gomes de Alvarenga, chanceler-mor do Reino.

Era filho primogenito de D. Antonio d'Almeida, 1.^o Conde e 1.^o Marquez do Lavradio e 4.^o Conde d'Avintes e de D. Francisca das Chagas de Mascarenhas, filha dos 3.^{os} Marquezes de Gouvea e irmã do ultimo Duque d'Aveiro.

A 26 de Julho do dito anno, fora baptisado na ermida de Nossa Senhora da Conceição, edificada por seu bisavô o 2.^o Conde d'Avintes na referida quinta; officiar na cerimonia o seu tio avô o Cardeal D. Thomaz d'Almeida, 1.^o Patriarca de Lisboa, havendo sido padrinhos o 3.^o Conde d'Avintes D. Luiz d'Almeida e a

Condessa D. Joanna Antonia de Lima, avós paternos do neofito.

Contava apenas 10 annos quando sentara praça no regimento de infantaria d'Elvas de que seu pae era coronel "e posto que fosse muito creança, o seu serviço não era de creança, pois seu pae o obrigava a fazer todo o serviço de soldado" (1): em 19 de Junho de 1746 era armado cavaleiro por seu tio materno o 3.º Marquez de Gouvea e ultimo Duque d'Aveiro D. José de Mascarenhas.

Tendo vindo para Lisboa um abade Francez, homem de grande instrução recomendado por D. Luiz da Cunha a D. Manuel de Sousa para educar os filhos, lembrou-se o Principal Almeida (2), tio do jovem Conde d'Avintes, de entregar a educação do sobrinho ao dito abade.

Chegado aos 20 annos, seu pae, querendo completar-lhe a educação, mandou-o visitar as cortes de Madrid e Paris, na primeira das quaes tinha proximos parentes por ser neto pelo lado materno da Condessa de Santa Cruz, D. Thereza de Moscoso, filha do Marquez d'Almazan.

Em Paris procurou conviver com os homens mais notaveis d'aquelle tempo, applicando-se particularmente a observar os progressos que a arte da guerra havia feito em França, e convidou alguns distinctos officiaes Franceses a virem a Portugal, e entre elles Mr. de Valéré que em Portugal se applicou á construção de fortificações devendo-se-lhe o forte de La Lippe e da Graça em Elvas. Mr. de Valéré foi depois tenente general e conselheiro de guerra.

(1) Carta escrita a seu filho o 3.º Marquez do Lavradio em 26 de Novembro de 1776. Archivo Lavradio.

(2) D. Thomas, Principal Almeida, 1.º director geral dos estudos.

Em 1761 era nomeado coronel commandante do regimento de Cascaes, disciplinando-o e melhorando-o de tal forma que El-Rei D. José decretava que na bandeira do regimento se escrevesse a palavra "exemplo".

O antagonismo existente entre a Inglaterra e a França levava esta ultima, em 1761, ao conhecido "pacto de familia", e Portugal vio-se envolvido no conflito.

O exercito Portuguez estava desorganizado e El-Rei D. José convidou o Conde reinante de Lippe para o vir organizar e commandar: durante a guerra o Marquez do Lavradio foi, por proposta do mesmo de Lippe, promovido ao posto de brigadeiro de infantaria, fazendo toda a guerra com distincção e merecendo elogios do marechal.

El-Rei D. José, desejando dar a seu nêto o Principe D. José uma educação conveniente, lembrou-se do Marquez do Lavradio para presidir a essa educação com o titulo de aio. Tendo porem communicado a idéia a Sebastião José de Carvalho, Conde de Oeyras, futuro Marquez de Pombal, este, talvez por ciume e desejoso de afastar de Portugal o Marquez, declarou a El-Rei que a escolha era muito boa, mas que era obrigado a representar a S. M. que "achando-se a Capitania da Bahia em grande desordem, não achava ninguem tão capaz para remediar esse mal como o Marquez do Lavradio, e que era sua tenção propol-o a S. M. para ir governar aquella capitania".

Com estas e outras razões, dissuadiu El-Rei da nomeação de aio e em 26 de Agosto de 1767 era o Marquez do Lavradio nomeado Governador e capitão general da Bahia, com amplissimos poderes.

A nomeação de Lavradio não era, pois, consequencia de favoritismo, nem resultado de uma ambição, e se obedecia em grande parte ao desejo que o Conde de Oeyras tinha de afastar da côrte um homem que

pelos seus talentos e valor lhe poderia fazer sombra, não deixava também de ser um acertado acto de administração.

Lavradio aceitava o logar como um sacrificio "que offerencia a S. M." (1) e ainda porque sendo sobrinho do ultimo Duque de Aveiro e proximo parente de Tavoras e Athouguias, sentia que a sua posição na corte se tornava summamente delicada.

Aos 24 de fevereiro de 1768, embarcava em Lisboa, a 7 de Abril aportava a Pernambuco para desembarcar o Conde de Povolide, governador e capitão general d'aquella capitania e a 18 chegava á Bahia depois de 53 dias de viagem.

No dia seguinte, 19, tomava posse do governo com as formalidades costumadas (2) tendo occasião de mostrar logo ao desembarque a sua austeridade.

(1) Em carta para seu tio o principal Almeida, escrita a 23 de Dezembro de 1770, depois de sa queixar das intrigas diz: "Estes são os verdadeiros enjões, que eu tinha, para não querer vir á America, isto me faz ter sempre a estes empregos o mayor aborrecimento, e aceital-os como um sacrificio, que offerencia a S. M. que não é muito que lhe fizesse este, quando o desejo fazer athé da minha propria vida."

(2) Em carta para seu tio o principal Almeida, em 5 de Maio de 1768, dá conta da sua chegada á Bahia da seguinte forma: Cheguei no dia 18 do mês passado, logo foi a bordo o Bispo, todos os Ministros da Relação, Officiaes e pessoas distintas desta terra sendo o unico que deixou de vir a mau bordo Gonçalo Xer. Quis o Bispo que eu viesse tomar posse naquella dia, porem eu que cada vés me aborreço mais o governar, pedi-lhe que me permitisse o ficar mais aquella noite a bordo, e que no dia seguinte de tarde viria receber ordens de S. Ex.^a. Desembarquei na tarde do dia 19, e cheio de bastante mortificação assisti a todas as formalidades do costume, sendo-me necessaria toda a reflexão para vencer o meu animo, e não sei se isto bastou, porque as memorias que esta terra, e todas estas funções me fazem, todas são para mim tristes, e de uma grande saudade; finalmente recolbi-me a casa com o mesmo triunfo, e depois fui a casa do Perlado, e dela fui a S. Francisco. Os Padres que já me esperavam me conduziram ao Carneiro onde se acha sepultado meu Pai e Snr. donde está uma capella, e ali lhe fez toda a Comunidade um Sufragio a que eu assisti, o Conde de Valladares e todos os mais me acompanharam e aí confesso a V.^a Ex.^a a verdade já não tive forças, não puderam os meus olhos mais tempo occultar o que sentia o meu coração, por natureza, e obrigação; é certo que quando este governo não tivesse para mim mil causas que me mortificam bastaria esta razão para nunca aqui viver contente."

O 1.^o Marquez de Lavradio, falecera na Bahia em 4 de Julho de 1760, sendo Governador e Capitão general.

Foi o caso que, tendo marcado, no dia 18, a hora para o desembarque, os escaleres que o deviam conduzir a ele e á sua comitiva, chegaram 5 minutos atrasados e o novo Governador repreendeu fortemente o intendente de Marinha e restantes empregados, dizendo-lhe: "que já começava a conhecer a negligencia com que eram executadas as ordens dadas em nome de S. Magestade, mas que ele saberia emendar certas faltas usando do rigor das leis com todos aqueles que as não cumprissem exactamente;" entrando depois no escaler que lhe era destinado, notou que em um lugar a pintura estava um pouco danificada, e tornou a dar outra forte repreensão, censurando o pouco cuidado que havia na conservação dos objectos pertencentes á fazenda Real (1).

Esta lição serviu para advertir os empregados publicos da necessidade que tinham de cumprir com exactidam os seus deveres, e com ela conseguiu o restabelecimento da ordem sem o emprego dos procedimentos rigorosos que lhe haviam sido recomendados pelo Conde d'Oeyras.

O ultimo Governador da Bahia fora o Conde d'Azambuja, homem de grande probidade, mas que devido á sua saúde e quasi completa surdez deixara relaxar todos os serviços; e o novo governador encontrava tudo em grande desordem. Os Ministros desunidos, as tropas sem disciplina nem ordem, as finanças desorganizadas, os homens de negocio desconsolados e o povo descontente (2); tornava-se pois necessario proceder immediatamente á reorganização da Capitania.

(1) Estas anedotas foram contadas pelo Marechal do Exercito Gaspar José de Matos, que era então ajudante d'ordens do Marquez. Apontamentos no Arquivo Lavradio.

(2) Em 5 de Maio escrevendo para o principal Almeida, Francisco de Mendonça Furtado e Conde de Oeiras, diz: "A terra é muito grande, o lugar é muito autorizado, porem o trabalho é immenso, e deste primeiro

Logo no dia 21 de Abril foi presidir á Relação e sabendo que os Ministros administravam mal a justiça (1), lembrou aos desembargadores os seus deveres, declarando-lhes que procederia com todo o rigor das leis contra aqueles que as não cumprissem, e a 5 de Maio escrevendo ao Conde d'Oeyras dizia: "o corpo da relação que é outra parte deste Governo acho bastante perturbado, achei quasi todos os Ministros em ranchos e parcialidades, e me vejo por esta razão no embaraço dos que devo escolher para me fiar".

Conhecendo que a administração da justiça é uma das bases de um bom Governo, passou a presidir com assiduidade á Relação e em 14 de Setembro já podia escrever (2): "Devo dizer a V. Ex. que depois da minha efectiva residencia na Relação está esta no maior socego que é possível, os Ministros continuam o seu regular despacho, os requerimentos das partes contra alguma má administração de justiça são muito menos, e creio que dentro em mui breves tempos ficará sem ser nenhum.

"Esta desordem em que isto estava, nascia da grandissima parcialidade que aqui se tinha consentido e que a inveja dos que faziam cabeça de partido reinante tinha fomentado para a destruição dos outros; e pode tanto este animo intrigante e vaidoso, que ainda hoje sem embargo do respeito que eu lhe faço terem-me ainda alguma vez deixam conhecer a sua Paixão".

Em 8 de Março 1769, antes de deixar o governo da Bahia, podia escrever (3); "Os ministros não faltam já

tempo, parece insupportavel, acho tudo em bastante desordem a tropa sem disciplina nem ordem, os Ministros desunidos, os homens de negocio desconsolados; e quasi que todo este povo descontente.

(1) Em 21 de Julho em carta para Mendonça Furtado escrevia: *Achei esta Terra em bastante desconsolação pelo mal que os Ministros administravam a Justiça.*"

(2) Carta para Mendonça Furtado. Arquivo Lavradio.

(3) Carta para Mendonça Furtado. Idem.

ao pronto despacho com que devem deferir as partes, eu principio a satisfazer-me do modo com que os vejo satisfazer as suas obrigações”.

A guarnição da Bahia compunha-se de dois regimentos de infantaria e um de artilharia, que alem de diminutos estavam sem disciplina, sem ordem e sem quartéis, mal comandados e cheios de officiaes que alem de velhos não tinham espirito militar, e que os governadores não haviam querido reformar para não aumentar a despesa, esquecendo que a Fazenda Real tinha maior prejuizo em estar pagando por inteiro a quem não podia servir; os soldados percebiam excelentemente o que se lhes dizia, e buscando-lhe geito e dando-lhes as providencias necessarias poder-se-ia fazer uma boa tropa (1). Os regimentos de infantaria eram comandados um pelo Coronel Gonçalo Xavier, homem cheio de molestias e que ultimamente tivera um ataque apopletico, o Tenente Coronel era um Catalão D. José Morales com 82 anos de idade e que se achava entrevado: do outro regimento era Coronel Manuel Xavier Alle de 66 anos, homem que servira sempre com grande limpeza de mãos, mas sem nenhuma intelligencia, sinceramente ignorante da sua profissão, sem geito para o lugar que desempenhava; o tenente Coronel era João Pinto de Velasco que não estava em condições de poder ser promovido ao posto de Coronel. O regimento de artilharia era commandado por um muito bom e instruido official de infantaria, mas que nada sabia de artilharia: os officiaes debaixo da sua ordem eram igualmente ignorantes dessa arma.

As armas de todos estes regimentos estavam incapazes.

O primeiro cuidado do novo Governador foi arranjar quartéis, para o que se aproveitou de edificios per-

(1) Carta de 5 de Maio para o Conde d'Oeyras.

tencentos á Fazenda Real, em seguida nomeou para os regimentos de infantaria officiaes que trouxera de Lisboa, redigiu novas instruções e encarregou-os de introduzirem naqueles corpos a organização, administração e disciplina que o Conde de Lippe havia adoptado para o exercito de Portugal indo elle mesmo exercitar as tropas, de forma que em pouco tempo os regimentos estavam disciplinados e podia escrever a Mendonça Furtado: "os 2 regimentos de infantaria que tem esta guarnição, acham-se já disciplinados e instruidos segundo o que determina o novo regulamento; não digo a V. Ex. que estão em toda a perfeição, porem é certo que já não tenho vergonha de os apresentar aos Professores da nossa arte. O de artilharia tem-se exercitado quanto eu posso, porem este, sem que V. Ex. de lá defira as minhas supplicas não poderá chegar ao adiantamento que necessita" (1).

O Arsenal de Marinha estava desprovido de tudo e muito mal administrado, e isto reconheceu o Marquez desde a 1.^a inspeção que fez áquele estabelecimento e tal era o seu zelo e actividade que não havendo ainda 3 mezes que havia tomado posse do Governo já a reforma do Arsenal se achava grandemente adiantada.

Em 21 de Julho de 1768 dirigia ao secretario d'Estado uma muito bem fundada representação contra a venda dos officios tanto de Justiça como de Fazenda, mostrando com exemplos as péssimas consequencias deste abuso, e pedindo que se a venda não fosse prohibida ao menos se estabelecessem condições para os compradores e serventuarios daqueles officios.

Naquella mesma occasião participava que, tendo-se provado que alguns dos empregados na secretaria do governo haviam prevaricado, elle não havia hesitado em

(1) Carta de 29 de Maio de 1769.

os demitir substituindo-os por homens de reconhecida probidade. Era o marquez incansavel no exame e reforma de todos os ramos de administração publica e ainda em 21 de Julho escrevia ao Conde d'Oeyras relatando-lhe a desordem em que se achava a contabilidade e a administração das Rendas Reais, pela desordem de arrecadação, confusão de contas e menos credito publico, e mencionava as providencias que tomara para remediar todos esses males, o metodo de contabilidade que estabelecera interessando os negociantes na arrematação das Rendas Reais que até então eram administradas por conta da Fazenda por homens incapazes, ou arrematados por pessoas que não tinham os meios necessários para poderem preencher as obrigações que haviam contraído com a Fazenda.

As seguranças que o Marquez deu aos principais negociantes fez com que estes logo se apresentassem nas primeiras arrematações e fizessem crescer consideravelmente as rendas do Estado (1).

Alcançando a inteira confiança do comercio que com as suas sabias medidas protegeu, tirou dele grande proveito para o incremento da Capitania, que começou a prosperar de uma maneira espantosa debaixo do seu benefico governo.

Um dos primeiros cuidados do Governador foi mandar preceder ao orçamento de receita e despesa do Estado e achou que as Rendas montavam apenas a . . . 162.956.021 rs. quando a despesa era de 191.843.313 rs. e que portanto havia um deficit anual, alem da divida atrazada, de 28.867.292 rs., o que tratou logo de remediar propondo ao Governo os meios, tanto para co-

(1) Em officio de 18 de Novembro de 1768 o Conde d'Oeyras escreve: "Os meios de que V. Ex. diz uzara, para remover dos animos dos negociantes as desconfianças, e para suavemente os atrair a tomarem os contractos, são muito proprios do zelo de V. Ex. e muito conformes ás Plaz e Paternais intencões de S. M., como fundadas em uma verdade constante.

brir o deficit como para pagar os atrasados, sem agravar os povos com novos impostos.

Reconhecendo a inconveniencia que havia em o *Provedor-Mor da Fazenda* conservar as attribuições que tinha em consequencia de ser ele quem devia fiscalizar os seus proprios actos, e quem finalmente havia de votar nas apelações que dele houvesse, visto ser um dos vogais da Junta de Fazenda, propôs que se creasse um provedor dos armazens, e que a este fosse dada parte das attribuições do Provedor-Mor de Fazenda, ficando a este a fiscalização.

Este negocio é tratado com toda a extensão e clareza em um officio (1) dirigido ao Secretario de Estado Mendonça Furtado.

Nesta mesma data (12 Set. 1768) representou contra os inconvenientes que se seguiam de El-Rei nomear, sem previa informação do Governador, para os lugares de ouvidores de Crime e do Civil, e de Intendente Geral da Policia, alguns dos ministros daquela Relação, assim como o uso dos Governadores seus antecessores de nomearem para servir esses lugares aqueles dentre os Ministros que eram mais antigos na Relação, quando aqueles cargos exigiam uma aptidão especial (2).

Em 12 de Setembro dirigindo-se ao Conde d'Oeyras faz muitas ponderações sobre os melhoramentos do Comercio e Agricultura da Capitania da Bahia, e escreve: "A V. Ex. dei conta de se ter arrematado o contrato dos Dizimos, e o ano vai tão favoravel para os lavradores que a maior parte dos do assucar me dizem não poderão vencer os seus engenhos a cana que tem

(1) O Officio tem a data de 12 de Setembro de 1768.

(2) Em 13 de Outubro o principal Almeida escrevia: "Agora veio aqui buscar-me Francisco de Mendonça, e me disse que ontem e hoje leva a El-Rei muitas das tuas cartas que tinham chegado nesta nau e que tanto a S. M. como a ele lhe tinha parecido tudo muito bem.

este anno; os de tabaco tambem me dizem ter uma grande novidade, e como as cobranças ficam sendo agora mais prontas, e certas para os contratadores, tudo isto tem feito um grande appetite aos homens de negocio desta praça, que se estão prevenindo com toda a força para a arrematação do anno que vem, (1). O contrato dos Baleias tambem este anno ficará com grande ganho, porque até aos principios do mês passado, tinha quasi dobrado o numero de Baleias, que tinha pescado nos mais anos”.

Mostra a utilidade que se podia tirar do algodão, de que ele já conhecia três especies: branco, alvadio e amarelo, e diziam-lhe que tambem o ha azul, mas acrescenta: não só se não negoceia para fóra deste continente, mas ainda nele mesmo se não aproveita porque não ha uma só fabrica aonde se trabalhe este genero; trata tambem da canela de que existem muitas e grandes arvores, toda ela excelente, de que aqui se não faz nenhum caso, e que como outras especiarias podem vir a ser um ramo importante.

Trata dos gados que são abundantissimos em consequencia das imensas pastagens; queixa-se porem de que todo se conserva bravo, não tendo outra serventia” que de o trazerem para o açougue, vendendo-se cada boi a meia moeda, 3.200 e o mais caro 4.000 rs.” e lembra que se podia aproveitar este gado nas mais cousas que não havia na Bahia “e se estão comprando vindo dos portos da Europa para onde os levam os estrangeiros”.

(1) Em 1769 arremataram-se as rendas dos dizimos por 133.000 cruzados por 3 anos; a anterior arrematação fora por 126.000 cruzados. O contracto dos dizimos de tabaco e água-ardente que da cidade da Bahia se embarcavam para fora, foi arrematado em 1764 por 16.000 cruzados e 300 mil réis annuaes a Inacio da Costa Quintella; em 1771, o mesmo Quintella arrematava novamente por 6 annos por 6 contos e 700 mil réis annuaes.

Em 13 de Dezembro de 1768 queixa-se da impossibilidade em que se acha em fortificar de uma maneira conveniente a Bahia por falta de officiaes engenheiros capazes.

Em 28 de Dez. dá conta ao Secretário d'Estado Francisco Xavier de Mendonça de haver começado no principio daquele mês, a pôr em pratica todas as reformas de administração da Fazenda, refere-lhe os grandes embaraços que havia encontrado na reforma dos abusos, e o modo porque os havia desfeito, tomando sobre si uma grande responsabilidade, tendo-se mesmo resolvido a tomar algumas deliberações importantes contra algumas Provisões Reaes, desculpando-se para isso com a interpretação que havia dado á carta Régia que El-Rei lhe havia dirigido concedendo-lhe amplos poderes para a reforma das repartições de Fazenda.

Participa na mesma data os abusos que encontrou na alfandega, os quais já tratou de remediar, sendo-lhe necessário para conseguir os seus fins, crear um logar novo de administrador de alfandega, em que proveu um homem conhecido pela sua intelligencia e probidade, não lhe arbitrando porém ordenado enquanto se não conhecesse o beneficio que dele se tirava. Em Lisboa, apesar de elogiarem a administração de Lavradio (1) não davam andamento ás suas propostas e ele em 8 de Março de 1769 queixa-se em officio para Xa-

(1) Em cartas do principal Almeida para seu sobrinho leem-se os seguintes periodos: 1) Estimo na minha alma que tenhas passado bem e com a devida proporção o geral conceito que sem excepção alguma ouço de acerto de todas as tuas maximas de governo, sendo de maior consolação acha-lo assim não só o Ministerio, mas S. M. a quem o tem ouvido pessoas de verdade sem suspeita, que mo tem repetido a mim. 2) Pelo que tenho ouvido estou certo que sairão aprovadas todas as tuas deliberações e louvadas que é mais. Os que pertencem ao estabelecimento do Erário Régio sei que foram muito louvados. 3.º) Os senhores do Ministerio não cezem de dizer maravilhas de ti e do teu governo."

Paulo de Carvalho em 2 de Março de 1769 escrevia: "Egualmente estimo as noticias que se aclamaram por toda a Praça de felicissimo governo que principia a estabelecer."

vier de Mendonça, da falta de resposta aos seus precedentes officios, e participa-lhe que esta falta de resposta o obrigava a sobrestar a execução de algumas determinações que havia tomado, entre outras a de passar para o Conselho de Fazenda algumas das atribuições de Provedor Mor de Fazenda, não obstante a grande conveniencia que dela se seguiria.

Contando-lhe que havia uma planta de que se extraia uma especie de linho, convidou os principais negociantes da Bahia a formarem uma companhia (1) para estabelecerem uma fabrica de lonas, ao que todas se prestaram de muito boa vontade, e prontamente se reuniram os fundos necessários para o estabelecimento, concedendo o Governador, por empréstimo, o Noviciado da casa que havia pertencido aos extintos jezuitas (2). Na arrematação que mandou proceder dos Dizimos do arcebispado, alcançou para a Fazenda Real um beneficio de mais de 7 mil cruzados sobre o aumento que já tinha podido obter e em officio dirigido ao Conde de Oeyras e Xavier de Mendonça participa que muito maior teria sido o aumento se tivesse havido concorrência de Lançadores, o que esperava obter nos anos futuros.

Pouco mais de um ano havia que governava a Capitania da Bahia e em tão pouco espaço de tempo tinha conseguido organizar a administração da Fazenda, supprimindo despesas inuteis; aumentando consideravelmente as Rendas publicas e estabelecendo uma severa fiscalização.

Os juizes de Relação que tinha achado em grande desordem corrigio-os e o mesmo fez aos magistrados

(1) O Marquez do Lavradio foi a 1.^a pessoa que introduziu na Baía e talvez no Brasil o espirito de associação de que resultaram grandes beneficios para aquele Estado.

(2) Disto dá conta ao Conde de Oeyras em officio de 1 de Maio de 1769.

de uma ordem inferior, de sorte que a justiça que até á sua chegada era muito mal administrada e mesmo vexatoria se tornou regular e tal como deve ser.

A força armada, que, como vimos, estava sem disciplina e a sua administração ruínosa, deixou-a disciplinada, os regimentos com quartéis, estabeleceu-lhes regras para a sua economia e boa administração e forneceu de armamentos os depositos onde nada tinha encontrado.

Tratou tambem de fortificar convenientemente a cidade, mas por falta de engenheiros capazes, por falta de meios e de tempo não pôde concluir as fortificações tal como havia concebido.

O Arsenal de Marinha estava tão desprovido como o do exercito, e a sua administração sumamente ruínosa por falta de fiscalização; deixou-o provido do necessário e estabeleceu nele uma administração e fiscalização de que resultaram grandes proveitos para o serviço publico, tornando-se proveitosa a despesa que até ali era perdida.

Reformou a alfandega fazendo-lhe crescer as rendas pela destruição dos abusos e má fiscalização que nela encontrou. Emfim não houve ramo de serviço publico que ele não reformasse e onde não introduzisse a ordem e severa fiscalização.

A agricultura, commercio e artes estavam no maior atrazo possível: occupou-se desde logo de aumentar a cultura das plantas uteis já conhecidas e de introduzir outras novas. Conheceu que o algodão havia de ser um dia um dos mais importantes ramos da produção do Brazil, occupou-se muito seriamente dos pastos e criações dos gados e protegeu constantemente tudo quanto podia concorrer para o desenvolvimento da agricultura.

O commercio era mal feito, os negociantes mal tratados e despresados e Lavradio tratou logo de os pro-

teger e honrar, dando-lhes no seu proprio palacio a consideração que eles devem ter, tirou deles grande proveito para o serviço de estado fazendo-os interessar nas arrematações das Rendas Reais, d'onde eram afastados pelos vexames que sofriam, e desta proteção resultou crescerem consideravelmente em tão pouco tempo os rendimentos de Estado e ficar n'aquella Capitania o germen da prosperidade de que depois veio a gozar.

A's artes desejava dar o mesmo impulso que havia dado ao commercio e á agricultura: era porem impedido pela politica que o Governo queria seguir a respeito das Colonias; conseguiu contudo estabelecer uma fábrica de lonas e fazer aperfeiçoar alguns officios.

Protegeu os empregados publicos que cumpriam bem os seus deveres, corrigiu aquelles que conheceu serem capazes de emenda, mas era inexoravel com os prevaricadores.

Conhecendo El-Rei D. José 1.^o o modo por que o Marquez do Lavradio estava governando a Capitania da Bahia e tendo reconhecido que o Vice-Rei do Brasil Conde de Azambuja homem sumamente honrado e virtuoso, mas frouxo por causa das suas enfermidades, não podia continuar a ocupar aquele sempre importante lugar, mas que agora se tornava ainda mais importante pelo justo receio da guerra e que dela resultasse um ataque ao Rio de Janeiro e ás provincias limitrofes das possessões Espanholas, resolveu S. M. nomear o Marquez do Lavradio vice-Rei do Brasil para ir suceder ao Conde de Azambuja. A carta Regia de 8 de Abril de 1768 participa ao Marquez aquella nomeação com ordem de partir para o Rio de Janeiro apenas chegasse á Bahia o conde de Povolide, nomeado governador desta capitania e que então se achava governando a de Pernambuco.

Em 17 de Julho de 1769 fundeava na Bahia a nau de guerra N. S^a. dos Prazeres comandada por Manuel de Mendonça e Silva, com a noticia da nomeação do novo Vice-Rei e ordem de o conduzir immediatamente ao Rio de Janeiro, ordem que não pôde ser logo executada porque a nau não lograra aportar a Pernambuco, onde devia embarcar o Conde de Povolide, por causa do mau estado em que vinha e que a obrigou a fazer na Bahia um longo concerto (1).

No dia 10 de Outubro de 1769 entregou o Marquez do Lavradio o governo da capitania da Bahia ao Conde de Povolide.

(1) O officio de 23 de Julho de 1769 dirigido a Fco. Xavier de Mendonça.

CAPITULO II

CHEGADA AO RIO DE JANEIRO. — O RIO DE JANEIRO EM 1770. — PRIMEIRAS MEDIDAS DO GOVERNO. — PRIMEIROS ANOS.

Era certamente muito honrosa a nomeação do Marquez do Lavradio para Vice-Rei do mais importante dominio Português, era prova mais constante de que todos os passos que o Marquez dera no governo da Bahia haviam merecido uma inteira aprovação do Soberano, e, escrevia Francisco Xer. Mendonça Furtado, "tendo a certeza de que V. Ex. hade continuar ainda mais em acrescentar os seus merecimentos, tendo teatro mais largo em que exercite as suas notaveis virtudes" (1).

O Conde d'Oeyras dando a Lavradio os "devidos *parabens* pela nomeação que S. M. fez da dignissima pessoa de Vossa Mce. para Vice-Rei e Capitão General desse Estado" acrescentava: "O que em mim podia caber, foi não omitir cousa alguma nas amplas instruções que tenho expedido a V. Mce., para lhe dar uma noção completa de todas as ordens com que o Nosso Senhor tem provido aquele governo do Rio de Janeiro, ao fim de que nele não seja necessário esperar resoluções nas suas muitas e muito importantes occorrencias. O teatro é certamente o mais brilhante que hoje tem a mo-

(1) Carta de 24 de Abril de 1769.

narquia de Portugal. Espero que nele se immortalise muito gloriosamente o governo de V. Mce. Assim o desejo com muito fervor" (1).

Lavradio apesar dos elogios e poderes que lhe eram conferidos, não ambicionava o governo; já em Setembro de 68 havia escrito ao Conde d'Oeyras lembrando-lhe que fora nomeado para a capitania da Bahia em Agosto de 67 e pedindo-lhe a sua proteção para "no tempo competente" o fazer voltar para a sua casa e poder cuidar em alguma acomodação "da minha tão numerosa familia" (2). Em 29 de Junho escrevia a seu tio o Principal Almeida manifestando-lhe bem evidentemente a aflição em que ficava pela mudança que era obrigado a fazer para o Rio de Janeiro; previa os dissabores e os desgostos que o esperavam e sentia, possivelmente, que a nomeação era uma forma de o conservar afastado da Corte, tinha porem de se sujeitar porque "em se tomando uma resolução no Gabinete não ha mais remedio que sujeitar a ella" (3).

Acrescia ainda que, financeiramente, o lugar era ruinoso: "Tem este Governo para cima de cinco mil cruzados menos de rendimento do que o que deixei (a Bahia), escrevia ele a seu Tio o Principal Almeida, custam os generos justamente o dobro do que na Bahia, e são as ocasiões de despesa mais repetidas, porque tal é aqui o apanagio geral de todos os Governadores e Ministros que veem á América; é finalmente um governo tão util, que o Snr. Conde da Cunha mandou vir todos os anos a maior parte do rendimento de sua casa. Não tendo nunca um jantar publico, ficou devendo dezasseis mil cruzados, e o meu antecessor (Conde de Azambuja), que se não pode viver mais parcamente do que S. Ex.

(1) Carta de 24 de Abril de 1769.

(2) Carta de 12 de Setembro de 1768.

(3) Carta de 23 de Abril de 1769 do principal Almeida.

vivia, foi obrigado, agora na sua retirada, a vender até o ultimo garfo e guardanapo de que se servia, e um destes dias assinou uma escritura de dez mil cruzados para poder ter com que fizesse a sua torna viagem. Deixo á consideração de V. Ex. a precisão que tenho de que da minha casa se me assista com socorro que me livre destes embaraços; bem vejo o prejuizo que isto fará á minha casa, porem eu não pedi nenhum destes empregos; não fui quem lhe destinei os soldos ordenados, e o que apenas sei é que me acho neste logar e que não devo fazer nele accção nenhuma que me não seja decente; eu sobre esta matéria não falo uma só palavra ao Ministro". (1).

Entregue o Governo da Bahia, Lavradio embarcou na nau N. Senhora dos Prazeres, saia da Bahia a 14 de Outubro e chegava ao Rio de Janeiro a 31, entregando-lhe o Conde de Azambuja o governo no dia 4 de Novembro, "sem embargo da minha saude estar ainda naquele dia pouco em estado de poder encarregar-me de um emprego tão trabalhoso, tão importante e tão arriscado (2)".

Abria-se uma outra época para o Brasil; o novo Vice-Rei ia dar um grande impulso á formação desse novo estado, a ele ficaria a dever o Brasil uma grande parcela do seu progresso e civilização.

O Rio de Janeiro, séde dos Vice-Reis do Brasil desde 1763 estava bem longe de ser a bela cidade que hoje faz a admiração do mundo inteiro: situada numa baixa, toda cheia de pantanos, rodeada por inacessiveis montes, quasi todos coroados por um forte ou por um convento, era bastante mesquinha; as suas ruas eram muito estreitas, as casas sem architectura, o plano da cidade por fazer, as egrejas frequentes, os conventos

(1) Arquivo Lavradio.

(2) Officio de 20 de Fevereiro de 1770 para o Conde d'Oeyraa.

apenas habitaveis; parecia "uma feira de gente grosseira onde veem assistir alguns casquilhos para se divertirem e ver o concurso de gente que vem a ela; esta gente grosseira são todos os que vão e veem de minas, e os casquilhos os homens que aqui se acham estabelecidos" (1).

O clima era, embora extenuante, bastante saudavel apesar de ser raro o sitio onde, cavando-se quatro palmos de profundidade, se não encontrasse logo infinita água, de ser raro o dia em que não houvesse duas, três e mais trovoadas, e de ser tão excessivo o calor que mesmo em casa, sem nenhum excesso, se estava continuamente metido em suor. As doenças mais frequentes eram as comuns aos tropicos e as derivadas da falta de limpeza e higiene.

A opera era divertimento predilecto das fluminenses, "onde creio (escreve Lavradio) que os seus confesores as mandam ir, assim a elas como a seus maridos, em satisfação das suas culpas e pecados, porque cada uma delas se acha no seu camarote com o seu marido, ambos em grandissima melancolia, ele sem se resolver a ir fora, nem para as operações a que a humana natureza está sujeita, nem a olhar e dar confiança que ninguém tenha a honra de ir fazer-lhe os seus cumprimentos" (2).

Havendo justos receios de uma guerra com a Espanha, a primeira cousa que o novo Vice-Rei tratou foi de examinar o estado das fortificações as quais só o eram de nome, construidas em tanta irregularidade e tam arruinadas que não havia parapeito que pudesse resistir a uma bala de calibre 6.

As fortalezas (3) ou fosse pela pressa com que se haviam feito ou pela impericia dos engenheiros que as

(1) Arquivo Lavradio. Cartas.

(2) Arquivo Lavradio.

(3) Officio de 20 de Fevereiro de 1770 para Martinho de Mello.

tinham dirigido, estavam tão cheias de defeitos essenciais que se tornava dificultosissima a sua defesa ou resistencia por mais de 3 ou 4 dias.

Nenhuma tinha armazens nem para sobrelentes de bôca nem para sobrelentes do preciso para sua defesa, e nenhuma tinha uma cisterna, do mesmo modo faltavam quarteis para se recolher a tropa.

A primeira defesa da barra pertencia ás três fortalezas: São João, Lage e Santa Cruz. Lage e Santa Cruz serviam para defender a entrada das embarcações maiores, sendo a principal pela sua situação a fortaleza da Lage, mas pela sua construção era a menos defensavel.

Quasi toda a artilheria era de ferro e mais para apparencia do que para servir; os reparos quasi todos podres, de forma que a immensidade de peças estavam no chão, em uma palavra, só vendo-se o estado em que tudo se achava é que se podia acreditar no descuido e desordem a que haviam deixado chegar um porto tão consideravel.

Os armazens estavam sumamente desprovidos, afirmando-lhe o Vice-Rei e o General, que tinham mandado para a Corte varias relações em que se pedia o que se precisava, mas nada tinha ainda chegado.

Vendo a dificuldade que havia das respostas e das remessas do que se pedia, e era de maior necessidade, resolveu o nosso Vice-Rei estabelecer duas fábricas de ferraria e de serralharia, e igualmente outra de carpintaria, e começou a fazer trabalhar com o maior rigor e cuidado para por algum modo poder suprir as grandes precisões que de tudo havia. Deste modo conseguiu reparar pouco a pouco o parque, as fortalezas e a casa das armas. Pela parte de terra não tinha a cidade nenhuma defesa e como nalguns sitios era facil fazer um desembarque "não sendo esta a primeira vez

que nesta mesma capital já isto succedesse" (1), reconheceu a necessidade de defender a cidade de uma surpresa.

Para evitar esta desgraça ordenou ao Brigadeiro Funcks, ao Coronel José Custodio e ao Capitão Francisco José Roscio, officiaes engenheiros, que lhe apresentassem cada um o seu projecto, e depois de ouvir o parecer do habil Tenente General João Henrique Böhm, que debaixo das suas ordens comandava as tropas, escolheu o projeto do Capitão Roscio por lhe parecer que era o que com menos despesa de tempo e dinheiro podia satisfazer ao intento, mandando logo proceder aos trabalhos visto a urgencia do caso. A força militar que devia guarnecer a cidade tambem achou não só necessitada de muitas reformas, posto que melhor estivesse que a que tinha achado na Bahia, mas muito diminuta, pois estando determinado o numero de 4.165 baionetas, apenas havia disponiveis 2.047 (2).

Representou portanto a necessidade que havia não só de preencher os 2.118 soldados que faltavam, mas de aumentar a força ordinária, sobretudo o corpo de artilharia, e de crear um regimento de cavalaria (3), para

(1) Citado officio de 20 de Fevereiro.

(2) Em officio de 23 de Junho para Martinho de Mello dá conta do estado da tropa.

(3) No citado officio de 20 de Fevereiro, Lavradio escrevia: "Devo dizer a V. Ex. que assim a mim como ao Tenente General nos parece indispensavelmente necessário um corpo de cavalaria regular para servir nesta Praça, assim porque sendo um país aberto, nestes ficarão sendo sempre mais proprios os corpos de cavalaria, como porque sendo impraticavel aos inimigos trazerem essa qualidade de tropa, é certo que ficará sendo mais forte esta Infantaria, tendo em um País semelhante mais a vantagem de poder ser socorrida com corpo de cavalaria, alem disto esta cavalaria regular pode servir para embaraçar a deserção e igualmente para fazer por fora uma correspondencia mais segura e prompta com a Capitania de S. Paulo, para que no caso dos inimigos intentarem ou pelo porto de Parati ou pelo porto de Maranhala que dão muito facil desembarque, ou fazerem por ali a sua entrada, que vae dar na estrada antiga do caminho de Minas; podermos ser informados com diferente brevidade, do que o somos agora em que não recebemos noticias senão as que nos chegam por mar, sujeita a sua chegada a todas as suas incertezas que a navegação traz consigo."

o que podiam servir de casco as duas companhias já existentes e que faziam a guarda de honra do Vice-Rei (1).

Sobre o estado em que se encontrava a tropa escreve ele (2): "Da disciplina e boa ordem em que se achavam as tropas se fazia um grande elogio, na instrução, e o mesmo das excellentes Fortalesas do Porto e do bom estado delas, e igual elogio dos corpos auxiliares que o Conde da Cunha tinha formado.

"Fui ver o corpo de tropas regulares de que me tinham feito tanto elogio, é verdade que achei 6 Regimentos, e que estes no manejo das armas, e nas evoluções se achavam em muito sofrivel estado. Os 3 regimentos de terra tinham já a figura de soldados, e pouca differença faziam nos movimentos da tropa que veio da Europa, e até esta estava muito melhor do que quando de lá saiu, porem não só achei sumamente diminutos estes corpos, mas estabelecido um metodo para a disciplina tão extraordinaria e distinto dos verdadeiros principios, que se continuasse, em pouco tempo ficaríamos sem tropa e tudo seria reduzido á maior desordem e confusão (3).

"Os soldados eram ensinados com maior vigor do que se pratica com brutos. Os officiaes eram tratados com maior desabrimto, sendo injuriados em publico, e por muitas vezes de tudo se tinha um grande ciume,

(1) Em officio de 22 de Fevereiro de 1770 para o Conde d'Oeyras, deu conta de tudo quanto havia feito para a defesa da capital do Brazil e de que era necessario fazer, mas que elle não podia executar sem authorisação d'El-Rei.

(2) Relatorio para o Visconde de Villa Nova da Cerqueira em 20 de Junho de 1777.

(3) Lavradio attribua a desordem á falta de chefes "capases de se faserem conservar aquelle respeito que se lhe deve". D'esta regra exceptuava os dois Regimentos o do Brigadeiro Antonio Carlos Furtado de Mendonça e o do Coronel José Raimundo Chichorro, porque "estes dois chefes se distinguem com tanto zelo, que com a mesma perfeição com que se movem os Regimentos com ella mesmo cuidam na boa ordem, disciplina e subordinação dos mesmos Regimentos." Citado Officio de 20 de Fevereiro.

e parece incrível a desconfiança que o General tinha de todos”.

Este general era João Henrique de Böhm, alemão, mas subdito austriaco, em cujo exercito se havia distinguido. Deve ter vindo para o serviço de Portugal em 1762. Em 1767 era Marechal de Campo, e por carta Regia de 22 de Junho de 1767 foi elevado ao posto de Tenente General, e *encarregado de Governo e Comandamento de todas as tropas de Infantaria, Cavalaria e Artilharia em qualquer parte do Brasil onde se achasse e da inspeção geral d'elas.*

Em Junho deste mesmo ano de 67 partia para o Rio de Janeiro com um reforço de 3 regimentos de Infantaria comandados pelo Brigadeiro Antonio Carlos Furtado de Mendonça e os Coroneis José Raimundo Chichoro da Gama Lobo e Francisco de Lima da Silva (1).

O Conde d'Oeyras falando de Böhm, diz o seguinte: *O Tenente General João Henrique Böhm, é certamente um official de guerra consumado, por ciencia, experiencia, valôr, probidade, de qualidade e cortesia* (2).

“Böhm, continua Lavradio, não queria conhecer a superioridade do Vice-Rei; eram quasi despoticas as suas resoluções. O Vice-Rei achava-se com as mesmas desconfianças: A deserção da tropa era infinita; no hospital morria infinita gente, o desgosto era universal, desde o Vice-Rei, o General, até o ultimo tambor.

(1) A expedição Böhm e mais preparativos de guerra feitos em 1767 não eram dirigidos contra os Espanhois, mas tambem para prevenir algum ataque da parte dos Ingleses, que o Governo temia, como se pode ver pelos officios e instrução do Conde de Oeiras dirigido ao Vice-Rei Conde da Cunha no sobredito ano, e pelos que nos anos seguintes foram dirigidos aos Vice-Reis Conde de Azambuja e Marquez do Lavradio.

(2) Officio de 20 de Junho de 1767.

“O Conde D’Azambuja repetio-me muitas das justas queixas que tinha o General e o General procurou tambem justificar-se comigo.

“Ao general fiz muitos cumprimentos, mas procurei desde logo estabelecer um tal tom de superioridade sobre ele, que receasse o atrever-se-me como o tinha feito aos meus antecessores.

“Exercitei todo o acto de jurisdicção sobre ele: quando se formaram as tropas mandei-o ir para o seu lugar, para nele me receber como devia: mandei formar em outro dia as tropas para lhe passar uma exata revista, e verificar nela os Mapas que o General me tinha apresentado; estes primeiros dois passos lhe custaram infinitamente a tragar, porem eu não fiz semblante de perceber; fui-lhe sempre fazendo muitas festas e cortesias, e no fim da revista, depois de ter achado tudo conforme os Mapas, lhe fiz a ele um grande elogio e mandei agradecer aos chefes dos Corpos, não só a boa ordem em que eles estavam, mas a execução com que eles executavam as ordens do General, o que fazia ter cada um o seu Regimento naquela boa ordem que eu lhe agradecia. Com estes cumprimentos ficaram todos muito satisfeitos e o General sem saber os termos de que se havia de servir para me mostrar o seu agradecimento.

“Ainda antes de eu principiar a governar fiz que o General acompanhasse o Vice-Rei do Estado como sempre foi costume, e ele o não praticava: para isto dei eu o exemplo acompanhando-o eu enquanto não tomei posse do Governo.

“Prohibi os castigos fortes, não consenti que se fizessem os exercicios na estação mais ardente como aqui se praticava.

“Estabeleci o arrançamento dos soldados e obriguei-os a que comessem e que assistissem nos seus quartéis.

"Providenciei contra os que protegiam os desertores, e ainda que com muito trabalho, e a custo de um sofrimento incrível consegui parasse a deserção, não se matassem tantos soldados, que o General perdesse a desconfiança que tinha da tropa e que toda ela principiasse a ter mais fé no seu General.

"Os provimentos que faziam nos Regimentos, eram propostos por ele, e quando deixava de me propor algum benemerito, ainda por conservar contra ele alguma paixão particular, eu o fazia ceder, obrigando-o com muito modo a que o propuzesse, e desta forma fui trabalhando para o benquistar com as tropas, e que as tropas fossem tambem bemquistas dele. Consegui finalmente tudo isto até ao ponto de ficar inteiramente descansado sobre esta materia. Todos viviam em socego, acabaram-se as intrigas, e ele se prestava de tal forma ás minhas ordens que as funções que exercitava, era como se fosse meu ajudante general".

Reconhecendo a necessidade de completar os 6 regimentos da guarnição do Rio de Janeiro, cujo numero de soldados não era sufficiente para formar 3, propôs a Martinho de Mello os meios que lhe pareciam mais faéis para o recrutamento dos soldados, a maior parte dos quais deviam vir de Portugal, outros podiam ser tirados dos seminaristas sem propensão para a vida ecclesiástica, e outros empregados desnecessários no serviço da Igreja que não tivessem ordens sacras.

Por esta ocasião observou o Marquez que o Bispo, alem de empregar no serviço da Igreja um numero maior de individuos do que o que é necessário, tinha alem disso dado demissorios a muitos para se irem ordenar a Buenos Ayres, iludindo deste modo as ordens do governo que limitavam as ordenações.

O justo receio de uma guerra tinha obrigado o Governo a mandar para o Rio de Janeiro o tenente Gene-

ral alemão João Henrique Böhm, e o brigadeiro da mesma nação Funcks (1) encarregados de disciplinar a tropa e de fortificarem convenientemente o Paiz, de fornecerem os armazens de petrechos de guerra etc.; nada disto porem tinham feito até á chegada do Marquez, á excepção de alguns melhoramentos nos corpos de infantaria que o General Böhm tinha adiantado na manobra.

Á vista deste estado de cousas, ás quais se reuniam a desintelligencia entre os 2 generais, e conhecendo o Marquês que de um momento para o outro podia rebentar a guerra, resolveu-se a tratar dos fornecimentos dos armazens e tomar outras medidas que pertenciam aos 2 generais, os quais ele considerava, em caso de guerra sobretudo, como dois grandes embaraços para o serviço não obstante reconhecer que eles tinham saber, e uso de guerra, porem o tenente general era sumamente altivo, colérico, ambicioso do mando e arbitrario, e o brigadeiro posto que mais tratavel, era indeciso, e queria sempre o ótimo, e que prevalecessem os seus sistemas, que quasi sempre se afastavam daqueles que indicavam os mestres da arte. Tendo achado o armamento de tropa

(1) Jacques Funcks: official engenheiro suéco ao serviço de Portugal para onde veio em consequencia da guerra de 1762. Reparou a praça d'Almeida e fez um plano de defesa para a Praça de Marvão. Em 1767 era Coronel de Infantaria com exercicio de Engenheiro. Em 22 de Junho de 1767 foi nomeado brigadeiro de Infantaria com exercicio de Engenheiro, e inspector geral dos corpos de genio e artilharia do Estado do Brazil para onde partio com o general Böhm no sobredito Junho de 1767. O Conde d'Oeyras escreve o seguinte a respeito de Funcks: "*O Brigadeiro Jacques Funcks parecerá a V. Ex. (como aqui nos pareceu a nós) um homem inepto, pela grande difficuldade que tem para se explicar em qualquer lingua que não seja a da Suécia sua Pátria. E' porem profundissimo na ciência de ataque, e defesa das Praças, e em tudo o que pertence ao genio em engenharia e artilharia. Reparou-nos a Praça d'Almeida, de sorte que se acha muito melhor do que estava dantes. Foi visitar Marvão, e fez um plano admiravel para aquella Praça ficar inacessivel, com pouca despesa e uma pequena guarnição. Tem visto todas as guerras de Europa e de América, e em todas ellas fez distinta figura: é enfim justamente reputado por um dos melhores officiaes das referidas profissões que hoje tem a Europa.*"

tanto de infantaria como de artilharia (1), em miseravel estado, e tendo-lhe certificado que não havia meios de o remedear foi ele mesmo examinar o estado dos arsenais onde achou tudo quanto era necessário para o concerto do armamento, fazendo tudo isto com uma notavel economia para a Fazenda em consequencia não só das pessoas que empregava, que eram sempre as mais inteligentes e honradas, mas da sua continua vigilancia.

Deu uma nova organização ás milicias que haviam sido mandadas crear no Vice-Reinado do Conde da Cunha, nomeando-lhes um inspector tirado dos Officiaes da tropa de linha.

Mandou concertar a muralha que defendia o trem e armazens contiguos, edificando-a de tal modo (2), que podesse servir tambem para a defesa do porto, e fazendo-a não de cantaria mas de um Bitume então novamente descoberto, composto de cal, area e borras de azeite de peixe, preferivel a cantaria, e de um custo de menos de 1/4.

Grande era a confusão em que se achavam os negocios de administração da Fazenda Real, porem o Marquez com a sua actividade e intelligencia e reconhecendo, como ele diz em Officio para o Secretario de Estado, que sem ordem na Fazenda nada se pode fazer, tratou de estabelecer a contabilidade que havia sido ordenada para o erario de Lisboa, reformou as despesas abusivas etc., de sorte que tendo chegado ao Rio de Janeiro no mez de Novembro de 1769, em Fevereiro de 1770 não só tinha estabelecido o novo sistema, mas tinha conseguido aprontar os balanços de dois anos (3) o que originava o officio em que o Conde d'Oeyras escrevia: "todas as providencias de que V.^a Ex.^a dá conta na sua carta de 20 de Feve-

(1) Officio de 23 de Junho de 1770 para Martinho de Mello.

(2) Officio para o mesmo na mesma data.

(3) Officio para o Conde d'Oeyras em 22 de Fevereiro de 1770.

reio deste presente ano de 1770 são muito acertadas, dignas do zelo de V.^a Ex.^a muito uteis á Fazenda Real" (1). Tendo notado que as alfandegas, não rendiam o que deviam render, e tendo conhecimento do muito que se furtava aos direitos, tratou de examinar qual era o motivo ou motivos destes roubos (2), e achou que a alfandega não tomava conta dos navios que entravam no porto senão depois de chegarem ao ancoramento e só então mandava um guarda provido por empenhos e que facilmente era corrompido; soube que os navios antes de fundear se serviam das suas embarcações pequenas ou das de pescadores para fazerem transportar ás praias todos os generos que traziam de contrabando assim como os de que não queriam pagar direitos; constatou que na descarga que faziam os navios rarissimas vezes a alfandega fiscalisava o que chamavam fato dos passageiros e de equipagem; as disputas em que entravam de jurisdição o Juiz d'alfandega e o administrador da mesma ocasionavam uma tal desordem que saíam fazendas sem despacho; as descargas faziam-se com grande vagar e os despachos com grande morosidade porque os officiaes alem de entrarem tarde saíam cedo ainda que houvesse muito que despachar.

Tratou logo de dar providencias capazes de os evitar e para esse fim determinou entre outras cousas:

1.^o Que logo que se avistasse algum navio fosse mandado para seu bordo um guarda acompanhado de um official e alguns soldados, encarregados de fazerem fechar e selar as escotilhas.

2.^o Que a descarga que até então se fazia com muito vagar, se fizesse com a maior brevidade possível empregando-se para esse fim o maior numero de embarca-

(1) Officio do Conde d'Oeyras de 5 de Setembro de 1770.

(2) Officio de 23 de Junho de 1779 para Martinho de Mello.

ções de que se pudesse dispor, sendo o juiz d'alfandega obrigado a dar-lhe todos os dias conta dos barcos que tinham descarregado do navio.

3.º Que o juiz e mais officiaes de alfandega que por uma notavel relaxação entravam na repartição ás 9 1/2 e saíam ás 11, entrassem dali por deante ás 7 horas da manhã.

E para que estas e outras providencias produzissem o efeito, que de facto produsiram, ia ele mesmo examinar o modo porque eram executadas. Representou tambem os inconvenientes que se seguiam dos continuos conflitos entre o juiz e o administrador da alfandega, assim como quanto seria conveniente, que os navios trouxessem uma declaração legal de todos os objectos da sua carga. Esta lembrança faz honra ao Marquez, pois é a ideia hoje praticada nos manifestos.

Lembrou tambem a necessidade de fazer alterações nos direitos, pois havia alguns generos que pagavam menos do que podiam pagar, e outros que pelo contrario pagavam mais do que deviam, sendo notavel, que muitos productos estrangeiros fossem mais protegidos do que os nacionais. Sobre esta matéria insiste ele muito por serem as alfandegas um dos melhores rendimentos daquele estado.

Alem de achar grandes despesas e diminutas receitas, achou que a Fazenda Real devia ás 3 praças do Rio de Janeiro, Colonia e S.^a Catarina mais de 3 milhões de cruzados, divida que tinha causado grandes prejuizos ao commercio, fazendo quebrar um grande numero de casas de commercio; procurou logo remediar este grande mal por todos os meios que estavam ao seu alcance, servindo-se da influencia que o seu espirito de retidão lhe dava sobre aqueles povos para obter que os credores que o eram á Fazenda Real usassem de brandura para com estes.

Tendo tomado posse do Governo a 4 de Novembro, ia no dia 7 assumir a Presidencia da Relação.

Este tribunal devia ter alem do chanceler 7 ministros, mas faltavam 2 e não era possivel darem expediente a todas as obrigações de que estavam encarregados, porque alem dos grandes encargos que tinham achado, haviam sido incumbidos de varias diligencias pertencentes aos bens dos Jesuitas nas diferentes administrações que tinham no Brasil, o que os tinha obrigado a ir pessoalmente concluir essas diligencias e durante todo esse tempo parou o despacho por não haver quem os substituísse, acrescendo que, quando se recolheram de tais trabalhos, a maior parte adoeceu gravemente e por mais que se esforçassem não podiam vencer tão grande serviço.

Daqui resultava o atraso e dosordem em que se achava a justiça e o Vice-Rei pedia ao Conde d'Oeyras que não só nomeasse os 2 ministros que faltavam, mas mais um ou 2 supra numerarios para ajudar este grande trabalho.

Lamentando o Marquez a progressiva e rápida destruição das arvores que produziam a preciosa madeira chamada *Topinhoam*, tão procurada para a construção de navios, tratou de fazer sementeiras para reparar a falta das matas destruidas; todas as pessoas porem a quem ele se dirigiu responderam-lhe que não era possivel porque o *Topinhoam* não produzia semente, contudo não se convencendo do que lhe diziam, até pelo que tinha observado, segundo ele mesmo refere ao secretário de estado.

Tantas diligencias fez, que descobriu que fóra da cidade vivia um desgraçado portuguez, que havia sido construtor de navios, e que tendo perdido esse officio se tinha retirado para aquele sitio onde cultivava um pouco de terreno para do seu produto sustentar a pobrissima familia.

Este homem respeitavel, lamentando a grande falta que já se ia sentindo do *Topinhoam*, e conhecendo pelo seu antigo officio do que ella era preciosa, tratou de fazer, na sua pequena terra, sementeiras de *Topinhoam*; fez várias tentativas baldadas, porem no anno de 1769 conseguiu o fructo do seu trabalho.

O Marquez do Lavradio sabendo disto transportou-se á habitação deste homem, o qual lhe disse que posto que o seu processo fosse um segredo para todos não o seria para elle, visto que se tratava de fazer um serviço ao seu paiz. Descobriu-lhe portanto tudo e deu-lhe uma porção de pequenas arvores que o Marquez logo mandou para Portugal, pedindo a El-Rei que remunerasse de uma maneira conveniente o autor da descoberta e propondo-lhe dar a direção de um estabelecimento destinado á propagação daquellas arvores.

Constando-lhe que o negociante Manuel Luiz Vieira, que, com grande despesa e trabalho, tinha estabelecido um engenho para descascar arroz, estava em risco, por intrigas de negociantes estrangeiros em Lisboa, de perder aquelle estabelecimento, que era de grande utilidade para o paiz, tomou todas as medidas necessárias para a sua conservação, protegendo-o por todos os meios ao seu alcance (1).

Tendo conhecimento de grande numero de mulheres, que viviam escandalosamente, e de homens vadios existentes na capitania, propoz ao governo o estabelecimento de casas para cada um dos sexos, aonde, depois de curados e corrigidos dos seus vicios aprendessem officios, e depois de casados, se lhes distribuissem terras do Estado, edificando-se-lhes habitações e dando-se-lhes gados e instrumentos de lavoura, o que elles tudo começariam a pagar passados os trez primeiros annos do seu es-

(1) Officio para o Conde d'Oeyras em 5 de Julho de 1770.

tabelecimento, por meio de modicas pensões, considerando ele, que alem de por este meio se corrigirem aquellas gentes viciosas, aumentaria a população e com ella se desenvolveriam a agricultura e commercio.

Era grande o contrabando que os inglezes faziam nos portos do Brasil, isto porem conseguiu fazer cessar no Rio de Janeiro, em consequencia da incrível energia com que o reprimiu (1).

No mez de Novembro entrava no Rio de Janeiro uma embarcação de guerra ingleza. O comandante pretendia ser exceptuado das disposições das leis portuguezas a respeito das formalidades a que deviam sujeitar-se os navios estrangeiros, mesmo os de guerra, quando fossem obrigados a entrar nos portos do Brasil. O Vice-Rei foi firme nas suas disposições e o navio inglez teve de sujeitar-se a ellas (2).

No Rio de Janeiro como na Bahia os contratos Reais estavam sujeitos a grande intriga: o Vice-Rei afastou das arrematações os Mascates e traficantes, que eram os que até então lançavam naquelles contratos deixando a maior parte das vezes de pagar os preços das arrematações e convidou os ricos capitalistas cujos pagamentos a Fazenda tinha seguros (3).

Não deixou findar o ano de 1770 sem chamar a atenção do governo central para a necessidade da conservação das matas propondo, entre outras medidas, a da nomeação de um inspector para dirigir a conservação e cortes.

Foi ainda neste ano que fez grandes alterações na Provedoria da Fazenda, das quais resultaram prontidão no serviço e economia para a Fazenda. Foi elle mesmo pôr em pratica todas estas reformas, em mui-

(1) Officio de 11 de Setembro de 1770 para o Conde d'Oeyras.

(2) Officio de 15 de Novembro para o Conde d'Oeyras.

(3) Officio da mesma data para o mesmo.

tas das quais confessa que excedera os seus poderes, esperando que El-Rei lhe releve este excesso em atenção ao bom resultado (1).

Chamando a atenção do Ministro sobre o grave prejuizo que resultava para a Fazenda de se não pagarem com o dinheiro na mão o que para ela se comprava, propunha que, quando a receita faltasse seria melhor fazer um empréstimo a 5 % de juro, do que deixar de pagar os objectos para a Fazenda com o dinheiro a vista, pois os vendedores aumentavam 15 a 20% no valor dos objectos vendidos; portanto por meio dos empréstimos lucraria a Fazenda de 10 a 15% (2).

Tendo-lhe participado o Governador da Colonia os receios que tinha de que aquella Praça fosse atacada pelos Espanhois, e posto que o Marquez nenhum aviso tivesse recebido dos projectos de guerra, julgou contudo dever socorrer não só aquella Praça, mas tambem a de Sta. Catarina e Rio Grande, e posto que os armazens do Rio de Janeiro se achassem muito desprovidos, em consequencia de lhe não terem enviado de Lisboa o que havia pedido desde que tomara posse do Governo, mandou immediatamente grande numero de armas, artilharia, soldados e dinheiro para aquellas Capitancias.

Parecia-lhe porem que o ataque (visto o estado de paz) não seria dirigido contra a Colonia, mas sim contra o Rio Grande ou S. Paulo em consequencia da disputa que havia sobre certas terras da primeira destas Capitancias e da posse que o Governo de S^o. Paulo tomava dessas terras (chegando a entrar nas missões) que os Espanhois consideravam suas.

Em 1771 trata de dar grande desenvolvimento á colonisação do Rio Grande mandando repartir terras

(1) Officio de 23 de Dezembro para o Marquez de Pombal.

(2) Officio de 21 de Dezembro para o Marquez de Pombal.

pelos colonos, e entregar-lhes gratuitamente eguas e cavalos bravos debaixo das condições, que no fim de 4 anos começariam a pagar renda das terras e que teriam um certo numero de poltros prontos para o serviço do Estado, e varias outras, todas elas muito convenientes para o adiantamento d'aquella Capitania (1).

Foi ainda neste mesmo ano que deu principio a uma nova alfandega em consequencia das justas representações dos negociantes que se lhe queixavam das grandes perdas que sofriam em resultado dos maus armazens, em que tambem a Fazenda Real tinha grandes prejuizos. Para esta obra applicou de principio 16 contos de réis que estavam no cofre dos extintos Jesuitas e continuou-a com os rendimentos dos bens que ainda restavam dos sobreditos Jesuitas, com os quais já havia tambem pago as despesas feitas com um hospital militar, e com os concertos feitos nos quartéis que tinha encontrado em grande ruina.

Reflexionando sobre a grande influencia que os Jesuitas tinham no Brasil mostra o grande inconveniente de se lhes permitir que vão para aquele Continente quaisquer individuos, que tivessem pertencido áquella corporação (2), e representa contra as nomeações para Parocos e Mestres.

A Colonia do Sacramento despendia anualmente 200 mil cruzados e as suas receitas não chegavam a 7 mil, sendo isto o resultado de não ser pago em especie o imposto dos couros, como estava determinado por lei: o Marquez ordenou, apesar dos injustos clamores dos negociantes, que o pagamento fosse conforme determinavam as leis, do que resultou grande proveito para a Fazenda sem ruina para o Comercio. O imposto

(1) Officio de 14 de Setembro de 1771 para o Sargento Mor Francisco José Rocha que estava no Rio Grande.

(2) Officio de 29 de Janeiro de 1772 para o Marquez de Pombal.

era de 1/5, isto é um couro por cada 5, e os negociantes davam em lugar de couro 180 réis; com a medida tomada pelo Vice-Rei produziu cada couro 2.040 réia, isto é, elevou-se o rendimento da colonia a mais de onze vezes, ou de 7 mil cruzados a perto de 80 mil.

Em muitos documentos encontram-se provas da grande imparcialidade do Marquez e entre estas mostraremos o seu procedimento para com o Coronel José Marcelino de Figueiredo, ao qual, mal informado, havia tirado o governo do Rio Grande e tinha participado isto ao Governo convencido porem do seu engano dirigiu ao ministro um officio (1), no qual não só confessa que se enganou, mas pede licença para reparar a sua falta, tornando a manda-lo governar o Rio Grande.

Aos logares mais distantes do Rio de Janeiro, mandou ele homens de grande confiança para examinarem o estado daquelles Paizes e informarem-no das suas necessidades.

A tudo atendia o Vice-Rei, e por isso sendo grande o numero de leprosos, que havia no Rio de Janeiro, propôs várias medidas para o tratamento destes desgraçados, lembrando entre outras o fazer concorrer para esse fim as ricas Irmandades que havia no Rio, encarregando da direção dos fundos para este fim destinados, a Irmandade da Misericordia, depois de reformada a sua administração.

Apezar de estarem os Espanhois senhores da Barra do Rio Grande de S. Pedro desde a guerra de 1762, animou os comerciantes a mandarem navios áquella Barra. Foi com efeito uma embarcação a um ponto da costa chamado Laganar e aí achou um bom porto, donde trouxe uma carregação de queijos, manteiga e trigo, o que o levou a escrever ao Governo sobre as grandes

(1) Officio de 28 de Março de 1772 para Martinho de Mello.

vantagens de animar a agricultura, e o commercio do Rio Grande, que, segundo ele, poderia fornecer de trigo não só o Brasil, mas Portugal. Comunicando tudo isto ao Governo pede que mande 4 homens para ensinarem o melhor modo de se fazerem queijos e manteiga no Rio Grande (1). Tambem participa que nas vizinhanças do Rio de Janeiro se têm feito grandes sementei-
ras de trigo do que espera bons resultados.

Tendo o Marquez justos motivos para temer que os Espanhois atacassem a Provincia do Rio Grande tomou todas as medidas que estavam ao seu alcance para evitar as consequencias de um ataque repentino, tendo ao mesmo tempo em atenção que estas medidas não fossem nocivas á nascente agricultura daquele continente, e tambem que elas fossem tomadas de modo que não excitassem a desconfiança dos Espanhois e não apressassem um ataque que ele tanto receava pela escassez de meios de defeza que tinha á sua disposição. Tomou tambem as medidas que pôde para socorrer a Colonia do Sacramento, reconhecendo porem que era difficil defender aquele porto no caso de um ataque. Tudo isto participou ao Governo.

O Marquez do Lavradio desde que chegou ao Brasil, conheceu logo as grandes riquezas que este país possuia no reino vegetal, mas que até então haviam sido quasi completamente despresadas, Tratou logo de as fazer examinar por pessoas competentes, e para esse fim creou uma sociedade de História Natural (2), cuja direção entregou ao Dr. José Henriques Ferreira, o qual, coadjuvado por seu Pai, e por seu irmão o Dr. Manoel Joaquim Henriques de Paiva e outras pessoas amantes

(1) Officio de 28 de Março de 1772 para Martinho de Melo.

(2) Carta para o Marquez de Pombal em 14 de Abril de 1772 e memória sobre a cochonilha por José Henriques Ferreira.

do estudo de ciencias Naturais, deu principio aos seus trabalhos em 18 de Fevereiro de 1772.

Esta sociedade continuou os seus trabalhos debaixo da protecção do Marquez até ao fim do seu Vice-Reinado e foi muito animada pelo celebre Dr. Sanches, que já então residia em Paris.

Muito proveito se tirou dessa sociedade que fez conhecer uma grande quantidade de productos da natureza de grande utilidade, e introduziu outros não menos uteis.

A 19 de Setembro o Vice Rei, em officio para Martinho de Mello, clama novamente por socorros, e mostra a falta de meios para tanta despesa, e não obstante isso tal tem sido a economia, que do tempo do seu governo nada se deve. Esta economia era em grande parte devida ao sistema por ella adoptado de comprar tudo com o dinheiro na mão, do que lhe resultava pagar mais barato os generos do que os pagavam os particulares, quando o contrario tinha sempre acontecido aos seus antecessores, um dos quais o Conde d'Azambuja, não obstante dispor do producto do imposto chamado donativo, em ano e meio fez um emprestimo de 40 contos de reis.

Fazendo algumas considerações gerais (1) sobre o estado do Brasil, demonstrou a grande conveniencia que havia de todos os governadores participarem ao Vice-Rei todas as medidas que tomassem, para aquele continente ser governado pelo mesmo sistema.

Lamenta que havendo tantos productos naturais que podiam ser convenientemente aproveitados, apenas a atenção dos governadores se tivesse dirigido para as minas e lavras de ouro e diamantes, plantações de assucar e commercio de couros.

Depois de ponderar quanto á agricultura, sobretudo a de Minas Geraes, sofreu com a descoberta das Minas,

(1) Officio de 6 de Outubro para Martinho de Mello.

observa que tendo esta empobrecido muitos dos exploradores estes as abandonaram e voltaram novamente á agricultura, a qual mais teria prosperado se não fossem as más interpretações dadas ás leis e as *subtilesas dos Praxistas*, assim como os grandes vexames que resultaram desde o ano de 1762 da formação dos 3.ºs auxiliares e ordenanças cujos mestres de campo e capitães-mores são despoticos para com os seus subditos.

Apezar destas reflexões é de opinião que a exploração das minas não deve ser abandonada, e que os povos devem ser desviados das fábricas, aliás dentro em pouco tempo não poderiam ter consumo os generos e produtos de Portugal.

Promoveu a cultura do trigo, algodão, anil, arroz, amoreiras, linho canhamo, com o fim de fazer passar todos estes produtos, em bruto, para a Europa, evitando com todo o cuidado o estabelecimento das fábricas. Para dar uma nova direção a estes importantes ramos nomeou um inspector das novas plantações e lavouras e deu este logar sem ordenado a um Holandês que ali se achava estabelecido, João Hophman, homem de grandes conhecimentos de agricultura e commercio, e muito curioso, e que ha mais de 30 anos estava estabelecido no Brasil como negociante.

João Hophman fôra estabelecer-se no Rio de Janeiro pelos anos de 1739 e ali casou com uma senhora do país. Possuia naquela cidade uma casa de negocio consideravel, tendo porem tido varias desgraças foi obrigado a reduzir o seu commercio. Era dotado de talento natural, conhecimentos adquiridos e um genio empreendedor.

O Marquez tendo mandado vir 3 arvores de café distribuiu-as do seguinte modo: uma a João Hophman que plantou na sua quinta de Mata Porcos, outra a Francisco de Araujo que a plantou na sua quinta da

Rua da Gloria, e a 3.^a finalmente foi confiada aos Capuchinhos Italianos que a plantaram na sua cerca na rua chamada dos Barbonos: e tanto esta como a de Hophman ainda existiam em 1812.

Hophman foi o primeiro que plantou o café, e ensinou o modo de o cultivar e beneficia-lo até o pôr no estado de o entregar ao commercio.

Tambem foi o primeiro que no Brazil plantou amo-reiras e creou bichos de seda, e obteve consideraveis porções de seda. Plantou tambem o canhamo e o preparou, mostrando a facilidade e utilidade da sua cultura; e ofereceu-se para dirigir qualquer estabelecimento necessário para o aproveitamento destes objetos em grande: nestas pretensões foi protegido pelo Vice-Rei, mas o governo da Metropole não lhe deu a devida atenção, de sorte que desgostoso se limitou á cultura do café na sua pequena Fazenda de Mata Porcos, nos arrabaldes da cidade.

E' tambem a Hophman, por instigação do Vice-Rei, que o Rio Grande deve os seus queijos e manteigas.

Apezar da pouca atenção prestada em Lisboa aos trabalhos de Hophman e recomendações do Vice-Rei, continuou este a anima-lo, e pelos anos de 1777 tendo-se descoberto que da planta Guaxima, planta muito vulgar se podia extrair bom linho para cordas e lonas, foi Hophman convidado para fazer as necessárias experiencias.

Em 1778 mandou Lavradio 4 arrobas de Guaxima já muito aperfeiçoado no seu cortimento, e 3 peças de linho preparadas por Hophman, prometendo mandar ainda mais 600 arrobas; na cordoaria de Lisboa não foi aprovado a Guaxima, e Lavradio recebia ordem para abandonar esta cultura e promover a do canhamo.

Para promover a cultura do trigo impôz aos lavradores a obrigação de semearem uma certa porção de tri-

go em proporção com a extensão das suas terras cultivadas, sendo porem o maximo de obrigação 5 alqueires.

Conhecendo que aquele clima era proprio para a produção de amoreiras e criação dos bichos de seda, mandou vir sementes de Portugal e tratou de fazer grandes plantações de amoreiras, mas achando-se só duas arvores, tirou delas 800 estacas, das quais vingaram mais de 300 e destas obteve no ano seguinte mais de 5 mil, das quais 3 mil mandou plantar em Vila Nova de S. José D'El-Rei, antiga aldeia de S. Barnabé de Indios, que ele havia civilisado. Na dita vila mandou edificar uma casa para os Indios tratarem dos bichos, e prepararem a seda para os mercados Europeus.

Para animar a criação dos bichos convidou um rico e bem acreditado negociante daquela praça, a anunciar por meio de editais, que estava pronto a comprar toda a seda que lhe trouxessem, marcando os preços conforme as qualidades.

As outras estacas de amoreiras mandou repartir pelas pessoas principais da capitania, convidando-as a ocuparem-se da sua propagação e criação dos bichos.

Do anil cuja cultura ele tinha incumbido a um negociante muito entendido, mandou já neste ano uma grande porção para Portugal.

Tinha continuado a plantação de *Topinhoam* e ia tentar a de *Poroba*, madeira tambem preciosissima.

Mandou finalmente para Santa Catarina e Rio Grande os metodos para melhor preparação e conservação dos queijos e manteigas.

O officio em que ele comunica tudo isto ao Governo (1) é curiosissimo pelas considerações sobre os interesses gerais do Brasil e sistema que se deve seguir

(1) Officio de 6 de Outubro de 1772 para Martinho de Mello.

na sua administração e pela conta que nele dá do que havia feito.

As suas principais ideias são:

1.º) Que devia adoptar-se um sistema para o governo do Brasil e para isso os diferentes capitães generais deviam comunicar todas as medidas que tomassem, ao Vice-Rei de Estado, o qual devia ser o conservador do sistema;

2.º) Que devia promover-se a agricultura, mas de modo nenhum a industria fabril para evitar toda a possibilidade e mesmo ideia de separação;

3.º) Que sendo conveniente o ter organizado os habitantes d'aquela Continente, era necessario contudo corrigir o sistema dos 3.ºs e ordenanças, em consequencia das inevitaveis vexações dos mestres de campo e Capitães-Mores;

4.º) Que o Brasil para ser util a Portugal, carecia de ser governado por homens muito probos, ilustrados e activos.

Em 15 de Janeiro de 1773 officiou a Martinho de Melo, mostrando o risco em que se acham as Capitánias de S.º Paulo (para onde mandou socorros de homens e dinheiro) e de Rio Grande e ilha de Santa Catarina de serem atacados pelos Castelhanos, e da falta de meios para lhe resistir não obstante as repetidas supplicas que tem feito. Igualmente representa que se acaso não for autorizado a ir ao Rio Grande e Santa Catarina não pode responder pela defesa daqueles pontos. Sente que as ordens d'El-Rei o embaraçam de sair do Rio de Janeiro e segura que se ele podesse ter já visitado os Estados que lhe foram confiados, tudo teria experimentado grandes melhoramentos com evidente beneficio para o real serviço.

De Lisboa nenhum auxilio lhe davam, e ele em 16 de março torna a queixar-se com energia de não haver ainda recebido os socorros que ha tanto tempo e tantas vezes tem pedido, diz que necessita de novos armazens, e que não tem meios para os fazer, que lhe falta artilharia, polvora, balas, bombas e finalmente tudo quanto é necessario para defender aquele estado e que se acaso lhe não derem os remedios que tem pedido, lhe será impossivel desempenhar a tarefa de que foi incumbido.

Fazendo em março 2.^a remessa de anil indica o processo para a sua facil extração, e pede uma remuneração para o descobridor. Diz que o arratel poderá ficar ainda por menos de 1.000 réis e participa que vai proceder a grandes plantações de anil.

Em 9 de Julho continua a participar os receios que tem de ver atacadas pelos Espanhois as Capitancias do Rio Grande, ilha de Santa Catarina, praça de Colonia, assim como a Capitania de S. Paulo que tambem está encarregado de socorrer.

Dá conta dos preparativos que tem feito conforme os meios que tem a sua disposição, mas queixa-se amargamente de lhe não terem mandado os socorros de guerra tão repetidas vezes pedidos, assim como de lhe não terem mandado os officiaes das diferentes armas que tem pedido, mas sobretudo os engenheiros de que tanto carece. Elogiando o Governador de S.^o Paulo D. Luiz de Sousa, queixa-se de que ele não percebeu qual é o verdadeiro modo de defender aquella Capitania e que insiste em aplicar todos os seus meios na defesa de *Guatemala*; torna a insistir sobre a absoluta necessidade de que lhe permitiam o visitar os Estados, que lhe estão confiados, sobre tudo o Rio Grande, pois só assim poderá tomar as providencias necessarias para a defesa do Paiz, animar e desenvolver a agricultura.

Em 28 de julho participa que á força de diligencias conseguiu que se encontrasse no Rio Grande a planta de que se nutre a cochonilha, e remete uma porção para se examinar se é da mesma qualidade que usam os Castelhanos, e dá a noticia de que se está fazendo uma grande plantação de anil e de *orucu*.

Tendo recebido participação do governo de haverem sido bem recebidas as primeiras amostras de anil, que mandou, anuncia uma nova remessa dizendo que a noticia de bom acolhimento animou muito os cultivadores.

Em 13 de Dezembro transmite as desagradaveis noticias dos insultos dos castelhanos, que punham em grande risco tanto a praça de Colonia, como a de Rio Grande, queixa-se em termos energicos, que havendo mais de 4 anos que estava representando sobre a falta de soldados, de munição de guerra e de dinheiro para defender aquelas praças, nenhum socorro, até então, lhe tinham mandado, do que poderia resultar grande deshonor para o Governo de Portugal. Mostra os esforços que tem feito para a conservação das ditas Praças e os que vai fazer agora mandando para o Rio Grande um corpo de cavalaria, e outro de *elite* de voluntarios tirados dos soldados e officiaes inferiores dos corpos.

Tambem se queixa de lhe não terem conservado a mesma força maritima de que dispunham os Vice-Reis seus antecessores, não obstante a maior necessidade de que delas tinha.

Faz ponderosas reflexões sobre a grande dificuldade de aumentar as forças com a gente existente no Brasil, aonde os braços não chegam para a agricultura, e onde é facil fugir para o interior do Paiz como a experiencia o tem já mostrado.

CAPITULO III

CONFLITO COM OS CASTELHANOS NA AMERICA. — RECONQUISTA DO RIO GRANDE. — RENDIÇÃO DE SANTA CATARINA E COLONIA.

A 10 de Fevereiro de 1773, assinava-se em Paris o tratado definitivo de paz e amizade entre a França, Espanha, Portugal e Inglaterra.

Por este tratado cessavam as hostilidades entre as duas Corôas Espanhola e Portuguesa e convinham as duas Corôas na restituição das Possessões da América no estado em que estavam antes da guerra, devendo consequentemente a Corôa de Portugal tomar posse não só da Vila do Rio Grande de S. Pedro, mas tambem do vasto territorio que na margem meridional do dito rio medeia entre a referida povoação e o forte denominado Santa Teresa.

Passaram-se muitos anos sem que da parte da Espanha se desse um só passo para a dita entrega, apezar das repetidas representações de Portugal, o que obrigava o governo português a exigir por meio das armas, a restituição daquelas praças depois de esgotados todos os meios pacificos, resultando estarmos em paz na Europa e em guerra na América.

O Governo espanhol havia dado ordem para a entrega das Praças, mas o Governador de Buenos Ayres, em consequencia de instruções secretas, não só as não

queria entregar, mas ainda no principio de 1774 continuava os preparativos de guerra, fazendo reear um pronto ataque.

Para fazer face a esse possivel ataque, o Vice-Rei, não obstante a sua quasi absoluta falta de meios, apresentou no Rio Grande uma força de 1.100 homens, bem disciplinados, fardados e pagos em dia, com os quais contava defender aquele ponto de uma maneira gloriosa, e em 4 de Janeiro lamentando que as ordens d'El-Rei o embaraçassem de ir em pessoa comandar aquela força, pedia a S. M. a revogação dessas ordens e licença para ir á sua custa fazer a guerra, dizendo que isso seria não só conveniente para a defeza do Paiz, mas necessário para o adiantamento daquelle importante estado.

O litigio com os Castelhanos na parte meridional da América Portuguêsa vinha de longe.

A colonia de Sacramento e territórios na margem norte do Rio da Prata foram pela Espanha tidos como Portuguêses desde o tratado de 7 de Maio de 1681.

Isso mesmo tambem foi reconhecido pela Gran Bretanha no art. 21 da liga offensiva de 16 de Maio de 1703, no art. 20 do tratado de Utrecht de 11 de Abril 1713 entre a Inglaterra e a Espanha formalmente confirmado pelo acto de garantia, passado pelo selo grande de Inglaterra a 8 de Agosto de 1713 e finalmente no acto de garantia, assinado em Utrecht entre Portugal e Espanha, passado tambem pelo selo grande de Inglaterra aos 3 de Maio de 1715. Não obstante estas solenes garantias, nunca os governadores de Buenos Ayres deixaram de ter pretensões sobre os territórios da margem norte do Rio da Prata; em 1715 privavam-nos do território da Colonia do Sacramento com manifesta infração dos art. 5.º e 6.º do tratado de Utrech, em 1726 edificavam nos dominios da Corôa de Portugal as praças de Montevideu e Maldonado; em 1737 estabeleceram um bloqueio na referida

colônia, que conservavam ainda em 1772, com tanto aperto como se estivessemos em uma viva guerra; em 1762, 1763 e até em 1764, um ano depois de assinado o tratado de Paris, penetravam nos mesmos domínios portugueses, ocupando o Rio Grande de S. Pedro, estabelecendo-se nele com escandalosa violação do tratado de Paris.

“Todos estes factos, escrevia Martinho de Mello (1), mostram que sempre que os Castelhanos tiveram e tiverem forças bastantes, nos atacaram e nos hão-de atacar; e a razão de sempre o haverem feito com successo tambem não a havemos ir descobrir em outra parte senão na frouxidão, pusilanimidade, com que sempre sofremos com abatimento servil, as suas arrogancias e os seus insultos, e as suas depredações na parte meridional da América portugueza, e no total esquecimento e negligencia de tomarmos com antecipação as medidas necessárias, proprias e eficazes para lhes resistir”.

Em 1771, Lavradio era obrigado a avisar o governo dos movimentos dos Castelhanos na parte meridional da América portugueza, o que dava a El-Rei justos motivos para crer que os governadores Castelhanos não deixariam em socego as colonias portuguezas senão quando vissem que nós nos achavamos em estado não só de resistir, mas de rebater os seus “intoleraveis insultos”, e apesar dos movimentos dos nossos visinhos sobre a fronteira dos Moxos se terem apasiguado; e de o governador castelhano fazer os maiores protestos de amizade e boa harmonia. Martinho de Mello ordenava ao Vice-Rei que assistisse ao governador de S. Paulo, D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, com os socorros indispensaveis.

Em 5 de Maio de 1772 e nos meses seguintes o Vice-Rei dava parte das repetidas hostilidades que os

(1) Officio de 20 de Novembro de 1772.

Castelhanos cometiam assim no Rio da Prata e Rio Grande de S. Pedro, como nos mais distritos da parte meridional da América portugueza e manifestava o receio em que ficava de ser atacado pelos castelhanos no Rio Grande de S. Pedro, logo que o governador de S. Paulo começasse a mover-se nas fronteiras daquela capitania.

Limitaram-se por então as ordens de El-Rei a mandar instruir o Vice-Rei e o governador de S. Paulo para que em causa comum e enviando forças de ambas as capitánias, cuidassem na defesa e segurança do Rio Grande de S. Pedro e dos demais dominios portuguezes daquelles distritos, aprovando as disposições militares que Lavradio tinha mandado praticar (1).

Em Dezembro de 1773, Lavradio comunicava para Lisboa: "que o governador de Buenos Ayres, D. João José de Vertiz, á testa de todas as forças que pudera juntar, tinha já passado o Rio da Prata para a parte da colónia do Sacramento dirigindo-se em plena marcha para Montevidéu e de lá para o Rio Grande de S^o. Pedro, com a resolução, segundo todas as apparencias, de nos atacar naquelles importantissimos dominios da Corôa, depois de terem os officiaes Castelhanos cometido nos mesmos dominios e de continuarem a cometer neles as mais intoleraveis hostilidades, respondendo alem disto com a maior altivez e arrogancia, aos repetidos, incessantes, e ao mesmo tempo inuteis protestos que lhes temos feito; os quaes, em lugar de conterem aquella soberba nação, só lhes tem servido de assumpto para os insultos e ultrages, com que nos tem tratado e continuam a tratar".

Lavradio receava que determinando-se os Castelhanos a atacarem o Rio Grande com o seu General á testa, se tivesse disposto alguma esquadra para atacar

(1) Officio de Martinho de Melo de 20 de Novembro de 1772.

ao mesmo tempo a Capital e via-se altamente embarcado para defender os dominios de Portugal, o que o obrigava a escrever a Martinho Mello: (1) "Confesso a V. Ex. que a situação em que me acho é a mais aflita e triste que pode ter um homem da minha honra e das minhas obrigações. Eu encarregado da defeza deste estado, falta daquellas forças e dos meios que são precisos para o defender. Eu ha 4 anos a fazer repetidas supplicas sobre esta matéria e até ao presente vivendo sempre em esperanças de ser deferido.

"Eu sem forças de terra por falta de gente, sem os poder ter por mar, que tanto aqui se necessita, por falta de embarcações, finalmente sem munições e com pouco dinheiro: parece Snr. impossivel que caiba na possibilidade humana sair deste triste aperto com aquella honra com que eu sempre tenho procurado conduzir as minhas ações.

"Um ano e meio que governou o Conde d'Azambuja não veio nada, em mais de 4 anos que eu governo succede o mesmo, com a differença de terem caído sobre mim todos os governadores a pedirem e eu a fazer os maiores esforços que me tem sido possivel para de alguma forma remedia-los.

"A todos tenho mandado mais do que posso, mas a nenhum deles o que necessitam. Todos se descarregam sobre mim e se queixam que eu não lhos mando, nenhum se contenta, todos se afligem, e eu com o desgosto de não poder remedia-los".

A's queixas do Vice-Rei Martinho de Mello respondia (2): "que uma esquadra armada na Europa, com suficientes forças para atacarem o Rio de Janeiro, é objecto, que nem a côrte de Madrid pode nem jamais se ha de atrever a empreender por si só", e acrescenta-

(1) Officio de 16 de Dezembro de 1773.

(2) 21 de Abril de 1774.

va: "o que unicamente lhe resta fazer é preparar-se para a defesa" e "no caso das hostilidades continuarem, ou de os Castelhanos fazerem disposições por onde se veja que persistem na resolução de nos atacar, e depois de exauridos todos os meios suaves de novos e repetidos protestos; em tal caso não havendo outro recurso mais que o da força, e consistindo n'ela a natural defeza de um injusto agressor, procurará o general de prevenir o seu inimigo, atacando-o por toda a parte onde o encontrar e fazendo as possiveis diligencias pelo desbaratar e destruir. De sorte que antes de se recorrer ao extremo remedio das armas é indispensavelmente necessário buscar todos aqueles meios suaves que a prudencia e a moderação inspiram para que os Castelhanos desistam dos seus insuportaveis procedimentos e injustas pretensões, mas se aquella soberba vaidosa e de nenhuma sorte redutavel nação persistir nelas ao ponto de nos vermos na forçosa necessidade de tirar a espada, é preciso que ela não volte á bainha enquanto houver castelhanos nos distritos daquela fronteira: e se a Providencia abençoar a justiça da nossa causa, com um golpe decisivo, poderemos levar as nossas armas victoriosas até á margem septentrional do Rio de Prata e Colonia do Sacramento.

"Em nenhum caso deve V. Ex. permitir nem tolerar que os castelhanos nos fechem a entrada daquelle porto (Rio Grande), nem que visitem nela as embarcações portuguezas ou embarquem a sua livre navegação, mandando V. Ex. guarnece-la com um sufficiente numero de peças de artilharia de grosso calibre para proteger as ditas embarcações e repelir a força com a força, usando alem disto de represalias e de todos os mais expedientes que a natural defesa autorisa, para exonerar os vassallos de S. M. das violencias que ali se praticarem contra eles".

O Governador de colonia informava ao Vice-Rei de que o Governador de Buenos Ayres D. João José de Vertiz e Salcedo com 3 officiaes de grande patente e todas as tropas que pudera juntar, tiradas das guarnições de Buenos Ayres, Montevideu e Maldonado, com a maior parte das que formavam o bloqueio de Colonia, com um grande numero de indios das Missões, formara 3 divisões: uma que marchava pelo sitio chamado das Viboras; outra pelo campo da mesma colonia em direitura a Montevideu, para dali passar ao Rio Grande e depois ao Rio Pardo; e a terceira que mandara embarcar com destino ao Rio Grande; que o dito governador no dia 22 de outubro (1773) tinha passado pelo Campo da Colonia, para se ir pôr á testa da Divisão que marchava para Montevideu.

No referido dia 22 de outubro, achava-se pois o Governador em plena marcha para o Rio Pardo, onde chegou no principio de janeiro de 1774, gastando no caminho 68 a 70 dias.

O Governador do Rio Grande José Marcelino de Figueiredo informa do Rio Pardo em 30 de dezembro (1773) que, tendo passado a fronteira do norte onde fizera as disposições necessarias para a defesa d'aquello distrito, voltara com bastante pressa ao Rio Pardo, vendo aqueles sitios todos ameaçados de grossas partidas Castelhanas, governadas pelo seu general do Rio de Prata.

Este general partira de Montevideu a 9 de Novembro, e trazia a 2 Coroneis, 3 tenentes coroneis, 3 Majores de infantaria e Dragões com os seus corpos respectivos, e muito maior numero de indios.

José Marcelino mandou guarnecer os passos mais importantes e fez avançar algumas partidas ligeiras, compostas de gente desembaraçada a encontrar com os inimigos, afim de os intreter e dilatar na marcha, e ver

ao mesmo tempo se lhe podia tomar alguma cavalaria da muita que traziam, que era muito necessaria no campo Português.

A 4 e 5 de janeiro (1774) José Marcelino escreve novamente ao Vice-Rei: "que tendo mandado avançar algumas partidas, na forma que precedentemente havia referido, uma delas composta de cento e tantos paisanos e aventureiros, comandada pelo Capitão Raphael Pinto Bandeira, encontrara no dia 3 de janeiro, junto do rio *Pequeri*, defronte da nova Guarda de S. Lourenço, uma grossa partida castelhana, composta de 450 homens de cavalo e que atacando-a com todo o vigor, a destruiu inteiramente, fazendo prisioneiros: dois capitães, um tenente, um alferes, 36 soldados argentinos e 31 indios, tomando-lhe mil e dez cavalos mansos, tresentas mulas tambem mansas, 75 lanças, 37 armas, onze baionetas e cem rezes; que não sabia o numero de mortos e feridos, mas que entendia que eram bastantes, pelas muitas espingardas, pistolas e lanças que depois da ação se acharam no campo.

O numero de 450 homens pelo menos de que se compunha o destacamento castelhana, consta das instruções ou ordens que se lhes apanharam: os despojos que deixaram mostravam igualmente a sua força, e o feliz successo deste encontro desanimou o governador de Buenos Ayres, que renunciando a todas as vastas ideias com que saiu de Buenos Ayres, só cuidou de se retirar com uma inesperada e vergonhosa aceleração.

"Basta ler as instruções para se ver a perfidia com que os castelhanos tomam as suas medidas para nos atacar, em tempo de mais profunda paz, sem se embarçarem de outra coisa mais, que das muito ou poucas forças com que nos achamos para lhes resistir.

"A maxima que os castelhanos estabeleceram para terem sempre um pretexto para nos atacar quando

bem lhes parecer, é dizerem que toda a parte meridional da America que seja comprehendida naqueles sitios onde os ditos castelhanos se acham estabelecidos, ou naqueles onde os mesmos castelhanos nunca entraram ou ainda naqueles que os portuguezes possuem desde os primeiros descobrimentos do Brasil, que tudo pertence á Corôa de Castela. E debaixo deste inaudito principio, logo que nos veem descuidados, se animam contra nós e nos atacam sem se embaraçarem da Paz, nem da Fé publica. Se os portuguezes lhe requerem que desistam das suas infestações, e que vir com mão armada dirigindo a sua marcha contra os dominios portuguezes, é uma hostilidade que os constitue manifestos agressores, respondem: que os agressores são os Portuguezes, pelo atentado de se intrometerem, ou quererem indagar os movimentos das tropas Castelhanas nos seus proprios dominios" (1).

Depois da demissão do Marquez de Pombal, Lavradio dirigiu, em 20 de julho de 1777, ao Visconde de Vila Nova da Cerveira, um largo relatorio sobre os acontecimentos do Brasil durante o periodo de 1774 a 1777.

Nesse relatorio começa por se queixar da confusão das instruções que recebeu quando foi nomeado Vice-Rei, e expondo o que foi ocorrendo com os Castelhanos escreve: "as ordens da Côrte determinavam-me fizesse persuadir aos nossos vizinhos a bôa fé e harmonia em que nos achavamos e pretendiamos conservar; comuniquei isto mesmo aos nossos governadores das fronteiras e tendo mandado o Conde de Azambuja destacar de um dos regimentos, desta capital 4 companhias para o Rio

(1) Em 29 de fevereiro Lavradio escrevia ao Coronel Governador José Marcelino de Figueiredo: "Estimo que os Castelhanos principiassem já a temer as nossas forças, e a conhecer que está acabado o tempo em que se lhes consentiam os seus arrugantes atrevimentos... Dos manifestos do General Castelhanos, se vê claramente que os seus intentos se não dirigiam que a lançar-nos fora dos estabelecimentos em que nos achavamos."

Grande de S. Pedro, por lhe dar parte o governador d'aquella continente de que os Castelhanos o procuravam insultar por aquelle lado e que juntavam alguma tropa na ideia de reconquistarem a parte do sul que o Conde da Cunha tinha tomado, visto não terem sido bastantes as ordens que tinham vindo da nossa Corte e que se tinham participado á de Madrid para lhe entregarmos o que o Conde tinha tomado; que servindo-se deste pretexto, eles de mão armada se queriam vir meter de posse; porem com a chegada da nossa tropa, tudo se acomodou e ficou em socego.

“Achando-se as cousas neste estado, e tendo feito saber aos Castelhanos quais eram as intenções de nossa côrte para tudo se conservar na maior paz e socego, lhe mandei dizer: que eu da minha parte estava tanto naquella resolução que até mandava retirar as tropas que ali se achavam demais, se eles da sua parte fizessem o mesmo, assim o praticamos, uns e outros, recolheram-se ao Rio de Janeiro as tropas que estavam destacadas, e ficou tudo por algum tempo em tranquillidade.

“Neste mesmo tempo vi que as tropas que tinha o continente do Rio Grande, não eram no numero competente para conservarem em respeito aquella Fronteira, e que daqui nasciam os continuados insultos que a todo o instante os castelhanos por ali nos estavam fazendo, os quais para se evitar serem maiores, se recorria immediatamente a esta capital para socorrer a mesma Fronteira, fazendo-se para isto não só grandissimas despesas nos transportes e marchas das tropas que eram muito repetidas, mas o peor era, que depois de tanta despesa e trabalho, tudo chegava tarde, e depois dos castelhanos terem feito quanto queriam sempre com afronta e descredito da Nação.

“Isto me obrigou a pôr na presença da Côrte os meus sentimentos sobre esta materia, propondo, o formar-se

até um corpo de infantaria e cavalaria, que poudesse suprir estes destacamentos, o qual não seria de maior numero, que aquele de que se compunham os mesmos destacamentos; que este corpo seria formado, e teria o exercicio de tropa ligeira, que é o mais proprio para aquella fronteira, e mais conforme ao genio daqueles habitantes.

“Conveiu a côrte com o meu arbitrio, e procedi na conformidade das ordens que recebi, porem como aquele País tem ainda pouca gente, e não era justo tirar de repente as pessoas que se occupavam nas lavouras, e alguns outros estabelecimentos, foi-se formando este corpo com algum vagar, e para que não fosse tudo feito de soldados novos, mandei-lhes alguns soldados e officiaes veteranos desta capital para fazerem o casco do mesmo corpo.

“Estando tudo isto neste socego, isto é, não me dando por achado de alguns insultos que continuavam a fazer os castelhanos, já embaraçando-nos a navegação do Rio, e tomando-nos algumas embarcações que ali iam, já para Colonia tendo-nos cada vez em maior aperto, visitando-nos as embarcações que saíam daquele porto, tendo nós tomado uma de commercio, e igualmente muitas de pescaria, não tendo eu outros procedimentos mais que ordenar aos governadores, que da sua parte protestassem contra todos aqueles atentados, e pela restituição das embarcações em quanto eu de tudo avisava a côrte, e me ia pondo em estado de poder falar mais alto, avisa-me o governador do Rio Grande que o General Castelhana tinha juntado 7 para 8 mil homens, com um parque de artilharia, competente, e que á testa deles marchava para a nossa fronteira, sem lhe ter feito nenhum aviso deste movimento; que ele governador procurava embaraçar-lhe os passos quanto lhe fosse possível, e que me pedia o quisesse logo socorrer.

“Imediatamente formei um corpo de infantaria e cavalaria escolhido, comandada a cavalaria por Gaspar José de Matos Ferreira e a infantaria por Sebastião Xavier da Veiga.

“O General Castelhana encaminhou a sua tropa para a parte do Rio Pardo; porem vendo, que um corpo que tinha mandado avançar, fora batido e tomado pelos nossos dragões que estavam no Rio Grande, chegando-lhes ao mesmo tempo noticia de prontidão com que eu tinha mandado socorrer o governador, reunindo na fronteira do Rio Grande uma força respeitavel, temendo que nós saíssemos da defensiva e atacassemos, cuidou em se retirar a toda a pressa, dizendo que ele não tinha ido fazer a guerra, e só tinha passado a visitar a sua fronteira, levando aquela tropa, para com ela atacar algumas partidas de ladrões, que lhe constava virem furtar os gados e cavalhados dos castelhanos”.

De Lisboa os primeiros socorros só chegavam ao Brasil em 4 de Julho, e de nada teriam servido se Lavradio não tivesse providenciado na defesa de Rio Grande.

Os Espanhois haviam recuado no seu projeto de immediato ataque, mas apesar disso as noticias que chegavam ao V. Rei davam-lhe convicção de que eles se aprontavam para mais tarde atacar o Rio Grande, e por isso apesar das representações do Governador do Rio Grande estava resolvido a conservar uma força consideravel na Fronteira e continuar as fortificações que julgava necessarias. Reconhecendo a falta que lhe fazia uma força maritima, sôbre tudo para a defesa da Colonia, continuava a recomendar ao Governador do Rio Grande uma grande prudencia, mas que esta não chegasse a deixar perder um só palmo de territorio Portugues, e que se acaso os Espanhois nos atacassem, então tratasse não só de defender mas de reganhar aque-

la parte do territorio que em outro tempo havia pertencido á Corôa de Portugal.

De tudo isto, deu conta immediatamente á Corte e em 26 de Julho chegava-lhe a aprovação das primeiras medidas que havia tomado para a defesa do Rio Grande e Santa Catarina e ordem para que mandasse passar ao Rio Grande de S. Pedro 3 regimentos dos que estavam na Capital e que a estes se juntassem as tropas que ali se achavam; e dando os corpos por completos, formava-se deste modo um exercito de 5.394 homens, o qual devia ir comandar o Tenente General João Henrique Böhm, indo ser comandante e general de artilharia e fortificação o Marechal de campo Diogo Jaques Funcks: ao mesmo tempo ordenou-se-lhe mandasse tambem 2 Regimentos para a Ilha de St. Catarina, que com um que ella tinha e um destacamento de artilharia, supondo-os todos completos chegava quasi a 3 mil homens (1).

Ordenava-se-lhe mais que a Colonia fosse reparada o melhor que coubesse no possivel, e que passasse a governa-la o Sargento Maior Francisco José de Rocha com a patente de Coronel de Infantaria.

Tendo chegado alguns socorros, tanto de munições como de homens, tratou logo de executar as ordens que havia recebido, porem como o regimento que lhe mandaram de Pernambuco vinha sem disciplina, e em grande desordem e os 3 da Bahia haviam quasi perdido o ensino que lhe havia dado, foi necessario primeiro que tudo pôr em boa ordem e completar estes 3 regimentos, o que foi feito com uma incrível actividade e insano trabalho.

(1) Böhm e Funcks eram, na opinião de Lavradio, dois officiaes generaes distintos e cheios de merecimento, mas existia entre elles tão pouca intelligencia que o V. Rei considerava que elles poderiam ser nocivos n'aquelle exercito, sonda contudo poderiam ser uteis se a elle Marquês fosse dada authorisação para ir tomar o comando em chefe que lhe pertencia.

Era necessario alem disso, antes que as tropas se puzessem em marcha dar as providencias necessarias para que á chegada ao Rio Grande elas achassem tudo quanto lhes era necessario, sem que os habitantes soffressem vexações, e tudo isto conseguiu.

Para Comandante Geral da defesa da Ilha de St. Catarina e do Continente a ela pertencente era nomeado o Marechal de Campo Antonio Carlos Furtado de Mendonça, que estava Governador e Capitão General das Minas Gerais (1).

As ordens do Governo eram:

1.º) ter em defesa toda a Fronteira do Rio Grande de S. Pedro;

2.º) facilitar ás nossas embarcações a passagem da barra do Rio Grande;

3.º) depois de estarem reunidas todas as forças, segura a defesa do territorio e tomadas todas as outras medidas necessarias, tratar de reivindicar o territorio da outra banda do Rio pertencente á Corôa Portuguesa e da qual os Espanhois se haviam apoderado injustamente;

4.º) para reivindicar este usurpado territorio, o Vice-Rei, por meio do General em Chefe, devia requerer a sua entrega, e se esta lhe fosse negada, passaria logo a toma-la pela força;

5.º) deviam tomar-se todas as medidas necessarias para a defesa da Ilha de St. Catarina e do Rio de Janeiro.

Chegaram estas ordens pela Fragata Nossa Senhora de Nazareth, comandada pelo Capitão de Mar e Guerra Roberto Mac Donall, o qual El-Rei nomeava Comandante em Chefe da esquadra que se lhe dizia se ia for-

(1) Off. de Dez. 1774 para o Marquez de Pombal.

mar neste porto. A esquadra ficaria debaixo das ordens do Vice-Rei, para com ela faser os diferentes serviços que julgasse precisos para melhor execução das ordens que recebêra (1).

Foi-se compondo esta esquadra com as naus S^o. Antonio, Nossa Senhora de Ajuda e Nossa Senhora de Bellem, e as fragatas Nossa Senhora da Nazareth, Nossa Senhora da Graça e S. José, o galeão armado em guerra Nossa Senhora da Assumpção que pertencia á companhia de Pernambuco, a Princeza do Brazil que era do contrato dos azeites, que foram chegando sucessivamente depois da fragata em que foi o chefe.

Logo que chegou a sobredita esquadra, o Vice-Rei fez embarcar nela a tropa que da capital devia ir para o Rio Grande, fazendo igualmente embarcar o tenente general João Henrique Böhm e o marechal de campo Diogo Jacques Funcks os quaes fez transportar á ilha de S^a. Catarina para d'ali passarem ao Rio Grande de S. Pedro, visto não ter querido o tenente general ir fazer este desembarque na costa do Rio Grande, como Lavradio ao principio pretendia, para immediatamente com o socorro da esquadra desalojar os espanhoes, e fazer-se senhor dos postos em que eles se achavam; porem esta lembrança, que na estação em que estavam era muito praticavel, teve muitas contradicções dos officiaes de marinha para se executar, ao que teve de se sujeitar "por se não pôr no risco de perderem uma ação que eles não aprovavam".

"No dia 19 de Janeiro chegou Antonio Carlos, escreve Lavradio, a esta capital, e immediatamente o fiz

(1) A escolha do irlandez Mac-Donell não era feliz, era improprio para a comissão que lhe haviam dado; era parcial, de sorte que mesmo os officiaes da sua nação não viviam contentes com elle, era insubordinado, insolente e despotico, não vivia em boa intelligencia com Böhm e fazia o que lhe parecia importando-lhe pouco as ordens. Faltava-lhe valor e talentos para commandar mais navios que o seu.

partir levando em sua companhia o governador de Colonia, e ordenei ao chefe de esquadra, que logo que desembarcasse aquele general, ele comboiasse com a esquadra ao Rio da Prata as embarcações que eu mandava n'aquella ocasião com as munições e mais petrechos que julgava precisos para a praça de Colonia, e que ao mesmo tempo observasse o estado e forças que tinham os nossos inimigos, que os não atacasse se eles não entendessem com ele, porem que no caso de eles o quererem atacar, ele fizesse com a esquadra o que era obrigado; foi a esquadra ao Rio da Prata, e chegaram a salvo a Colonia o governador e as embarcações que transportavam os mantimentos e munições”.

Por uma embarcação chegada de Colonia no dia 21 de dezembro de 1774, tivera o Vice-Rei noticia de haver entrado em Montevidéu um socorro que ele supoz ser as 4 fragatas e 7 transportes saídos de Cadiz conduzindo tropas e munições de guerra; em consequencia desta noticia, posto que ainda muito confusa, mandou logo aprontar para irem para o Rio da Prata bloquear os espanhois, as 3 fragatas Graça, Nazareth e Gloria, ás quaes se haviam tambem de ir juntar a fragata Principe do Brazil logo que chegasse a artilheria que mandara vir de S^a. Catarina, assim como a fragatinha que viera de Pernambuco.

A nau Ajuda, com as fragatas cuja proxima chegada lhe fora annunciada ficariam crusando entre S.a Catarina e Santos.

Em 23 de dezembro podia comunicar a Martinho de Mello a expedição de todos os socorros necessarios para a praça de Colonia e em 26 de Janeiro de 1775 escrevia ao Marquez de Pombal: “que á vista das forças que tinham os espanhoes, considerava que em caso de

ataque já nada tínhamos que recear visto a disciplina e numero do nosso exercito (1).

“Entretanto o chefe da esquadra foi observar o estado em que estava o porto de Montevidéu, pareceu-lhe que este tinha uma grande esquadra, assim o foi repetir, e por tal modo se intimidou que cuidou logo em retirar-se, e tão precipitadamente, que indo uma embarcação dos castelhanos a cumprimentar a nossa esquadra e saber se precisavam de alguma cousa, já não poudo falar senão a uma das fragatas a quem deu o seu recado.

“As forças que os castelhanos tinham, que ao chefe pareceram tão grandes, consistiam em uma nau de guerra velha, duas fragatas, e algumas embarcações de commercio, as quaes estavam todas com os mastareus arriados, sem pano, e encalhadas no lodo, como é costume ali, pozeram os mastareus á cunha quando nos viram e algumas mostraram estar-se aprontando com mais pressa (2).

(1) Em 30 de Janeiro Mac-Donall entrava no porto da ilha de S.^a Catharina, conduzindo o regimento de pernambuco destinado para a guarnição da mesma ilha, a 31 escrevia a Lavradio “que a esquadra estava prompta para qualquer serviço” e a 6 de fevereiro escrevia novamente annunciando a chegada, em 5 de fevereiro, do general Antonio Carlos de Mendonça e acrescentava: “Segundo a minha idea a ilha de S.^a Catarina não tem perigo de alguma esquadra que venha da Europa.”

(2) Em 31 de março Mac-Donall comunica a Antonio Carlos Furtado de Mendonça e sua ida a Montevidéu e escreve: “Depois de ter comboiado os transportes de socorros destinados para a praça de Colonia até Montevidéu, sonda dei fundo no dia 16 e achei a esquadra espanhola no maior descanço que pode ser, tudo desarmado para invernar encalhada na lama, cuja esquadra consta de 4 naus de linha, 3 fragatas e 9 navios armados em guerra, a maior parte dos quaes capazes para levar 2 baterias. No dia 17 mandei a fragata graça comboiar os transportes até Colonia e fiquei fundeado até o dia 18 que será o tempo que julgava ja tinha chegado o comboio a Colonia.

No tempo da 1.^a noite depois que eu dei fundo os expanhos tiraram-se do descanço, de sorte que apromptaram até as velas dos joanetes envergadas antes do nascer do sol de tal forma que menos de 10 naus de linha, hade ser dificultoso dar-lhe ataque, no dia 18 me fiz a vela a bordejar o Rio para fora, depois de ter perdido a melhor occasião para destruir a frota espanhola no seu descanço, por razão das pacificas novidades que trouxe a fragata Graça do exercito do Rio Grande.”

“Ordenou-se-me, diz o citado relatório, que logo que o tenente general chegasse ao continente do Rio Grande, ele escrevesse ao comandante castelhano dizendo-lhe da minha parte, que eu o mandava ali, para que se entregasse a parte ulterior daquele rio que sempre nos tinha pertencido de que eles tinham ficado de posse na ultima guerra, e se tinham obrigado a restituir pelo tratado de 63, feito em Paris, e como até agora o não tinham restituído, eu o mandava a ele para lhe fazer aquella notificação, afim que o entregassem, e quando o não fizessem dentro de 8 horas depois de receberem aquele aviso, ele passaria com as tropas do seu comando ao outro lado, a se fazer senhor de tudo quanto pertencia a S. M. fidelissima.

“Parecendo-me que aquellas ordens não poderiam ser tão bem executadas, enquanto não tivessemos no Rio algumas embarcações armadas em guerra, com que nos egualassemos pelo menos com as forças de mar, que ali tinham os castelhanos, me resolvi a mandar construir 2 embarcações proprias para entrarem naquele Rio e tomei uma sumaca de Pernambuco tambem muito forte, e com fundo capaz para aquella navegação, as quais com duas que já estavam no Rio, faziam 5 embarcações de guerra cujas forças eram muito proporcionadas, para 4 más embarcações que ali tinham os castelhanos, e disse ao general que logo que chegasse ao continente, formasse o seu exercito, tomasse as medidas competentes para poder com segurança executar as ordens de que ia incumbido.

“Que, como ele para passar a outra parte do Rio com as suas tropas se lhe poderia oferecer a dificuldade de ser embaraçado pelas forças que tinham os castelhanos no Rio, que eu ficava aprontando aquellas embarcações enquanto ele fazia a sua marcha, e chegava áquele continente e nele dispunha tudo o preciso para poder fazer o seu ataque, e entretanto se ir informando do estado

e força dos nossos inimigos, e que quando me parecesse ser tempo competente de tudo isto estar executado eu faria sair estas embarcações, indo primeiramente fazer escala pela ilha de Santa Catarina, para ali se lhe fazer aviso por terra de quando eles saíam da sobredita ilha para aquele porto, a fim de que ele general tivesse as cousas dispostas de forma, que quando as embarcações chegassem e fossem entrar para atacar as forças dos castelhanos no Rio, ele podesse passar ao outro lado com a sua tropa e desalojar o inimigo.

“Ordenei mais, que as nossas embarcações ficassem no Lagamar antes de entrarem; para dali poder melhor ajustar o general o modo da sua passagem e a ocasião mais própria de fazer entrar as embarcações.

“Praticou-se o que estava na minha parte, foram o general e as tropas para o Rio Grande, foram as embarcações como eu tinha determinado, porem quando chegaram, achou o general que ainda não era tempo de atacar, desculpando-se não ter bastantes embarcações de remos para passar com a dita tropa ao outro lado, que lhe faltavam jangadas e que não tinha de que as fazer e só ordenou que entrassem as nossas embarcações, as quais quando entraram fizeram-lhe um horroroso fogo as fortalezas Castelhanas”.

Era comandante das nossas embarcações o Capitão de Mar e Guerra Jorge Hardcastl, que em 11 Abril 1775 escreve a Mac-Donall: “Do dia 27 de março até 4 de abril não se tem oferecido novidade de que informe a V^a. S. Em. Em cujo dia 4 me fiz a vela pelas 8 horas da manhã com vento S. E. em companhia dos navios S^o. José e Sacramento, meia hora depois o forte espanhol da ponta do sul principiou a fazer fogo, e do primeiro tiro passou o meu bote que estava em cima das antenas cujo tiro foi correspondido pelas nossas 3 embarcações com um vivissimo fogo.

“Pedro Mariz recebeu 2 balas ao lume d'agua que lhe não passaram dentro 3 quartos depois das 8 um forte chamado Mesquita principiou tambem o seu fogo que foi egualmente correspondido pelo nosso.

“Neste mesmo tempo 3 embarcações de guerra espanholas que estavam surtas na passagem largavam as suas amarras e se refugiavam por debaixo do Forte de Mangueira onde já estavam outras 2 ancoradas. Às 9 horas começou o mesmo forte a fazer fogo que foi correspondido por nós 3 com o mesmo vigor, 10 minutos depois das 9 o meu piloto e o capitão da corveta Bellone que foi o melhor pratico do Rio nos encalhou mais o Sacramento no banco de areia defronte do forte: Este banco foi de novo formado pelas ultimas aguas do monte que houve com um temporal, o S. José demandando menos agua passou por cima, e na passagem do forte passou o mesmo fogo e foi dar fundo ás 10 horas defronte do Patrão-Mor. Continuou sobre nós o mesmo fogo e por nós foi sempre respondido, ao mesmo tempo nos fomos espiando para fora do banco e á 1 hora estava já o Sacramento um nada livre dele e passou o forte debaixo de um inteiro fogo ao que ele correspondeu com outro tanto mais ardente e deu fundo 1/2 hora depois defronte do forte do Patrão-Mór. Eu continuei-me sempre a espiar-me para Barlavento e ás 3 horas me fiz á vela continuando o forte o seu fogo, ao que eu respondi com 8 descargas gerais da minha artilheria, até que o meu gageiro do tope deu parte que os espanhois desamparavam os seus postos. Tres quartos depois das 3 horas dei tambem fundo na paragem em que os nossos 2 já estavam.

“Consumi neste combate 6 quintais de polvora, 350 balas e 25 piramides de metralha. O S. José gastou quintal e meio e 140 balas, o Sacramento 2 quintais e 3 quartas, 275 balas de diversos calibres. Eu deixei no Banco uma

ancora que presentemente tenho já a bordo, porem Pedro Mariz que deixou tambem uma até agora a não achou. O que é mais maravilhoso em toda esta acção, é não ser uma unica pessoa mal ferida.

“Os espanhois têm 2 bergantins de 10 peças cada um, e 2 hiates com 8 peças cada um ancorados debaixo do forte da Mangueira distante de nós pouco mais de um tiro de peça.

“Na vila tem uma tartana de 6 peças e 3 lanchas com 2 ou 3 peças cada uma e no sitio em que está é difficiloso chegar por pouco fundo. Eu espero ser visitado por mais embarcações de Monte Videu. A' minha chegada recebi ordem do general para armar em guerra a corveta Belona, nomeei Joaquim José dos Santos Cassao para comandar e ao capitão que ela tinha para servir de tenente de mar e ao Mestre de S. José para o ficar commandando. Tenho muitas obras que fazer na Belona, achei-a occupada de camarote e commodos que hei-de deitar a todos abaixo, achei nela 16 peças todas de diferentes calibres, circumstancia muito má para occasião de combate. Acho mais 2 Hiates com duas peças cada um que estão occupados em carregar lenha para a tropa. Os meus dois comandantes Joaquim José e Pedro Mariz fizeram a sua obrigação com grande valor e conduta tão bem o meu tenente de mar, Mestre, 2.^o piloto e toda a mais guarnição. O que de resto posso segurar a V. S. é que mais vivo fogo nunca vi e que estimo passe muito bem. Bordo de Fragata Invencivel surta no Rio Grande 11 Abril 1775.”

Esta foi a primeira occasião que se perdeu, porque se naquele tempo passasse a nossa tropa como podia, os castelhanos estavam todos desprevenidos, faltos de munições, e com muito pouca gente com que se defendessem. Segundo erro houve nesta mesma occasião porque devendo o general considerar que os castelhanos,

depois de terem noticia de termos metido mais forças dentro do Rio, eles não deixariam de procurar aumentar naquelas partes as suas forças, devendo as nossas embarcações ficar em paragem onde pudessem embaraçar a entrada das embarcações castelhanas, isto se não praticou e foram dar fundo as nossas na maior distancia que poderam, de sorte que a barra ficou inteiramente desembaraçada.

Dando conta do combate, Lavradio queixa-se de que o general em chefe ordenasse aquella entrada antes de se achar em posição para poder atacar os Espanhois mas acrescenta: O combate foi glorioso para a nossa marinha. Queixa-se tambem da frouxidão do general que não sabe aproveitar-se das ocasiões, que para não comprometer a sua reputação só quer atacar quando tiver a certeza de vencer e só sabe queixar-se que lhe falta não se sabe o quê, pois tem sempre mandado não só o que ele pede mas muito mais.

O chefe da esquadra cada vez se mostrava mais insubordinado e insolente, e como entre ele e Böhm havia grande desinteligencia, deviam-se temer as consequencias deste estado de cousas que se remediariam se lhe fosse autorizado a transportar-se para o ponto das operações, onde já se teria dado algum golpe importante se lá estivesse.

Nesse mesmo officio transmitindo para Lisboa os officios que havia recebido tanto do chefe da esquadra MacDonall, como do general Böhm, mostra as injustas queixas tanto de um como do outro; pois a ambos havia dado tudo e mais do que lhe haviam pedido. As contas de contabilidade de Fazenda provavam não só não haver falta de dinheiro como dizia Böhm, mas haver ainda sobra nos cofres.

Sobre as queixas do chefe da esquadra tambem observa que tendo-lhe este pedido mantimentos para 3

meses, lhos deu para 5. Estas e outras queixas infundadas mostravam a má fé daqueles chefes, e os justos receios que deles devia ter.

“Os castelhanos mandaram mais 5 embarcações para reforçar as outras que lá se achavam. Chegaram estas á Barra, disputamos nós com as Fortalesas a entrada do mesmo modo que elas nos tinham feito, fez-se bastante fogo; porem sempre conseguiram o entrarem: como as nossas embarcações estavam tanto dentro, e o vento era favoravel para entrarem os castelhanos, era contrario para as nossas embarcações irem ao seu encontro, não poderam os nossos nesta ocasião ter acção e os castelhanos foram dar fundo debaixo das suas tais e quaes fortalezas. A’ vista destes movimentos quizeram os castelhanos por-se em melhor defeza, construir de novo algumas baterias e reductos; fizeram uma nova comunicação para a vila, aumentaram algumas obras nas fortificações que já ali haviam e fizeram transportar de Buenos Ayres para aquele porto todas as munições que o tempo lhes permitiu.

“Não me surtindo o bom efeito que eu esperava desta primeira expedição, continua o relatorio, por se não executarem as ordens que eu tinha determinado, cuidei em ver se podia dissolver do Rio de Janeiro as insignificantes dificuldades que serviram de affectada desculpa á execução das minhas ordens.

“Mandei logo conduzir para aquele continente paus de jangadas. Ordenei tambem que se construisssem lá as embarcações de remo que coubesse no possivel. Fui instando ao tenente general para que se completasse o fim a que se dirigia aquella expedição, conduzindo este negocio debaixo da maior politica e atenção que pude. Entretanto pedi a S. M. que fosse servido dar-me licença para ser eu quem pessoalmente fosse executar o que se me determinava”.

Em 26 de Junho, escrevendo a Pombal, dizia: "Devo dizer a V. Ex. que se eu tivesse podido ir com esta expedição, me parece que todas as operações do exercito e ainda da esquadra, se achariam muito mais adiantadas e talvez eu me tivesse aproveitado de algumas das ocasiões, quanto a mim favoraveis, que se tem perdido.

"O general do Sul é muito habil, muito capaz, tem muita experiencia da guerra e tem muitos talentos, porem como tem adquirido essa reputação, não quer arrisca-la praticando algum golpe que possa ter algum menor bom successo. Ele vê a pouca e má qualidade da tropa que teem os castelhanos, as noticias que lhe teem chegado verificam-lhe isto mesmo, porem não é possível persuadir-se que isto seja verdade. Ele tem muita duvida de atacar, porem quer que seja eu positivamente quem o mande".

Em 1 de Julho decidiu fazer marchar a toda a pressa as forças de São Paulo para ver "se o general vendo-se cercado de *infinita* força se resolve a atacar".

Em 20 de Julho dava novamente parte da conduta do chefe da esquadra Mac-Donall que continuava "a fazer o que lhe parece, dando-se-lhe pouco das ordens, que só executa o que lhe lembra e os seus arbitrios são os que lhe parecem mais acertados, porem fazendo-me sempre nas suas cartas, grandes cumprimentos da sua obediencia"; e em 26 torna a repetir a Martinho de Mello que está pronto para ir ao Rio Grande, acrescentando: "persuada-se V. Ex. que emquanto o Vice-Rei do Estado não passar ao continente fazendo dar ali as ordens que lhe parecerem convenientes, e ao mesmo tempo faze-las executar, que nunca no continente se hão-de executar as ordens que forem do Rio de Janeiro, tudo hade ser lá guia de questões, embaraços, e muito tarde se tirarão do continente as grandes vantagens de que ele pode ser a todo este estado".

Em 10 de Agosto torna a queixar-se dos chefes militares de mar e terra, os quais pretendem obrar independentemente uns dos outros e executam mal as suas ordens. Quanto ao General Böhm por mais que tenha feito não tem podido conseguir que ele tome a ofensiva, segundo o que lhe tem ordenado, por considerar que ha muito mais conveniencia atacarmos agora que as nossas forças são superiores do que esperar para quando os castelhanos tiverem recebido os socorros que estão esperando.

O sistema de Böhm é não atacar enquanto não tiver toda a força necessária para a defeza de todos os pontos e uma força disponível só para o ataque, e declara que só atacará se receber uma ordem positiva do Marquez para atacar, e que este diz não poder fazer visto a distancia a que se acha das operações e o risco de mandar atacar contra a manifesta opinião do general em chefe.

Todos estes embaraços, acrescenta, são a consequencia de se lhe não permitir passar a tomar o comando das forças.

“Logo depois deste successo, recebi officios em que me dizia, que a nossa corte estava em negociações para se ajustarem as diferenças que tinhamos entre os castelhanos, que eu mandasse buscar o regimento de Colonia por conta, de que no caso de entretanto nos fazerem os castelhanos alguma violencia não perdermos nós aquele corpo, que eu escrevesse ao governador de Colonia uma carta nesta conformidade para que no caso de ser atacado pelos castelhanos depois da saída do regimento, ele fizesse grandes protestos contra aquela violencia praticada em tempo em que as ordens recomendavam com toda a força, a boa fé e harmonia que deviamos ter com eles castelhanos, em consequencia da estreita amisade que hoje se estava cultivando entre

os dois Soberanos, que ele não resistisse senão com aqueles protestos, e que afinal se rendesse, que houvesse de queimar os papeis importantes que na secretaria houvesse assim como também a carta em que eu lhe dirigia esta ordem: assim o determinei e assim se praticou. Veiu o Regimento e o governador respondeu aos castelhanos segundo o que eu lhe tinha dito, quando eles lhe escreveram perguntando-lhe que novidade era aquela, o que ele satisfez dando-lhe por resposta que como as noticias que eu recebi da Corte eram de estarem ambas as Cortes na maior harmonia e socego em consequencia do que nem uns nem outros tinhamos que reccar, aproveitando-me eu desta ocasião mandava buscar aquele regimento para o ver, regula-lo e pô-lo no mesmo estado em que estavam todas as outras tropas na conformidade das ordens que S. M. tinha estabelecido para todo o seu exercito. Os castelhanos logo que o regimento saiu, principiaram a inquietar-se com a resolução de irem tomar a Colonia, entraram a intimidar os moradores d'aquella Praça, foram tomando com mais desafogo todas as embarcações de pescaria que saiam, e ultimamente puseram aquele povo na maior consternação.

“Disto me fez aviso o Governador, o que me obrigou a mandar-lhe immediatamente um destacamento de cem homens escolhidos até ver o estado em que as cousas se punham. Depois de eu ter expedido as ordens para vir o Regimento, e ele ter partido, me chegaram novas ordens da Côrte para eu suspender aquella ordem, e no caso de ter vindo já o regimento eu o fizesse recolher. Nesta ocasião se me repetiu a má fé com que os Castelhanos nos tratavam nas suas negociações, e se me ordena que eu não perca tempo em aproveitar-me das forças com que me acho para recuperar os dominios de S. M., que os Castelhanos não teem querido entregar,

que aquella nação estava muito occupada com a expedição de Argel, e que presentemente não tinha forças para as dividir para America. Em consequencia deste negocio, projectei atacar de novo os Castelhanos e fazer o ataque ainda com maior vigor, e novamente tornei a pedir licença para eu ir pessoalmente a esta diligencia”.

Em dezembro recebia participação do Marquez de Pombal de que a expedição Espanhola que a principio se julgara destinada para fazer um ataque ao Sul do Brasil, tinha sido empregada contra Argel, mas que tinha tido um infeliz exito e se tinha recolhido aos portos de Espanha com grande destroço, mas temendo que depois de reparada quizesse ir buscar com um ataque contra o Sul do Brasil a gloria que não tinha podido adquirir em Argel, ordenava o Marquez que quanto antes tratasse de defender a Praça de Colonia e de se por em estado de atacar os Espanhois.

Em consequencia destas noticias e ordens mandou logo um socorro de homens e munições para Colonia e o regimento que estava de guarnição n'aquella praça e que pelas anteriores ordens do governo tinha mandado recolher ao Rio de Janeiro foi prontamente reexpedido. A retirada do regimento havia feito grande sensação em Cõlônia, onde todos os habitantes se haviam oferecido para defender a independencia d'aquella Praça, chegando as mulheres a oferecer-se para fazer sobre as muralhas o officio de soldados.

“Comuniquei ao chefe da esquadra parte das ordens que eu tinha e o mesmo fiz ao general do Exercito do Sul, isto é a cada um deles o que lhe pertencia nos officios que recebi.

“Disse ao Chefe que infalivelmente haviamos de atacar o Rio Grande por mar com forças que fossem competentes a destruir as forças que tinham no Rio os nossos inimigos, que para isto haviamos de armar em guerra as embarcações que fossem mais proprias para

aquele ataque, que eu queria que ao mesmo tempo que os atacassemos por mar, passasse a nossa tropa a atacal-os por terra; que para isto se praticar com bom successo e acerto, era preciso que ele fosse ou mandasse por terra observar a qualidade de embarcações que tinham os Castelhanos no Rio, e como ali estavam fundeados. Segurar-se nos fundos da Barra d'aquelle porto e ajustar com o general do Exercito aquele plano para de comum acordo haverem de obrar n'aquela ocasião. Mandou o chefe em consequencia d'esta ordem o Capitão de Mar e Guerra Antonio Januario a fazer estes exames e tratar com o General este negocio.

“O General disse que logo que ele não receasse as forças de Marinha que os Castelhanos tinham no Rio, ele passaria com a sua tropa, porem que emquanto eles estivessem ali tão fortes em marinha, ele o não podia fazer. Antonio Januario, sem embargo de ser um dos officiais muito capazes que tem a esquadra, n'aquela ocasião não fez pessoalmente os exames que devia, contentou-se com as informações que lhe deram, e nessa conformidade veiu informar ao chefe.

“Deu-me conta o chefe de ter mandado aquele Official, do que tinha resultado da sua comissão, e que ele julgava se não podia fazer o que eu ordenava, porque eram precisas embarcações de maior força, e que se eu quizesse fazer o que intentava, lhe mandasse embarcações competentes, que ele lá armaria. Disse-me que os dois pequenos navios que eu tinha armado em Fragatas, a Graça Divina e Nossa Senhora do Pilar, que eu já tinha armado com o fim de me poderem servir para aquella ocasião, assim como para poderem ir ao Rio da Prata, que estas não eram capazes, e isto por nenhuma outra razão, que por elas se terem armado neste porto sem ele estar n'ele.

“Esses maliciosos embaraços e indiscretas oposições a tudo o que era execução das minhas ordens, sem eu poder tirar estes homens, nem ir pessoalmente pôr ali quem com mais fidelidade se interessasse no serviço d’El-Rei, e executasse o que eu mandava; punham-me num tormento e consternação facil de avaliar” (1).

Em 20 de Janeiro de 1776 escrevia a Pombal queixando-se amargamente da falta de acção do General Böhm, do qual não conseguia, apesar das suas claras instruções e ordens, que tomasse a ofensiva, e repete o que já escrevera: “que se S. M. lhe tivesse concedido a licença que muitas vezes tem pedido, os negocios da guerra teriam tomado outro caminho com a sua presença no exercito”. Repete que ao Exercito e Armada nada falta, só falta actividade aos chefes, pois que o espirito das tropas é o melhor possível.

A 30 torna a escrever a Pombal: “Eu Senhor sempre receiei estas demoras, e que não só todas as minhas diligencias não bastassem, mas que ainda as de qualquer outro seriam inuteis e por este motivo foi que solicitei, com tanta impertinencia, por via de V. Ex. que El-Rei Meu Senhor me permitisse que eu passasse tambem com o exercito aquelas fronteiras, porque a experiencia me tinha mostrado que o character do tenente General é de nunca tomar a si resolução em que o successo d’ela não seja seguro, e que possa padecer alguma duvida por mais insignificante que seja.

“Nesta capital, vi por varias vezes seguir ele este sistema. O seu voto nunca era decisivo e isto mesmo

(1) Em 30 de Dezembro escrevia a Pombal: “Se nesta ocasião se não resolve o chefe, e o General do Exercito a reprehenderem a acção eu já perco todas as esperanças de que a possamos ter, porque o General do Exercito não só se acha com o numero de tropas de que a V.^a Exa. já remeti mapa, mas a esta hora tem já, mais 4 companhias de S. Paulo; e assim o resto do Regimento de Infantaria d’aquella Capitania, com algumas das Companhias de tropa ligeira que estão já em marcha e que dentro em breve tempo se poderão tambem unir ao Exercito.”

praticou comigo, pedindo-lhe eu o seu parecer quando ele d'aqui saiu, sobre a defesa desta Capital. Isto é o que ele continua à praticar no Rio Grande. Cuida em ter as tropas muito bem disciplinadas e prontas, mas ainda que lhe mandem o maior numero de soldados, e muitas mais munições ele nunca estará satisfeito e sempre terá de novo que requerer”.

E acrescentava: “V. Ex. deve perdoar as minhas novas supplicas, porem se eu por elas poder obter o que a V. Ex. vou novamente representar, seguro a V. Ex. que eu terei por maior felicidade. Elas consistem, em V. Ex. me conseguir da Real generosidade de El-Rei Meu Senhor, no caso das negociações com a Côrte de Espanha, não terem feito mudar o primeiro sistema com que foi formado o plano de toda esta expedição, obter-me digo V. Ex. a permissão de eu passar ao Exercito. Eu não digo a V. Ex; que ganharei as ações e que elas nos serão todas felizes, porem posso segurar que elas se hão de empreender. O Conde de Bobadela se não tivesse ido a testa da sua tropa quando passou as Missões, elas não teriam suportado com tanta constancia os trabalhos porque passaram e teria sido dificultoso ao mesmo Conde remediar muitos outros prejuisos a que a sua presença pessoal estava a todo o instante acudindo. O Conde queria estabelecer a sua reputação e mostrar a El-Rei, Meu Senhor, a sua fidelidade e o interesse que lhe devia o seu Real serviço, e para isto se conseguir a quem é honrado, não repara nem para as dificuldades, senão para as vencer; não olha para o seu descomodo, senão para o desprezar; e muito menos estima a sua vida que não seja para fazer sacrificio d'ela, a fim de conseguir para o Estado a maior Gloria”.

Em 26 de Agosto de 1775 Pombal havia dirigido ao Vice-Rei um officio em que ha entre outras coisas a

seguinte ordem muito positiva para tomar a ofensiva contra os Espanhois:

“Do clarissimo conhecimento e combinação dos referidos factos, resultou pois a decisiva resolução, que S. M. já tomara de não permitir que o dito exercito suspenda as suas operações antes de haver cumprido o que o mesmo Senhor ordenou a V. Ex. pela sua carta instructiva de 9 de julho do ano p. p. que principia com as palavras — Pela carta regia que V. Ex. recebera etc. — desde o § 33 até ao § 48 inclusivamente. E resultou a nova e mais urgente ordem, como o mesmo Senhor manda por esta participar a V. Ex. que sem a menor perda de tempo, procure V. Ex. expugnar e lançar os Castelhanos fora das fortalezas do lado meridional do Rio Grande de S. Pedro, e da vila do mesmo nome (como antes ele havia ordenado.) Aproveitando V. Ex. esta favoravel conjectura, em que o Ministerio de Madrid se acha tão consternado, e abatido, e em que chegou a confessar que não poderia mandar ao Rio da Prata forças capazes de contraporem as nossas mostrando assim tambem, que o Governo de Buenos-Ayres se acha possuido de um tal terror, por isso que exagera tanto as nossas forças ao Marquez Grimaldi, como este Ministro chegou a confessar”.

Foi pois á vista d'estas tão decisivas ordens que Lavradio se resolveu a ordenar ao General Böhm que de acôrdo com o chefe da expedição maritima MacDonall, tomasse a ofensiva, e quando este lhe havia participado que ia executar as suas ordens, e MacDonall que já havia saído com 9 embarcações para o Rio Grande, recebeu ordens do Secretario de Estado modificando consideravelmente as que anteriormente lhe havia comunicado o Marquez de Pombal. Foi pois muito grande o embaraço em que nesta ocasião se achou Lavradio, temendo não poder já executar as ultimas or-

dens, que havia recebido, pela probabilidade que havia de já ter começado o ataque, e neste estado se achavam as coisas em 21 de Fevereiro, e em 22 de Fevereiro dirigiu um officio a Pombal, officio que se compõe de 64 §§, para se justificar da ordem que tinha dado ao General em chefe para logo atacar os Castelhanos; faz até ao § 30 a narração do estado em que se achavam as coisas no Rio Grande desde a sua chegada ao Rio de Janeiro até a data do officio, a saber, dos diversos insultos e violencias praticados pelos Espanhois, com a manifesta anuencia e ordem do governador de Buenos-Ayres, assim como da resistencia do dito governador a fazer entrega do territorio que segundo o tratado de 10 de fevereiro de 1763, e as ordens do Governo Espanhol, nos devia ha muito ter sido entregue.

Do § 31 a 56 ha a narração dos insultos praticados contra a praça da nova Colonia do Sacramento e navegação do Rio da Prata.

Em consequencia do sobredito tratado tinha-nos sido entregue aquella praça, completamente desmantelada, mas não tinha sido entregue todo o Distrito, nem as Ilhas adjacentes. Impediam alem disso quanto lhes era possivel a entrada dos viveres, que o Governador de Buenos-Ayres não consentia que lhes fossem fornecidos pelos povos vizinhos, e todos lhe vinham de outros pontos do Brasil, pois a Praça nada tinha.

Tendo ajustado o Governador da Praça com o Comandante Espanhol tanto a entrega dos desertores como a dos escravos fugidos, nunca os Espanhois executaram este ponto, mas pelo contrario promoviam descaradamente a fuga de uns e outros.

Para nos perturbarem na navegação do Rio da Prata armaram corsarios que nos fizeram grande dano, e visitavam todos os navios que saiam da Colonia, e se lhes encontravam couros ou prata tiravam-lhos.

Para evitar estes atentados, que o governador da Praça Pedro José Soares não castigava com o devido vigor, foi mandado governar aquela Praça Francisco José da Rocha, o qual se mostrou severo, sabendo vingar todos os insultos.

Não obstante todos estes procedimentos do Governador de Buenos-Ayres, Lavradio, para esgotar todos os meios de prudencia, continuava a dar uma generosa protecção a todos os navios Espanhois que a necessidade obrigava a buscar recolhimento no Rio de Janeiro.

À vista d'aqueles factos, ordenou ao General Böhm, que, se o Governador de Buenos-Ayres, logo depois da intimação que lhe mandou fazer, não entregasse o territorio que pertencia á coroa de Portugal, que usasse de força, não passando porem alem dos limites do que pelo tratado nos pertencia excepto em caso de necessidade, pois então faria tudo quanto é permitido pelo direito de guerra em semelhantes casos.

"A Mac-Donall ordenei absolutamente que a ação se havia de praticar e que daqui haviam de ir as melhores embarcações que eu tivesse, e como as dos castelhanos certamente não eram melhores do que as nossas, e o numero d'elas que eu tinha determinado que fossem era superior ás que tinham os Castelhanos, que eu estava na certeza do bom successo se os nossos officiais fizessem o que deviam.

"Ordenei-lhe que estas embarcações haviam de ser comboiadas pela nossa esquadra até á boca do Rio Grande, e altura que podessem navegar as embarcações de alto bordo.

"Fiz-lhe uma instrução em que lhe determinava que a guarnição d'aquelas embarcações fosse muito escolhida em toda a esquadra, que encarregasse o comando de cada uma das embarcações aos officiais de mais prestimo, valor e actividade: que cada um destes fosse ins-

truido, e certo no que devia praticar, que a cada um se ordenasse que embarcação devia ir atacar, afim de não perderem o seu lugar. Que a mesma instrução deviam ter os segundos oficiais das mesmas embarcações, para no caso de ter algum dos comandantes a desgraça de ser morto, poder o segundo continuar a ação como se tivesse determinado.

“Partiu finalmente o chefe com as embarcações, resolveu-se sempre a levar a Fragata Graça, mas não a Fragata Pilar, chegou ao Lagamar acompanhando o chefe estas embarcações, metido em uma chalupa, que fez de más madeiras verdes e mal construida; a que chamava a sua chalupa, para donde passou do seu navio quando chegou á boca do Rio, da qual desembarcou tambem para um escaler pequeno em que foi á terra para ajustar com o general o modo do ataque; este lhe respondeu que o ataque de mar lhe não importava, que ele não embarcava a sua tropa para haver de passar a outro lado sem que fossem destruidas as forças de mar que ali tinham os castelhanos, porque de outro modo ele o não podia fazer, porque as forças dos castelhanos lhe destruiriam as que ele tinha.

“Resolveu-se o chefe a fazer entrar as embarcações, porém na peor ordem que nunca se viu, tudo causado pelo grandissimo medo em que estava. Como a barra daquelle Rio é muito má, pegam nos baixos muitas vezes as embarcações logo que levem mais alguma carga, por este motivo foi preciso ir aliviando as embarcações de alguma da sua artilharia á porção que pegavam, até safar dos baixos, e isto se foi fazendo com grande trabalho das gentes, da maréação, a qual lhe durou até 3 para as 4 da tarde que ficaram de todo safas; porem a gente toda muito cansada, sem ter comido nada até aquella hora.

“Representou o capitão tenente Frederico Azerberg, que era official que ia comandando a ação, ao chefe, que como estavam já livres do fogo das fortalezas do inimigo e egualmente dos embaraços dos baixos, que visto a sua gente estar tão cansada, não tendo até aquella hora comido nada; a maré estar quasi acabada de formar que pouco os podia ajudar, que lhe parecia mais conveniente o atacarem no dia seguinte, ficando fundeados ali, até ser hora propria de principiar o ataque, e que alem disso as mais embarcações se poderiam unir melhor para todas juntas ir fazer a ação; o chefe não esteve pela representação, ordenou-lhes que a todas mandasse dar aguardente e que atacassem como lhe tinha determinado. Mandou arvorar a sua bandeira de chefe na Fragata, embarcou-se em um pequeno escaler disfarçado com um casaco azul, muito velho, e assim andou falando pelo meio das nossas embarcações, e como parecia um official de ordens que andava distribuindo as do chefe, proibiram os castelhanos que se lhe atirasse como nós depois soubemos, atendendo tambem á cortesia com que ele passava á vista deles, indo-os sempre cortejando com o chapéu na mão.

“Principiou a Fragata Graça o seu ataque, as outras fizeram tambem o mesmo, e todos com desordem porque nenhum pôde tomar o logar que lhe competia porque como a maré lhe faltava e a corrente principiava a vir forte, cada um deu fundo aonde pôde.

“Logo no principio da ação morreu o comandante dela, que tambem o era da Fragata Graça: como todos tinham bebido aguardente em jejum, se acharam a maior parte dos marinheiros bebados e com a falta de comandante, como se não explicou da forma que eu determinei aos segundos officiais, das embarcações, o que deviam fazer na falta do seu comandante, entrou o segundo official em capricho com os outros sobre quem ha-

via ir abaixo chamar a gente que tinha fugido não querendo nenhum largar a tolda por lhe parecer ser contra a sua honra sair de um logar que estava tão exposto ao fogo para ir a outro aonde não havia o perigo das balas, e por esta causa não houve quem fizesse mais fogo na embarcação a qual esteve para ser abordada, dos castelhanos, se lhe não acudisse o capitão tenente José Correia de Mello e que com muito ardor e desembaraço fez da sua embarcação um fogo tão violento que obrigou a retirarem-se os castelhanos.

“Logo que o comandante da Graça morreu, chegou o chefe no seu escaler a bordo d’ele, e dizendo que continuasse o fogo, lhe responderam que tinha morrido o comandante, e que a fragata estava em confusão; em lugar do chefe subir para a embarcação para continuar a ação, que certamente teria sido muito gloriosa, se ele não tivesse por medo e falta de inteligencia deitado tudo a perder, a resposta que deu aos da fragata, foi que picassem a amarra e fossem para diante, e o mesmo ordenou aos outros fazendo deste modo acabar a ação.

“Deve ser para notar, que a maior parte dos officiaes que ele fez comandante das embarcações, uns eram tenentes de Infantaria, outros marinheiros que ele tinha feito voluntarios, e um tenente de mar; isto quando eu lhe recomendei, que escolhesse ele os officiaes mais capazes da esquadra, o mesmo praticou a respeito das gentes da mareação, mandando da peor que tinha os navios; porem estes mesmos, aquilo que estava da sua parte, que era a constancia e o valor o praticaram com muita distincção.

“Feita esta acção se retirou deixando lá ficar as embarcações, o general não fez nada com a tropa, e deixou-se ficar no mesmo estado em que estava.

“Neste combate perdemos 18 homens alem do comandante da Fragata Graça Divina, que combateu va-

lorosamente. Aos espanhóis matamos o comandante da sua esquadra.

“Esta ação, se não fossem os graves e imperdoáveis desastres do chefe da esquadra, poderia ter sido muito gloriosa para as armas portuguesas, mas desgraçadamente por sua falta não foi tomada a esquadra espanhola, e por sua falta não pôde o general Böhm passar para o outro lado do Rio e assenhorear-se do territorio que nos pertencia”.

O Marquez do Lavradio tinha determinado:

1.º Que Böhm mandasse entrar no Rio Pardo alguma força ligeira para inquietar os espanhóis por aquele lado.

2.º Tinha participado a Böhm que ia mandar 2 Fragatas para Colonia para inquietar os espanhóis e impedir que eles juntassem as suas forças no Rio Grande.

3.º Que depois de tudo isto praticado, o chefe da esquadra entrasse no Rio Grande e que tomasse o maior numero de embarcações pequenas que pudesse para a passagem das tropas e que logo que isto estivesse assim feito Böhm fizesse ao general espanhol a intimação que lhe havia sido ordenada, e não cedendo a ela, que abor-dasse as embarcações castelhanas e ao mesmo tempo o general Böhm, desembarçasse os pontos mais propicios e atacasse só n'elas os espanhóis.

Em 22 de fevereiro (1) prevendo as consequencias das ultimas ordens que havia recebido do Secretario de Estado Martinho de Mello e Castro para não tomar a ofensiva em contrario de que precedentemente lhe havia sido muito positivamente ordenado, prevendo que da resolução que ele havia tomado de mandar entrar

(1) Officio para o Marquez de Pombal.

no Rio Grande a esquadilha para coadjuvar o ataque do General Böhm, se poderiam seguir graves complicações para a politica que o nosso gabinete parecia ter ultimamente adoptado para com o de Madrid, redigiu o Marquez em forma de manifesto, um relatorio dos insultos praticados contra o Rio Grande e Colonia por ordem do Governador de Buenos-Ayres, e da prudencia com que ele os havia rebatido, e finalmente da resolução que ultimamente havia tomado de castigar aqueles insultos e de se apoderar por meio de armas do territorio que indiscutivelmente nos pertencia em consequencia do que se havia estipulado no tratado de 10 de fevereiro de 1763. N'este manifesto porem não menciona o Marquez as ordens que tinha recebido do seu Governo para tomar a ofensiva, pelo contrario toma a si toda esta responsabilidade, sacrificando se fosse necessario a sua liberdade e vida à nova politica do Governo, o que claramente se vê no officio dirigido ao Secretario de Estado Marquez de Pombal, que acompanhou o sobredito Manifesto.

O nosso poeta Nicolau Tolentino d'Almeida faz menção d'esta heroica acção em umas quintilhas oferecidas ao Marquez de Lavradio.

“Que ofereceis a vida então

“Para a palavra salvar-se,

“Que os bons Reis não dão em vão

“Ação digna de contar-se

“Entre as de Mario ou Catão. (1)

Não só o chefe da esquadra Mac-Donall foi culpado de não ter a expedição o resultado que devia ter, mas

(1) Foi talvez em consequencia d'este acto que se imputou ao Marquez de Pombal o crime de ter oferecido aos Espanhois a cabeça do Marquez de Lavradio, a troco da paz nas regiões americanas, segundo refere Rocha Martins a pag. 76 do seu trabalho “O Marquez de Pombal des-terrado”.

tambem o Tenente General Böhm, tendo tanto um como o outro deixado de executar as ordens que ele, Marquez do Lavradio, havia dado.

Böhm durante o combate das duas esquadras não fez aproximar nenhuma força do litoral, nem fez ao Comandante Espanhol a intimação que lhe havia sido ordenada, contentando-se em ser mero espetador do combate. Havia contudo executado as ordens relativas ao ataque pelo lado do Rio Pardo, pelo que o governador do Rio Grande e o Sargento-Mor Rafael Pinto Bandeira atacaram os espanhois e se fizeram Senhores das campanhas de Santa Tecla.

As instruções porem que o Marquez havia expedido em 15 de janeiro e que havia recebido em officio do Marquez de Pombal, collocavam-no em uma muito difficil posição; pois que vedando-lhe a offensiva deixavam-no ao mesmo tempo em justa desconfiança das intenções do Gabinete de Madrid. N'estas circumstancias deu ele as convenientes instruções tanto ao Comandante em chefe do Exercito como ao da esquadra, ordenando-lhes que cessassem a guerra offensiva; mas que não largassem os pontos que haviam tomado, que rebatessem qualquer ataque da parte dos espanhois e que não sofressem d'elles nenhum insulto. Desarmou uma fragata, e deu algumas outras demonstrações de ter recebido ordens para acreditar nas declarações pacificas que o governo espanhol havia feito ao nosso.

Não tendo podido ter conhecimento das novas ordens do governador, o general Böhm executou com effeito as que primeiro lhe havia dado o Marquez do Lavradio, tendo a felicidade de tomar os fortes na Provincia de Rio Grande de S. Pedro, e uma grande parte dos territorios, que os Espanhois nos haviam tomado e não tinham querido restituir.

A ação foi começada na noite de 31 de março e concluída em 2 de abril com grande gloria para as armas Portuguezas, que na America nunca haviam alcançado tão grandes vantagens contra tropas regulares. Havia 13 anos que os espanhois nos tinham feito aquelas conquistas.

As forças Portuguezas compunham-se de 3 regimentos de infantaria europeias: Moura, Estremoz e Bragança; do primeiro Regimento do Rio de Janeiro e 3 companhias de tropa ligeira. Uma parte desta força estava empregada em guarnecer os diferentes passos, e a outra estava reunida, que eram os 3 regimentos da Europa, o do Rio de Janeiro e companhias de infantaria do Continente, 3 companhias de artilharia, esquadrão do Rio de Janeiro, um piquete de Dragões.

As forças maritimas compunham-se de 12 embarcações.

Os espanhois tinham na Vila do Rio Grande e suas vizinhanças 3 regimentos de infantaria, dragões e artilharia e alguns corpos de milicias. No mar 9 embarcações. Tudo isto alem das Fortalezas. Estavam as tropas do comando do General Böhm acampadas junto á margem do Rio em frente dos espanhois, que haviam fortificado todo o litoral.

Na madrugada do primeiro de abril de 1776 resolveu o general começar o ataque mandando atacar a fortaleza de S^a. Barbara pelas companhias de granadeiros de Estremoz e Rio de Janeiro comandadas pelo Major de Estremoz, fazendo simultaneamente atacar o porto de Trindade pelos granadeiros de Moura e Bragança comandados pelo Major deste ultimo regimento, e fazendo logo depois partir em socorro da 1.^a expedição o Brigadeiro Chefe do regimento de Estremoz com 300 homens do seu corpo, e da segunda com outros 300 o coronel do regimento de Bragança.

Renderam-se os 2 fortes depois de possível resistencia, ficando prisioneiras as suas guarnições; os espanhois no dia seguinte 2 de Abril abandonaram a vila de Rio Grande e todas as outras fortificações e retiraram-se precipitadamente para o Forte de Sa. Teresa, 60 leguas distante do Rio Grande.

A esquadra espanhola saiu depois de haver sofrido grande perda. Dos navios espanhois encalharam 3, ficaram incendiados outros 3, de sorte que só 3 se salvaram.

Emquanto Böhm passava o Rio Grande e tomava a vila de S. Pedro, era o forte de S^a. Tecla (1) atacado e tomado pelo Sargento Mor Rafael Pinto Bandeira á frente de 400 homens. Os espanhois que defendiam este forte mostraram grande covardia, pois o entregaram quando nada lhes faltava e tinham o necessario para esperarem o socorro que lhes ia ser enviado. Lamentou, com muita razão, o Marquez, que tudo isto não fosse executado havia 10 mezes, assim como ele o havia ordenado ao General Böhm e a Mac-Donall, pois grandes seriam as nossas vantagens se tais conquistas se tivessem feito antes das novas ordens do Governo.

“Emquanto isto se foi executar, recebi eu um officio de certo para mim o mais sensivel que tenho recebido em toda a minha vida, em que me dizia o Secretario d'Estado Martinho de Mello: que se fazia sumamente reparavel a demora que tinha havido em se pôr em execução o que S. M. tinha ordenado se executasse com o exercito a respeito dos Castelhanos: que os capciosos e sinistros fins porque isto se não tinha feito, ainda ao certo não podiam de todo constar á nossa Cõrte, que a demora tinha feito que tudo o que agora se praticasse daqui em diante poderia ser de consequencias muito funestas. A copia dos paragrafos deste officio

(1) 25 de março.

mandei-a imediatamente ao Tenente General ordenando-lhe que de acôrdo com o Chefe d'Esquadra tomasse a ofensiva.

“Böhm logo que a recebeu se resolveu a ir fazer o que até ali não tinha querido praticar; dispôs á sua acção, fez passar o corpo de tropas que lhe pareceu competente para atacar os inimigos e surpreende-los o que conseguiu com muita facilidade e nesta ocasião não se lembrou dos embaraços que tinha dito, nem das forças que os Castelhanos tinham no Rio, nem da dificuldade de embarcações, servindo-se das mesmas que tem desde o principio, e as forças dos Castelhanos no mar sendo maiores que eles nunca ali tiveram.

“Agora verás tu a bôa Fé que teem tido todos estes meus camaradas, que cá me mandaram para me ajudar e serem executores das minhas ordens.

“No mesmo dia em que isto se executou no Rio Grande, recebo outro officio da nossa Côrte mandando que tudo se sustasse, porque de novo principiava a tomar melhor figura a negociação da nossa Côrte com a de Madrid, que communicasse esta noticia ao General do Sul para ele a comunicar aos Espanhois, e que as tropas contramarchassem lentamente, de forma que parecesse que nos retiravamos; porem isto feito em tal compasso que não largassemos de todo o Continente sem novas ordens. Quiz a Providencia que para eu mostrar a bôa Fé em que estavamos, casualmente viessem aqui duas setias de guerra Castelhanas, vindas de Buenos Ayres, e uma delas com a maior parte dos Officiais que viham dos que tinham estado na acção do Rio Grande.

“Tratei a todos estes Officiais e ás suas guarnições com a maior benevolencia, e agasalho que me foi possivel, fiz-lhes todas as distincções e me congratulei com eles pela noticia de estarem todas as nossas disputas

acabadas, e os Soberanos cultivando entre si a mais sincera amisade.

“Logo depois de sairem estes hospedes, me chegou um navio de Lisboa com a noticia de ter encontrado umas Naus e Fragatas Castelhanas na altura das Canarias, que lhe deram caça, e indo o nosso navio á fala lhe fizeram o mais rigoroso exame para ver se trazia munições de guerra para o Rio de Janeiro, dizendo-lhe que se as trouxessem, lhas haviam de tirar para evitar que o Senhor Carvalho continuasse a praticar as falsidades com que estava enganando a sua Côrte, que eles não embaraçavam o commercio, mas que não haviam de consentir que nos viessem mais forças para o Brasil, escondidamente, contra a boa Fé, que S. M. Catolica estava praticando connosco.

“As vias que nesta ocasião vieram para mim, para não serem interceptadas dos Castelhanos as deitou o Capitão do navio ao mar, na conformidade de ordem que trazia, de sorte que eu fiquei sem saber o mais que havia de novo.

“Estando com este grande cuidado alguns dias, chegou outro navio e por ele recebi um officio com ordem do que devia fazer o General do Exercito do Sul, o General da Ilha de S^a. Catarina, o Governador da Colonia e a nossa esquadra (1), dizendo-se-me, que se jul-

(1) Set. Martinho de Mello e Castro escrevia: Ill.^o Ex.^o Sr. O importantissimo estabelecimento da Ilha de S.^a Catarina, tem feito até o momento em que escrevo estas poucas regras, o maior objecto do nosso incessante cuidado. Confiada porem a defesa daquella conquista á vigilancia de V. Ex.^a na forma que V.^a Ex.^a verá dos officios que lhe são dirigidos pela Secretaria do Estado dos Negocios do Reino, tendo a certeza de que a actividade de V. Ex.^a não omitirá disposição alguma que possa ser necessaria para fazermos inuteis todos os vastos projectos dos nossos inimigos. Não posso porem deixar de lembrar a V. Ex.^a, que nenhum socorro poderá ser nem mais precioso, nem mais importante, que o de concordia, e união reciproca, entre o Marechal de Campo Antonio Carlos Furtado, o Brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, o Coronel Pedro Antonio da Gama Freitas, e o Chefe da Esquadra Roberto Mac-Donall; de sorte que elles se persuadão, e convenção, que se as acções de cada um, em casos semelhantes, são cumulativas, e correlativas a todos quatro; e que entre elles se

gasse infalível o vir a esquadra Castelhana atacassemos, ou pela Ilha de S^a. Catarina, ou pelo Rio Grande de S. Pedro, e como se me determinava o que se devia praticar em qualquer destas partes, fiz copiar os paragrafos deste officio que pertenciam a cada um dos Comandantes, e lhas remeti para o seu Governo, e ao chefe da esquadra ordenei tambem que me parecia conveniente que ele viesse a este porto para melhor ajustarmos o que devia fazer a esquadra segundo aquelas ultimas ordens, as quais consistiam em que a nossa esquadra de nenhuma forma atacasse a esquadra inimiga, que evitasse quanto fosse possivel o combater-se com ela, que a não esperasse no porto de Santa Catarina, porque ali ficaria sumamente arriscada, que a recolhesse em um porto das Garoupas, ou no Rio Grande, sendo para notar que neste ultimo porto nunca poderão entrar senão sumacas, ou embarcações que demandem muito pouca agua, e nele é que mandaram recolher Naus e Fragatas de Guerra.

“Veiu emfim o Chefe, e ao segundo dia de ele aqui chegar e lhe ter parecido muito bem a resolução da Côrte, por ser conforme á nenhuma vontade que ele tem de se ver com os inimigos, chega-me um hiate despachado pela nossa Côrte com um officio em que se mudava o plano de defesa da Ilha de S. Catarina, ordenando-se-me que mandasse logo marchar para aquela Ilha o Brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, o qual já por ordem da mesma Côrte o tinha feito passar á Bahia.

“Ordenava mais a Côrte que a esquadra defendesse o porto de Ilha de S^a. Catarina, conservando-se entre as fortalezas, e que na mesma Ilha se fizesse uma cadeia das embarcações mercantes que fosse possivel, nas quais

devem desterrar os caprichos, e emulações, e as discordias, que sempre tem sido origem de fataes e infelises acontecimentos principalmente em acções militares.

se montasse artilharia para ficarem servindo como Batarías nadantes que ajudassem a defesa do mesmo porto.

“Li estas ordens ao Chefe, pôs a mão no cabeça, dizendo-me em altas vozes que isto se não podia executar, e que ele de tais medidas se não queria encarregar, que as informações que a Côrte tinha áquele respeito todas eram falsas, que ele queria responder áquele papel porque certamente não havia de executar o que ali mandava por ser contra o interesse d’El-Rei. Que ele acabava de chegar do porto daquela Ilha, aonde tinha examinado tudo com muito miudeza, e que via não ser praticavel cousa nenhuma do que nas ultimas ordens se ordenava.

“Dei-lhe as mesmas ordens originaes que me vieram, tornou-m’as a trazer com a resposta que remeti por copia á Côrte, deve notar-se, que este tom fero e altivo, com que o mesmo Chefe se opôs á execução destas ordens, se lhe aumentou nesta ocasião pela honrada carta de agradecimento que recebeu da Côrte em nome de S. M. ao mesmo tempo que ele esperava ser castigado, e tirado daquela comissão pelos inexplicaveis desacertos e insultos que tinha feito, já mostrando por varias vezes fraqueza, injuriando a todos os Officiaes da Esquadra e faltando em tudo ao respeito e obediencia que devia ter ás minhas ordens; falando publicamente contra mim, contra todos os Generais de S. M. até ao ponto de dizer em publico diante de todos os Officiaes, que os Fidalgos Portugueses e toda a Nação não eram senão uns traidores, e ignorantes, e que emquanto S. M. não mandasse tirar a cabeça aos Generais que tinha, nunca havia de ser bem servido.

“Com a carta de louvor que veiu para o Chefe (1), se me dirigiu um officio, repetindo-se-me as qualidades admiraveis que tinha aquele official, que era verdade que

(1) El-Rei tinha escrito ao general Bôhm e ao chefe Mac-Donall, louvando-lhes a sua conduta nas acções de 19 de Fevereiro, 26 de Março e 1 e 2 de Abril,

tinha algumas grosserias naturais da nação Inglesa, e muito mais dos que seguem a vida de mar, mas que essencialmente ele era um official de merecimento de que eu podia tirar muita utilidade para o serviço de S. M.; que isto tudo devia proceder das intrigas que havia na esquadra, assim como no exercito tinha succedido no ano de 1762 com o Marechal Lippe, em que n'aquella occasião tudo chegaria á maior desordem se o Marquez de Pombal não fosse mandado ao Exercito a pôr tudo no socego e boa ordem, em que ao depois ficou, que S. M. confiava de mim que eu agora fizesse o que o Marquez então fez, que d'esta forma tudo socegaria e que me serviria com gosto d'aquelle official.

“Eu que nunca vi intrigas no nosso exercito, que não sei o que o Marquez lá foi fazer, que nunca me constaram havel-as n'esta esquadra, antes pelo contrario vi sujeitarem-se todos com o maior respeito a humildade, aos furores e desabrimentos com que os tem tratado aquelle official, vendo ao mesmo passo que ele de nenunhma forma se queria sujeitar ás ordens, me resolvi a fazel-o partir d'este Porto para a Costa da Ilha de S. Catarina, com a carta de ordens de que remeti copia á nossa Corte, não lhe determinando positivamente nem que fosse para dentro do Porto para o defender, nem que fosse encontrar a esquadra para a atacar na viagem, dizendo-lhe substancialmente que o destino da nossa esquadra era para a defesa dos nossos portos e para destruímos com ela as forças dos nossos inimigos; que ele debaixo desta ideia regularia os movimentos da esquadra como lhe parecesse mais proprio para se executarem e conseguirem os fins a que ela se dirigia”.

Ao findar o ano de 1776 o Vice-Rei era obrigado a queixar-se novamente do character do chefe Mac-Donall, altivo tanto com os superiores como com os infe-

riores, e contava o muito que lhe havia sofrido para obedecer as ordens de S. M. e os esforços que tinha feito para que os officiaes seus subordinados lhe conservassem o respeito.

Torna a renovar o sentimento de lhe não ser permitido ir ele em pessoa comandar o exercito e a este respeito diz o seguinte e já por varias vezes repetido por outras palavras:

“Como El-Rei, meu Senhor, não permite que eu ali vá, eu não posso fazer mais que repetir áquele general o que eu entendo se deve executar, auxilia-o com tudo o que posso; o resto depende d’ele.”

Em 19 de Novembro é obrigado a queixar-se da falta de dinheiro para pagar ás tropas e tripulação da esquadra, e diz que para fazer face a parte d’esses pagamentos vae contrair um emprestimo de 80 contos, mas que se achar difficuldade lançará mão dos quintos.

Por muitas vezes tinha o Vice-Rei sido avisado de que em Cadiz se estava preparando a expedição que devia vir atacar as Possessões Meridionais do Brasil, Houve porem acontecimentos, entre outros o ataque a Argel, que impediram o Governo Espanhol de executar os seus intentos, até que finalmente em Janeiro de 1777 recebeu Lavradio a participação de haver saido de Cadiz no dia 12 ou 13 de Novembro de 1776 a expedição Espanhola comandada pelo General D. Pedro Cevallos, a qual, segundo se dizia, era composta de 137 velas; incluindo n’estas 6 naus de linha e 13 fragatas de guerra, transportando todos estes navios 10.000 homens de desembarque. Esta noticia participou immediatamente o Vice-Rei aos Generaes Böhm, Antonio Carlos, Mac-Donall e Governador de S. Paulo.

Partiu finalmente a esquadra e foi para o porto de Garaupas, que era o que ele me tinha dito ser o mais

proprio para estar a esquadra, e d'ali fazer todos os serviços que podessem ser importantes.

“Depois de ali estar algum tempo, me escreveu, dizendo-me, que ele via não sêr aquela paragem tão boa para se poder defender a Ilha de S. Catarina como ele tinha imaginado, que indo para junto da Ilha, ficando no Arvoredo, d'ali poderia melhor fazer aquela defesa. Repondi-lhe imediatamente, dizendo-lhe que eu lhe aprovava muito aquela resolução, muito principalmente por sêr ela a mais conforme ás Reais ordens de S. M., as quais não deviam nunca têr alterações, excepto quando a pratica mostrasse na execução das mesmas ordens, que d'elas se executarem se não seguiam ao Real Serviço, aquelas vantagens e utilidades para o que elas tinham sido dirigidas.

“Com a minha resposta partiu logo o Chefe para o sitio do Arvoredo: “No dia 12 de fevereiro de 1777 Mac-Donnall saia da enseada dos Garoupas para fazer curso defronte da bôca do Porto de S. Catarina; no dia 16 fundeava ao pé da Ilha do Arvoredo e no dia 17 o “Invencível” fazia sinal de inimigo; em menos de ½ hora a esquadra toda fazia-se de vela, ao 1/2 dia avistava o inimigo verificando que as naus e fragatas rodeavam os transportes.

A Esquadra Espanhola compunha-se de 7 naus, 12 fragatas, e Mac-Donall entendia não poder tentar a batalha por isso que só dispunha de 4 naus e 3 fragatas, e a desigualdade era tão grande que não podia ter esperança de vencer e não queria arriscar a destruição da esquadra tendo recebido ordens para defender a Ilha de S. Catarina “até á ultima extremidade” o que faria “até ao ultimo minuto da minha vida porque o retirar do inimigo é bem contra o meu costume” (1).

(1) Carta de 19 de fevereiro para o Vice-Rei.

A 16 ou 17 de fevereiro foi avisado pelo comandante José Antonio de Mello, de que no dia 16 tinha encontrado a esquadra espanhola.

“Apenas Mac-Donall recebeu esta noticia, saiu logo com a esquadra, não para atacar a Espanhola, mas sim para demandar o Rio de Janeiro, e foi tal o medo com que viu a esquadra que quando se não viam mais que 30 embarcações, contou ele 200, teimando que as nuvens que via no horizonte eram naus de guerra (1), e foi tal a precipitação com que fugiu, que nem se despediu do General e Governador, e apenas escreveu ao General a seguinte carta: *“Aqui mando a V. Ex. as lanchas só com os patrões, estimarei que V. Ex. se sirva d’elas n’aquillo que precisar e na ocasião, não posso escusar mais gente porque o inimigo está á vista”*”.

No dia 21 de abril a esquadra aprisionava uma das melhores naus espanholas “S^o. Agostinho” que montava 74 pessoas e era comandada por D. José Fechain.

O combate durou 5/4 de horas, tendo os espanhóis tido 4 mortos e 24 feridos e nós 14 feridos sendo um de gravidade. Mac-Donall depois desta acção foi para o Rio de Janeiro não só porque tinha 2 naus incapacitadas, mas ainda porque fizera 750 prisioneiros que lhe era difficil manter a bordo.

“Vinham, no primeiro dia que se viam as embarcações Castelhanas, todas em tal desordem, que toda a esquadra quiz que o chefe atacasse; n’esta mesma figura se conservaram 2 dias, até que ao 3.^o se puzeram em melhor ordem, e principiaram a ir entrando para a Ilha. Chamou, então, o Chefe aos comandantes para lhe ouvir o seu parecer a respeito de atacar ou não a es-

(1) Martinho de Mello escrevera em 29 de setembro de 1776, avisando de que a esquadra e armamento que se estavam preparando em Cadiz eram destinados para os Portos meridionais do Brasil, sendo os principais pontos de ataque a Colonia do Sacramento, Rio Grande de S. Pedro e Ilha de S.^a Catarina,

quadra, mostrando aos Comandantes os paragrafos das primeiras ordens que tinha tido, quando se lhe ordenava que não atacasse nem expusesse a esquadra, e ocultando-lhe as outras que eu lhe li, e que ultimamente lhe mandei dizer na enseada dos Garoupas para ele ir de mais perto defender a Ilha de S^a. Catarina, em consequencia do que ele disse aos comandantes, e não ser já tempo para atacar, por estar já a esquadra quasi toda de dentro, todos votaram que não atacasse, e só José de Mello foi ainda de parecer de atacar. Resolveu-se o Chefe a largar a Ilha e aquella costa e vir para o Rio de Janeiro com toda a esquadra dar-me parte d'aquella grande acção”.

Depois de ter encontrado as 2 fragatas de Montevideu que vinham esperar a esquadra espanhola, ás quais deu apenas uma pequena caça, deixando-as depois escapar, continuando a seguir a sua viagem para o Rio de Janeiro. Lavradio relatando isto ao Visconde de Vila Nova de Cerveira escreve: “eu não sei como o não mandei logo inforçar, não houve cousa má contra aquelle homem que eu não lembrasse praticar, foi-me preciso uma prudencia e um sofrimento que eu nunca julguei o podesse têr até aquelle ponto. Eu recebi este homem como tu podes julgar. Eu lhe disse: V. S. quiz perder a acção que nos era mais importante, e nos poderia sêr de infinita gloria, eu não tenho jurisdicção para fazer o que entendo, S. M. será quem julgue este successo, teve a petulancia de a mim mesmo me responder que as ordens de El-Rei lhe determinavam que ele não arriscasse a esquadra, querendo-me negar até a mim as ordens que lhe li e lhe dei e até o que lhe mandei dizer ás Garoupas (1).

(1) Em 10 de Março de 1777, participava a Martinho de Mello ter recebido a noticia de haver chegado a esquadra Castelhana ao porto de S.^a Catarina no dia 21 de Fevereiro para fazerem o seu desembarque no dia

“Os Castelhanos achando o porto desembaraçado entraram á sua vontade, e principiaram a convalescer do grandissimo medo com que tambem vinham, pois consta por todas as noticias, que quando viram a nossa esquadra segundo a má ordem em que vinham todos os navios Castelhanos, e a má gente que traziam, que todos eles ficavam perdidos, e sobre o nos atacarem ou deixarem de o fazer, houve uma tal disputa entre o General de Mar e D. Pedro de Cevallos que é o General do Exercito, que foi logo constante a toda a esquadra e assentaram em nos não atacarem, e fugirem por todos os modos possiveis de serem por nós atacados.

“A retirada d’esta esquadra, fez grande impressão no animo dos que estavam para defender a Ilha de S. Catarina, eles vendo a imensidade de embarcações que entraram no porto, julgaram que sem termos tambem forças de mar se não poderia defender a Ilha, porem o general e o Governador que logo me escreveram dando-me parte dessa novidade, e dizendo-me, que sem embargo de verem todas estas forças, que as nossas tropas, e eles se achavam com muito desafogo em a resolução de fazerem os ultimos esforços para se defenderem; isto me deu mais alguma consolação; e immediatamente mandei aprontar um corpo de 800 homens escolhidos, e nomeei o Coronel Francisco Antonio da Veiga e o Tenente Coronel D. João Correia de Sá para estarem prontos a marcharem com o sobredito corpo pela via de terra a socorrer a dita Ilha. Igualmente avisei ao Governador de S. Paulo para a mandar socorrer, e o

22, mas que tendo noticias (posto que não dadas pelo General nem Governador) até 25 não lhe constava que tivesse havido acção alguma.

N’esta mesma data participa a Pombal a chegada da esquadra Castelhana á Ilha de S. Catarina, e que havia desembarcado alguma tropa na Ponta dos Canavieiros, sem que o General Castelhana tivesse feito comunicação alguma, nem ao General Antonio Carlos Furtado, nem ao Governador da Ilha mas que até 25 de Fevereiro nenhuma acção tinha havido.

mesmo se fez ao General do Sul para de lá mandar o socorro que pudesse”.

Ordenou ao chefe de esquadra Mac-Donall que saísse com a esquadra para cruzar entre o Porto de S. Catarina e o Rio de Prata para embaraçar a comunicação dos Castelhanos com os seus postos do Rio de Prata e ao General Böhm que atacasse antes que os Castelhanos tivessem tempo de aumentar as suas forças do Rio da Prata.

O plano do Vice-Rei, segundo se depreende do seu officio era: que a Ilha se defendesse até chegarem os socorros que marchavam de S. Paulo e Rio de Janeiro, que deviam tomar os pontos do Continente proximo; que feito isto e reconhecendo a impossibilidade de defender por mais tempo a Ilha, esta devia sêr abandonada pelas nossas forças, as quais concentradas no Continente proximo, e combinadas com as da nossa esquadra, aniquilariam completamente os Castelhanos tanto por falta de viveres, que na Ilha não achavam e que lhes não podiam vir de fora, como por falta de meios de defesa. E enquanto estes esforços se faziam contra a expedição Castelhana devia o General Böhm tratar de alcançar uma acção decisiva nos outros pontos.

Apezar de tudo isto, lembra a Pombal, que nem os Generais, nem o chefe de esquadra foram escolha d'ele Lavradio, mas sim do Governo, e que estes homens nunca têm executado as suas ordens á risca, e que portanto ele não pode responder pelo bom exito, sobretudo não lhe tendo S. M. permitido licença para se achar no teatro da guerra, unico meio que ele tinha de obrigar os chefes a cumprirem os seus deveres.

Estando o General na disposição de se defender por ter a Ilha fortificada em todo o melhor modo que tinha sido possivel, achando-se com muitas munições de guerra e até de bôca, tendo entre tropas regulares e irregulares 3 para 4 mil homens, de repente aparece o

General mostrando alguma duvida n'esta defesa, cousa que fez a todos grandissimo espanto" (1).

De 21 para 22, começaram os espanhois a desembarcar, sem opposição alguma na falda do Monte de S. Francisco de Paula, proximo á ponta dos Canavieiros que dista $\frac{3}{4}$ legoa de Ponta Grossa. A força que ali desembarcou compunha-se de 6 Regimentos de Caçadores e 12 peças de Artilharia. Logo que desembarcaram começaram a fazer fogo para os matos visinhos temendo alguma emboscada.

Mandaram os Castelhanos dizer ao Governador da Ponta Grossa Capitão Simão Roiz que se mudasse e lhe entregasse aquella Fortaleza, que aliás seriam passados á espada. Respondeu-lhe o Governador que ele não podia dispôr d'aquella Fortaleza sem ordem do General que a governava, que ele fazia aviso ao General e que obraria segundo o que este determinasse.

Recebendo o General esta noticia, chamou ao Governador da Ilha, e ao Brigadeiro José Custodio, e lhe comunicou o recado recebido do Governador de Ponta Grossa, dizendo-lhe, que segundo as forças com que estavam os Castelhanos, lhe parecia impossivel que a fortaleza podesse resistir, e que fazendo a fortaleza resistencia, nos punhamos no risco não só de se perder a fortaleza, mas de perdermos a gente que lá tinhamos para a defender, a qual nos viria depois a fazer uma grandissima falta; que a ele lhe parecia largassemos a fortaleza, salvassemos a gente, para a ajuntarmos onde ela podesse ser de maior utilidade. Opuzeram-se a isto aqueles 2 officiais: ordenou o General fossem eles ambos tor-

(1) Em 20 de Julho de 75, Lavradio havia dirigido um officio a Pombal dizendo: "Em S. Catarina continua o General Antonio Carlos com grande força o trabalho na sua defesa. Eu lhe tenho dado tudo quanto tenho podido, assim em dinheiro como em munições, todos os petrechos necessários para trabalhar na defesa.

nar a examinar aquela parte e que voltassem á sua presença para melhor poderem dár o seu parecer.

Foram a este exame, e logo no caminho disse o Brigadeiro ao Governador: "A vontade do General é que isto se entregue, ele responderá por este negocio. O Governador lhe respondeu que ele sempre havia dizer o que entendesse. Chegando ao logar, disputaram o sêr justo conservar-se, ou não aquele posto: o brigadeiro com grande arte fez persuadir ao Governador sêr conveniente o largal-o: voltaram com a resposta ao General, porem antes de lhe dizerem o seu parecer e de lhe irem as ordens do mesmo General, o Camandante da Fortaleza se retirou com a sua guarnição.

Mandaram os Castelhanos o mesmo recado ao Governador da Fortaleza de S^a. Cruz: ele deu ao General a mesma parte que lhe tinha dado o Governador de Ponta Grossa. Duvidou por algum tempo o General Antonio Carlos sobre o partido que devia tomar, posto que desde logo se mostrasse inclinado a retirar-se para o Continente e a abandonar a Ilha, hesitava porem em consequencia das ordens muito expressas do Vice-Rei para resistir quanto tempo fosse possivel, ordenando-lhe que só se retirasse para o Continente *depois de uma assinada e exemplar resistencia.*

Pareceu ao General que devia fazer um conselho de guerra com todos os officiaes maiores que tinha á sua ordem na Ilha, e resolveu-se que deviam sêr executadas as ordens do Vice-Rei.

N'essa mesma noite de 24 de Fevereiro tendo o Governador da Ilha recebido um officio do Governador da Fortaleza de Anhatomerim (1), participando que o General espanhol lhe tinha intimidado que capitulasse; que lhe havia respondido que nada podia fazer sem as

(1) Officios de Antonio Carlos para o Vice-Rei em 25 de Fevereiro de 1777.

ordens do Governador, reuniu novamente um conselho presidido por ele General Antonio Carlos Furtado de Mendonça, e a que assistiram o Governador da Ilha Coronel Pedro Antonio Da Gama e Freitas, o Brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, os Coroneis Antonio Freire d'Andrade e Pedro de Moraes e Magalhães, o Tenente Coronel João Gregorio Ribeiro de Siqueira, os Majo- res Manuel Vieira Leão, João de Figueiredo Pinto e Caetano da Silva Sanches e o auditor Luiz Antonio Roberto da Silva Garção.

O General disse-lhes: que eles bem viam que a nossa esquadra se tinha retirado; que igualmente viam as grandes forças com que vinham os Castelhanos; que ao porto d'aquella Ilha não ficava outra defesa que a das Fortalezas, que a da Ponta Grossa já se tinha rendido, que o mesmo recado que eles mandaram ao Comandante d'aquella, tinha já mandado ao de S. Cruz, que ele lhe constava que para a parte dos Canavieiros tinha já saltado bastante gente em terra; que se lhe davam parte de se terem ouvido alguns tiros na barra do Sul, em cujas circunstancias ele julgava se veriam cercados dentro em muito breve tempo, e que seriam ou passados á espada, ou ficariam todos prisioneiros e que se não tomassem uma pronta resolução sobre aquella materia depois seria tarde, e se não poderia salvar a tropa, e as munições que ali tinhamos, que as ordens que tinha lhe diziam que no ultimo caso se não poder defender, se houvesse de ir fazer forte em terra firme, no logar que tivesse escolhido para os seus armazens de sobresalente, que a ele lhe parecia que tudo se devia retirar, passando para o posto aonde estavam os sobreditos armazens. Todos os Officiaes do Conselho foram do mesmo parecer, com exceção do Governador que disse que o seu parecer era que se defendessem, que a Ilha estava toda fortificada, que tinha muitos passos

difficultosos, e que estes estavam em defesa; que os soldados e habitantes da Ilha estavam muito animados para a defesa; que era verdade que o Vice-Rei dizia nas suas ordens, que no ultimo caso de aperto estivesse prevenido um lugar seguro na terra firme para onde nos retirássemos, e nos fizéssemos fortes porem que se dizia nas mesmas ordens, que isto se devia praticar depois de têr feito uma exemplar e rigorosa resistencia, e no caso de vêr que só aquella não tinha bastado, é que o Vice-Rei ordenava se retirassem, que até aquele ponto se não tinha atirado mais que um só tiro, que o seu voto era que 1.º se defendessem e depois o tempo mostraria o mais que se devia fazer. A isto se opôz logo José Custodio com termos descomedidos, o General sustentou o que o Brigadeiro dizia, e todos os Officiaes instaram no que tinham dito, e porque o Governador não cedia, não havia termos fortes com que o não tratassem, durante esta disputa desde as 7 horas da tarde, até ás 4 da manhã, em que o Governador cedeu em desesperação, diz ele que estando já fora de si. (1).

Em consequencia desta resolução de que se lavrou o competente auto por todos assinado, foi a Ilha abandonada aos Espanhois.

O General D. Pedro Cevallos mandou uma circular com o manifesto de declaração de guerra, mas quando esta chegou já o Marechal de Campo Antonio Carlos se havia retirado para o Continente, de sorte que o manifesto foi entregue ao ajudante d'Ordens Antonio de Mello e Castro.

O Governador de São Paulo, logo que teve noticia da chegada da expedição á Ilha, partiu para a Praça de

(1) O Governador insistia para que se executassem as ordens do Vice-Rei e que se não abandonasse a Ilha senão depois de uma regular resistencia mas finalmente cedeu ao voto dos outros. Lavradio considerava o Governador homem de sentimentos honrados porem de curtos talentos.

Santos para fazer marchar um terço auxiliar que ali tinha pronto.

O General Böhm tinha mandado marchar em socorro da Ilha o Coronel Rafael Pinto Bandeira com . . . 1.200 homens e tendo este mandado aviso que seguia a marchas forçadas, quando este aviso chegou á Laguna, havia já 4 dias que a Ilha estava entregue (1).

Assentando-se neste negocio se concordou retirar tudo, e receberam esta ordem com tanto desgosto ás tropas, que se puzeram logo na maior debandada.

O Regimento de terra que tinha trabalhado muitos mezes e com grande gosto nas diferentes trincheiras, baterias e redutos que se fizeram para defender a Ilha e os passos importantes e vantajosos que ela tem, e que se achavam n'aqueles postos com grande ardôr e desejo de os defender, vendo-lhe ficar inutil o seu trabalho e que ficavam desamparadas as suas casas e familias, muitos destes quebraram as armas, e se meteram no mato, tirando os seus uniformes e disfarçando-se de paisanos, e não quizeram seguir o Regimento; as mais tropas com pouca differença fizeram o mesmo, e só o Regimento de Porto teve mais alguma constancia.

E' de notar que o Vice-Rei tinha dado todas as providencias para que a ilha não carecesse de tudo que lhe era necessario para a sua defesa, e com efeito alem das tropas regulares e irregulares que se compunham de 4.000 homens, estava abastecida de munições e viveres e com as suas fortificações bem reparadas.

Alem disso a divisão naval do commando de MacDonall compunha-se de 5 naus:

S. Antonio — comandada pelo chefe Robert MacDonall.

(1) Officio de 3 de abril de 1777 de Lavradio para Martinho de Mello.

N. S^a. dos Prazeres — comandada por José de Mello

N^a. S. de Ajuda — comandada por D. Francisco Xavier Telles.

N^a. S^a. de Belem — comandada por Antonio Januario.

S^o. Agostinho (que havia sido tomada aos Castelhanos) comandada por Arthur Philipp.

4 fragatas:

Principe do Brasil — comandada por Antonio Jacinto da Costa.

Princesa do Brasil — comandada por Tomaz Stimers.

Graça Divina — comandada por George Hard Castle.

N^a. S^a. do Pilar — comandada por Francisco Bettencourt.

“Passou enfim a tropa que se pôde juntar para o Cubatam aonde estiveram 9 dias; o general em lugar de se lembrar de ali se fortificarem como podessem esperando os socorros que lhe fossem chegando e lembrar-lhe isto mesmo o Brigadeiro engenheiro que tinha essa obrigação, o qual de mais a mais tinha muitos conhecimentos da Ilha e da terra firme, sugeriram pelo contrario ao General, persuadindo-o que se entregasse dizendo-lhe que os Castelhanos tinham já tomado todos os passos e que eles não podiam retirar-se para parte nenhuma; tambem lhe disseram que a maior parte dos mantimentos que se achavam nos armazens estavam pôdres, e que o unico lugar por onde se podiam retirar d'aquelle porto era subindo uma grande serra que vai direito ás Lages, o que se não poderia fazer, sem haver muitas bestas e gados para fazerem aquella condução. .

“Reuniu o general um novo conselho (no dia 28 de fevereiro) composto alem das pessoas já mencionadas das seguintes mais: o Provedor da Fazenda Real Felix Gomes de Figueiredo, Fernando da Gama Lobo Coelho, Manuel Nunes Ramalho e Manuel Godinho de Mira, officiais militares.

“Votaram que se chamasse o Governador para dizer se tinha as bestas, gados e carruagens precisas para aquella marcha, porque de outro modo ella não era praticavel: respondeu o governador que elle não tinha o que para isto se lhe pedia, e na desordem em que tudo se achava, não sabia aonde o havia mandar buscar; nestes termos, julgaram que se devia ir propôr uma capitulação ao General Castelhana e que devia sêr José Custodio que fosse a esta negociação, assim se fez e ajustou aquelle Brigadeiro com as indignas condições que constam d'aquelle papel que remeti para a Côrte (1). Presumindo a tropa que se estava praticando esta negociação quizeram infinitos soldados e alguns officiais partirem pela serra, indo para o Rio Grande ou passarem a Laguna, porem isto se lhe embaraçou, indo uma ordem para que ninguem se retirasse.

“Antes de ir José Custodio áquella diligencia, ordenou o General a cada chefe, perguntasse á sua tropa se se atreviam a passar pelos desconvidos de subirem a serra com o risco não só de poderem encontrar os inimigos mas suportando fomes e outros muitos incomodos.

“O Coronel de Pernambuco respondeu com muita nobresa: *“que os seus soldados haviam de ir a toda a parte onde elle fosse, e que elle estava pronto para ir a toda a parte onde o mandassem”*. Esta resposta não agradou ao General que lhe ordenou novamente *“que*

(1) A capitulação teve lugar no dia 5 de Março.

fizesse as perguntas que lhe eram ordenadas"; a maior parte dos soldados e oficiais de todos os regimentos disseram que estavam prontos para irem, porem o Tenente Coronel de Pernambuco fez tais exclamações aos seus soldados que se sujeitaram a tudo, e o mesmo succedeu ao Regimento do Porto, mas logo que José Custodio partiu, principiaram os soldados a desertar com grande força, de sorte que quando se entregaram não puderam juntar mais que 600 homens; houve officiaes e officiaes inferiores que quizeram sumir as bandeiras para se não entregarem, porem foi-lhe proibido isso com a maior severidade e cuidado.

"Foram conduzidos os officiaes e a tropa para a Ilha, passaram os officiaes á presença do General Castelhana que os tratou a todos com bem pouco agasalho.

"José Custodio, que era grande conhecido de Cavallos, sendo quem foi fazer a capitulação, foi tambem o que quiz ficar para formular o inventario e entrega de tudo que pertencia ás fortalezas, e as munições de guerra, e ficou igualmente o Provedor da Fazenda, um pobre velho e incapaz de cousa nenhuma.

"Determinou o General Castelhana mandar a todos os officiaes para esta capital debaixo de um termo em que todos se obrigassem a não pegarem mais em armas emquanto durasse esta guerra, ordenando-lhes que eles ajustassem o seu transporte com os capitães das embarcações porque ele não tinha nada com estes ajustes, assim se executou, sendo todos eles muito mal tratados na viagem, e por preços muito exorbitantes. Chegaram ao porto d'esta Capital no dia 21 de Março, mandou Antonio Carlos á terra o Governador a participarme aquele successo: eu não lhe quiz falar, e mandei-o recolher preso á Ilha das Cobras, depois fiz recolher ao Castelo Antonio Carlos e tendo mandado recolher ás

outras fortalezas todos os mais officiaes maiores que votaram naqueles conselhos.

“Se o General Antonio Carlos tivesse defendido a Ilha 10 ou 15 dias, ou se mesmo se tivesse demorado no Continente vizinho, teriam chegado para socorre-lo:

1.º o terço de auxiliares que o Governador de São Paulo fez marchar de Santos;

2.º os 800 homens escolhidos comandados pelo Coronel F. A. da Veiga Cabral que mandei desembarcar na Laguna;

3.º a Esquadra de Mac-Donall que escoltava os ditos 800 homens;

4.º o Corpo de 1.200 homens comandados pelo bravo Coronel Pinto Brandão, que o General Böhm tinha destacado do Rio Grande e que marchava a marchas forçadas (1).

“Principiei a mandar tirar devassa porem, como quanto a mim a principal figura e causa de tudo foi o Brigadeiro José Custodio, suspendi esta resolução até que chegasse o sobredito Brigadeiro, e enquanto ele não chegasse ordenei tambem não saissem as embarcações que tinham vindo transportar aqueles officiaes, porque desde o principio suspeitei a má fé com que tinha ficado aquele Oficial, e que ele mesmo tinha querido assim com o receio que se viesse a conhecer sêr ele, depois do chefe de esquadra, a segunda causa d'aquelle infeliz successo.

Aos Officiaes de Capitão até Alferes inclusive, que assinaram em não pegarem mais em armas, não tenho querido ainda falar; não os tenho occupado no serviço,

(1) Officios para Pombal em 3 de Abril de 1777.

nem consentido que concorram com os mais officiais, igualmente lhes não tenho mandado assistir com os seus soldos. Eles me teem representado que quando os mandaram assinar em uma folha de papel foi dizendo-se-lhe que aquella assinatura era precisa para fazerem os ajustes dos seus transportes para esta Capital.

“Este caso é um dos mais feios que pode succeder e a perda D'aquella Ilha pode sêr de grandissimas consequencias, porem eu sou obrigado a dizer que para isto não concorreu com espirito de fraqueza ou de menos fidelidade, assim o General como o Governador, e igualmente a maior parte dos officiais maiores.

“O General e o Governador não houve trabalho que não fizessem para fortificarem e porem em defesa a Ilha e estavam constantissimos em o praticarem até á ultima gôta do seu sangue, e isto mesmo tinham influido nos corações dos seus subditos: o endiabrado José Custodio, que é um homem que sempre teve a maior arte para se insinuar, e chamar a si a fé e atenção das gentes que o ouviam, não só dos pequenos mas ainda dos que o governavam como os condes de Bobadela, da Cunha e de Azambuja, sendo eu só o unico que o conheci, e por isso me não quiz nunca servir d'ele, até o ponto de nesta ocasião o têr junto a mim sem o empregar, em cousa alguma, sem embargo da Côrte mo ter dito, o podia empregar ou em S. Catarina, ou no Rio Grande, ou em alguma outra parte, e que eu nunca executei, de forma que me foi extranhado pela Côrte não o haver feito, ordenando-se-me depois o mandasse á Baia para delinear a defesa d'aquella cidade, e ajudar ao General da mesma Capitania, o que executei porque positivamente se me determinava o logar aonde devia sêr empregado, e depois de ter ido para aquella Capitania veiu segunda ordem para o mandar para S^a. Catarina para ajudar o General Antonio Carlos o que eu fiz com grandissima violencia, e de-

pois que ali chegou entrou logo a desfazer em todo o trabalho que os outros tinham feito, e a dizer, que aquele porto se não podia defender; e como todos o tinham a ele por um oraculo, nenhum se atrevia a contradizel-o.

“Desde logo principiou Antonio Carlos e o Governador a não fazerem tanto caso como dantes faziam do Official que tinha trabalhado em todas aquellas defesas, e ficou ele sendo o que dava as cartas, e principiou a fomentar uma intriga do General com o Governador, a fim de poder separar mais o Governador do General, e ele poder a seu salvo introduzir o que quizesse, e ao mesmo tempo que fazia isto procurava mostrar que ele se afastava de se fazer parcial de um ou de outro. Este foi sempre o sistema que este homem seguiu com que a todos enganava, fazendo que ao mesmo tempo todos dissessem bem d’ele, não sendo ele fiel a ninguém, este homem emfim foi o motor principal d’aquelle desgraçado successo.

“Antonio Carlos tudo quanto obrou foi julgando pela força com que ele o capacitou, que era o mais acertado, e de mais utilidade ao Real Serviço, nem levemente se lembrou o desacerto que fazia, e posso segurar pela honra que professo, que se ele mais levemente se lembrasse, que poderia com aquella ação, manchar ligeiramente a sua honra, ele e todos os officiais que ali estavam seriam capazes primeiro de se irem meter na bôca de uma peça, do que cometerem uma acção em que se lhe podesse notar falta de valôr ou de fidelidade, todos eles teem dado provas d’isto por muitas occasiões.

“Antonio Carlos serviu na India, e sempre com muita destinação, depois que veio d’aquelle estado tem estado sempre empregado, e tudo tem feito com muita actividade e acerto. O seu regimento sempre se distinguio, e ele estava governando Goiaz com uma aceitação univér-

sal, o mesmo praticou no governo de Minas Gerais; foi para S^a. Catarina trabalhar nas defesas d'aquella Ilha, na boa ordem das tropas, na formatura dos Corpos auxiliares e ordenanças com que queria defender aquele ponto com a maior honra sua e da nação, chegou a ir muitas vezes a estes trabalhos sangrado e sumamente doente e assim mesmo chegava a ir para as trincheiras e baterias a fazer adiantar o trabalho; mudar este homem repentinamente de resolução, mudarem os outros todos depois de tão provada a sua honra, o seu valôr e o seu serviço, está visto não poder ser outro motivo que as sugestões ou persuasões de um homem de que com a arte mais fina os capacitou diferentemente pelos fins que ainda hoje não sabemos.

“O Governador era tão brioso que eu fui testemunha na guerra de 62 de o vêr, estando ele muito doente, e querendo-o deixar no quartel, mandar-se atravessar sobre uma besta e assim acompanhar o seu Regimento dizendo que ele queria morrer aonde morressem todos os seus camaradas.

“Este José Custodio, já estando no Rio Grande, tambem o quiz intrigar, e pelas intrigas e disputas que fomentou em outra ocasião com os comandantes das tropas tambem no Rio Grande, se deixou de ganhar a acção que tinha projectado o Conde da Cunha e esteve para ser sacrificada toda a tropa, porem foi sempre tão feliz este homem, que cousa nenhuma foi nunca bastante para o conhecerem, talvez guardando-se para fazer agora a ruina da tantas pessoas benemeritas, se a piedade dos nossos augustissimos Amos não lançarem sobre eles alguma parte da benivolencia do seu magnanimo coração.

“Cercado de tantos desgostos e de tanta aflicção e sendo obrigado a trabalhar em um negocio, que todos e por todo o modo m'o tinham perdido, suspendi o so-

corro de tropas que estava a partir, e mandei novamente sair a esquadra com ordem de ir a S^a. Catarina e fazer toda a diligencia para atacar aos nossos inimigos, e ao mesmo tempo mandei por terra disfarçados alguns officiaes e soldados para t^{er} novas certas do estado da Ilha, das disposições que faziam os Castelhanos, e igualmente para juntarem os nossos soldados que andavam dispersos pela terra firme, e ver se com uma guerra de chicana lhe poderiamos fazer alguma destruição e com as hostilidades que se lhe fizessem pol-os em receio de haver por ali tropas emboscadas, afim que eles se não atrevessem a passar a terra firme e buscar a estrada que vai para o Rio Grande.

“Saiu a esquadra em 1 de abril, e a poucos dias de viagem se avistou uma embarcação a que deu caça José de Mello e sem mais resistencia a apresou; era uma setia Castelhana armada em guerra, que vinha de Monte Videu para S^a. Catarina; soube-se pela sua derrota, que ficavam a sair duas naus de Monte Videu acompanhando algumas embarcações que traziam mantimentos para a Ilha e que na altura do Rio Grande, 12 leguas ao mar da Costa, se tinham encontrado 40 embarcações, que eles não tinham podido conhecer; com esta noticia se fez diligencia para se encontrar este comboio.

“No dia 19 de abril, aparecendo embarcações, deu o chefe sinal de caça, e logo o capitão de Mar e Guerra José de Mello se empenhou n'esta caça, e o mesmo fez o Capitão de Mar e Guerra Arthur Philipps, o qual podendo aproximar-se de um dos navios que era uma nau de 70, lhe deu uma banda com toda a sua artilharia, o que lhe causou grande estrago, mas a nau Espanhola, longe de se bater, tratou logo de fugir antes que se podesse aproximar a nau Prazeres.

“Toda a noite foi a nau Espanhola perseguida por José de Mello e Philipps, sem contudo a poderem com-

bater, mas na manhã do dia 20 achou-se em presença do resto da esquadra, e logo começou o combate que durou apenas 5 quartos de hora, no fim dos quais se rendeu a nau Espanhola, não tendo a nossa esquadra perdido um só homem, tendo tido somente alguns feridos.

“É bem verdade que o comandante podia continuar por mais tempo o combate porque arriou a sua bandeira, sem lhe ter morrido mais que 4 homens, o navio não tinha recebido prejuizo nenhum, era uma embarcação de muita força, muito bem aparelhada e com excelente artilharia; em lugar do chefe continuar a sua viagem para S^a. Catarina depois de têr feito esta presa, ou ir esperar as mais embarcações que vinham n'este comboio, veiu meter-se com toda a esquadra no Rio de Janeiro (1).

“Eu estimei muito as presas porem afligi-me infinitamente com a vinda da esquadra e por mais diligencias que fiz para que ela saisse não foi possivel conseguil-o com o pretexto de se querer pôr em melhor estado o navio apresado, que é certo aumentar muito as forças da nossa esquadra; demorou-se nestes concertos 32 dias, no fim dos quais saiu e chegando á Ilha de S^a. Catarina souberam que a esquadra Castelhana se tinha já toda recolhido, verificaram-se da noticia que eu já tinha ha muito tempo, e que tinha dado ao chefe quando o mandei sair a primeira vez o que ele nunca quiz acreditar, de que a esquadra toda tinha saído com Cevallos e a tropa e que o porto da Ilha tinha ficado quasi sem nenhuma defesa: souberam que tudo isto tinha sido certo e depois tinha voltado a esquadra e por causa dos temporais tinha vindo tão destroçada que os navios

(1) Estas presas serviram de pretexto ao cobarde Mac-Donall para voltar com a esquadra para o Rio de Janeiro e não executar as ordens do Vice-Rei, que se tivesse executado se teria retomado S^a Catarina,

chegaram uns sem mastros, outros fazendo agua, e a maior parte d'elles separados uns dos outros, de onde verás agora se o chefe tivesse entrado no porto de S^a. Catarina, não só destruiria as poucas embarcações que ali se achavam, e se fazia senhor do porto, mas se iria fazendo senhor de toda a esquadra segundo o mau estado em que ella se veiu recolhendo.

“Toda esta gloriosa acção ma perdeu aquele homem, assim como temi ter sido a origem principal de todas as outras desgraças”.

A 28 de Maio tornou a esquadra a sair do Rio de Janeiro levando o chefe as competentes instruções que eram:

1.º que depois de examinar as forças navais que os Castelhanos tinham em S^a. Catarina, tratasse logo de as destruir evitando quanto possivel o combate com a fortaleza da Ilha.

2.º Pôr um apertado bloqueio á Ilha para evitar que lhe entrassem mantimentos.

Este ataque e bloqueio eram combinados com as outras medidas que se deviam executar na terra firme, e com os agentes, que já se achavam na Ilha para promoverem uma insurreição.

O Vice-Rei nas suas communições para Lisboa declarava (1): *que em nada confia no Chefe, cujo modo lhe é conhecido, e que por isso todo o seu ponto é evitar um combate e mostra que com um tal chefe a honra nacional está em grande perigo.*

Quando em 25 de agosto, por ordem da Rainha, cessaram as hostilidades, entrava a esquadra no Rio

(1) Officio de 2 de junho.

de Janeiro sem haver cumprido as ordens do Vice-Rei e S^a. Catarina ficava em poder dos Castelhanos (1).

“Instruído ele n'esta ocasião quando chegou á vista da Ilha, de que os Castelhanos tinham ali todas as suas forças juntas, e julgando então prudentemente, que a nossa esquadra corria um risco evidente, se intentássemos ataca-los, determinou a cruzar n'aquela costa, e como nem desta vez quiz fazer o que lhe mandava, que era o informar-se primeiro em Tapacoroyaz do estado em que estava a Ilha para o que eu o tinha prevenido, dizendo-lhe tinha ali pessoa que lhe podesse dar as verdadeiras noticias, querendo ele dal-as e mandal-as buscar como lhe pareceu, ordenou ao Capitão de Mar e Guerra José de Mello que fosse defronte da Laguna, e mandasse um dos seus escaleres a Vila Nova ou á mesma Laguna a saber as noticias que por ali havia, dizendo ao mesmo tempo a José de Mello que quando ele acabasse a sua comissão, o poderia encontrar na altura da Laguna ao este aonde ele havia de andar com todo o resto da esquadra.

“Partiu José de Mello e como se demorou mais 24 horas do que ao chefe pareceu ele tinha precisão de demorar-se, mandou a D. Francisco Teles que comandava a nau Nossa Senhora D'Ajuda para que fosse vêr se José de Mello tinha alguma coisa que o embarcasse.

“Foi D. Francisco Teles executar a ordem, e indo navegando já em grandissima distancia da esquadra, fez sinal para o chefe de vêr uma embarcação inimiga a qual estava tão aterrada e tão distante d'ele, que sendo a nau Prazeres que comandava José de Mello lhe pareceu muito pequena, de sorte que fez sinal que ele só bastava para ela; José de Mello a quem o chefe tinha dito

(1) Officio de 25 de Agosto. .

que a esquadra toda havia andar junta, julgou tambem, que como aquella embarcação vinha só, era inimiga, e como ele tinha mandado á terra o seu escaler com o seu primeiro capitão tenente, demorou-se um pouco de tempo, até ver se ele chegava, porem vendo que a embarcação se vinha adiantando, e que o dia se acabava, veiu demandando a mesma embarcação.

“O navio de D. Francisco, logo que o viu, fez o sinal de reconhecimento com a bandeira Olandeza no tope grande, porem como a distancia em que estavam ambos era tal como já fica dito, ninguem da Nau Prazeres percebeu o sinal que lhe fez a Ajuda, de sorte que se lhe não respondeu. Ultimamente anoiteceu. A Nau de D. Francisco diz que fizeram um sinal de luzes determinado pelo Regimento que deu o chefe, a maior parte das gentes da Nau de D. Francisco dizem que ele se fizera, e isto asseveram as pessoas mais fidedignas e todos os da Nau Prazeres protestam que ele se não vira, o que é muito facil com semelhantes sinais, quando eles não são firmados com tiros de peça, ou com fogaxos, ou coxara, porque um cabo, uma vela e mil outras coisas escondem uma luz, e já se não podem contar o numero d'elas sobre que devem firmar o seu reconhecimento.

“José de Mello logo que anoiteceu, acendeu uma luz no topo grande que era um sinal particular seu que tinha dado ao Capitão Tenente para que viesse para bordo da Nau sendo noite, ele poder conhecer aonde estava o navio, e como este sinal não era nenhum dos que tinha a esquadra, fez isto maior desconfiança a D. Francisco.

“Chegaram ultimamente os navios á fala, e perguntando D. Francisco que navio é este, lhe fez José de Mello a mesma pergunta, ao que respondeu D. Francisco, dizem que em Espanhol, que era o Navio S. Te-

resa que vinha de Monte Videu; esta segunda parte diz José de Mello que a não percebeu pela distancia em que estavam, porem todos da sua guarnição, tanto officiais, como a mais gente, afirmam que ouviram o que fica dito, sendo certo ouvir ele bem distintamente nomear-se S. Teresa.

“Com esta resposta acabou ele de certificar-se ser aquele navio castelhano, e mandando-lhe dizer em espanhol que aquele navio era da esquadra do Marquez de Casa Tily que ia para S. Catarina, e quando ia continuando a dizer-lhe que arribasse para fazerem conversa porque os Portugueses estavam na barra da dita Ilha, começou a fazer-lhe fogo o navio de D. Francisco e como o atacava, lhe deu José de Mello uma banda, sem embargo de estar mais longe do que ele queria, por cujo motivo lhe ia dizendo que arribasse para ficar-lhe de mais perto.

“Tanto que o fogo de nau de José de Mello começou, disparou-lhe 7 ou 8 tiros a nau Ajuda, mentindo a virar por d'avante, ficando por esta manobra impossibilitado de usar das suas baterias, e aproveitando José de Mello aquele descuido, lhe enfiou pela popa o fogo reto da sua banda, e a nau que José de Mello supunha inimiga, tanto que recebeu o fogo, fez toda a diligencia por evitar o combate, e conservando 3 luzes sobre a popa, as quais pareceram a José de Mello ser os 3 farois da popa o que tambem lhe aumentou a desconfiança, visto que os navios da esquadra teem somente um.

“Esta manobra que fez a Nau Ajuda, foi por não executarem o que mandou D. Francisco, o que foi a causa da sua morte, porque vendo D. Francisco que eles a faziam diferentemente de que ele mandava, porque o que ele ordenou era que se chegassem mais para o inimigo, e o que fizeram foi dar-lhe a popa mandou muito depressa D. Francisco chegar para o navio, e para se

fazer com mais brevidade, veiu ele ajudar pessoalmente ao homem que estava ao leme, porem não foi ainda assim o que bastou para entrar uma bala pela popa que veiu ao lugar em que se achava D. Francisco, quebrou-lhe uma perna que lhe ficou pendurada, quebrou duas a um voluntario que estava junto d'ele, de que logo morreu.

"D. Francisco quiz se acabasse a manobra antes de se curar; levaram-no depois para lhe acabar de cortar a perna, o que ele suportou com grandissima constancia, mandando apressar a cura para vir ao combate e enquanto se esteve curando ordenou que não largassem por nenhuma forma o inimigo, que continuassem o fogo, que ele já voltava.

"Imediatamente se curou, fez-se conduzir para cima em uma maca e com o maior acordo e valor, esteve dando todas as suas ordens. Confessou-se logo e até o quiz fazer em publico para edificar mais a sua guarnição. Repetiu as suas confissões, não largando nunca o Padre do pé de si, fez todas as demonstrações de Catolico, e as mais exemplares, não faltando até o ultimo instante da sua vida, nem a satisfazer as obrigações de Religião, nem as do emprego que tinha.

"A guarnição que o amava muito, com este golpe abateu-se um pouco, e por isso ficou alguns instantes mais fora de combate.

"Neste meio tempo ouvindo o chefe estes tiros, fez a maior força de vela que pôde; o mesmo fizeram os mais navios da esquadra; porem o chefe chegou primeiro e se meteu entre as 2 embarcações que se batiam porque como as não conhecia, não sabia qual era a nossa nem a inimiga; fez os seus sinais de reconhecimento que tambem se não viram; perguntou para a Nau Prazeres de onde vem esse navio que era a senha que se tinha dado, e devendo ser a contrasenha Bragança, não

se deu do navio de José de Mello e se lhe respondeu que vinha de S. Catarina, isto foi resposta dada por se supor ser navios que vinham de S. Catarina socorrer aqueles que se estavam batendo, persuadindo-se a isto por não ter o navio nem um dos sinais de luzes do Regimento, e como lhe vinha chegando mais outro, quiz José de Mello dar-lhe uma banda para ficar livre d'ele, antes que o outro chegasse, mas, aclarando-se pelo fogo das peças a pintura da popa de S. Antonio, veio a reconhecer-o José de Mello, e mandou logo cessar o fogo; o outro viram logo, e vinha na alheta de bombordo, e lhe gritou José de Mello dizendo que aquela nau era o Prazeres, dizendo-lhe tambem que o navio inimigo era aquele que estava a barlavento, com 3 luzes.

“O S. Antonio fez tambem o seu fogo, a nau Belem tambem fez algum, e finalmente foi tal a confusão, que eu não sei como a esquadra toda não ficou arruinada, e não houve muitos mais mortos n'aquela ocasião.

“Em o navio do Chefe pegaram fogo quantidade de cartuxos que estavam em cima, uns nas mãos dos marinheiros, outros pela tolda, e podendo a nau voar, só ficaram queimados 40 homens, dos quais teem morrido alguns, porem a maior parte d'eles teem escapado (1).

“Acabado este successo voltou o Chefe para este porto onde entrou a 27 de Junho para me dar esta agradável noticia; protesto-te meu Visconde, que a minha constancia e o meu coração não tem já forças para suportar golpes tão extraordinarios originados todos por estes homens que creio foram escolhidos para serem o castigo dos meus pecados”.

Este desgraçado acontecimento lhe frustrou o plano da reconquista de S. Catarina; não teria tido lugar se o comandante da Esquadra tivesse cumprido com in-

(1) Este desgraçado successo teve lugar na noite de 12 de Junho de 1777.

teligencia o seu dever. Este homem porem era contraditorio, covarde, ignorante e completamente inabil. Quando se retirou com a esquadra de S. Catarina, dizia que era impossivel dentro do porto defender-se da esquadra Castelhana, e quando esta se achava dentro do porto dizia que era impossivel ataca-la.

O Vice-Rei fez logo sair novamente a esquadra com ordem para cruzar sobre a costa da Ilha para embaraçar serem socorridas as forças que ali tinham os Castelhanos e se aproveitar alguma occasião favoravel, em que se podesse atacar, e para deste modo poder tambem livrar os portos do Sul dos insultos dos mesmos Castelhanos, e bloqueando aquella esquadra, segurar mais o comercio e navegação para o Norte.

Durava ainda a consternação pela vergonhosa entrega da Ilha de S. Catarina, quando o Vice-Rei recebeu a noticia da entrega da Praça de Colonia de Sacramento, a qual o Governador o Coronel Francisco José de Rocha entregou, não obstante ter mantimentos e munições de guerra e estarem a guarnição e habitantes cheios de ardor para se defenderem, e pelo contrario os Castelhanos muito desanimados e mal disciplinados.

Apenas uma bateria fez fogo, e tal era a desordem dos Castelhanos que perderam entre mortos e feridos 80; nada disto porem pôde vencer a covardia do Governador que se entregou á discrição de D. Pedro Cevallos.

O Vice-Rei comunicando ao Governo a entrega da Colonia, queixa-se, com energia de lhe não terem permitido que fosse em pessoa comandar o exercito, e a essa prohibição attribue todas as desgraças acontecidas (1).

Os prisioneiros foram muito mal tratados pelos Espanhois, mas todos eles, assim como o resto dos ha-

(1) Officio de 4 de agosto.

bitantes preferiram emigrar a ficarem vassallos de Castela.

Em 24 de fevereiro de 1777, tinha morrido em Lisboa El-Rei D. José 1.^o e subido ao trono sua filha a Rainha D. Maria 1.^a, e com esta mudança de reinado não só mudou a politica interna do paiz, mas tambem a externa.

Um dos primeiros pensamentos da Rainha foi reconciliar-se com a Espanha, com a qual nos ultimos anos de reinado de D. José parecia estar iminente uma guerra declarada, se não podia já merecer esse nome o que se estava passando na America.

N'estas negociações tomou grande parte a Rainha Mãe, a qual chegou a passar pouco tempo depois á Corte de Madrid para facilitar as negociações, servindo-se do grande ascendente que tinha sobre seu irmão Carlos 3.^o.

Quando pois o Marquez do Lavradio se achava occupado com os grandes preparativos de guerra, tanto para retomar S. Catarina, como para defender o Rio Grande, recebeu no dia 10 de agosto de 1777, uma carta Regia da nova Rainha, com a data de 5 de junho, determinando-lhe a suspensão de armas e hostilidades contra os vassallos e dominios de El-Rei Catolico tanto por terra como por mar.

A mesma ordem foi expedida a D. Pedro Cevallos, e uma das vias mandada ao Marquez para este a transmitir ao seu destino.

Executou o Marquez do Lavradio as ordens da Soberana com a devida prontidão, mas com grande sentimento de não poder vingar a injuria feita á Coroa de Portugal, tanto mais que, com o estado em que se achava a Ilha, abandonada pelo mar e inquietada pelos corpos que o Marquez tinha mando organizar no Conti-

nente vizinho, era quasi certa a sua tomada por pequeno que fosse o esforço feito pelo chefe da Esquadra (1).

Efetivamente o porto de S. Catarina estava sem embarcações que o podessem defender; a tropa que estava na Ilha e que era a 1.^a guarnição que os Espanhois ali haviam posto não passava de 2.404 homens, dos quais 200 e tantos no hospital e muitos doentes nos quarteis; tinham desertado mais de 200, e era grande o numero de mortes, e deviam-se mezes de soldo a toda a tropa.

Sabia-se que quasi toda a guarnição estava em boa disposição para se entregar logo que os Portugueses apparecessem com algumas forças que os podessem proteger.

As guarnições das fortalezas eram: a de S. Cruz 101 homens, onde nós tínhamos, antes da entrega, 200; e da Graça 61 onde tínhamos 120; Ratonos 41 em lugar de 60; Barra do Sul 41 onde tínhamos 38; os outros postos estavam guarnecidos desde 25 até 26 homens, vindo a comportar toda esta gente destacada e bastantemente separados uns dos outros em 483 homens; alem destes havia 99 em guardas assim dentro da vila como fora d'ela. Por aqui se podia ver a facilidade com que nós nos podiamos ter feito senhores da Ilha se o chefe de Esquadra tivesse cumprido as ordens do Vice-Rei.

Lavrado, em 27 de setembro, escrevendo a Martinho de Mello acrescentava: "Teriamos reconquistado aquele importante estabelecimento que perdemos por culpa d'ele (Mac-Donall) e em 2.^o lugar pela dos outros que podiam tão gloriosamente defendel-o; porem como o chefe bastava que fosse ordem minha para a não executar, e nunca d'isto lhe tinha resultado maior desgosto, continuou a praticar o mesmo que sempre tinha feito".

(1) Officio por Martinho de Mello 15 de Agosto 77.

No dia 25 de Agosto (1) entrou no Rio de Janeiro a esquadra, a qual tinha sido encontrada pela Fragata Nazareth, comandada por Tristão da Cunha e Menezes, portador das ordens do Vice-Rei.

Não obstante a suspensão d'armas, continuou o Marquez a preparar-se para qualquer acontecimento, fazendo logo reparar a esquadra, e disposto, visto a autorização que tinha recebido da Rainha, a suspender Mac-Donall e a dar o comando da esquadra a outro official se assim lhe parecesse conveniente.

Não obstante presumir-se a conclusão definitiva da paz, sobre tudo pelo temor que os Espanhois tinham de uma declaração de guerra (2) da Inglaterra, desconfiava o Marquez Vice-Rei da boa fé dos visinhos, e portanto continuou a preparar-se para a guerra com grande diligencia; em 8 de Novembro participava ter a esquadra pronta declarando novamente que Mac-Donall não tinha capacidade para a comandar porque era cobarde e insubordinado; alem disso representava que lhe faltavam munições, e o dinheiro necessario, pois não eram suficientes as rendas da Capitania para sustentarem uma guerra e as outras Capitancias que lhe deviam mandar socorros umas como Goyaz, nada lhe havia mandado, outras como a Baia, só lhe mandavam uma parte, quando ainda que lhe mandassem tudo quanto lhes era ordenado não seria suficiente para as grandes despesas de uma guerra.

N'este ano para mandar socorros para o Rio Grande e vestir as equipagens da esquadra fez um emprestimo hipotecando para o seu pagamento os seus bens particulares.

O general Böhm representara em 9 de novembro dizendo que o exercito do Rio Grande se achava em

(1) Officio por Martinho de Mello 25 Agosto.

(2) Officio por Martinho de Mello 8 Novembro e 12 Dezembro.

grande atraso de soldos, e os soldados quasi nus. Foi para obstar ás consequencias deste estado de coisas, que o Marquez não tendo dinheiro nos cofres reais, levantou um empréstimo debaixo da sua responsabilidade, aquietao assim o General e o exercito (1).

Em dezembro de 1777 terminaram as devassas sobre as entregas de S. Catarina e Praça da Nova Colonia, por elas se provou que as guarnições estavam cheias de valor e constancia para se defenderem, sendo os culpados das desgraçadas entregas, o general Antonio Carlos por haver seguido os conselhos do Brigadeiro José Custodio e o Governador da Colonia Francisco José da Rocha *por entender mal os livros* como escreve o Marquez, acrescentando que está convencido que nem Antonio Carlos, nem Rocha (e sobretudo Antonio Carlos) procederam assim ou por falta de valor, ou de fidelidade (2).

Apezar da cessação de hostilidades, não teve duvida D. Pedro Cevallos, em mandar no dia 27 de Outubro tomar a insignificante fortaleza ou praça nas margens de Iguatemi na Capitania de S. Paulo (3), a qual segundo a opinião do Marquez havia muito tempo que devia ter sido destruida. A força portugueza que ali havia era diminuta e a que os castelhanos mandaram era de 3 mil homens afora os indios.

Quando o comandante se rendeu tinha apenas 50 homens. Este ataque foi feito pelo General do Paraguay Agostinho Fernando de Penedo e o Governador de Iguatemi era Jeronimo da Costa Tavares.

Nos principios de Fevereiro de 1778 recebeu o Vice-Rei a noticia official de se ter assinado o tratado

(1) Officio de 12 de Dezembro por Martinho de Mello.

(2) Documento.

(3) Officio de 16 de Janeiro 1778 para Martinho de Mello e Officio do Capitão General de S. Paulo Martinho José Lobo de Saldanha.

preliminar do primeiro de Outubro de 1777, noticia que expediu logo para D. Pedro Cevallos, e tratou de aprontar os trabalhos necessarios para as demarcações encarregando disso o habil engenheiro Francisco João Rocio.

Convencido finalmente o governo dos grandes concertos de Roberto Mac-Donall, mandou-lhe tirar o comando da Esquadra e devassar da sua conducta, e a 25 de agosto Lavradio escrevia a Martinho de Mello: "aos Reais Pés da Rainha Nossa Senhora agradeço o que me determina a respeito do chefe, se eu tivesse ha mais tempo estas ordens, persuada-se V. Ex. que os nossos sucessos na America nos não teriam sido tão desgraçados e injuriosos".

Lavradio porem, devido ao seu espirito de justiça, louvava Mac-Donall como marinheiro e escrevia (1) "Devo fazer justiça a Mac-Donall, de dizer que pelo que pertence a manobra, e presteza d'ela, que se acham todos os navios com o maior adiantamento." O Vice-Rei mandou fossem processados o Antonio Carlos e os mais comprehendidos na entrega de S. Catarina.

Participava que se verificava com toda a certeza a saída do Brigadeiro José Custodio para Monte Videu com o General Cevallos e que o sobredito Brigadeiro se achava na resolução de não voltar aos dominios Portugueses.

Antonio Carlos respondeu com grande descomediamento, e longe de responder ás perguntas que lhe foram feitas, só tratou de atacar o Vice-Rei. Isto não obstante, Lavradio em officio de 18 de Maio de 1778 tratou de defender Antonio Carlos, attribuindo as suas respostas e acusações ás suas molestias, ás quais tambem atribue a sua conduta na Ilha, pois lhe não podia ser imputada nem a falta de valor nem de fidelidade.

(1) 8 Novembro por Martinho de Mello.

Devendo ser entregue ao Governo Português a Ilha de S. Catarina conforme as disposições do tratado de S^o. Ildefonso de 1.^o de Outubro de 1777, nomeou Lavradio o Brigadeiro Francisco Antonio da Veiga Cabral para esta comissão, dando-lhe ao mesmo tempo o governo da Ilha.

Apenas chegado ao Porto de S. José na terra firme, o governador Cabral dirigiu-se ao general Vaughan, participando-lhe a sua missão; Vaughan porem escusou-se a evacuar a Ilha com a devida prontidão por falta de navios para transportar a guarnição, os quais com efeito, até então, D. Pedro Cevallos lhe não havia enviado, pretendendo Vaughan lhe mandassemos a S^o. Agostinho e a Setia que a nossa esquadra havia tomado, o que o Vice-Rei não queria fazer enquanto Cevallos, de quem tinha motivos para desconfiar, não restituísse os navios Portuguezes que a esquadra Castelhana havia tomado.

Muitos foram os pretextos que Cevallos buscou para demorar a entrega da Ilha, mas Veiga Cabral com a sua habilidade e energia venceu-os todos, de sorte que no dia 31 de Julho de 1778, tomou posse da Ilha em nome da Rainha, sendo-lhe esta entrega feita pelo Marechal de Campo D. Guilherme Vaughan, que, em nome de Carlos 3.^o a havia governado.

No principio do ano de 1779, havia o Vice-Rei executado todas as ordens relativas á execução do tratado de 1 de outubro de 1777. As tropas haviam-se retirado, o general Böhm achava-se no Rio de Janeiro, desde o dia 31 de Janeiro de 1779. A parte porem mais difficil do tratado é que estava ainda por concluir, que era a demarcação. O Marquez declara que lhe ia dar começo, mas observa, que depois de haver consultado o Marechal Funcks, está convencido que este trabalho não pode progredir com os meios que ele tem á sua dis-

posição; os quais são quasi nulos, pois lhe faltam officiais com os conhecimentos necessarios, assim como os instrumentos para levantar as cartas, visto estarem cheios de erros notaveis as cartas existentes. Para dar contudo começo a algum trabalho nomeava para primeiro commissario da demarcação da Provincia do Rio Grande ao seu Governador José Marcelino, e para segundo commissario o Coronel Rafael Pinto Bandeira pelos grandes conhecimentos praticos que tinha do paiz, mandando pôr ás ordens do Governador o Capitão de Engenheiros Alexandre José Montanha, que havia sido ajudante d'ordens do Marechal Funcks que tinha uma pratica d'aquello continente de perto de 14 anos, e que já havia levantado algumas cartas d'aquello paiz, e que emfim com as instruções que levava Funcks lhe parecia o mais capaz para aquelle serviço (1).

(1) Officio de 8 de Março de 1779.

CAPITULO IV

CONTINUAÇÃO DO VICE-REINADO. — ULTIMOS ANOS.

Grande era o trabalho que ao Vice-Rei causavam os preparativos da guerra, a formação dos planos de defesa, as ordens desencontradas de Lisboa, a má fé dos subordinados; apesar d'isso continuava a ser incansavel em promover a agricultura e commercio, e não descurava a educação dos Indios, mandando-os crear e educar na cidade do Rio, casando-os e creando a aldeia denominada "S. José d'El-Rei".

Em 20 de Setembro de 1773 tinha entrado no Rio de Janeiro uma embarcação Inglesa, a qual declarava entre outras coisas que na altura dos *Abrolhos* se havia empregado na importante pesca do *Espermacete*, que na altura do Cabo Frio tinha mandado um escaler com gente sua explorar aquella costa e que esta gente tinha sido presa pelos guarda-costas.

O Vice-Rei, reconhecendo a illegalidade e inconveniencia d'aqueles dois factos, mas querendo tirar utilidade d'aquelle incidente para o contracto das Baleas, deteve o navio sem o maltratar, tomando porem d'ele alguma gente, e mandando observar todos os aparelhos de que eles se serviam para aquella especie de pescaria assim como a forma do navio; mandou logo sahir um navio do contracto levando parte da tripulação do barco Inglez para lhe indicar a logar de pescarias, e d'esta ex-

pedição resultou voltar a embarcação com 11 pipas de azeite, 2 pipas, 1 barrica e 20 barris de espermacete extraídos dos peixes.

Este bom resultado animou o Marquez a persuadir ao contractante a que fizesse um ajuste com o navio Inglez para ir com outro Português, renovar uma tentativa de pesca, e observar até que tempo continuaria a passar peixe.

Comunicando o facto a Martinho de Mello, observa os resultados que daqui se tirariam para a nossa industria e para a Fazenda, que tinha direito a levantar o preço da nova arrematação do contracto. Por esta ocasião observa ele que os Vice-Reis devem ser homens de grande zelo e intelligencia para poderem desenvolver as riquezas do Brasil, e que devem ter maiores poderes do que aqueles que lhes costumam ser concedidos.

Em 25 de Fevereiro de 1774, remetia 14 libras de anil comprado por conta da Fazenda Real, e n'esta ocasião observa (1) que se se não tomarem algumas medidas para a conservação d'este importante ramo de commercio; ele seria abandonado logo que ele Marquez saisse do Brasil.

Mostra a impossibilidade que ha de se conservar a Fazenda Real compradora do anil, que se fôr produzindo, não só porque isso lhe não convem, mas tambem porque carecendo a Capitania dos rendimentos para as despesas necessarias, sobretudo com os preparativos de guerra, não pode distrahir somas avultadas para a compra do anil, portanto o que ele julga necessario é:

1.º que se convidem um ou mais negociantes a estabelecerem preços para as 3 qualidades de anil;

(1) Officio para Martinho de Mello.

2.º que a venda do anil seja livre;

3.º que os preços do anil sejam convencionados entre o lavrador e o negociante sem ingerencia alguma do Governo.

N'este mesmo officio refere algumas novas descobertas sobre a cochonilha, e o inovamento que vai dando ao desenvolvimento d'esta produção.

Em 7 de Maio participa ter começado já na Ilha de S. Catarina a plantação dos arbustos de que se alimenta a cochonilha, e uma igual havia mandado fazer no Rio de Janeiro aonde lhe tinham chegado vivos uma porção dos preciosos insectos.

Por esta ocasião remete uma porção de seda extraída de uns casulos feitos por uma nova especie de bichos de seda, cujos casulos têm uma forma diferente, fazendo uma grande abertura para a saída de borboletas, que é *de uma extraordinaria grandeza*.

Tendo observado que principalmente n'este ano de 1774 tinha soffrido muito a saude publica, pois só de bexigas tinham morrido mais de 5 mil pessoas, mandou indagar, por pessoas competentes, qual seria a causa d'estas molestias, e achando que elas provinham do pouco cuidado que havia na introdução dos negros que vinham da Costa d'Africa, os quais muitas vezes chegavam cheios de molestias contagiosas, que com muita facilidade se transmitiam, em consequencia destes negros sairem immediatamente de bordo dos navios que os transportavam para as habitações dos negociantes que se occupavam do trafico, e que habitavam no centro da cidade, determinou, apesar dos clamores dos interessados, que os negros, que fossem julgados em boa saude fossem alojados fora da cidade, em um sitio muito sadio junto ao mar (Val Longo) e os doentes fossem transportados para S. Domingos da outra banda da cidade para ali serem curados. Estas providencias fizeram cessar

imediatamente o mau estado de saude que havia pesadamente affligido a cidade e vizinhanças.

Em 22 de Junho mandou nova porção de anil do Rio de Janeiro, manteiga e bacalhau sêco do Rio Grande e Cochonilha da Ilha de S. Catarina.

Insiste na necessidade de animar estes productos, e que sendo protegidos os lavradores do Rio Grande eles fornecerão o Brasil de "manteiga e queijos".

Quanto ao anil e cochonilha a sua opinião é que estes productos não sejam comprados pela Fazenda, mas vendidos livremente a quem mais der, o que de certo ha-de inspirar mais confiança no productora.

Por tal modo tinha protegido a cultura do arroz, que todos os navios, que muitos foram, dos expedidos desde o ano de 1774, foram bem providos deste genero, podendo escrever a Martinho de Mello em 23 de fevereiro de 1775: "Este ano creio poderá ir uma grande porção de arroz, porque a plantação tem sido muita e o ano vae-lhe correndo favoravel". O anil, a seda e a cochonilha continuaram com grande progresso.

As amoreiras continuavam-se a plantar; o bicho produzia por tal forma que o que saia da 1.^a semente; produzia successivamente 3 vezes e por um modo muito raro, porque ainda no mesmo pano ou papel em que a borboleta largava a semente, em 8, 9 dias depois de posto, principiavam a sair novos bichos sem mais beneficio.

Dos arbustos de cochonilha, já alguns mandára plantar o ano anterior em algumas partes da cidade para experiencia, não só se iam dando excelentemente, nesta terra, mas como as que tinham traziam a semente do bixo, ele produzia tão excelentemente que se achavam até os mesmos novos arbustos cobertos d'aqueles mesmos insectos, porem para tudo isto escrevia o Vice-Rei: "Necessito de pessoas capazes de me ajudarem porque

estas gentes consideram estas coisas como um capricho da minha imaginação, e emquanto não vêem estes generos em grande quantidade, consideram que tudo isto não pode vir a ter nenhum efeito. Eles não creem em outro genero de commercio, que no assucar e no couros, e isto mesmo é feito em tal desordem que por falta de metodo em conservarem os matos e do mesmo modo em cuidarem dos meios de se aumentarem as creações que eles destroem sem nenhuma reflexão, receio eu que um e outro genero venham a decair ao ultimo ponto.

“Esta Capitania, assim como muitas das outras, pode sêr sumamente preciosa, porem será necesario formar-se uma corporação que tenha intendencia na agricultura, e que não tenha nenhuma outra incumbencia diferente d’este objecto.

Esta corporação que eu proponho, tendo uma regular correspondencia com a mesa do commercio para saber os efeitos que terão melhor saida, e n’essa conformidade saberá o melhor modo de se poderem regular as cargas dos navios, parece-me que podia produzir efeito de grandissima utilidade”.

A pesca dos cachalotes, por ele tão animada, a despeito dos contractadores de baleia, tomou tão prospero incremento em tão pouco tempo que a sua utilidade já era reconhecida pelos mesmos que primeiro haviam sido seus detractores.

Mostra a grande necessidade que ha em crear uma repartição na Intendencia para a agricultura composta de pessoas inteligentes d’aquella materia, e não de Desembargadores, *que só cuidam de cobrar os seus ordenados, atemorizar os povos com a sua autoridade, e vencer tempo para o adiantamento a que aspiram.*

Em 24 de novembro, escreve para S. Catarina ao Coronel Pedro Antonio: “Estimo que V. Ex. promova a agricultura do linho cainho e espero que igualmente

promoverá a plantação do anil, da coxonilha e das amoreiras, fazendo embarcar para esta capital todos os productos dessas plantações ou comprando-os a esses homens e a alguns particulares, ou vindo por conta d'elles para eu lhe fazer aqui dar a sua extração, porque á proporção que os lavradores forem percebendo as suas utilidades, eles desertarão a preguiça que tem sido origem da sua pobreza.

“Tambem desejaria algumas sementes, ainda que não fossem muitas, contanto que fossem frescas e que viessem bem acondicionadas, de linho cainho para se poderem semear n'algumas partes deste reconcavo, a ver se estas gentes se animam para estas plantações, em algumas das muitas terras que inutilmente estão possuindo”.

Em 1776, apesar dos grandes cuidados que lhe dava a guerra, não deixava de promover todos os outros objectos de interesse publico: a cochonilha, o anil e a sêda continuavam a ser objecto dos seus desvelos.

Mandou em Maio um arratel de cochonilha, creado em um quintal do Rio de Janeiro, e amostras de carmim d'ele extraido por um irmão de Manuel Joaquim Henriques de Paiva.

Queixa-se porem de não ter grande ajuda n'estas materias, pois que os Desembargadores não entendem nada d'elas nem teem o zelo necessario. Lembra portanto que seria muito conveniente que lhe mandassem ouvidor e Juiz de fora serios que fossem homens capases de trabalhar no desenvolvimento das riquezas do Paiz.

Em 14 de Junho enviou a Martinho de Mello o projeto da colonisação do Continente visinho á Ilha de S^a. Catarina.

Em 30 de agosto remete uma amostra de *ouro* achado no sitio dos *três morros* nos campos de Goitacases. Esta amostra foi-lhe trazida por um homem que

dizia tel-a achado n'aquelle sitio, ainda occupado pelos gentios, com os quaes o tal homem havia feito amizade (1).

Considera que esta descoberta alem de importantes consequencias, pode ser util para a civilisação d'aqueles indios selvagens, da qual a Coroa de Portugal pode tirar grandes utilidades, mas para obter esta civilisação observa que é necessario obrar de um modo inteiramente oposto ao até então seguido.

O metodo que ele já havia seguido em outros pontos era o de brandura, creando-lhes necessidades e ensinando-lhes o modo de as satisfazerem por meio do trabalho.

Em 6 de setembro lamenta o pouco cuidado que ha na escolha de alguns Governadores, e cita a da importante Capitania do Espirito Santo; o governador tendo sido julgado incapaz de ser Tenente de Regimento de Cascaes, quando ele Lavradio o comandava, foi mandado governar aquella Capitania, que pelos seus grandes recursos devia ser governada por homem de grande capacidade.

Nota tambem a incoerencia de estar aquella Capitania sujeita, pelo que pertence á parte politica, ao Rio de Janeiro, e a militar á Baia. Propõe como mais conveniente a formação de um governo subalterno do Rio de Janeiro.

O povoamento das terras reconquistadas do Rio Grande, que lhe merecia um cuidado especial, começou por fazer entrega das terras áqueles a quem haviam pertencido e mandou repartir as que não tinham dono por gentes que estivessem desacomodadas.

Lembrando-se que a maior parte dos soldados da Europa haviam sido lavradores ou eram filhos de la-

(1) No ano de 1775 o ouro entrado na Real Casa de Fundição de S. Felix, fora 1562 marcos, 2 onças, 5 oitavos e 27 graus. 1/5 era para o estado.

vradores, tendo portanto inclinação para a lavoura, autorizou o casamento d'esses soldados com as filhas dos lavradores, dando-lhes a certeza de que, ainda quando a tropa se retirasse, ficariam, querendo, n'aquelle continente, desde que já tivessem feito o seu estabelecimento.

Seria esta a forma não só de aproveitar a fertilidade d'aquelas terras, mas ainda de verdadeiramente nacionalizar o Continente.

Em janeiro de 1776 enviava uma amostra de *Bau-nilha* e diz que ali nenhum caso fazem d'aquelle produto sobre cuja utilidade comercial pede informações ao Ministro para saber se deve animar a sua cultura. Também enviava nova remessa de anil.

O contracto da pesca da Balea deu em 12 anos o lucro de 2 milhões e 500.000 cruzados.

"Tambem puz na presença de S. M., escreve o Vice-Rei (1) que me parecia sumamente util ao seu Real Serviço, que antes de se arrematar este contracto, fossem ouvidos a lançar os homens de negocio d'esta Praça, por eu ter ouvido aos mais abonados, e que são aqui reputados de maior credito, que o contracto no estado em que estava era uma das negociações mais uteis que podiam ter hoje os negociantes, e que quando ele se quizesse rematar, se fosse ouvida a Praça hav'a de crescer muito mais a arrematação; de tudo isto fiz aviso sem ter resposta mais do que a noticia publica de se ter arrematado com o limitado acrescimo de 20 mil cruzados, que estou certo que se V. Ex. conhecesse as circumstancias particulares que ha neste negocio, que julgo as ocultaram a V. Ex. afim de não chegarem á Real presença, V. Ex. ficara na certeza da pouca vantagem que se tira desta arrematação e das grandissimas utilidades que podem tirar os arrematantes.

(1) 24 de setembro de 1777 para Martinho de Mello.

“A remessa dos Quintos ha-de V. Ex. achal-a diminuta, porem a grandissima necessidade em que me vi, me não pôde dispensar de bulir n'elas. Eu avisei antecipadamente de que ficava n'esta resolução, eu vi que era indispensavel aprontar-se a esquadra; os officiais mecanicos que trabalhavam todos fugiam e se escondiam no mato logo que lhe principiava a faltar com os pagamentos, d'este modo não havia outro remedio, que ou pagar-lhes ou ficarem os navios sem o concerto que era preciso.

“Os negociantes enquanto se lhe pagou franquiavam tudo que tinham nos armazens para o concerto e fornecimento dos navios; logo que viram que lhe parou o pagamento, esconderam tudo e não só faltava para os navios da esquadra, mas até parava o commercio e navegação, porque eles com medo de se lhe tomar para a Fazenda Real, nem a particulares queriam vender.

“O mesmo succedeu com os lavradores a respeito dos mantimentos, depois o soldo das tropas que tem estado sobre a fronteira, que era preciso que este não faltasse, e só assim tenho evitado a deserção por tal modo, que se tem conseguido, que em todo este tempo de guerra, tenham desertado menos da 3.^a parte da que ordinariamente desertava em tempo de paz, alem d'isto era necessario fornecer o exercito do Sul de tudo quanto precisava; assistir á Ilha de S. Catarina com o muito que lhe assisti para ela se poder defender. O mesmo pratiquei em Colonia; depois prevenir as defesas d'esta capital; reedificar todas as fortalezas que a defendem; fazer outras de novo nos logares mais importantes, onde não tinha nenhuma defesa.

“Algumas destas fortificações fazel-as a fundamento, outras com terra e faxina, formando grossas trincheiras que podessem sofrer o ataque da artilharia, alem d'isto, sustentar e pagar a grande numero de auxiliares que

saiam das suas casas para virem guarnecer estes portos, tudo isto sem dinheiro não era possível fazer-se; emquanto quiz ver se isto se conseguia por boas palavras e agrado, não pude conseguir coisa nenhuma.

“Não tive outro remédio que principiar a pagar, e a essa proporção todos se prestaram assim com as suas pessoas, como com tudo o que tinham, e foi o modo com que de alguma forma pude cumprir as diferentes partes que havia de acudir.

“As consignações, não só não chegaram, mas ainda com aquelas mesmas me não assistiram alguns dos Governadores que eram obrigados a mandar-me.

“O de Goyaz não me tem mandado nada, o de Baía dá interpretação ás ordens, e deste modo bem vê V. Ex. que é impossível o suprir. Além disto deve V. Ex. saber, que sem embargo de eu ter tirado aquela porção dos Quintos, que a V. Ex. constará pelo Real Erario, ainda estou devendo das despesas que se tem feito, uma soma crescida, e da divida destas particularidades resulta a S. M. gravissimos prejuizos; porque como diminue aos negociantes o cabedal com que negoceiam, uns fogem de continuar o comercio e outros diminuem-no, falta a S. M. o rendimento dos seus direitos, não só dos da alfandega, mas de todas as outras partes para onde eles os transportam, e que são obrigados a pagar.

“O lavrador deixa de fazer as suas plantações e por consequencia os dizimos diminuem.

“Eu bem conheço, que um desembolso maior feito de repente pode fazer maior especie, e pode parecer que fará falta para suprir outras despesas; porem assente V. Ex. que isto não é tão certo como parece, quanto mais sae dos cofres Reais para se pagar aos que suprem com os seus efeitos, o que é preciso para o Real serviço, quanto menos empate tem o cabedal dos particulares, maior e mais repetidas porções de dinheiro entra

nos cofres de S. M.; esta experiencia tenho eu tido por muitas vezes, onde observo, que quando demoro pagamentos, tambem se me demoram as entradas nos cofres; logo que faço pagamentos, immediatamente principio a receber grandes entradas.

“Estes foram os motivos que me obrigaram a servir-me de uma parte dos Quintos, julguei ter justos fundamentos, e sentirei não ter obrado como devia; como a minha intenção foi boa, queira V. Ex. tomar a sua conta o desculpar-me”.

“22 de outubro 1777. Sr. Marquez de Anjeja.

“Devo mais dizer a V. Ex. que no caso de continuar a guerra, que eu não tenho meios com que possa assistir á esquadra e á tropa.

Os rendimentos da Capitania destinados a este fim são muito poucos. As Capitánias que me devem auxiliar não o fazem, de Goyaz não tem vindo cousa nenhuma e a Bahia debaixo dos pretextos que lhe parece, tambem deixa de socorrer-me como deve. Ainda que estes socorros viessem, segundo o que se lhes determinou, ainda assim não bastariam para satisfazer a despesa.

“A toda a marinha deve-se infinito, estão precisados de ter vestuario, e bem pode considerar V. Ex. a má vontade com que todos servirão, faltando-lhe tudo o que eles precisam.

“Eu me acho igualmente falto de balas de todos os calibres, falta-me tambem artilharia grossa para as Fortalezas e mais postos que defendem esta Capital. Eu confesso a V. Ex. que não sei o como posso ir suprimindo de algum modo, as grandes precisões em que todos se acham. Os armazens estão faltos de tudo, assim para a tropa como para a marinha, as consignações, ainda completas não chegam para se satisfazer as despesas; pro-

testando alguns governos com frívolos motivos, de não me remeterem o que devem, como já fiz presente a V. Ex., forçosamente me hei-de ter visto na maior consternação e é impossivel eu cumprir e satisfazer as minhas obrigações.

“Sem dinheiro, senhor, creio que não houve general nenhum ainda o mais habil, que achasse o segredo de poder fazer a guerra.

“Eu para remeter esta porção que agora mando para o Rio Grande, foi-me preciso pedir a alguns dos particulares, dinheiro sobre o meu credito, e igualmente faço sobre ele a mesma divida para vestir as equipagens dos navios que estão nuas, e na maior necessidade”.

Os trabalhos de guerra, e os poucos meios que o Marquez tinha á sua disposição não impediram que ele continuasse a promover e animar as descobertas uteis, auxiliando-se com os poucos homens instruidos e activos que havia no Rio de Janeiro; entre estes citaremos como devendo ter um lugar muito distincto João Hopman.

Foi a quem o Vice-Rei incumbiu as primeiras experiencias sobre a preparação de Guaxima (especie de linho) da qual se extraia um excelente linho, de que se fizeram optimos cabos que o Vice-Rei mandou experimentar na esquadra e que foram achados de superior qualidade aos extraidos de Canhamo por isso que sendo igualmente ou talvez ainda mais fortes pesavam menos. Verificou tambem que dele se poderiam fazer lonas, e reconhecendo a grande utilidade que o estado podia tirar d'este novo producto, e que Hopman era muito capaz para dirigir a cultura e preparação desta planta, propoz ao Governo em 12 de Janeiro de 1778, que concedesse a Hopman um privilegio por 8 ou 10 anos para a preparação da *Guaxima*, dando-lhe tambem

alguns socorros pecuniarios para o primeiro estabelecimento, dos quais ele indemnizaria o estado com a cordoaria e lonas necessarias para o serviço de Marinha.

Por esta mesma occasião fez o Marquez reflexões sobre a conveniencia, até para a moral e saude publica de estabelecer algumas fabricas na America.

Em Maio d'este ano, Lavradio incansavel em promover tudo quanto era de utilidade publica, remeteu para Lisboa diversas plantas de sementes, de que se extraiam boas tintas, pedindo que se mandassem fazer as experiencias necessarias, e que depois se animasse o commercio á sua exploração.

Por esta mesma occasião remeteu amostras de todas as madeiras da Capitania, assim como 4 arrobas de *Guaxima* e 3 cabos d'este linho, prometendo mandar antes do fim do ano mais 600 arrobas.

Observando o Marquez que a cultura do tabaco estava muito atrasada na Capitania do Rio de Janeiro, ponderando quando seria proveitoso animar a cultura d'esta rica planta, mandou passar diferentes homens conhecedores da sua cultura e preparação, nos diversos districtos da Capitania, para ensinar o modo de plantar, colher, secar e envolver as folhas de tabaco. E não contente de promover esta industria na Capitania do Rio de Janeiro. fez a mesma diligencia na de S. Paulo, e bem conhecidos são hoje os resultados d'essa diligencia.

Fazendo estas participações ao Ministro, lembrou-lhe alguns meios de animar este commercio, e mandou amostras de tabaco e 20 arrobas foram remetidas ao negociante José Ramos de Fonseca, morador na Rua de S. Bento.

Em Lisboa segundo as experiencias feitas na Cordoaria (1) não aprovavam o linho *Guaxima*, e o Mi-

(1) Officio de 4 de dezembro para Martinho de Mello.

nistro ordenou a Lavradio que abandonasse o *Guaxima* e se applicasse á cultura do Canhamo. Lavradio replicou a esta ordem, mostrando que um e outro linho podiam ser utilizados com proveito, e que se a primeira remessa de Guaxima que havia feito não tinha dado bom resultado, era por haver sido colhida fora do tempo competente, e que portanto ele continuava a insistir na importancia da sua cultura.

Quanto ao canhamo, referia o que se lhe devia, pois quando chegou ao Rio de Janeiro, nada havia das tentativas feitas pelos Condes de Bobadella e Cunha, senão uma pouca de semente podre que havia achado nos armazens, mas que ele havia conseguido renovar a cultura de canhamo do modo seguinte: Constando-lhe que em um navio Francez, que havia aportado ao Rio de Janeiro e que ia para India, se achava um official que trazia sementes de varias plantas, mandou-lhe perguntar se trazia alguma de canhamo, ele mandou dizer que sim, e ofereceu-lhe 3 duzias, que o Marquez fez semear, porem só pôde obter 10 individuos e d'estes mesmos 5 foram comidos pelos passaros, contudo os que escaparam produziram muito bem, e foram novamente semeados, e chegando a obter $3/4$ de semente, mandou fazer uma plantação na Ilha de S. Catarina que produziu muito bem, mas a desgraçada perda da Ilha inutilisou em grande parte este trabalho pois os Castelhanos entraram antes de feita a colheita. Contudo constando-lhe que um pequeno lavrador da Laguna havia podido guardar uma porção de semente, tomou logo as providencias necessarias para que ela se podesse aproveitar, assim como um pouco de linho que uma pobre mulher da Ilha havia guardado.

Desembaraçada a Ilha de S. Catarina e o Rio Grande, tratou logo o Marquez de renovar n'aquelas Capi-

tancias as culturas de anil, canhamo, coxonilha etc. (1)
(2).

Havia 10 anos que o Marquez estava na America "os mais trabalhosos que teve governador nenhum" como ele escrevia ao Visconde de Vila Nova de Cerveira esperando "da tua amisade te não esqueças que vou completando 10 anos de Brasil"; quando finalmente em agosto de 1778 recebeu a noticia de lhe ter sido nomeado sucessor.

O sucessor era Luiz de Vasconcellos e Sousa (3) e Lavradio apezar de estar convencido que ele seguiria outro sistema continuou a trabalhar com o mesmo ardor com que havia começado o seu governo.

A morte de El-Rei D. José alterára profundamente a politica Portuguesa. O Marquez de Anjeja substituiu Pombal e em novembro dirigia a Lavradio o seguinte officio, que é um documento bem demonstrativo dos bons serviços prestados durante um tão longo governo: "Tudo que observei me confirma a boa opinião que sempre tive das estimaveis qualidades de V. Ex.

"A dexteridade em governar os povos, a politica em trazer satisfeitos ainda aqueles que não podiam acomodar-se á sua autoridade, a dissimulação em disfarçar indiscretas sem razões, a moderação no uso do poder, que se lhe havia confiado, e emfim os talentos militares de que sempre V. Ex. deu admiraveis provas, todas estas circumstancias são irrefragaveis testemunhos da consumada prudencia com que V. Ex. se dirigiu no seu governo, e outros tantos elogios de grande zelo com que se dedicava ao Real Serviço.

(1) Officio de 27 de dezembro e carta para o Marquez de Anjeja em 30 de dezembro.

(2) Já n'este tempo havia em Lisboa uma grande fabrica de anil, resultado dos trabalhos de Lavradio.

(3) Luiz de Vasconcellos de Souza foi nomeado por decreto de 30 de abril de 1778, esta nomeação só foi participada oficialmente a Lavradio em 25 de setembro e ele só a recebeu em dezembro.

“A habilidade e merecimento de V. Ex. na verdade o livraram da critica situação em que o haviam reduzido as infelizes conjuncturas do tempo, e só a penetração de V. Ex. podia descobrir em tão negra confusão a luz necessaria para se guiar no melhor acerto: ordens contradictorias e ambiguas, sucessos infelises e empresas malogradas não só poriam em perplexidade o espirito de V. Ex., mas tambem mortificariam o seu coração que só respirava o serviço da Patria e a gloria da Nação.

“Porem sucedendo á agitação da guerra a serenidade da paz, já V. Ex. viverá com mais socego, vendo das ordens que lhe forem expedidas, terminadas as dissensões, que tanto nos inquietaram e restabelecida a boa harmonia que se faz necessario cultivar com a Corte de Madrid, cujo objecto será sempre muito importante para a nossa tranquillidade.

“O mesmo ardor que V. Ex. mostrou nas disposições de guerra espero eu ver exercitada na administração da Fazenda”.

A má fé dos Castelhanos, e muito especialmente a do novo Vice-Rei D. Juan Joseph Urtiz, que sucedera a D. Pedro Cevallos, demorava o cumprimento do tratado e Lavradio não queria entregar a Nau S. Agostinho emquanto eles não fizessem as entregas a que pelo tratado preliminar estavam obrigados, o que dava origem a queixas contra o Vice-Rei que determinaram ordens positivas da Côrte para a entrega da Nau, o que o Marquez realizou em 25 de Dezembro.

— Quasi um ano havia que Luiz de Vasconcellos e Sousa se achava nomeado Vice-Rei do Brasil, quando em principios de abril de 1779 chegou ao Rio de Janeiro, aonde o Marquez o recebeu com todas as honras que lhe eram devidas, e no dia 5 de abril entregou-lhe

o governo com as formalidades estabelecidas pela lei e antigos usos.

No dia 12 de Junho de 1779 embarcou o Marquez na Fragata de guerra N. S. de Nazareth, comandada pelo Capitão de Mar e Guerra Antonio Januario do Valle, saindo no dia 19 e recebendo á sua despedida as maiores demonstrações de respeito e amor dos povos que por tantos anos havia governado, aos quais havia administrado sempre justiça com a maxima imparcialidade, tendo alem d'isso procurado animar a agricultura e o commercio e tendo com efeito conseguido fazer prosperar tanto uma como o outro, não obstante a guerra que tão nociva foi á realização dos seus projectos: mas para o immortalisar basta sêr ele a quem o Rio de Janeiro e as outras Capitánias subalternas devem o café, o anil, a cochonilha, o linho, canhamo, guaxima, a seda, a extração das tintas das suas madeiras etc.

O Rio de Janeiro deve-lhe as suas fortificações e decisivos passos na trilha de sua civilização.

S. Catarina o grande numero de productos que ali introduziu.

O Rio Grande o adiantamento da sua agricultura e o inicio das suas industrias, que as ordens da corte e o sistema do Regimen Colonial lhe não deixaram desenvolver quanto ele sabia e desejava.

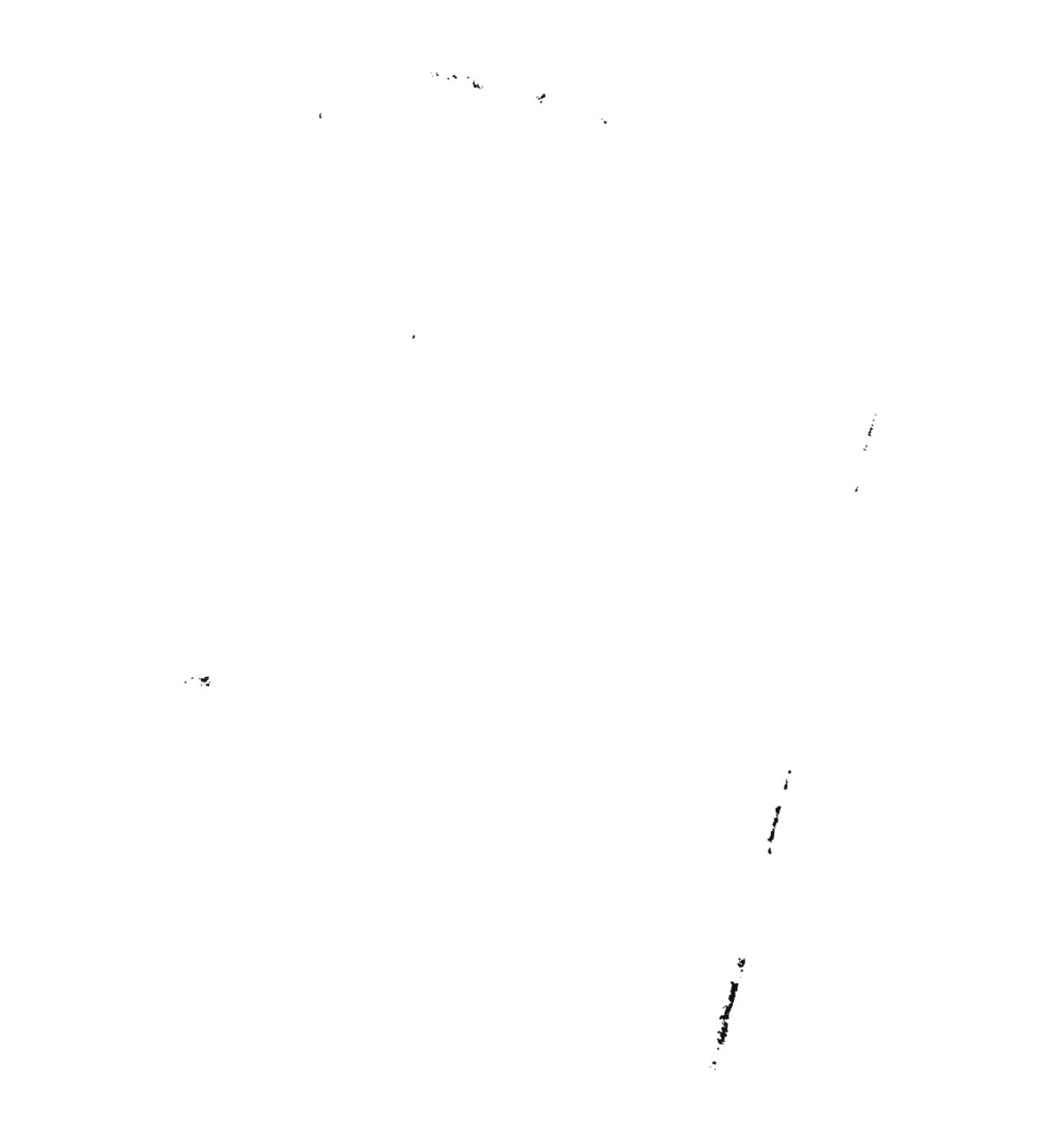
Antes de deixar o Brasil e obedecendo ás ordens da Rainha, comunicou ao novo Vice-Rei não só as ideias que tinha sobre a Ilha de S. Catarina, mas tudo quanto era relativo ao governo da Capitania do Rio de Janeiro e aos dominios que lhe estavam subordinados, deixando-lhe, a respeito dela e d'elles, uma instrução geral de tudo o que entendia que podia melhor contribuir para o bem do Real serviço e prosperidade das suas colonias.

A 20 de agosto chegava a Lisboa, e a Rainha mandou logo um dos seus escaleres para o conduzir á terra com ordem de ir logo á sua presença. Foi recebido com grandissima distincão pela Rainha, pelo Rei e toda a familia Real, assim como por todos os membros do ministerio.

Os 11 anos do Brasil arruinaram-lhe a saude, envidaram-lhe a sua grande casa, mas davam-lhe o direito de adoptar a divisa do grande Henrique:

"Talent de bien faire".

DOCUMENTOS



DOCUMENTO N.º 1

Dom José por Graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves, daquem e de alem Mar em Africa, Senhor da Guiné, e da Conquista, Navegação, Comercio da Etiopia, Arabia, Persia e India etc. Faço saber aos que esta minha carta Patente virem, que atendendo á qualidade, merecimento e serviços do Marquez do Lavradio: Hey por bem fazer-lhe mercê de o nomear (como por esta nomeio) no emprego de Governador, e Capitão General da Capitania da Bahia, e das mais a ele subordinadas, por tempo de 3 anos, e o mais, que eu fôr servido, emquanto lhe não mandar successor, e com o dito governo haverá o soldo, que lhe competir, pago na forma de minhas ordens, e gosará de todas as honras, poderes, mando, jurisdição, e alçada, que tem, e de que gosou o seu antecessor, e de mais, que por minhas ordens e instruções lhe for concedido, com subordinação somente do V. Rei e Capitão General do Mar, e Terra do Estado do Brazil, como a têm os mais governadores d'ela. Pelo que mando ao meu Governador, e Capitão General da sobredita Capitania da Bahia, e officiais da Camara d'aquella Cidade, dêem posse do mesmo governo ao dito Marquez do Lavradio; e a todos os officiais de guerra, justiça e Fazenda, ordem tambem que em tudo lhe obedeção, e cumprão suas ordens, e mandados, como ao seu Governador e Capitão General; e ao Thesoureiro, ou recebedor da minha Fazenda, da mesma Capitania, a quem o recebimento d'ela tocar, lhe faça pagamento do referido soldo, aos quarteis por esta carta somente, sem para isso sêr necessaria outra pro-

visão minha, a qual se registará para o dito efeito nos livros da sua despesa, para se lhe levar em conta, o que assim lhe pagar; e o dito Marquez do Lavradio jurará em minha Chancelaria, na forma costumada, de que se fará assento nas costas desta minha Carta Patente; e antes de partir d'esta Corte, fará em Minhas Reais Mãos preito, e homenagem pelo dito Governo, segundo uso e costumes d'estes Reinos, de que apresentará certidão do meu Secretario de Estado; e por firmeza de tudo lhe mandei passar esta Carta Patente por mim assignada, e selada com o Sêlo grande de minhas Armas; e pagou de novo direito um conto, novecentos, e desassete mil e quinhentos réis que se carregarão ao Thesoureiro d'elles a fs. 367v. do Livro quinto da sua receita, e deu fiança no livro segundo delas a fs. 98 a pagar os novos direitos do mais tempo que servir alem de 3 anos, como constam do seu conhecimento em forma registada no Livro Vigésimo do Registo Geral a fs. 73v.; Dada na Cidade de Lisboa a vinte e seis de Agosto: ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos secenta e sete — Sello. (a.) El-Rei.

Nas costas da carta.

Aos vinte e cinco de Setembro de mil setecentos sessenta e sete no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda onde ora assiste o Muito Alto, e Muito Poderoso Rei D. José 1.^o Nosso Senhor fez preito de Homenagem o Marquez do Lavradio, pelo Governo da Capitania da Bahia, em que é provido pela carta retro escrita, de que se fez assento no Livro das Homenagens, que assignou com o Conde de S. Vicente, do Conselho de S. Magestade, e Coronel da Armada Real; e com o Conde de São Payo do Conselho do Mesmo Senhor e Gentil Homem da Camara do Serenissimo Senhor Infante D. Pedro, que se achavam

presentes a este acto. E de como fez o dito preito de Homenagem se lhe passou a certidão. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda dia, mez, e ano ut supra. (a.) Franc.^o Xer. de Men.^a Furtado.

DOCUMENTO N.º 2

5 de Maio 1768 — Baia. Para o Conde d'Oeyras.

Fui á relação pela primeira vez no dia 21, n'esse dia e no dia 22 vi os 2 Regimentos desta Guarnição, os quais não só estão sumamente diminutos mas se conservam com os olhos tão fechados como se achavam as nossas tropas antes da guerra; a maior parte dos officiaes são velhissimos principiando pelos primeiros Comandantes, e peor que a sua idade é não lhe achar disposição para poderem mudar de lingua; os soldados (os poucos que ha) percebem excelentemente o que se lhe diz, e parece-me que buscando-se-lhe geito e dando-se as providencias que são necessarias se poderá fazer uma boa tropa.

Devo dizer a V. Ex. que se não houver alguma providencia para que o Bispo não ordene, e não adite a Igreja a imensidade da gente que continuamente nos está embaraçando, por este meio, que não temos de onde fazer soldados porque é tal a relaxação que ha nisto, que ha quantidade de Igrejas que tem 5 ou 6 e mais sacristas, tendo eu visto sem embargo d'isto ajudar ás Missas e vir acender as velas no Altar pretos nus de pé descalço.

O corpo da relação que é outra parte d'este Governo acho bastantemente perturbado, achei quasi todos os Ministros em ranchos e parcialidades, e me vejo por esta rasão, no embaraço dos que devo escolher para me fiar: os que me parecem mais capazes por ora é Rodrigo Coelho, que ouço sêr bom letrado, tem servido com limpeza de mãos, tem bastante expedição e desembaraço,

porem sempre creio, que hade necessitar de vez em quanto de Cabeções porque é sumamente vivo. Tambem me parece bem José Gomes Ribeiro que serve de ouvidor do crime, é um Ministro que tem retidão, ouço que sabe e que tem servido com muita limpeza de mãos. . . Acho outro Ministro que se chama Miguel Carlos Caldeira que me parece excelentemente, e tem de mais a mais a circustancia de não ter entrado em nenhum partido ou parcialidade porque havia pouco tempo que tinha chegado. Dos outros não posso dizer nada, porque umas vezes me teem parecido menos mal, e outras não tenho gostado absolutamente de os ouvir, e finalmente sempre julgo seria conveniente ao serviço de S. M. algum recluta novo para esta relação acrescendo-me mais a circustancia de que varios d'elles lhe não faltará que um ano para acabar o seu tempo quando esta carta chegar á presença de V. Ex.

Sou obrigado a dizer a V. Ex. que eu acho em uma terrivel ordem o modo com que se administra a fazenda de S. M. n'aquelas repartições que tem isto a seu cargo, e como estou com as memorias muito frescas de ver o como hoje se administram os armazens e toda a repartição do arsenal que comprehende em si tantas e tão importantes cousas, e como se administra egualmente o que pertence á tenencia e os armazens de sobreceletes, seguro a V. Ex. que me tem feito ao desarranjo que tenho visto grandissimas desesperações e a respeito d'estas coisas tenho já principiado a dar algumas providencias, como são, ter achado muitas excelentes madeiras de S. M. podres e perdidas, por se não querer fazer um telheiro aonde elas se hajam de recolher do rigor do tempo; haverem 11.000 armas que por se não mandarem vir alguns espingardeiros a quem se pague o seu jornal por algum tempo, não se achar agora uma só capaz de servir, e todas elas postas sem nenhuma arrumação, nem ordem

perdendo-se cada vez mais, por não se fazer a despesa do preparo de uma casa aonde elas estejam em melhor arrecadação. Todas as obras publicas que se mandam fazer, são sempre arrematadas pelos mesmos homens, e quando eles aparecem em Praça não se atreve a vir mais ninguem a lançar, feita a medição, muitos d'aqueles que talvez feitos com bons espetares, principiando eu pello ser tambem, pode ser que utilisasse infinitamente a Fazenda Publica de S. M.; isto mesmo succede a respeito da Factura das Fardas e Patronas e de tudo o mais pertencente aos Soldados a varios destes pontos tenho eu já remediado mandando-o fazer na forma que eu sei S. M. manda praticar n'essa carta.

Nas arrematações que aqui se fazem de algumas destas rendas que se administrou pela Real Fazenda, como é a dos Disimos que é a que actualmente anda entre mãos para se arrematar, já tenho dado tambem alguma providencia, porque achei que havia algum embargo nos Lançadores de Tabaco que se vende por esta repartição, e não só o tenho feito subir de ponto, porem parece-me que teremos este ano uma venda que será vantajosa. Isto seguro a V. Ex. que tem chegado a estado bem deploravel; acho quasi esvasiados os cofres, infinitas dividas, as cominações applicadas para as despesas d'esta Capitania, uma grande parte d'elas alteradas e finalmente se houver um repente em que seja necessario fazer alguma despesa indispensavel não ha com que se possa fazer, e os homens de negocio como teem sido muito mal tratados, todos escondem o que tem.

DOCUMENTO N.º 3

IL.º e E.º Snr. Recebi a carta, que V. Ex. me dirigiu, da data de 21 de Julho do presente ano, em que

me dá conta assim do mau estado, em que achou a Casa da Fazenda d'essa Capitania, pela desordem da arrecadação, confusão de contas, e menos crédito publico, que é a consequencia infalivel d'aquelas desordens; como tambem dos meyoys que V. Ex. vai pondo em pratica para estabelecer a boa e metodica ordem, e para consolidar a fé publica, removendo dos animos dos negociantes todos os receios, em beneficio da agricultura, das Rendas Reais, e do Comercio.

A resolução que V. Ex. tomou, de me participar estas noticias, não obstante o havel-as tambem mandado pela Secretaria de Estado dos Negocios Ultramarinos, foi não somente acertada e util, mas tambem necessaria: porque a mim, como Inspector Geral do Erario Regio, he que devem dirigir-se todas as contas das Receitas, e Despesas anuais da Real Fazenda, e tudo quanto ocorrer a respeito da administração, e arrecadação de todas as Rendas Reais. E de se não haver praticado sempre com toda a exacção esta formalidade tem succedido não se acharem todas as clareas necessarias no mesmo Real Erario, onde, segundo a Ley Fundamental d'ele, devem existir as contas de todas as Casas de arrecadação, e as mais que se declaram no Tit. 12.º § 2.º da mesma Ley.

O reservar-se para o principio do ano proximo futuro de 1769, os principios da escripturação da Receita e Despesa da Fazenda Real dessa Capitania pela ordem metodica de novo estabelecida, foi justo, e conforme ás instruções q. se deram ao Escrivão e Escripturarios da Fazenda; porque, como deviam chegar a essa cidade pelo meio do ano, seria dificultoso ou impossivel, q., achando-se em escripturação desde os principios do mesmo ano, pudessem vencer esta, e a do expediente diario para darem no fim do ano o balanço, que a Ley determina. E principalmente não tendo experiencia, nem noticia do

estado dos Rendimentos. Pelo que, foi nas ditas instruções prevenido q. o resto deste ano lhes servisse de preparação no exercicio de ajustarem, até onde possivel fosse, as contas dos anos, que decorrerão desde o principio de 1762; adquirindo as necessarias noticias, e participando o justo methodo aos officiais, a cujo cargo tem estado essas contas; para que estes, debaixo da inspecção do dito novo escrivão nomeado, continuem a extrair as contas dos ditos anos, até que de todo se achem claras, e por elas conste o que em cada um ano entrou nos cofres; por que rendimentos entrou, e a q. anos pertencia, juntamente o que em cada um' ano se despenceo, e em que qualidade de despesas; e finalmente os nomes das Pessoas, a quem fazem cargo as receitas, e a quem as Despesas, fazem descarga, afim de se poder dar execução á referida Ley.

Quanto aos anos antecedentes até o fim do de 1761, que se denominão rendimentos preteritos, devem os mesmos officiais antigos ajustal-as debaixo da inspecção do dito novo Escrivão de Fazenda, até que conste claramente o q. á mesma Real Fazenda se deve ou seja devido pelos Contractadores, ou pelos Tesoureiros, ou por quaisquer outros devedores q. sejão: Para que, aclaradas, e ajustadas as contas com a exacção possivel quanto ao passado, continuem para o futuro por methodo claro, e ajustaveis a qualquer hora.

Os meyo de que V. Ex. me diz usára, para remover dos animos dos negociantes as desconfianças; e para suavemente os atrair a tomarem os Contractos são muito proprios do zelo de V. Ex.^a, e muito conformes ás Pias, e Paternaes intenções de S. M., como fundadas em huma verdade constante.

A desordem da arrecadação e das contas da Real Fazenda causava naturalmente aqueles, e outros maus

efeitos. Padecia a mesma real Fazenda as faltas q. se tem experimentado; utilisavam-se os que consentiam nas Longas demoras, até que as dividas chegavam ao estado de difficil cobrança; e ao mesmo tempo talvez se perseguisse com nimio rigor os Contratadores uteis e abonados. Porem, correndo as contas claras; cumprindo-se fielmente as condições; não se deixando aos devedores, alem do tempo necessario para as suas vendas, meyo de divertirem os Cabedais, e de aumentarem as dividas, inhabilitando-se para a satisfação d'elas; he certo que resultará uma confiança publica, e utilidade reciproca. Muito mais quando por fructo das persuasoens de V. Ex.^a, e removidos os obstaculos que possão haver, se desterre toda a falta de credito publico, e toda a inação na Agricultura, e no Comercio, q. são proprios desse continente.

O assento, que se tomou no Conselho de Fazenda a respeito da cobrança do Dizimo do Tabaco, parece prudente; porque V. Ex.^a não deixará de estar atento para observar e obviar todo o inconveniente ou abuso, que a malicia possa introduzir na pratica.

Quanto ao tempo de arrematação do contracto dos Disimos, como S. M. manda subir á sua Real Presença nos fins de todos os anos balanços exactos de toda a receita e despesa da Sua Real Fazenda, e não é possivel adaptarem-se as contas, que vem das diferentes Capitánias á forma dos ditos balanços, por não principiarem, e findarem as ditas contas no mesmo tempo que elles; mandou o mesmo Senhor que todos os contractos, todos os Almozarifados, e todas as tesourarias, ou fosse anuais ou trianais, tivessem principio no primeiro dia de Janeiro, e fim no ultimo dia de Dezembro.

A razão de não sêr possivel adaptarem-se ás ditas contas das Capitánias aos Balanços do Real Erario é porque n'estes se vê computado especificadamente primeiro quanto ao ano antecedente, contado pela dita ordem ci-

vil, se cobrou de cada um dos rendimentos ou contractos, principiando-se com distincção pelo que foi vencido no ano mais antigo desde o 1.º de Janeiro de 1762, continuando-se pelo que foi vencido nos outros anos, com a mesma distincção de uns dos outros, e acabando-se pelo que foi vencido n'esse mesmo ano, a que o balanço pertence. 2.º quanto no mesmo ano foi despendido, e em que qualidade de despesa, como nas instruções dos novos Officiaes foi assaz declarado. E como nas contas, que se recebiam das Capitánias nem os contractos nem as Tesourarias principiavam conformes mas em mezes e dias diversos, e com especialidade os contractos em todos os mezes do ano, e em qualquer dia dos ditos mezes, acontecia que nunca vinha conta, em que os rendimentos não pertencessem a 2 anos, e em parte tão desiguais quantas eram as diferentes datas, em que os contractos tinham principio: O que não só causava uma grande perda de tempo em divisões, e reduções, mas até estas se não podiam fazer com certesa, pelas duvidas, que a cada passo ocorriam, por não virem satisfeitos, ou por virem mal declarados alguns encargos, em que a mesma divisão se faz precisa.

Estas e outras cirunstancias deram motivo á dita resolução Regia, porque recebendo-se as contas concordes nos tempos, um só Escriuario pode examinal-as, e fazer toda a sua escrituração; no mesmo tempo em que dois ou mais escriuarios não poderam nem fazer ideia clara do que contem as ditas contas na antiga forma confusa.

Quanto porem aos contractos dos Disimos, por se representar que o costume de principiarem no primeiro de Agosto se fundava na maior comodidade, a respeito das colheitas, e de outras circunstancias; mandou S. M. exceptuar estes contractos para que se arrematasse com a condição de principiar no primeiro de Julho, dia em que começa o terceiro quartel do ano. Nesta intiligencia deve

V. Ex.^a ficar como também na de que a arrematação do dito contracto dos Disimos se deve fazer no mez de Janeiro, para que os arrematantes tenham tempo de darem as providencias, que a bem da sua administração julgarem necessarias.

Quanto a se fazer a rematação por 3 anos, assim convem que se pratique, depois de conhecidos os rendimentos, porque a esperanza de se resarcir em um ano o prejuizo de outro, costuma atrair os negociantes de maior fundo, e portanto assim o praticará V. Ex.^a na primeira arrematação. Bem entendido porem que não deve diminuir do preço da arrematação actual, e que os arrematantes sejam dos mais abonados e solidos: tais emfim que façam desnecessarias as execuções; as quais, ainda que não devem praticar-se com imprudencia, perdendo os uteis negociantes, quando se ache a fazenda Real segura, são contudo indispensaveis, quando os devedores levados por ambição, arrematam contractos que nem administrar podem, e se acham na inevitavel ruina. N'estes casos, que se devem evitar nas arrematações, e em que falsamente se atribue a ruina das casas ás execuções arrebataadas, é necessario segurar a Real Fazenda, de que depende toda a boa administração, e segurança publica.

O Projecto, que V. Ex.^a me diz ficava formando, sera tambem recebido, como merece o distincto zelo com que V. Ex.^a obra, e a prudencia, com que procura informar-se com pessoas experientes, e zelosas, de tudo o que é util á Real Fazenda.

Agradeço a V. Ex.^a as expreções do seu affecto, e com outro equal me tem V. Ex.^a certo para lhe dár gosto.

D.g V. Ex.^a m;an. Lisboa 18 de Novembro de 1768.

De V. Ex.^a Comp. e am.g e mais fiel
Conde de Oeiras.

P. S. Na certesa de que V. Ex.^a hade mandar arrematar n'essa Capitania os disimos na forma que propoem, e que nesta declaro, se expedem ordens ao Cons.^o Ultramar.^o para que n'esta Cidade se não arremate o d.^o Contr.^o

Snr. Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO N.^o 4

Honrado Marquez do Lavradio, governador e Capitão General da Capitania de Bahia, amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar, como aquele que preso. Fui servido nomear-vos V. Rei, e Capitão General do Mar, e Terra do Estado do Brazil, e declarar para vos succeder n'esse Governo ao Conde de Povolide, o qual passará a exercitar o mesmo emprego na conformidade da minha Real Ordem. E porque convem muito a meu serviço, que sem a menor perda de tempo passeis á Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro a succeder ao Conde de Azambuja, que pelas suas molestias mando recolher a este Reyno: vos ordeno, que logo, que a Nau de Guerra Nossa Senhora dos Prazeres chegar ao Porto d'essa Cidade, entregueis o governo d'ela, e a sua Capitania ao sobredito Conde de Povolide, e vos embarqueis na mesma Nau, e vades exercitar o sobredito emprego de V. Rey e Capitão General debaixo de homenagem que destes desse Governo, sem que vos seja necessario outro algum despacho, alem do conteudo nesta Carta. Para o que vos hey por levantada a Homenagem, que jurastes nas minhas Reais Mãos desse dito governo. E á Camara da dita Cidade de São Sebastião fui servido mandar escrever na referida conformidade a carta que será com esta. Escrita em Salvaterra de Magos aos oito de Abril de mil setecentos sessenta e nove. (a.) Rey. Para o Marquez do Lavradio.

Juiz, Vereadores, e Procurador da Camara da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Eu El-Rey vos envio muito saudar. Havendo ordenado, que o Marquez do Lavradio, actual Governador e Capitão General da Capitania da Bahia, passasse logo a governar essa Capitania pelo haver nomeado V. Rey, e Capitão General do Mar e Terra do Estado do Brazil, para succeder ao Conde de Azambuja, ao qual houve por bem escusar do dito emprego em atenção ás queixas com que se acha, e levantar-lhe por este a Homenagem, que jurou nas Minhas Reaes Mãos, e havello por desobrigado do dito Governo, para o entregar ao sobredito Marquez do Lavradio: Hey por bem conceder o mesmo poder, Jurisdição e Alçada que compete, e sempre competiu aos mais V. Reis e Capitães Generais do Estado do Brazil seus antecessores, e que tudo exercite sem que lhe seja necessario outro algum despacho, ou Carta, mais que tão somente a que se lhe expede na data d'esta, firmada pela minha Real Mão. o que me parece participarvos para assim ficardes entendendo. Escrita em Salvaterra de Magos a oito de Abril de mil setecentos e sessenta e nove.

DOCUMENTO N.º 5

Mon Seigneur — Votre Excellence trouvant á cette capitale de trop faible Défense, et la Guarnition exposée, manifestement. Elle a fait appeler séparament les Officiers Ingenieurs, Brig.^o; Funck, Colonel Jose Custodio et Cap. Francisco Jose Rossio, leurs exposât ses scrupules, et leurs ordennat de faire un Projet, comment, par l'application des Reméds les plus prompts, les moins cou-teux, et les plus proportionnés cette Ville put être garantie d'une surprise.

Ces Mess.; sut presenté des Plans et des Mémoires raisonnés, qui donnoient plus dans le Possible que dans le Praticable, ils se sont vûs obliger par cette raison, de modifier leurs Propositions.

Vôte Excellence par la Superiorité incontestable des ses Lumières, découvres le faible et le fort des uns et des autres. Vôte Excellence seule peut décider; mais retenüe por sa modestie trop scrupuleuse, Elle veut encore savoir mon sentiment, sur une matière aussi délicate qu'au dessus de ma capacité. Il suffit du bon sens même de l'Instinct pour s'appercevoir du danger, mais c'est à l'Art, à la Science, d'apprendre ou enseigner la meilleure Défense et je n'ais pas été à même de faire un Etude Serieux de celle du Genie. Et aven fait, au depens de ma vanité, pourroit servir d'Excuse, si la Subordination en admettoit; mais Vôte Excellence ordonoré et il ne me reste qu'à obéir.

Ce qu'il lui plait de me dire de gracieux dans la Lettre, qu'accompagnât les dits Projets, m'humilia tellement, que je dois le passer sous le plus respectueux silence; je coup même ce fil, pour aller au fait.

Le Discours du Brigandier Funck me parait plein des plus judicieuses reflexions, sur l'assiette de la Ville, sur les Dehors, sur le Local, sur les Montagnes et Hauteurs voisines, sur les moyens même d'en tirer avantage, sur les Necessités en dedans de la Ville, des Magasins etc. etc. En jettent les yeux sur son Plan, de la Ville et de ses environs, on se trouves, comme transporté, sur les lieux mêmes tant la different configuration des Hauteurs est distincte, et les Profils donnent une idée claire.

Son systeme, pour fortifier la Plaine entre les Montagnes de S. Diego et S. Thérèse, impose, tant par sa hardiesse, que par la nouveauté et denote l'Homme de Genie, qui se croit en droit de proposer.

Mais, Monseigneur, les Décrets Royaux n'admettent pas des Inovations de cette Nature, a qui me dispense d'abord, d'y faire des Raisons qui seroit toujours à perte de vûe, et en l'air: car selon moi, il ne convient, qu'aux Academies, d'examiner ce Project, qui est d'un Savant et d'en juger; Il est superflû même de faire des materiaux, et sur quelques autres Difficultés, qui se rencontreroient dans l'exécution d'un Projet, ou il ne s'agit de moins, que:

1.º. De la construction de deux ouvrages assez respectables sur les cimes des hauteurs de S. Diego et de S. Thérèse.

2.º. De la construction de 7 Bastions, surtout de celui de N.º 7 hormis les Bastions tronqués.

3.º. De la construction d'un Quai de Maçonnerie tout autour de la Ville, depuis le Bastion N.º 5 jusqu'à celui du N.º 7 avec des Batteries sur le même.

4.º. De ce que l'auteur appelle, quelques additions à faire aux deux Forteresses des Isles de Cobras et Vilagalhão.

5.º. De deux grands Bassins N. 9.

6.º. D'un chantier 77 N.º 11.

7.º. De deux grands cisternes N.º 13.

8.º. D'un Magasin de Vivres N.º 12.

9.º De trois Magasins de guerre N.º 14 et 15 et d'un Laboratoire dans l'Isle Vilagalhão.

Je quite ce Projét, par les raisons alleguées, plein d'Estime pour l'Auteur, et passe au Projét de Fortification, du Colonel Jose Custodio, qui intente de faire un Rampart de terre battüe, avec des Parapets de Tappa dont il se promet de grands avantage;

§ 2.^o — Il a mis des Bastions ou il pouvoit, pour être de meilleure defense, diminuant toujours, les Flancs et la largeur des fossés, pour éviter de trop grands Defenses: contre l'opinion de la plus grand partie des auteurs, partisans des bons flancs et de fossés de bonne largeur devant les angles flanqués des Bastions, avec cette condition que les uns soient bien defendues et les autres bien couverts.

§ 3.^o — L'Auteur pour suit en donnant des raisons très fortes qui l'on fait éviter la Montagne de S. Thérèse et au même temps il met son Bastion N.^o 3 à la distance du coup de mosquet, de la hauteur de Pedro Dias, comme Vôtre Excellence le voit, par ses propres yeux; il n'indique pas même cette hauteur sur son Plan, ni n'en parle ou la voit sur le Plan du Brigadier.

§ 4.^o — Reconnoissant le grand prejudice que la proximité des Montagnes de S. Thérèse pourraient faire à la Ville, il resoue de tracer un Ouvrage sur la hauteur de S. Antoine, pour de lá, battre ceux que l'Ennemi vouloit faire sur la Montagne de S. Thérèse comme il se propose aussi, d'empêcher, du Fort de N.^a Snr.^a da Conceição l'ennemi, de seloger sur la Montagne de S. Diego. Ce qui me paroît assez difficile, vu que les montagnes de S. Diego et de S. Thérèse, ont plus de vingt Brasses d'élévation au dessus du niveau de la mer, que n'ont celles de N.^a Snr.^a da Conceição et de S. Antoine, es sont hors de la portée, du But en blanc, ou de 230 Brasses aux endroits mêmes, ou le Colonel a mis depuis sur le Plan, des Forts, dont il ne fait pas mentions dans ce Discours.

§ 6.^o — Les Professeurs jugeront de la Partie des Fortifications depuis le Fort de S. Antoine jusqu'au Rivage de S.^a Lucia, sur la courtine, mise sur l'Eminence derriere le Seminaire et les Deux flancs en bas, de même s'il est plus á propos de descendre, quand on peut se conserver sur des hauteurs, avantageuses.

Dans le Plan B. le colonel donna le Projet, pour fortifier cette ville du coté du continent par un Retranchement fait de terre et des fascines, il y retire de dessous la Domination de la hauteur de Pedro Dias, se resserant sur la ville; mais je crois y remarquer quelques flancs decouverts, le Bastion sur la hauteur de S. Antoine exposé, la Partie qui va, de lá, jusqu'au Rivage de S. Lucia quasi le même, comme dans de Plan A. de la grand Fortification, il n'est pas très facile même, de deviner les endroits ou il veut construire les Ponto 77 e il me paroît impossible de porter un jugement sur l'evaluation des depenses que l'auteur donne, á la suite de son Discours sans voir ni Plans ni Profils, des Magasins, des Corps des Gardes des Pontos 777 ni connaitre la Taypa, ni la distance des Endroits dont il veut tirer la terre.

En general; mes Remarques, sont beaucoup plus des preuves d'obéissance envers Vôtre Excellence, que des saillies de critique, dont mon caractère est assez éloigné; je voudrais animer tout le monde, et ne décourager personne, ni censurier, et moins encore un officier si estimé par tout d'autres endroits.

Je saute sur le grand Projet de Fortification regulière, du Capitaine Fran.^o João Rossio et sur toutes les raisons, ou valables, ou non, avec lesquels il prétend l'appuyer; on y decouvre un champion déjà capable d'entrer en lice, qui veut faire ses epreuves; mais il n'a pas saisi l'Esprit des ordres de Vôtre Excellence.

Le Rétranchement qu'il propose, dans son secon Plan y repond d'avantage et me semble assez susceptible de défense: on voit qu'il se soit resserré et gêne par ci et par lá pour epargner au Roi et ne pas toucher aux Biens des Particuliers, de lá s'ensuit le manque des Places d'armes, alias il paroît avoir donné une Defense reciproque.

Le fossé n'est pas fort large, ses flancs sont petits, ce qui est contre le système des meilleurs auteurs, mais c'est ici un Retranchements; et Vôtre Excellence l'ordonnant

il pourra y remedier, en approfondissant ou élargissant l'un et mettant aux flanques de petits Bastions, des Batteries á Barbette.

Mais je considère le Bastion de S. Antoine, comme très insuffisant, et cette hauteur de trop de consequence pour n'en avoir pas un soin particulier; elle se penche en rente assez douce vers la campagne. La face gauche du Bastion est defendüe de l'Artilherie de l'ouvrage qui se voit en bas de la Sé Velha, mais la droite n'est vue d'aucunautre ouvrage adjacent, et je crains qu'ainsi comme il est, un Ennemi l'auroit á beau marché.

Pour assurer ces Bastions. j'ose proposer, Monseigneur, ou de faire découper, escarper entierement cette hauteur, suivant la figure exteriere de l'ouvrage en haut, ou, por le moins, d'y faire un fossé, assez profond, pour qu'il soit vu jusqu'à l'angle flanqué du Bastion par les ouvrages A. B. ce dernier même pourrait être approcher davantage á la même hauteur pour flanquer mieu la Porte même mise un peu plus á la droite obtiendrait une sortie plus aisée et il y a de l'emplacement pour un Cavalier dans le Bastion. Il ne me parait pas que les terres embarasseront. Si la ligne que le Capitaine a tracé depuis le Ravelin setentrional jusqu'à la Prainha et les Traverses avec une Barrière en bas, parroissent peu de chose, on voit aussi la difficulté de l'accés et le Remède est aisé. Les Portes semblent assez convénablement placer, et defendües.

Au cas que Votre Excellence se determine pour un de ses Retranchements, qui se garnissent avec moins du monde. Elle ce reserva toujours quelques Thouppes pour un corps volant 777.

Des Palissades sur la Berme et une bonne Fraise en doublent la Defense; on y emploie des arbres, qui ne servent a la construction des Batiments et qu'on ébrouche seulement, sans les équerrir. Ceus qui les doivent sour

nir en ont la mesure et les envoient ainsi, il ne reste qu'à leurs donner la pointe: On n'a jamais de Palissades de trop.

Vôtre excellence me permettra de lui représenter que les Broussailles ici alentour, principalement sur la hauteur de Pedro Dias, doivent être coupées de toute nécessité; d'autant plus que c'est du véritable intérêt des Propriétaires qui pourront faire un meilleur emploi d'un terrain, qui ne porte un seul arbre bon.

Les Médecins, les Deserteurs, les Voleurs, les Serpents ont seuls raison de s'en plaindre, les Propriétaires et le Public y gagnent; et la nécessité l'exige.

Vôtre Excellence sent plus que Personne l'importance de faire les préparatifs à temps, pour avoir déjà à la main les Instruments, les Bois que sont nécessaires; sans qu'on aye besoin d'en parler.

Les Plans et les Profils des Edifices et ouvrages indispensables, la justesse de son coup d'oeil, suppléera à ce que se trouve de defectueux et une petite dépense ne l'effrayera pas, quand'il sagit d'un objet si grand.

Recevez Monsieur, avec cet aspect serein et cet air de Bonté, qui vous attire les coeurs, ces lignes que l'obéissance a dité — Puisse je vous convaincre, par mes actions, le plus sincère et plus respectueux dévouements avec lequel je me fais gloire d'être, Monseigneur — De Vôtre Excellence — le très humble très obbeiss. et soumis Serviteur (a.) Jean Henri de Bohm. Rio de Janeiro ce 2 Fevrier 1770.

DOCUMENTO N.º 6

III.º e Ex.º Snr. Todas as providencias, de que V. Ex.ª dá conta na sua carta de 20 de Fevereiro deste pre-

sente ano de 1770 são muito acertadas, dignas do zelo de V. Ex., e muito uteis á Fazenda Real. He muito proprio o projecto de estabelecer um metodo perpetuo, e inalteravel para se governarem por ele as Provedorias sujeitas a essa Capitania, o qual deve V. Ex.^a remeter Real Erario, para que S. Magestade á vista dele, o aprove no que lhe parecer justo fazendo V. Ex.^a entretanto se observe como se acha determinado. Pelo que respeita as dividas antigas, depois de examinadas as suas importancias na Contadoria, devem ser remetidas á Junta, para que esta as aprove, e por despacho da mesma Junta se determine o seu pagamento, procedendo sempre para este, as que forem de quantias modicas pela ordem seguinte: em primeiro logar até o valor de 200\$000, em segundo até 400\$000, em terceiro até 600\$000, em ultimo até 800\$000; dahi para cima porem se deve fazer o pagamento com rateio, que se deve regular pelas antiguidades.

Emquanto aos devedores da Fazenda Real, para que Sua Magestade resolva o que for servido a este respeito, deve a Junta da Fazenda remeter uma relação exata de todos os devedores, declarando-se na mesma relação o tempo em que venceram os pagamentos, os contractos de que procedem, ou outra qualquer natureza de que sejam, especificados e as diligencias que se tem feito para a sua cobrança, e o estado, em que se acham as sobreditas dividas: como tambem se deve remeter outra relação de todos os credores á mesma Real Fazenda, muito individual; e nas mesmas e com as mesmas circumstancias, e declaração do titulo, de que procedem, e do tempo em que foram contraidas. D. G. a V. Ex.^a Lx.^a 5 de Setembro de 1770.

DOCUMENTO N.º 7

Para o Marquez de Pombal.

23 de Janeiro. Como continua a constar com certeza da esquadra que os Castelhanos tem no Rio da Prata, e segundo a força que disem que ela tem é por hora maior do que a da nossa Esquadra que aqui temos, não me resolvo sem uma averiguação maior, a fazer por hora passar a nossa Esquadra aquele Rio, mas para ter mais em segurança a Ilha de S.^a Catarina faço-a marchar toda para aquele porto com ordem de ali esperarem noticias mais certas das forças navais que os Castelhanos tem no Rio de Prata, e á proporção que me forem chegando as mais embarcações do governo que V. Ex.^a me diz ficaram a partir para este porto, e que se hajam de ir armando os outros mercantes que V. Ex.^a tambem me ordena se hajam de armar em guerra irei engrossando aquella esquadra para poderem com menos risco intentarem alguma acção.

Leva porem ordem o Chefe da Esquadra para constando-lhe, por noticias certas, termos alguma vantagem ou egualdade com as forças dos Castelhanos, ele fosse ao Rio da Prata com o numero de Naus que lhe parecer mais competente, sendo o objecto d'aquella viagem o fazer inuteis as naus dos Castelhanos ou destruindo-as, se puder, ou ao menos embaraçando a que os Castelhanos por mar possam auxiliar as disposições que tiverem feito por terra. Todas as embarcações vão providas de mantimentos por 3 meses.

DOCUMENTO N.º 8

Honrado Marquez do Lavradio, Vice Rei e Capitão General do Mar e Terra do Estado do Brazil. Amigo:

Eu El-Rei vos envio muito saudar como aquele que preso. Atendendo a algumas justas e importantes urgencias, que me foram presentes pelas Cartas de D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão, Governador, e Capitão General da Capitania de S. Paulo; informando-me da necessidade que ha de acudir com alguns socorros para pôr em defesa e respeito a mesma Capitania, contra os atentados, que nela havia já feito publicos o Governador Castelhana da Provincia de Paraguay: Sou servido que logo que esta receberdes, façais marchar para a cidade de S. Paulo a José Custodio de Sá, levando na sua companhia dois engenheiros Portugueses por ele escolhidos á sua satisfação, e uma companhia de artilheiros, com os seus officiaes competentes. Da mesma sorte lhe remetereis da Artilleria, que se achar nos armazens dessa cidade seis peças ligeiras de calibre seis, e seis obusos, tambem dos mais ligeiro, com todos os preteixos e munições precisas para o serviço da mesma artilheiria, assim na campanha como nas Praças. E ultimamente mandareis transportar para S. Paulo, um dos Regimentos de Guarnição d'essa Praça, ou aquelas companhias d'ela que o dito Governador vos requerer, para seguirem o que por elles lhes for determinado: o que tudo executareis com aquella actividade e promptidão que de vós confio.

Escrita no Palacio de Nossa Senhora de Ajuda a treze de Agosto de mil setecentos e setenta e um. (a.)
Rei — Para o Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO N.º 9

Ill.º e Ex.º Snr. Os differentes avisos que V. Ex.ª tem feito sobre os movimentos dos Castelhanos da parte Meridional da America Portuguesa: os que depois deles chegaram a esta corte, da Colonia do Sacramento, do

Rio Grande de S. Pedro, e de Santa Catarina: ultimamente as diferentes relações do Governador e Capitão General da Capitania de S. Paulo D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão sobre o que se tem passado no sertão daquela Capitania, com o Governador do Paraguay, deram a S. Magestade justissimos motivos para crer que os Governadores Castelhanos não deixaram em socego as Colonias Portuguesas, que confinão com elles, senão quando virem que nos achamos em estado, não só de lhes resistir, mas de rebater os seus intoleraveis insultos.

Nesta certeza foi S. Magestade servido ordenar: Primeiramente; que se mandasse instruir o dito Governador de S. Paulo sobre as cautellas, e medidas, que deve tomar á vista das delicadas circumstancias em que se acha, as quais o mesmo Governador terá participado a V. Ex.^a; para que á vista delas obre V. Ex.^a de acordo, e em causa comum com o dito Governador, na conformidade das ordens, que em 14 de Abril de 1769 se lhe dirigiram a V. Exa., contempladas nas palavras seguintes: — Reservei para esta quarta carta as instruções pertencentes aos modos, e meios com que S. Magestade tem ordenado, que os Capitães Generais do Rio de Janeiro, e de S. Paulo, se devem conduzir em causa comum, a respeito dos nossos infestos visinhos Castelhanos etc.

Em segundo lugar: Determinou S. Magestade, que V. Ex.^a, sem perda alguma de tempo, assistisse ao sobre-dito Governador de S. Paulo, com o socorro que lhe vai ordenado nas duas Cartas Regias, a que esta serve de coberta: cujo socorro deve ser conduzido por José Custodio de Sá, que S. Magestade tem nomeado Brigadeiro dos Seus Exercicios; na conformidade da outra Carta Regia, a que tambem esta serve de coberta.

Em terceiro lugar: que V. Ex.^a mandando tomar conta da artilheria, petrechos, polvora, balas e mais munhões de guerra, que vão pelo Navio S. Francisco Xa-

vier, e que constam dos conhecimentos inclusos, faça igualmente passar tudo, com a maior brevidade, á referida Capitania de S. Paulo: e juntamente o Sargento, e dois Cabos da Esquadra de Artilheria, que vão pelo mesmo navio.

Em quarto e ultimo logar: que sendo indispensavelmente necessario, que S. Magestade tenha noticias com maior frequencia, e brevidade, de tudo que acontecer n'aquella Capitania, V. Ex.^a convenha com o Governador dela, sobre os meios mais conducentes de se passarem os avisos, sem as ordinarias dilacões com que até agora se tem recebido os que chegaram daquela parte.

Deus Guarde a V. Ex.^a Palacio de N.^a Senhora da Ajuda em o 1.^o de Outubro de 1771. (a.) Martinho de Mello e Castro.

Snr.^o Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO N.^o 10

6 de Novembro 1772.

Para o Brigadeiro Jose Custodio.

A Capitania de S. Paulo acha-se sumamente distituida de gente, esta pouca que existe, tem concebido o maior horror aqueles estabelecimentos, este lhe tem nascido de tudo terem sido trabalhos, fadigas e infortunios, não tem ainda tomado o gosto, nem as mais insignificantes utilidades, veem as suas casas em desamparo, as terras que já possuiam sem culturas nem cultivadores, é natural esmorecerem, fugirem e desampararem.

Em carta de 10 de Setembro, me certifica V. Ex.^a disto tudo, disendo-me os embaraços em que se acha o S. General por estarem as gentes desanimadas com a

noticia das repetidas epidemias, que ha em Guatemy, onde ultimamente morrerão 200 e tantas pessoas, e que se instar o S. General de S. Paulo em persistir nestes trabalhos, sem algumas outras providencias que tudo lhe ficará deserto. Lembra V. E. muito bem que os Paulistas sempre tem tido um genio tão livre e voluntario que pouco será necessario para eles de todo desampararem as suas casas, e nesta conformidade parecia-me que era melhor ir-lhe fazendo estabelecimentos com que eles fossem ficando mais abundantes, requerer-se a El-Rei casais das Ilhas onde ha gente de sobejo para irem povoando os primeiros terrenos conquistados, e depois deste estabelecido com mais força de gentes e dinheiro, ir proporcionando o trabalho ás forças com que nos achassemos. Vendo os povos que as terras que se conquistavam, iam delas tirando utilidade e que nelas se formavam estabelecimentos que concorriam para os fazerem abundantes, não só aquellas gentes concorreriam com muito gosto para a continuação da conquista, mas de muitas partes da America, e ainda da Europa viriam muitas gentes buscar ali a sua fortuna. O juiso intrepido destes Paulistas, é hoje o mesmo que foi em outro tempo, só com a differença de hoje viverem mais sujeitos ás leis, e de lhe terem diferente respeito de que então tinham, e por esta razão, estão hoje uns vassallos mais capazes de fazerem um serviço util ao seu e nosso Soberano, pois se eles estão sem utilidade sem lei e sem respeito a elas não consentiram nunca os estabelecimentos que quizeram ter n'esses sertões os Castelhanos e os Jesuitas, como consentirão agora se da lei lhe fizerem tirar as utilidades que eles podem conseguir, sendo demais já reputados estes homens pela razão e pelas leis. Creio que são estas umas verdades tão claras que me persuado não haver cousa com que se possam contestar.

DOCUMENTO N.º 11

II.º e Ex.º Snr. Recebi, e puz na presença de S. M. a carta de V. Ex.ª que trouxe a data de 25 de Maio do presente ano de 1772 a qual começa com as palavras: O Governador e Capitão General — Viu igualmente o mesmo Senhor o papel que tem por titulo — Instrução previa que o Governador de S. Paulo escreveu a V. Ex.ª A resposta que V. Ex.ª fez ao dito papel e as diferentes cartas e respostas escritas entre o mesmo Governador e o de Mato Grosso; Referindo V. Ex.ª na sua Carta o receio em que ficava, de ser atacado pelos Castelhanos, no Rio Grande de S. Padre, logo que o Governador de S. Paulo começasse a mover-se nas fronteiras d'aquella Capitania; por ter V. Ex.ª noticias certas da desconfiança em que eles se achavam, ocasionada do que o dito Governador havia já praticado por aquella parte.

2.º As referidas noticias porem espalhadas, como é natural pelos mesmos Castelhanos, não são mais que um mero pretexto tão frivolo, como todos os de que aquella Nação se costuma servir: Sendo, certo, que o que o Governador de S. Paulo tem praticado nos districtos do seu Governo, não podia, nem pode, causar alguma desconfiança aos ditos Castelhanos; excepto se eles pertendem e nos querem persuadir, que sem seu consentimento, aprovação e licença não devem os Portuguezes mover-se nem dar passo, nos Dominios de S. Magestade, nem procurar descobrir povoar, e cultivar os sertões comprehendidos nos mesmos Dominios: Tão fóra emfim é de toda a razão a mencionada desconfiança, que ate parece inutil perder o tempo em mostrar n'ela, o palpavel artificio dos seus inventores.

3.º — E' contudo muito verosimil que debaixo do referido pretexto, ou de outro qualquer, ainda quando não houvesse aquele, procurem os ditos Castelhanos, hostili-

sar os Districtos que occupamos no Rio Grande de S. Pedro. Da mesma forma que praticaram em 1715 privando-nos do Territorio da Colonia do Sacramento com manifesta infracção dos artigos 5.º e 6.º do Tratado de Utrech. Em 1726 edificando nos Dominios da Coroa de Portugal, as Praças de Montevideu, e Maldonado: Em 1737 estabelecendo um bloqueio na referida Colonia, que ainda hoje conservam, com tanto aperto, como se estivessemos em uma viva guerra: Em 1762, 1763 e até em 1764 um ano depois de assinado o tratado de Paris, penetrando os mesmos Dominios Portuguezes, occupando o mencionado Rio Grande de S. Pedro, estabelecendo-se nele até o presente, com insoportavel e escandalosa violação do referido Tratado de Paris.

4.º — A rasão porem destas infracções da Paz e da Fé publica, não a havemos de ir buscar nos sertões do *Tibagy* ou do *Ivahy* nem no Distrito do *Guaitemy* mas em uma constante pratica dos Castelhanos, a qual nos mostra e nos adverte, por tantos e tão decisivos factos, quantos ficam acima referidos; que sempre que tiveram e tiverem forças bastantes, nos atacaram, e nos hão-de atacar: E a rasão de sempre o haverem feito, com successo tambem não a havemos ir descobrir em outra parte, senão na frouxidão, e pusilaminidade com que sempre sofremos com abatimento servil as suas arrogancias, os seus insultos e as suas depredações na parte meridional da America Portuguesa. E no total esquecimento e negligencia de tomarmos, com anticipação as medidas necessarias, proprias e eficases para lhes resistir.

5.º — Nesta intelligencia e á vista da desconfiança que V. Ex^a refere de ser atacado no dito Rio Grande o que unicamente lhe resta a fazer é preparar-se para a defesa: Tendo a certesa de que achando-se esta Côrte em perfeita intelligencia com a de Londres; e não tendo cousa alguma que recear da de Versailles: A unica Nação que

presentemente o pode inquietar é a Castelhana e esta bem considerada a sua situação e circumstancias, em nenhuma outra parte que nos dê cuidado senão no Rio Grande de S. Pedro, e seus Districtos.

6.º — Com esta certesa aprova Sua Magestade a eleição que V. Ex.^a fêz do Coronel José Raimundo da Gama Lobo Chichorros, para comandar em chefe as tropas do Rio Grande; havendo aqui as mesmas distintas informações que V. Ex.^a refere do zelo, actividade e desinteresse do referido Oficial: E do vantajoso e exemplar acerto com que sabe consiliar o amor dos soldados, com a exactissima disciplina estabelecida no seu Regimento.

7.º — Aprova igualmente o mesmo Senhor as disposições militares, que V. Ex.^a tem mandado praticar naqueles Districtos, assim a respeito das cinco Companhias de Infantaria, e uma de Artilharia, que ali se achavam destacadas; como da redução dos aventureiros, ou Escolhidos, a quatro Companhias, duas de pé e duas de cavallo. A tudo mais que por V. Ex.^a se acha disposto por esta materia, relativo á mais tropa ligeira, aos seus Exercicios a se occuparem os Homens no trabalho do Campo, emquanto não forem precisos para a Guerra e ao vencimento dos soldos, meios soldos e fardamentos segundo o tempo do serviço em que forem empregados: Tudo é muito conforme a situação e defesa daqueles dominios e dos Vassallos de Sua Magestade que os habitam: Sendo certo que das alterações militares que V. Ex.^a fez no antigo Estabelecimento, se tira o util partido de se formarem ao mesmo tempo soldados e cultivadores.

8.º — Com o mesmo acerto mandou V. Ex.^a completar o Regimento de Dragões, e disciplinar e exercitar nos movimentos e manobras da guerra, assim este Regimento como o de cavalaria auxiliar daquele Continente.

Da mesma sorte foi muito provida a Lembrança de mandar ter prontas as selas, ou lombinhos, de que se

usa no dito Paiz, para que aproveitando-se a Infantaria dos muitos cavalos, que pastam nos campos, podesse acelerar as suas marchas e chegar descansada aos lugares do seu destino.

9.º — Todas estas providencias porem sendo bem calculadas e muito proprias para se tirar todo o partido dos habitantes do Rio Grande de S. Pedro e seus Districtos, não são contudo as que bastam para defesa e segurança deles; porque se os Castelhanos estão na resolução de nos atacar como V. Ex.^a segura, hão-de puxar por todas ou quasi todas as tropas regulares que ficaram em Buenos Ayres, Montevideu e Maldonado, do tempo da ultima guerra; e que depois engrossaram com as que foram da Europa para a Expedição das Ilhas Malvinas, Hão de juntar ás ditas tropas as Milicias e Indios do Paiz e hão de com elas investir os diversos Postos, que ali occupámos, na mesma forma que praticaram em 1762. Donde resulta a evidencia de que as Forças que temos no Rio Grande de S. Pedro e seus Districtos, são insufficientes para resistir a uma invasão dos Castelhanos: E que nos é preciso tær socorros promptos que possam passar aquella parte, logo que os ditos Castelhanos se moverem para nos atacar.

10. — Estes socorros, e os meios, e modos de os estabelecer se acham determinados por Sua Magestade, desde o tempo em que o Conde de Cunha, e D. Luiz Antonio de Sousa Mourão partiram desta Corte; o primeiro para Governar o Rio de Janeiro; o segundo a Capitania de S. Paulo.

11. — Considerando Sua Magestade com as suas clarissimas luzes e penetração o desamparo em que se achavam os seus Dominios da parte Meridional da America Portugueza, no ano de 1762 e que os Castelhanos depois de rendida a Colonia do Sacramento, penetrarão

por eles até o Rio Grande de S. Pedro e seus Districtos, sem alguma opposição.

12. — Vendo igualmente o mesmo Senhor que aquelles importantissimos Estabelecimentos formavam a Barreira da Capitania de S. Paulo e que por consequencia eram os Paulistas os mais interessados na sua defesa e segurança.

13. — Conhecendo da mesma sorte, Sua Magestade: Que de todas as Capitancias do Brazil era a de S. Paulo a que estava mais bem situada e a mais proxima do Rio Grande de S. Pedro: Que os seus habitantes eram os mais intrepidos e os mais robustos e suportadores de trabalho: os que penetraram quasi toda a America Portuguesa, e os que em outro tempo tinham sido nessas partes o terror e açoute dos Castelhanos. até os lançarem fora de quasi todos os Dominios da Corôa de Portugal, por eles presentemente usurpados.

14. — Considerando Sua Magestade tudo o referido: Foi servido ordenar: que nesta mesma conformidade fossem instruidos o Conde de Cunha, Vice Rei do Brazil e D. Luiz Antonio de Sousa Mourão, Governador de S. Paulo; para que de comum acordo, cuidassem na defesa do Rio Grande de S. Pedro e seus Districtos.

15. — Chegados que foram os referidos Vice Rei E Governador á America, propoz o segundo ao primeiro um plano de ataque contra os Castelhanos, o qual plano sendo remetido a esta Côrte pelo Conde de Cunha, se mandou suspender, quanto á invasão n'ele projectada: Determinando-se porem, que ambos estivessem promptos para aproveitarem qualquer occasião, em que os ditos Castelhanos nos provocassem; como V. Ex.^a terá visto na carta com data de 22 de Março de 1767, que lhe foi remetida por copia, com os Despachos de 14 de Abril de 1769 a qual carta, nos paragrafos 2.^o e 3.^o se explica nos seguintes termos:

16. — Por estes Fundamentos: Ordena Sua Magestade, que considerando-se todas estas medidas, que aquele Governador (de S. Paulo) tinha prudentemente tomado; e ainda acrescentando todos os meios que V. Ex.^a e *ele julgarem convenientes*, se conservem promptas para qualquer acontecimento, ou casualidade, porque os vizinhos nos ponham em termos de repelir alguma violencia que se julgar muito natural: Aproveitando aquella occasião para os fazermos sair das Nossas Terras, em que eles injustamente se conservam, sem que para os atacarmos se necessite de tempo, porque nisso consistirá o bom successo do Negocio.

17. — Isto porem se entende no caso dos ditos Castelhanos começarem algum atentado; porque não o havendo: Ordena Sua Magestade que se suspenda por ora aquella invasão pelo motivo acima ponderado.

18. — Dos referidos paragrafos verá V. Ex.^a as ordens positivas que naquêle anno se deram ao Vice Rei do Brazil, e o que assim ele, como o Governador de S. Paulo, deviam obrar de comum accordo, no caso de alguma violencia, ou infracção da Paz da parte dos Castelhanos.

19. — O mesmo comum accordo, que Sua Magestade mandou estabelecer entre o Conde de Cunha, Vice Rei do Brazil e o Governador de S. Paulo, se depreende da carta de Officio com data de 20 de Junho do mesmo anno de 1767 que tambem foi remetida a V. Ex.^a por copia, com os despachos de 14 de Abril de 1769 a qual carta nos paragrafos 7.^o e 8.^o se explica nos seguintes termos.

20. — Primeiramente: Ordena o mesmo Senhor, que o que avisei a V. Ex.^a na dita carta que lhe dirigi em 22 de Março do presente anno, sobre o *Projecto do Governador e Capitão general de S. Paulo* ou o que nela escrevi, desde o paragrafo 1.^o até ao paragrafo 6.^o faça a impretrivel regra de V. Ex.^a e do dito Governador, como é preciso

que faça nas circumstancias que deixo referidas; e nas outras de que ainda tratarei em carta separada.

21. — O que se deve praticar em tal forma; que fazendo-se vêr sempre aos Castelhanos, e dizendo-lhes: *Que V. Ex.^a e D. Luiz Antonio de Souza* tem apertadas ordens para praticarem com os Espanhois seus confinantes a maior amizade, depois da Expulsão dos Jesuitas: *Obrem sempre debaixo deste compasso*, com taes medidas que nem lhes dem justa queixa, adiantando por ora sobre eles o Dominio: Nem lhes permitam que eles se adeantem pelas Terras e Portos, de que até agora estiveram de posse.

22. — Na mesma conformidade do referido acordo comum entre os Vice Reis do Brazil e os Governadores de S. Paulo e seus Districtos, foi V. Ex.^a instruido quando começou a governar o Rio de Janeiro; na forma que terá visto na Carta de Officio, com data de 14 de Abril de 1769 da qual o paragrafo 1.^o é concebido nos seguintes termos.

23. — Reservei para esta quarta carta as instruções pertencentes aos meios e modos, *com que Sua Magestade tem ordenado que os Vice Reis do Rio de Janeiro, e os Capitães de S. Paulo se devem conduzir em causa comum* a respeito dos nossos infectos visinhos Castelhanos, que hoje são, segunda vez infectos, como sucessores dos Jesuitas, depois que os expulsaram, porque a importancia e delicadeza deste Negocio, requerem por sua natureza; que ele seja tratado com separação de todos os outros, que podessem confundir as verdadeiras e especiais ideas, que dele devo dar a V. Ex.^a.

24. — Depois deste paragrafo todo o resto da referida carta contem uma concisa Relação dos Dominios pertencentes á Coroa de Portugal até á margem septentrional do Rio de Prata, e das usurpações que neles fizeram os Castelhanos; Juntando-se á mesma carta um catalogo das ordens derigidias ao Rio de Janeiro desde o

ano de 1763 nas quais se acham incluídas as que ficam acima transcritas: E concluindo a mesma carta nos termos seguintes.

25. — Porque sem uma cabal noção delas (das referidas ordens) não poderá V. Ex.^a formar deste gravíssimo negocio o claro juízo, que lhe é necessario para conduzir os importantísimos interesses que esta Côroa tem na resistencia aos Castelhanos, e na expulsão deles, quando possível fôr, dos Portos e Sertões Meridionais, ou do Sul do Estado do Brazil.

26. — Estas são as ordens que se dirigiram a V. Ex.^a e aos seus antecessores desde o ano de 1763 até o de 1769 relativas ao Rio Grande de S. Pedro aos seus Destrictos e aos mais Dominios da parte Meridional da America Portugueza: E estas são igualmente as que por ordem de Sua Magestade dirigiu a V. Ex.^a no ano proximo precedente de 1771 concebidas nos termos seguintes:

27. — Nesta certeza foi Sua Magestade servido: Primeiramente; que se mandasse instruir o Governador de S. Paulo; sobre as cautelas e medidas que deve tomar á vista das delicadas circumstancias em que se acha; as quaes o mesmo Governador tem participado a V. Ex.^a para que á vista delas, obre V. Ex.^a de acordo e em causa comum com o dito Governador, na conformidade das ordens que em de Abril de 1769 se dirigiram a V. Ex.^a

28. — No mesmo ano proximo precedente de 1771 avisando V. Ex.^a dos movimentos que faziam os Castelhanos e recebendo-se nesta Côrte as mesmas noticias pelas cartas que V. Ex.^a igualmente remeteu do Rio Grande de S. Pedro, da Ilha de S. Catarina e da Colonia do Sacramento.

29. — Avisando ao mesmo tempo o Governador e Capitão General de S. Paulo de se achar com os Castelhanos nas mesmas e mais apertadas circumstancias; e do

inaudito comportamento do Governador do *Paraguay* que indicava uma proxima ruptura: Foi sua Magestade servido ordenar a V. Ex.^a — Que sem alguma perda de tempo remetesse para aquella Capitania os socorros que lhe foram determinados pelas duas cartas Regias, com data de 13 de Agosto do precedente ano de 1771.

30. — Foi o mesmo Senhor igualmente servido que na conformidade, e no identico sentido de todas as ordens que deixo acima indicadas, escrevesse eu a V. Ex.^a a carta de officio que lhe dirigi com data do 1.^o de Outubro do sobredito ano de 1771: e que da mesma sorte instruisse. como fiz ao Governador e Capitão General da Capitania de S. Paulo: Determinando-lhe o que devia fazer da parte do sertão d'aquella Colonia. E que para socorrer o Rio Grande de S. Pedro e os seus Districtos, logo que chegasse á mesma Colonia a tropa que V. Ex.^a tinha ordem de remeter do Rio da Janeiro, a mandasse o mesmo Governador aquartelar em *Curetiba* ou naquella parte que parecesse mais comoda, e ao mesmo tempo mais chegada aos Dominios de Viamão e Rio Grande: Juntando á mesma Tropa dois outros Regimentos auxiliares dos que o dito Governador tinha formado.

31. — Sendo estas as ordens que até o presente tem sido dirigidas ao Rio de Janeiro e á Capitania de S. Paulo: Ordenou Sua Magestade: Que fazendo-se delas um compendio se instruisse novamente a V. Ex.^a na conformidade do que fica acima referido; e ao Governador d'aquella Capitania, na conformidade da copia junta; que tambem faz parte desta carta; para que á vista de tudo ficassem V. Ex.^a e o referido Governador entendendo.

32. — Que assim como as Capitancias do Pará e do Goyaz socorrem a do Mato Grosso: A primeira mandando Tropas por uma Navegação difficil, subindo o *Rio das Amazonas* e os da *Madeira, Guaporé e Aporé* em dis-

tancia de quinhentas e seiscentas leguas: E a segunda por sertões, e em tanta distancia quanta medeia entre as mencionadas Capitánias de Mato Grosso e Goyaz: Assim a Capitania de S. Paulo deve socorrer o Rio Grande e seus Districtos.

33. — Que assim como os Castelhanos juntaram em Buenos Ayres, Montevideu e Maldonado as Forças com que no ano de 1762 passaram ao dito Rio Grande; E que todas as vezes que nos quizeram atacar sempre praticaram a mesma cousa, por não terem outros logares proprios, onde possam estacionar um grande numero de Tropas: Assim nós devemos têr na Capitania de S. Paulo um socorro prompto para o fazer marchar, logo que os Castelhanos se moverem contra nós.

34. — Nesta intelligencia e com estes pontos de vista: Ordena Sua Magestade: Que V. Ex.^a e o referido Governador de S. Paulo tratando de comum acordo este importantissimo objecto, convenham e assentem nos meios e modos de fazerem efectivo o dito socorro, de facilitarem a sua marcha, vencendo os obstaculos e difficuldades que se possam encontrar no caminho; ou tendo Embarcações promptas para o transporte por Mar, se acaso parecer melhor este expediente; depois de calculada a dilação e embaraços que poderão haver por uma ou outra parte; e tomando com antecipação todas as medidas de sorte que o dito socorro, quando fôr necessario, chegue a tempo de ser util.

35. — Por esta forma terá V. Ex.^a para defeza e segurança do Rio Grande de S. Pedro e seus Districtos: Primeiramente as Forças do proprio Paiz: E quando elas não bastem, as da Capitania de S. Paulo. E se ainda formos inferiores aos Castelhanos, pode V. Ex.^a mandar d'essa Capitania um reforço reputado pela sua circunspecção e prudencia; com o qual é muito provavel que lhes

seremos superiores em numero da mesma sorte que o sômos em tropa.

E este é o modo mais eficaz e unico de resistir não só ás suas depredações, mas de evitar que as pratiquem sendo certo que nunca o fizeram se não valendo-se do Nosso descuido e que se não hão de atrever a intental-as logo que virem a V. Ex.^a armado, e resolutos a os tratar como inimigos. Deus guarde a V. Ex.^a Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a 20 de Novembro de 1772. (a.) Martinho de Melo e Castro.

DOCUMENTO N.º 12

Ill.º e Ex.º Snr. Remeto a V. Ex.^a 14 Libras de Anil que já estão pagas por conta da Real Fazenda, na conformidade das Reais Ordens de El-Rei Meu Senhor e pelos Navios que partirem d'aqui no mez de julho ou agosto creio farei a V. Ex.^a remessa de umas poucas de arrobas, porque tenho conseguido fazel-o plantar a bastantes pessoas e estou na esperança de que esta curiosidade cada vez vá em maior aumento: Eu faço da minha parte todas as diligencias que me são possiveis, porem a preguiça natural dos Americanos, faz com que isto se adeante com muito vagar.

O adeantamento em que desejo vêr este e outros estabelecimentos, que serão de tanta utilidade para este Estado, me tem feito percorrer sobre os meios que pode haver para isto se conseguir, segundo o character destes povos, não olhando para o presente que por lisonja a mim, e dependencia emquanto os estou governando, todos se querem mostrar muito prompts para trabalharem nesta Agricultura; porem se isto não ficar solidamente estabelecido, para o futuro, terá logo a maior decadencia e até

quem me succeder, será o primeiro que se não interesse, pelo aumento do que deixo estabelecido: a experiencia me tem mostrado largamente esta verdade e daqui tem nascido o atraso e pouco adeantamento que tem tido todo este Estado.

O modo de isto se evitar me parece sêr: Primeiro que a segurança dos 3 diferentes preços, segundo as qualidades do anil seja feita por algum dos commerciantes desta Praça dos mais abonados. . . Segundo, que os lavradores deste genero não tenham obrigação de virem vender só aquele. . . Terceiro, que os mesmos lavradores possam vender pelos preços em que se ajustarem.

São as utilidades que se tirarem deste metodo, como os prejuizos que se podem seguir, do contrario, tão claros como V. Ex.^a verá.

Primeiramente falando com a experiencia que nesta Capitania tem havido com dois diferentes ramos de Comercio, um do arroz e o outro do algodão; neste segundo houve um homem de negocio que seguiu aos lavradores pagar-lhes o algodão por um certo preço, segundo a sua qualidade e que por aqueles preços pagaria todo o que lhe levasse; seguindo-se d'aqui, o plantarem logo todos infinito algodão, pela certeza que tinha da saída daquelle genero deixando-lhe utilidade e pela liberdade em que ficavam de poderem tambem vender a outros, que lhe dessem maior preço: assim se praticou; houve infinito algodão, carregou-se infinito nos Navios e ultimamente fazia este genero um ramo importante de comercio.

Saio a ordem para que este genero em Lisboa o comprasse um só homem, nenhum negociante o quiz mais comprar e pararam os lavradores com esta plantação, de forma que para Lisboa já não vai nem uma arroba. Com o arroz succedeu o mesmo, seguiu um particular aqui, um preço aos lavradores, com esta certeza todos plantavam e procuravam vender aquele aos que lhe dessem maior

utilidade, e quando a não achavam, vinham por ultimo a vender aquele que lhe segurava a sua extração; immediatamente houve tanta quantidade de arroz, que no ano de 71 e parte de 72 fez este genero a carga mais importante dos Navios que saíram deste Porto. Houveram alguns justos motivos que embaraçaram aquele homem, a não poder continuar a fazer aquelas assistencias aos lavradores, para este ramo de commercio, e até no Rio de Janeiro em que ele se comprava a cinco tostões a arroba, veio a estar por preço de dez e doze tostões.

Por este homem o ano passado tornar a animar aos lavradores, e a dispender com eles algum dinheiro em sinal da extração que faria ter ao seu genero; eles o teem plantado com tanta força que já se acha pelo preço de seis tostões, e este ano irá em bastante abundancia para a Europa. O grande receio que todos estes povos teem de que lhe não sejam certos os pagamentos feitos pela Fazenda Real e não poderem obrigar a mesma Fazenda Real a que por força lhes satisfaça o que se lhe promete, o não haver quasi pessoa nenhuma que não tenha na sua mão papeis correntes, que se lhe não satisfazem, faz que o segurar-se-lhe o prompto pagamento por aquela parte os anime muito pouco pela desconfiança em que vivem; e como o trabalho que agora fazem, é só uma acção lisongeira, feita a mim que os estou governando, e que lhes mostro gosto e interesse neste trabalho, logo que eu lhe faltar e vier outro que naturalmente não entrará nas mesmas vistas, não tendo deles um particular aqui existente, que lhe faça certa a utilidade do seu trabalho, tudo o que se tiver feito sobre este ponto, ficará perdido, e ficarão aqueles homens na mesma indigencia e para o futuro terão ainda maior desconfiança e não intentarão negocios desta qualidade com o receio de pouca persistencia que poderão têm as utilidades que eles se propunham.

No primeiro tempo Senhor, julgo de maior utilidade que se haja de animar um ou dois Comerciantes dos mais acreditados, e de melhor reputação, para fazerem certo aos lavradores a extração dos seus generos, na liberdade porem de o poderem vender a toda a outra pessoa com quem se ajustarem, e que eles o possam navegar para a Europa, isto é remetel-o para Portugal ás pessoas que bem lhe parecerem, deste modo esteja V. Ex.^a certo de que logo haverá grande abundancia de todos estes generos, a que agora promovemos a sua plantação, e por outro modo julgo será uma condescendencia que nã persistirá se não emquanto durar a assistencia daqueles que aqui quizerem lisongear.

Alem disto devo dizer a V. Ex.^a que obrigando a estes lavradores, a que só venham fazer as suas vendas á Fazenda Real, isto basta para os pôr a eles em uma grande desconfiança e a se applicarem todos a estudarem meios para nos enganarem, falsificarem os generos que nos trouxerem, e extraviarem o outro que eles fizerem em mais perfeição e julgarem se lhe possa pagar por maior preço: depois os rendimentos gerais desta Capitania não chegam para as despesas que somos obrigados a fazer; vem esta a ser muito mais carregada com o pagamento que deve fazer aos lavradores, falta o com que isto se faça, vem eles verificando o que temiam e é indubitavel que todos larguem esta cultura, e que se venha a perder a grande utilidade que se pode tirar deste comercio.

Se eu olhasse só para o tempo do meu governo, não representaria a V. Ex.^a nada sobre esta materia, eu faria brilhar só o meu tempo, e pouco me importaria a duração para o futuro desta utilidade; porem como eu Senhor não devo nunca esquecer-me das obrigações da minha honra, e devo procurar que sejam sempre permanentes as felicidades da minha Patria, é-me indispensavel

falar a V. Ex.^a com a franquesa e sinceridade com que chego a sua presença.

O incessante cuidado que me teve o aumento deste Estado; me tem feito continuar todas as deligencias possiveis para descobrir mais alguns ramos de Comercio de que possamos tirar utilidade; e não me satisfasendo só com as ordens que passei para o Rio Grande e de S. Pedro para se faser a plantação dos arbustos em que se cria a Cochonilha, tenho continuado as minhas deligencias por outras partes com as maiores recomendações, porem como todas estas gentes olham para negocios desta qualidade com a maior indiferença pouco ou nada tenho podido conseguir, se tenho adeantado, porem parecendo-me necessario por conta das revoluções que tem havido no Rio Grande, mandar para a Ilha de Santa Catarina um Oficial habil para servir de socorro ao Governador daquela Ilha que não tem mais que bons desejos, nomeie para esta deligencia ao Sargento Maior Francisco José da Rocha, Governador da Fortalesa de Santa Cruz recomendando-lhe muito que nos dias em que estivesse desocupado, passasse a faser assim naquela Ilha como na terra firme que pertence aquele Governo, todos os exames possiveis, assim a respeito das suas produções como do estado em que ali estava a agricultura e se ela se não fisesse, me informasse dos motivos que haviam para isso. Passou finalmente este Oficial aquela Ilha e depois de me informar, que na terra firme ha muito terreno por cultivar, que muitos daqueles povos estão desacomodados, sem terem de que vivam, me dá a estimavel noticia de haver ali infinita Cochonilha de que me manda amostra e fica para me remeter porção maior e que os arbustos em que esta se cria, e nutre, ali produzem com grandissima facilidade e que alem disto, do anil agreste, ha matos maiores do que os que ele viu nesta Capital e seu reconcavo. Esta noticia me encheu de grande con-

tentamento, e logo principiei a expedir as ordens que me pareceram precisas, para se cuidar immediatamente no aproveitamento destes dois generos, que poderá vir a faser a riqueza daquela Ilha.

Esta noticia que é bastantemente interessante, me pareceu justo participar a V. Ex.^a para que me queira dar as suas instruções, no caso deste negocio lhe parecer da utilidade que eu imagino.

As experiencias que eu tenho mandado fazer nesta Capital com a pequena porção da dita Cochonilha, que aquele Oficial me mandou, fasendo ao mesmo tempo as mesmas experiencias com a que vem de Espanha, em tudo se acha igual uma da outra. Eu espero muito brevemente remeter a V. Ex.^a uma porção maior, onde se poderão fazer melhor todas as experiencias que forem precisas. E' o que sôbre esta materia se me oferece diser a V. Ex.^a Deus guarde a V. Ex.^a. Rio de Janeiro a 25 de Fevereiro de 1774. Senhor Martinho de Mello e Castro. — (a.) Marquês do Lavradio.

Ill.^o e Ex.^o Snr. — Remeto a V. Ex.^a a conta junta do caixote de anil, que agora remeto na Galera N.^a S.^a da Luz e S. Ana, de que é capitão Antonio Pinto de Sousa, a entregar á ordem de V. Ex.^a Deus g. a V. Ex.^a. Rio de Janeiro 26 de Fevereiro de 1774.

RIO 25 DE FEVEREIRO DE 1774

Conta de uma partida de anil que na conformidade das ordens de Sua Magestade, se remete á Junta da Real Fazenda ao Real Erario, em um caixote com a marca R. pela Galera N.^a S.^a da Luz e St. Ana, Capitão Antonio Pinto de Sousa a entregar á ordem do Ill.^o e Ex.^o Snr. Marquês de Pombal Inspector geral do dito Real Erario: a saber

9\$ 5/0 2/8	da amostra da letra A. M. 2 examinadas pelo Boticario do Hospital Real Militar, Antonio Ribeiro de Paiva, e compradas a Gabriel João Santiago a 1\$000 - 9\$327.	
3\$	da amostra da letra A. M. 2 examinados pelo dito e compradas a João Roiz de Aguiar a 1\$000 - 3\$000.	
2\$	da amostra letra B 565 examinadas como afirma e compradas a Antonio Ribeiro da Silva a 1\$000 - 2\$000.	
<u>14\$ 5/0 2/8</u>		<u>14\$327</u>

(a) João Carlos Corrêa Lemos.

DOCUMENTO N.º 13

Resposta do Snr. Marquês do Lavradio feita em 29 de Fevereiro de 1774 ao Snr. Coronel Governador José Marcelino de Figueiredo.

No dia de hoje acabo de receber as cartas de V. Ex.^a datadas de 15 e 19 do mês passado, em que V. Ex.^a me dá a noticia de terem levantado o Campo, os Castelhanos, e retrogradado a sua marcha. V. S.^a me remete tambem os manifestos que fêz aquele General e os com que V. Ex.^a respondeu; e a mais correspondencia que V. Ex.^a tem tido com ele; dis-me por ultimo V. Ex.^a que deseja as minhas ultimas ordens e que eu me explique claramente para saber o que deve V. Ex.^a executar no caso em que se acha.

Estimo que os Castelhanos principiasssem já a temer as nossas forças e a conhecer que está acabado o tempo em que se lhe consentiam os seus arrogantes atrevimentos.

Com bastante satisfação vejo verificada a utilidade que eu imaginei se seguiria a essa Capitania, das Tropas

que aí mandei estabelecer para segurança do mesmo Continente, enquanto lhe não podessem chegar maiores socorros desta Capital.

Dos Manifestos do General Castelhana, se vê claramente que os seus intentos se não dirigiam que a lançarnos fora dos estabelecimentos em que nos achavamos e são tão futeis os seus fundamentos, que eles só os autorisam com as convenções particulares, umas feitas pelo Governador Inacio Eloy de Madureira, que alem de estar já sem acordo nenhum pela grave molestia em que se achava, e pelas apertadas circumstancias em que se via, sem gente, nem meios, nem ser socorrido de parte alguma, nunca tinha poder nem jurisdição que o autorisasse, para faser ajustes a respeito dos limites daquela Fronteira; e muito menos se podia arrogar a si a liberdade de os faser contra os direitos incontestaveis que El-Rei Meu Senhor Fidelissimo tem ao Continente em que estamos de posse, e a maior parte daquele em que injustamente estão situados os Castelhanos; e a mesma falta de jurisdição tinha o Brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, para o que praticou contra os sobreditos direitos e sendo certo que semelhantes ajustes, nunca podem ser validos, ainda tendo aprovação ou consentimento do Vice Rei do Estado, ou de quem nele fizesse o Logar-Tenente do mesmo Snr. sem que expressa e claramente, se lhe tivesse dado jurisdição para isso; contudo, nem aquele insignificante consentimento do Vice Rei, ou Governador do Rio de Janeiro, tiveram os ajustes feitos de Inacio Eloy e de José Custodio, e foram só umas resoluções absolutas, indiscretas e de nenhum vigôr praticadas por aqueles dois homens, sem jurisdição nenhuma. Os Castelhanos reçonhecem tanto a pouca força, que tem o convenio ajustado para aquella forma, que eles cheios da maior malicia não lhe chamam senão Tratado de Fronteira, conhecendo que só por um acto tão solene, como cos-

tumam ser aqueles, é que os Soberanos entre si declaram as suas vontades, e ajustam as duvidas que se movem entre uns e outros Dominios; mas quais são os que devem ter o nome de Tratados? São aqueles que são celebrados por uma pessoa, a quem o Rei dá o seu pleno poder para em seu Real Nome haver de assinar o convençãoado, entre uma e outra Côrte, a quem primeiro se propoem todas as duvidas, que se oferecerem, e depois delas aplainadas, e ficarem entre um e outro Soberano ajustadas todas as duvidas, é que mandam assinar, os que teem a Real autoridade; e para ele fazer certo que a tem, se escrevem nos mesmos Tratados as Cartas Credenciais, com que eles acreditem o seu poder, ainda assim ficam garantes dos mesmos ajustes alguns outros Soberanos representados pelos seus Embaixadores. E' isto o mesmo que se fêz no Rio Grande?

Podem aqueles ridiculos ajustes equivocarem-se com um acto tão respeitavel e solene; como o preciso, para se formalisar um Tratado? Pretextos tão frivolos, bem vê V. Ex.^a a pouca atenção que devem merecer, e a facil resposta que merecem, e para que os mesmos Castelhanos não hajam de pegar em pontilhos tão ridiculos, como aqueles, nesta materia, nunca V. Snr.^a lhe dirá mais senão que a respeito dos limites do Territorio V. Snr.^a não pode ceder nem um palmo de terra, daquilo que achou occupado pelos Vassallos d'El-Rei Meu Senhor Fidelissimo, e que tão pouco arbitrio tem V. Snr.^a sobre esta materia que nem se lhe permite V. Snr.^a torne a reivindicar, para os Reais Dominios do mesmo Senhor, o muito que eles teem usurpado e é incontestavel o pertencer-nos, e quando ele General, ou Comandante, tenha que requerer sobre esta materia, o poderá fazer ao Vice Rei do Estado, que é quem poderá responder-lhe, segundo as ordens, com que se achar, ficando ele certo, que se continuar nas suas pretensões, praticando alguns insultos, ou violencias, contra os Vassallos, ou Dominios de El-Rei Meu Senhor Fide-

lissimo; V. Snr.^a os reputará como transgressores da Paz e os tratará como a inimigos, que injustamente nos declaram a guerra, e que V. Snr.^a defenderá os Dominios d'El-Rei Meu Senhor com todos os mais Vassallos, até a ultima gota do seu sangue e em toda a parte irá buscar a completa satisfação ou menor respeito com que eles foram tratados: que as ordens de V. Snr.^a são cheias das maiores recomendações, para a boa harmonia e amisade que deve tratar e manter com todos os Vassallos de Sua Majestade Catolica, e que V. Snr.^a está prontissimo, para o praticar com o maior gosto e sinceridade; e nesta conformidade serão todas as respostas e ficarão por este modo evitados, todos os fastidiosos arrazoados, com que estes amigos continuam entreter o tempo e querer persuadir os povos. Sendo este o espirito, com que continuo a diser a V. Snr.^a resposta aos nossos vizinhos, bem se deixa ver o que V. Snr.^a deve faser a respeito deles, o que eu já livre de toda a equivocação lhe tenho declarado; isto é que V. Snr.^a não rompa a guerra, que sejam eles os agressores, e logo que forem bem justificados os estranhos procedimentos dos Castelhanos, V. Snr.^a se aproveite dessa ocasião para tornarmos a restituir aos Reais Dominios d'El-Rei Meu Senhor o que é nosso, e que com a maior falta de fé nos tomaram os ditos Castelhanos. Para praticarmos esta acção não ha-de ser affectando os primeiros procedimentos que comnosco tiveram os Castelhanos: hão-de ser estes tão manifestos, claros e sem duvida, que os possamos apresentar ao Mundo todo, e fasermos por este modo certa a nossa justiça e rasão. Creio que, esta minha resposta junta ás outras todas, que a V. Snr.^a tenho feito, o tirarão por uma vez de toda a duvida.

Devendo continuar a falar a V. Snr.^a da defesa do Rio Grande, devo diser-lhe que se não esqueça do meu plano, exceto em alguma parte onde o tempo e as circunstancias tenha feito necessaria alguma alteração,

No meu plano busco eu o lugar que me parece mais central da Linha, para faser o deposito geral das Tropas e Munições, que devem servir, para um e outro lado, o qual ordenei fosse a V.^a Nova da Madre Deus: Hoje me acho ainda na mesma resolução, porem devo diser a V. Snr.^a que dividindo-se esta Linha em duas partes, uma da V.^a de Madre Deus até o Rio Pardo e outra da Madre de Deus até ao Norte, que me parece que no lugar central de cada uma destas divisões, deve V. Snr.^a ter um lugar forte, aonde possa no ultimo aperto defender-se e onde as Tropas se possam vir reunir para faserem os ultimos esforços; para a parte do Norte me parece o lugar mais proprio Mustardas, que V. Snr.^a deve fortificar com uma boa Trincheira: aí poderá V. Ex.^a pôr as duas peças que lhe mandei e mais alguma que possa dispensar de outras partes menos necessaria. Esta defesa procurará V. Snr.^a logo faser e o pode executar com muita comodidade por lhe estar ainda muito distante o inimigo e quasi se poderá concluir sem que eles de coisa nenhuma sejam sabedores. Para isto fará V. Snr.^a cortar todas as estacas e fachtinas que lhe forem precisas, e quando lhe pareça que elas se poderão faser com mais facilidade na Ilha de S.^a Catarina, V. S.^a o requererá ao Governador daquela Ilha a quem eu continuo a faser as mais vivas recomendações de lhe assistir com tudo o que fôr possivel.

Da parte do Rio Pardo me parece seria proprio lugar o passo de Tibiquary no qual tambem julgo ser util faser uma maior defesa, isto é o que por ora me lembra a respeito das defesas dos portos: V. S.^a se tem condusido até agora com tanta eficacia e acerto, que eu me esperanceio que esta ocasião poderá a V. S.^a dar-lhe aqueles grandes créditos, que eu lhe desejo. A esta hora terá V. S.^a já junto a si as Tropas todas que eu tenho mandado e como V. S.^a me dis que por ora não necessita mais, mando suspender os auxiliares da Capitania

de S. Paulo, e tambem suspendo o mais que tambem me lembrava mandar desta Capital.

O Comandante Geral das Tropas e o Comandante da Cavalaria do meu Esquadrão, me escrevem já sobre a sua marcha, e me disem procurarão abrevia-la quanto lhe forem possivel para chegarem quanto antes, ao lugar que V. S.^a lhes destinar. Eles me tornam a assegurar a boa vontade com que toda a Tropa deseja chegar prontamente a esse Continente; afim de se distinguirem como eu espero deles.

Em todas as cartas, que recebo de V. S.^a não encontro nenhuma em que V. S.^a me dê uma completa noticia, de quais são verdadeiramente as forças dos nossos inimigos, quais teem sido as acções que temos tido, as vantagens delas, o numero que ha de prisioneiros, o que tambem ha de desertores; e finalmente aquelas noticias particulares que eu devo saber, para o meu governò e para informar a nossa Corte como sou obrigado.

Se V. S.^a se servir de me escrever por forma de diario, acrescentando no fim dele, o que de novo me quiser propôr, sem muito trabalho, poderá V. S.^a satisfazer a esta diligencia e eu ficar com todas aquelas noticias, que não devo ignorar.

Queira V. S.^a não me demorar as noticias, que houverem, porque bem sabe quanto me é importante ser logo informado de tudo.

Por ora é o que se me oferece diser a V. S.^a e a pressa não me permite lugar para ser mais extenso.

Deus guarde a V. S.^a. — Rio de Janeiro a 28 de Fevereiro de 1774. "Marquês do Lavradio". Snr. Coronel José Marcelino de Figueiredo — O Oficial Maior (a.) José Pereira Leão.

DOCUMENTO N.º 14

Para Antonio Carlos Furtado de Mendonça.

A preservação e segurança da Ilha de S. Catarina; sendo presentemente um dos objectos mais importantes ao Real Serviço e tendo S. Magestade uma inteira confiança na prudencia, firmeza e valor de V. S^a. Ihe ordena que logo que receber esta, passe immediatamente ao Rio de Janeiro e depois de ter conferido e assentado com o Marquez do Lavradio Vice Rei e Capitão General de Mar e Terra do Estado do Brazil, sobre os meios mais eficazes e promptos de socorrer poderosamente a referida Ilha; se embarque, sem alguma perda de tempo, para ser conduzido a ella; e logo que ali chegar tome V. Sr.^a o comandamento Militar das Praças, Portos e Guarnições e mais Forças da mesma Ilha. debaixo das ordens do dito Vice Rei: Empregando V. Sr.^a todo o seu zelo e actividade, para a pôr no melhor estado de defesa, de sorte que possa resistir a todo e qualquer ataque que se lhe intente fazer por Mar ou por terra; ou por ambas as partes ao mesmo tempo: E conservando-se a cargo do Governador Francisco de Souza Menezes, toda a economia da mesma Ilha e das tropas d'ella debaixo das ordens de V. S^a. enquanto S. Magestade não mandar o contrario.

Para substituir o Governo das Minas Geraes durante a ausencia de V. S^a. tem El-Rei Nosso Senhor ordenado ao Marquez do Lavradio, que nomeie interinamente um Official digno d'aquella incumbencia, o qual jurará homenagem nas mãos do mesmo Vice Rei, havendo Sua Magestade por suspensa até segunda ordem, a que V. S^a. deu do referido Governo. O mesmo Senhor espera que nesta importante comissão a que o destina, ajuntará mais V. S. uma distinta prova ás muitas que tem dado do seu prestimo, do seu zelo e da sua fidelidade. Deus guarde a V. S^a. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em

15 de Setembro de 1774 (a.) Martinho de Melo e Castro.

DOCUMENTO N.º 15

III.º e Ex.º. Snr. Sua Magestade foi servido destinar Antonio Carlos Furtado de Mendonça, para o Comandamento Militar de todas as Praças, Portos, Guarnições e mais Forças da Ilha de S. Catarina, debaixo das ordens immediatas de V.Ex.ª. E nesta conformidade ordenou o mesmo Senhor por esta Secretaria de Estado se escrevesse ao referido Antonio Carlos Furtado de Mendonça e á Camara de Vila Rica as duas cartas que lhe vão dirigidas; as quais lhes remeterá V. Ex.ª. por um Expresso logo que lhe forem entregues.

Das copias das mesmas cartas que junto a esta, como partes dela, verá V. Ex.ª. o que Sua Magestade determina assim a respeito das eficazes medidas que se devem tomar, para preservar de insultos aquele importantissimo Estabelecimento; como para que V. Ex.ª. nomeie logo um Official Militar, que inteiramente vá governar a Capitania de Minas Gerais durante a ausencia do actual Governador dela, ou emquanto S. Magestade não mandar o contrario. Deus guarde a V. Ex.ª. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 19 de Setembro de 1774 (a.) Martinho de Melo e Castro.

DOCUMENTO N.º 16

Bando de guerra contra os Espanhois

O Marquez do Lavradio Vice-Rei e Capitão General de Mar e Terra do Estado do Brazil, Tenente General dos Exercitos de El-Rei Meu Senhor Fidelissimo etc.

Faço saber aos que este Bando virem, ou dele tiverem noticia: Que sendo Eu indispensavelmente obrigado e adstricto pelo Preito e Homenagem, que sobre os Santos Evangelhos jurei entre as Reaes Mãos d'El-Rei Meu Senhor, por uma parte a conservar os seus Dominios confiados á minha fiel Protecção, por outra parte a manter os Vassallos do mesmo Senhor, que neles vivem, na tranquillidade e socego das suas casas, e familias e na pacifica posse dos seus bens, sem serem nelas perturbados, com violencias e insultos; por outra parte a repelir as forças e espolios contra todos elles cometidas; usando das respectivas forças, de que me acho munido para estes efeitos, as quais aliaz seriam neste meu governo inuteis e ociosas: Tendo-se aliaz manifestado por tão custosos, e repetidos factos a inexoravel porfia, com que o Governo de Buenos Ayres e os Comandantes a ele subordinados tem invadido e hostilizado todos os Territorios Meridionais dos Dominios da Côroa de Portugal e os tem declarado por seus, não só contra a ocular evidencia de todos os viventes, que por si, e seus pais e avós presenciaram sempre que antes das invasões da ultima guerra se não tinha jamais visto pela Via da Costa nem um só estabelecimento Castelhana, desde o Forte de S. Miguel, e do Rio de Chuy, até o Rio Grande de S. Pedro, para o norte, nem tão pouco pela via de Terra haviam os sobreditos Espahois passado dos povos ou Missões do Rio Uruguay, para o Oriente: Constituindo-me todas as sobreditas violencias avarias e usurpações com elles feitas, e inexoravelmente continuadas, naquella indispensavel necessidade, que estabelece a Lei Suprema, que autorisa até os mesmos Particulares Individuos, para se defenderem contra semelhantes Agressores, que intentam oprimi-los, ou a reputação, ou nos bens e fazendas, ou em tudo junto, tomo a meu respeito, e de todos os habitantes dos Dominios do Sul deste Continente tem succedido, e está succedendo: Não devendo eu nestas instantissimas urgencias

omitir meio algum entre os que elas me tem sugerido, para passar ao fim de cumprir com as grandes obrigações de que a todos os ditos respeitos me acho encarregado: E tendo concluído que os mais eficazes dos referidos meios serão o de diminuir aos ditos agressores as forças com que ofendem, e o de autorisar e animar os mesmos subditos por todos os modos possiveis para se defenderem e preseverarem as suas casas e familias dos visinhos prepotentes e taes, como os que por costume os tem hostilizado e hostilizarão sempre que para isso tiverem possibilidades, em quanto pela falta delas não forem inhibidos para continuarem as suas incursões, insultos, e usurpações: Ordeno que em Ordem aos sobreditos fins se pratique o seguinte:

Todas as presas, que se fizerem pelos Officiaes de quaesquer Naus, Fragatas, ou Embarcações deste Porto do Rio de Janeiro, ou de qualquer dos outros da minha jurisdição, sobre Navios e Embarcações, que ou pretençam ao Governo dos sobreditos agressores, ou lhes levem armas, munições ou qualquer outros generos conducen-tes para continuarem os costumados insultos e hostilidades com que taes presas fizerem. Pondo-se ao tempo das Capturas em uma exacta e rigorosa arrecadação: Apresentando-se com ela ante a junta da Fazenda Real do Rio de Janeiro: Fazendo esta dividir as importancias totaes das referidas presas por oitavos e mandando-as logo beneficiar e entregar verbalmente: A saber: Dois deles precipuos aos Comandantes das respectivas Fragatas e Embarcações de Guerra. Dois aos Officiaes das Guarnições delas, desde Capitão Tenente, e de Infanteria até Practicantes e Voluntarios inclusivamente, vencendo os dois primeiros dobradas porções das que couberem aos seus subalternos. Dois aos Pilotos, Mestres, Contra Mestres, Guardiões, Calafates e Carpinteiros e mais artifices de caça uma das referidas Embarcações de Guerra. E os

dois oitavos restantes serão repartidos em eguaes porções pelos Soldados, Marinheiros, Grumetes, e mais pessoas das referidas Equipagens, sem excepção alguma.

Idem ordeno que das sobreditas partilhas sejam somente exceptuadas a Artilharia, armas de fogo, ou brancas e munições de guerra, das quaes os particulares não podem fazer uso. Serão contudo sempre avaliadas e se gratificarão os apresadores com vinte por cento pagos pelos rendimentos da sobredita Junta da Fazenda, para serem divididos na sobredita forma. Nesta conformidade o mandará praticar o Senhor Chefe da Esquadra Roberto Macdonall, ou outro qualquer Oficial, que se achar com o Commando da mesma Esquadra, e este Bando o fará publicar e afixar a bordo de todos os Navios dela. Rio de Janeiro 20 de Janeiro de 1775. (a.) Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO N.º 17

Ordens. — No dia da manhã que se contam trinta e um do corrente se fará V. Snr.^a á vela com as duas Fragatas Nossa Senhora da Nazaré e Nossa Senhora da Graça pertencentes á Esquadra que V. Snr.^a comanda; e irá com os sobreditos Navios demandar o Porto de S. Catarina, aonde V. Snr.^a fará receber a Nau Ajuda, os cinco meses de mantimentos, que mandei embarcar, assim na Nau e Fragatas de guerra, que agora partem, como na pequena Fragata, que pertence á Capitania de Pernambuco.

Fará V. Snr.^a desembarcar na mesma Ilha o Regimento de Pernambuco que vae embarcado na sobredita Nau e Fragatas: Depois de feita esta diligencia informará a V. Snr.^a o Governador daquela Ilha, das noticias que tem a respeito dos movimentos dos Castelhanos; assim pela parte do Rio Grande como do Rio da Prata

e constando com certeza que o Exército do Sul, que comanda o Tenente General João Henrique Bohm, tem principiado já alguma acção, e que por aquela parte se tenha já declarado a guerra, com formalidade, consentindo-se as hostilidades assim da nossa parte como da parte dos Castelhanos: Não constando ao mesmo tempo, que se tenham encontrado forças Navaes dos mesmos Castelhanos, que possam pôr em perigo a Ilha de S. Catarina, V. Snr.^a unirá aos tres Navios de guerra, que agora vão em conserva com V. S.^a a Nau Ajuda e com os sobreditos quatro navios passará immediatamente ao Rio da Prata, aonde V. S.^a procurará com a sua Esquadra fazer inuteis as forças do mar, que os mesmos Castelhanos tiverem nos seus portos.

Não determino a V. S.^a o modo, porque, como não sei a qualidade das forças, com que eles se acham, nem como as teem dispostas, não me é possível de positivo ordenar a V. S.^a como deve fazer os seus ataques: Só devo dizer-lhe que o espirito das minhas ordens consiste: Por uma parte o têr em segura defeza a Ilha de S. Catarina pela parte do mar, em segundo logar que a nossa Esquadra faça as maiores hostilidades que lhe forem possiveis ás forças maritimas dos mesmos Castelhanos, porque desta forma lhe ficaremos superiores pelo mar da mesma forma que julgo estamos sendo hoje por terra.

Todos os movimentos que V. S.^a fizer com a sua Esquadra devem ser praticados debaixo de taes medidas, que V. S.^a não exponha a pequena Esquadra, que por hora temos a qual espero, que dentro em muito breve tempo, poderemos engrossar com os navios que a nossa Côrte tem mandado expedir para se aumentar a mesma Esquadra. No caso porem de não haverem ainda noticias de que nós e os Castelhanos pelo Rio Grande, tenhamos declarado a guerra, e principiado as acções que vem em consequencia daquela declaração, neste caso es-

perará V. S.^a no porto de S. Catarina com os seus navios, todos promptos até que chegue o Marechal de Campo Antonio Carlos Furtado de Mendonça, que vae comandar em Chefe a Capitania de S. Catarina, e dirigir nela todos os Serviços Militares para a sua defeza, debaixo das ordens que receber minhas, pelo qual determinarei a V. S.^a em carta minha, o que deve praticar a sua Esquadra.

Remeto a V. S.^a os Bandos inclusos assinados por mim para que V. S.^a verificando-se o caso de ser preciso partir, segundo o que lhe tenho declarado antes da chegada do General Antonio Carlos Furtado de Mendonça, V. S.^a haja de em carta fechada, remeter a cada um dos Comandantes um dos mesmos Bandos que vão assinados para eles fazerem publicar nos seus Navios, pouco antes do instante de estarem para entrar em acção: E para que todos eles conheçam o tempo em que os devem publicar V. S.^a lhe dará um sinal por onde todos eles se possam governar.

De todas e quaisquer novidades que V. S.^a souber pertencentes aos nossos inimigos, ou pertencerem á Esquadra me fará V. S.^a os mais promptos avisos, que forem possiveis, afim de que eu sem perda de tempo, possa ser informado de tudo e dar as providencias, que me parecerem mais acertadas. Da distincta honra e merecimento de V. S.^a espero a obediencia, exaço e prudencia, com que V. S.^a satisfará com o maior acerto, a importante commissão de que vae ser encarregado. Deus guarde a V. S.^a Rio de Janeiro a 20 de Janeiro de 1775. Snr. Roberto Macdonall. (a.) Marquez do Lavradio.

P. S. — Encontrando V. S.^a com a sua Esquadra, ou ainda alguma Fragata das que a compoem, algum Navio Castelhana, seja de guerra ou de commercio, V. S.^a se procurará fazer senhor dele, não a titulo de o fazer prisioneiro no caso que a guerra não esteja ainda declarada, mas com o pretexto de se querer examinar se eles levam

munições de guerra, ou algum outro colono com que se possa animar o Governador de Buenos Ayres, a continuar os iníquos e injustos procedimentos, que está praticando em toda aquella fronteira contra os Vassallos de El-Rei Meu Senhor Fidelissimo. Procedimento tão temerario, quanto são contrarios ás Reais intenções de Sua Magestade Catolica cujo soberano ao mesmo tempo que os seus vassallos por aquella parte da America estam faltos de fé, justiça e razão, está o mesmo Soberano Catolico tratando aquella natural e cordeal amisade e boa correspondencia que reina entre ele e El-Rei Meu Senhor F. Estes serão os fundamentos de que V. S.^a se sirva mostrando-lhe querer ou por esta forma embaraçar que o Governador de Buenos Ayres tenha menos occasião de desobedecendo fazer maiores prejuizos aos vassallos dos seus Estados entre os quaes os mesmos soberanos, desejam conservada a melhor harmonia, e a mais solida e constante paz e que a todos eles remetam as maiores felicidades.

A pequena Fragata de Pernambuco a conservará V. S.^a com a Esquadra para servir de hospital aos doentes, afim que os Navios de Guerra possam ter menos embaraço e de que se houverem algumas molestias contagiosas, estas se lhe não hajam de comunicar ao resto da guarnição e Equipagem. (a.) Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO N.º 18

Para Martinho de Mello.

23 de Janeiro. — No dia 19 chegou a esta capital o Marechal de Campo Antonio Carlos Furtado de Mendonça, o qual determino saia deste porto para o logar do seu destino no dia 28 deste mez. Vai em um Navio Nossa

Senhora da Graça que eu mandei fretar para conduzir o Governador e o Coronel de Colonia, dusesentos e 60 homens mais que mando para aquela Praça e os mantimentos e petrechos de guerra.

Estes dois navios vão em direitura a S.^a Catarina para dali serem comboiados pela esquadra afim de irem com toda a segurança.

DOCUMENTO N.º 19

Para o Marquez de Pombal.

25 de Janeiro. — Tropas, munições de guerra e boca que se achavam no Continente do Rio Grande de que era Governador Jose Marcelino de Figueiredo em 8 de Dezembro de 1774:

- 63 homens de artilheria.
- 479 homens de cavalaria.
- 1255 homens de infantaria.
- 2.000 cavalos e muares
- 20.000 alqueires de trigo
- 960 alqueires de farinha de guerra.
- 79.760 reses.
- 65 peças — 2 morteiros — 13.086 balas de artilheria — 105.942 cartuxos de mosquete, etc.

Os Castelhanos na V.^a de S. Pedro defronte do nosso quartel tinham 1.500 homens, 50 peças d'artilheria.

“Eu bem vejo que ali as suas forças são diminutas por lhe não caber ainda no tempo o podel-as reforçar com o socorro que lhe chegou da Europa, porem ainda quando este lhe chegue, se o General João Henrique de Bohm se adiantar, como lhe recomendei, e empregar com vivesa a excelente e escolhida tropa com que marchou, eu me persuado que poderemos nesta ocasião, fazer n'a-quele Continente gloriosas as nossas acções.”

DOCUMENTO N.º 20

Nesta ocasião partem para essa Ilha os dois Navios em que se conduzem os mantimentos, munições de guerra e mais petrechos com que continua a mandar secorrer a Praça da Nova Colonia do Sacramento. Em um dos mesmos Navios vae embarcado o General Antonio Carlos Furtado de Mendonça que vae General Comandante de todo o departamento da Ilha de S. Catarina. Em o mesmo Navio vae o Governador da Praça da Colonia, o Coronel do Regimento de Infantaria da mesma Praça e varias tropas de transporte com que a mando reforçar.

Os sobreditos Navios devem ficar na Ilha de S. Catarina até que se ofereça ocasião oportuna de serem comboidados ou por toda a nossa Esquadra de que V. S.^a é chefe e comm.^o ou por alguns Navios da mesma Esquadra na forma que a V. S.^a pareça mais conveniente de que aguardo as noticias que tiver podido alcançar, assim das forças navaes que tenham no Rio da Prata os Castelhanos, como de haver alguma outra Esquadra com que possa ser atacada essa Ilha, devendo V. S.^a regular-se debaixo destes pontos que são conforme as Reaes Ordens de El-Rei Meu Senhor.

O primeiro é que esta nossa Esquadra se empregue na guarda e defesa da Ilha de Santa Catarina, afim de conservarmos sempre aquele porto como o unico por onde podemos secorrer os nossos estabelecimentos do Sul.

Em segundo lugar deve ser cuidado da mesma Esquadra o procurar com a maior vigilancia ser informada se passam mais alguns Navios a engrossar as forças do Rio da Prata, ou vem qualquer outra Esquadra procurar alguns dos portos da minha jurisdição, cuja observação a poderá V. S.^a mandar fazer por um ou dois Navios da sua Esquadra, conforme V. S.^a parecer mais acertado, os

quaes encontrando Navios Castelhanos sobre que tenham superioridade os procurarão conduzir para onde estiver a mesma Esquadra, debaixo dos termos que a V. S.^a ordenei quando saiu do porto desta capital;

Em terceiro Logar deverá V. S.^a comboiar ou mandar comboiar a estes Navios, que devem passar á Colonia, no caso de V. S.^a ter a certeza de não arriscar a nossa Esquadra, porque esta a devemos procurar conservar sempre o mais que nos fôr possível.

E julgando V. S.^a estar nos termos de ir ou mandar dar este comboio no Rio da Prata, encontrando V. S.^a algum Navio castelhano com que possamos ter partido, V. S.^a o tomará debaixo dos mesmos termos que a V. S.^a tenho declarado a respeito dos outros.

Constando-lhe porem a V. S.^a que não ha Esquadra que possamos reccar que nos venha atacar a Ilha de Santa Catarina e que o nosso General do departamento do Sul tem principiado algumas ações com as tropas pela Fronteira do Rio Grande, neste caso sendo as nossas forças competentes, poderá V. S.^a com a sua Esquadra, ir intentar alguma decepção as forças dos mesmos Castelhanos, não se empenhando V. S.^a nunca, e por tal modo, que se ponha no risco de perder as unicas forças navaes com que até agora nos achamos, pela dificuldade que temos de poder com forças novas resarcir aquela perda.

Estes são os pontos de vista, porque V. S.^a se hade regular e é o que se me oferece dizer-lhe a este respeito.

Devo tambem comunicar a V. S.^a a noticia de ter aqui chegado no dia 24 do corrente a Fragata Nossa Senhora da Assumpção mais conhecida pelo nome que lhe puseram de Barriga me doe, a qual ordena El-Rei Meu Senhor seja armada em guerra, para o que traz as suas peças competentes, porem acho-me na grandissima dificuldade de Officiaes não só para ella, mas para o Principe do Brazil a que só faltam as suas peças, que devem

chegar na Princesa do Brazil que saiu de Lx.^a primo que esta Fragata em que já falei a V. S.^a.

Em cujos termos não me acho com Officiaes dos Navios da Corôa e parecendo-me que é necessario levarem sempre estes Navios alguns homens que sempre tenham taes ou quaes conhecimentos da Navegação e a maruja, estou na resolução de mandar sair com os ditos Navios alguns dos Officiaes que tem os mercantes que aqui se julgarem com mais algum desembaraço para irem conduzindo os mesmos Navios até o Porto dessa Ilha aonde V. S.^a examinado-os se servirá deles conforme lhe parecer eles podem ser de mais utilidade ao serviço d'El Rei Meu Senhor. Do mesmo modo nomeará V. S.^a para os mesmos Navios aqueles Officiaes que lhe parecerem mais competentes e capaces de darem conta da comissão que se lhe confia. Estes os nomeará V. S.^a em meu nome, declarando assim de ordem minha lembrando-se V. S.^a para estas nomeações do prestimo e merecimento que lhe tiverem mostrado os Officiaes que se acham na mesma Esquadra.

De tudo o que V. S.^a praticar a estes respeitoes me fará immediatamente promptissimos avisos, afim que eu possa dar mais algumas providencias se me parecerem acertadas, ou alterar algumas das coisas que se tenham feito quando assim o julgue conveniente ao Real Serviço, porém enquanto não chegar nova resolução minha se executará tudo o que V. S.^a tiver determinado.

As pequenas Embarcações que devem partir para o Rio Grande ainda as não fiz partir, por me ter sido preciso servir-me dos 3 officiaes que as comandam em algumas diligencias, concernentes ás duas embarcações de Guerra, que sem actividade daqueles Officiaes seria difficuloso eu apromptal-as, com a brevidade que desejo.

Como isto se acha quasi concluido eles não poderão ter aqui mais demora, que a de lei até oito dias.

Eu desejo a V. S.^a sempre as maiores felicidades e que do incomodo que teve na saida deste porto, se ache inteiramente restabelecido. Deus Guarde a V. S.^a Rio de Janeiro 28 de Janeiro de 1775. — Snr. Roberto Macdonall. (a.) Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO N.º 21

Com esta carta se apresentará a V. S.^a o Capitão de Mar e Guerra Jorge Ardcaste que vae comandando as 3 pequenas embarcações que devem partir para o Rio Grande: debaixo do comando do mesmo Mar e Guerra vae a Fragata Nossa Senhora da Assumpção conduzida pelo Capitão Tenente Guilherme Galnay, que se unirá a Esquadra que V. S.^a comanda.

Esta Fragata vae sem os Officiaes de Marinha competentes por eu os não ter aqui que os possa nomear; Nestas mesmas circumstancias fica a Fragata Principe do Brazil, que tambem sairá deste Porto dentro em muito breves dias.

Para esta Fragata que agora parte nomeará V. S.^a em meu nome dos Officiaes que se acham na Esquadra, aqueles que lhe parecerem mais capazes de efectuarem com honra, intelligencia e prestimo as suas obrigações, declarando-lhe nas suas Comissões, que continuaram naquele exercicio emquanto eu não determinar o contrario.

Devo lembrar a V. S.^a que para estas nomeações se devem escolher os Officiaes de maior confiança, e prestimo e as antiguidades; Só tem lugar em merecimentos eguaes e para os que forem mais antigos não questionem, fará V. S.^a sempre a declaração de que estas nomeações não poderão nunca servir de prejuizo aos que forem mais antigos.

Eu espero que V. S.^a se regule nestes provimentos com aquella rectidão e inteireza, que é propria da sua hon-

ra e que me faça credito a grande confiança, que faço do merecimento de V. S.^a por cuja razão lhe permito nesta ocasião fazer estas promoções.

Como não tenho recebido noticias do Sul não posso adeantar a V. S.^a outras ordens diferentes das que lhe dirigi, porem parece-me seria sumamente conveniente V. S.^a obrasse de acôrdo com o General em Chefe do Exercito do Sul, para segundo as disposições que ele fizer por terra, ver a diversão, que será conveniente que V. S.^a faça por mar com a sua Esquadra, afim de que os Castelhanos receando-se por diferentes partes, hajam de ter as suas forças divididas porém como me acho nesta distancia, e falta de todas as noticias, não me atrevo a decidir nada de positivo, esperando, que V. S.^a se conduza sempre debaixo dos termos de maior prudencia, não expondo as forças que temos nessa Esquadra, se não nas ocasiões que a V. S.^a pareça mais vantajosas.

Não havendo nesta Ilha noticia de alguma Embarcação maior na Barra do Rio Grande, deve V. S.^a fazer partir as nossas 3 embarcações armadas em Guerra, com as duas Mercantes que vão na sua conserva, as quaes devem fazer toda a força de vela para entrarem com a maior brevidade naquele porto, onde já se fazem sumamente precisas. É o que me oferece por ora dizer a V. S.^a Deus Guarde a V. S.^a. Rio de Janeiro 13 de Fevereiro de 1775. — Snr. Roberto Macdonall. — (a.) Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO N.º 22

No dia de ontem recebi a primeira carta de V. S.^a com data de 16 de Fevereiro deste ano, que me entregou o Sargento Maior Francisco João Rossio, o qual gastou na

sua viagem desde que saiu dessa Ilha até entrar no porto desta Capital quatorze dias. Na mesma carta me faz V. S.^a menção da copia de alguns papeis que supponho tenham sido remetidos por outra embarcação, que apresente não terem chegado.

Nesta ocasião vão as duas Fragatas comandadas pelo Capitão de Mar e Guerra Antonio Jacinto, as quais se tem demorado mais alguns dias por estar o tempo tão rigoroso que não permitiu elas sairem mais cedo.

Vejo o que V. S.^a me diz a respeito de passar a Esquadra ao Rio de Prata, e julgar não ser precisa por ora, para a defesa e segurança dessa Ilha.

Devo dizer a V. S.^a que a Esquadra a conservo nessa Ilha; primeiramente para defeza e segurança da mesma Ilha, no caso de poder haver algum receio dela ser atacada; em segundo logar para no caso de atacarmos os Castelhanos pelo Rio Grande lhe fazermos uma diversão ás suas forças pela parte do Rio da Prata, pondo-os na precisão de não poderem reforçar o Exercito do Rio Grande, com o receio de que os possamos atacar: e em terceiro logar, para fazermos respeitavel a Praça da Nova Colonia, e evitarmos, que nela nos façam algum insulto, emquanto pelo Rio Grande os atacamos; bem entendido, que no Rio da Prata não havemos de fazer acção nenhuma emquanto os Castelhanos não principiarem algum movimento contra nós, porque neste caso, por leve que seja o que eles fizerem, com este pretexto os atacaremos nós com toda a força por aquella parte e por aquele modo, e onde V. S.^a julgar podermos ter maiores vantagens.

Tambem V. S.^a os poderá atacar do mesmo modo contando V. S.^a com certeza o terem eles já principiado acção comnosco pelo Rio Grande, vendo V. S.^a o modo primeiro que tudo de se fazer senhor dos Portos, que forão nossos; e que eles ainda hoje injustamente conservam e ao mesmo tempo inutilisar-lhe a Esquadra que eles conser-

vam no Rio da Prata, afim de lhe determinar as forças com que o General de Buenos Ayres nos está continuamente hostilizando contra as ordens que tem do seu Augusto Soberano e contra aquela fé publica, que se pratica entre duas nações confinantes em tempo de uma paz tão solida como a que se conserva entre El-Rei Fidelissimo Meu Senhor e Sua Magestade Catolica: E para que todas as operações que mando fazer assim por terra como por mar, nessa parte do Sul, as de terra encarregadas ao General Chefe João Henrique de Bohm e as por mar a V. S.^a como chefe e Comandante Geral da Esquadra, faze-se sumamente preciso que V. S. se comunique com o General do Sul e ele com V. S.^a para reciprocamente serem informados das novidades, que houverem e sobre elas poderem fundar e continuar as suas disposições. Devendo V. S.^a advertir que sendo estes 2 corpos empregados para o mesmo fim, em não obrando de acordo com a sinceridade um comandante com outro, nunca as acções poderam ter aquele feliz successo que desejamos, o Rei será muito mal servido e o Estado depois de tão consideraveis despesas ficará na mesma, ou maior consternação, finalmente até o credito dos comandantes não terá aquela reputação, que assim V. S.^a como aquele General pela sua honra, e pelos seus talentos são tão merecedores.

Ao General do Departamento de S. Catarina ordeno que compre a farinha e feijão, que V. S.^a me diz pode ainda fornecer aquela Ilha, e pelo que toca ao modo de pagamento, depois que tem principiado estas expedições, não só tenho ordenado, que se compre tudo com o dinheiro na mão mas tenho mandado dinheiro por diferentes vezes, para que isto seja executado como eu determino. E' o que nesta ocasião se me oferece dizer a V. S.^a. Deus Guarde a V. S.^a. Rio de Janeiro a 3 de Março de 1775. (a.) Marquez do Lavradio.

P. S. — V. S.^a em me escrevendo me remeterá uns mapas do estado da Esquadra com todas as suas competentes observações, porque é o modo mais exato, com que eu posso tambem informar a El-Rei Meu Senhor. Snr. Roberto MaKdonall.

DOCUMENTO N.º 23

De Martinho de Mello e Castro.

5 de Abril. — Em Cadiz, e nos mais portos dos Dominios de Castela, se está preparando um formidavel Armamento, composto de Naus e Fragatas de Guerra, de Burlotos de Fogo e de grande quantidade de Navios de transporte, uns destinados a levarem tropas, outros artilheria e toda a sorte de petrechos e munições de guerra.

O objeto publico deste grande armamento é o da guerra que El-Rei de Marrocos instigado pela Regencia de Argel declarou á Corte de Madrid.

... E' muito provavel que aproveitando-se a Corte de Madrid desta occasião, tenha meditado contra nós um dos expedientes seguintes:

1.º — O de confundir com o publico armamento, que prapara contra os mouros, o particular, e oculto, que pode ser que destine contra os Dominios Portuguezes, de sorte que quando virmos sair dos Portos de Castela uma expedição dirigida contra a costa d'Africa vejamos inesperadamente outra demandando o Sul do Brazil.

2.º — Que ainda que a dita Corte, não achando conveniente, ou não podendo como é mais natural dividir as suas forças, destine presentemente todas as que tem contra os mouros; é certo que este serviço não pode ser de tanta duração que ocupe os Castelhanos por muito tempo: e neste caso tambem é muito verosimil que os mesmos Castelhanos se lembrem de empregar contra nós as mesmas forças ou parte d'elas, logo que as desembara-

çarem da Costa d'Africa. De sorte que, ou de um ou de outro modo, bem podemos esperar, á vista da situação em que nos achamos com a Corte de Madrid, e das muitas, e muito concludentes provas que temos da sua inveterada duplicidade, que a tempestade, que presentemente ameaça os dominios de Marrocos, venha mais cedo, ou mais tarde, a se fazer sentir nos Dominios Meridionaes da America Portuguesa.

Para acautelarmos as perniciosas consequencias que se podem seguir de que acima fica referido, o unico meio, que a razão e a experiencia mostra e sempre tem mostrado ser o mais util e eficaz é, o de prevenirmos os nossos inimigos; o de opor-mos á natural indolencia com que sempre despoem e executam os seus Planos, actividade, deligencia e resolução com que os devemos desconcertar.

DOCUMENTO N.º 24

Carta do Marquez Vice-Rei para o General Bohm; 18 Novembro.

Em o dia 12 do corrente entrou no porto desta Capital o Navio Lusitania vindo do Porto de Lisboa com Officios dirigidos a mim datados de 26 de Agosto deste ano em os quais é El-Rei Meu Senhor servido de baixo do mais inviolavel segredo mandar-me instruir das ultimas resoluções que tomou S. M. Catolica a respeito da sua grande Esquadra com que foi tão mal sucedido no ataque de Argel e ordenar-me o que eu devia praticar pelas partes do Sul, em conformidade do estado a que se tinham redusido as soberbas forças d'aquella nação. Recolheu-se a esquadra. Questionou-se um Conselho de Estado, sobre se devia voltar a mesma Esquadra ou se devia esperar melhor ocasião, para ella tornar outra vez a sair. Os 2 primeiros Conselheiros d'Estado votaram: *Que era indispensavelmente necessario, que logo imedia-*

tamente se fizessem como se vão fazendo os reclutas precisos para completarem as praças dos mortos e cativos que pereceram no desastre de Argel, para se ir sem perda de tempo castigar a insolencia d'aqueles barbaros e restaurar a reputação das armas Espanholas. S. Magestade logo conveio e aprovou aquela resolução, porem permitindo aos mais que entravam no conselho, que dissessem a sua opinião, votou o 3.º Ministro dizendo: Que não haviam cabedais com que se fizesse segundo armamento, porque para o primeiro se tinham exaurido os cofres, de Jerusalem, da Bula da Crusada e dos Cativos, acrescentou o ultimo Ministro que era o da repartição de marinha dizendo: Que esta não estava capaz de uma nova expedição porque necessitava de se restabelecer por algum tempo.

Foi mais atendida esta resolução que a primeira pelo dito Soberano, que conformando-se com eles, mandou logo desarmar os navios de guerra, despediram-se os mercantes de transporte, e fizeram-se recolher aos seus quartéis todas as tropas.

Achando-se os Castelhanos neste abatimento e consternação, fez o Marquez Grimalde, Ministro do Estado, uma abertura com D. Francisco Inocencio de Souza Coutinho embaixador da nossa Corte, pretextando-lhe: *Que El-Rei Catolico só queria união e amisade com El-Rei Fidelissimo Meu Senhor, declarando-lhe, que se prestaria a tudo que podesse concorrer para se ajustarem os justos limites dos portos do Sul, e pedindo-lhe que neles se fizessem cessar todos os actos de hostilidade.*

Porem na mesma conferencia deixou escapar como por casualidade, o dizer: *que sabia que nós no Sul do Brazil nos achavamos 4 ou 5 vezes mais fortes que eles Castelhanos, que para mandar a essas partes tão remotas uma expedição tão consideravel, fazia isso uma despesa enorme; e que no caso de nos não ajustarmos, seria preciso a Espanha compensar-se na Europa, ou no nosso Continen-*

te das perdas, que a superioridade das nossas forças lhe causassem na America.

Aquelas conferencias, o achar-se desarmada e abastida aquela Nação, a experiencia da pouca sinceridade que sempre tem tratado com o nosso o Ministerio de Espanha, faz que El-Rei Meu Senhor novamente reitere as ordens que me tem passado, a respeito do que deve praticar o exercito que V. Ex.^a comanda.

Para isto se praticar com melhor successo, vou comunicar a V. Ex.^a o meu parecer sobre este importante negocio, segundo a diferente figura em que hoje se acham os Castelhanos, para que parecendo-lhe a V. Ex.^a bem, o que será o meio mais eficaz de conseguirmos felizmente o bom successo das nossas nações, isto se haja de praticar sem perda nenhuma de tempo antes que os mesmos Castelhanos mudem de projecto e de resolução.

Como por ora não tem os Castelhanos uma Esquadra forte que possamos temer, me parece V. Ex.^a pode concertar com o chefe de Esquadra, afim de irem 2 ou 3 fragatas nossas á boca do Rio Grande, prevenidas com pequenas embarcações de desembarque, para poderem atacar o forte da barra dos Castelhanos; e que a este mesmo tempo possa V. Ex.^a dentro do rio pela parte que lhe parecer mais propria e facil, fazer passar a parte do seu exercito que lhe parecer conveniente, de forma que os Castelhanos ao mesmo tempo se vejam atacados por diferentes pontos.

Que enquanto nós nos dispormos a atacal-os por este modo, passem 2 fragatas ao Rio da Prata, em frente da Praça da Colonia, para dois fins: o primeiro para pormos em cuidado os Castelhanos por aquele lado receando serem atacados afim que não possam ir com as tropas que conservam do Rio da Prata engrossar as forças que tem na Fronteira do Rio Grande e o segundo para que, no caso de eles nos quererem fazer algum in-

sulto aquella Praça, como eles não teem ali forças, com que possam atacar-nos por mar e terra ao mesmo tempo, enquanto nos atacam por mar e lhe fazem resistencia as nossas embarcações nós possamos por terra fazer-lhe as possiveis hostilidades e estabelecer-mo-nos em alguns pontos que sejam mais vantajosos.

Para este fim torno a fazer agora sair para aquella Praça o Regimento que veio dela, que completei e enchi de Officiaes os que pareceram mais capases, de forma que fica a mesma Praça não só tendo de guarnição aquele Regimento que é de gente muito robusta e forte, mas, com mais cento e tantos homens escolhidos do primeiro Regimento da Baía com que eu acrescentei as suas forças.

No caso que o Regimento se veja precisado de sair, tem o Governador já exercitados por companhias todos os paisanos da mesma Praça, assim brancos, mulatos como pretos, em saberem carregar e apontar com a artilheiria, os quaes ficando officiaes das tropas para os comandarem, podem fazer a defesa da Praça, sendo ella protegida pelas duas fragatas, sem fazer falta o Regimento que tiver saído por terra, a ganhar alguns postos que sejam mais vantajosos.

Esta acção se entende, mostrando os Castelhanos que nos querem atacar por ali, porem conservando-se eles em socego, nesse caso, não pretendo, que o Governador da Colonia faça outra acção, que não seja o de lhe não consentir, que eles continuem os insultos que até agora teem praticado, salvo se V. Ex^a. julgar que é preciso que ella por aquelle lado faça algum movimento, porque tem ordem o Governador para n'esse caso fazer o que V. Ex^a. lhe determinar.

Ao Chefe ordeno mande logo uma Fragata para o Rio da Prata, a unir com a outra que agora vae, e que elle aprompte a Fragata Nossa Senhora da Graça e S. João que é das mais proprias para o Rio Grande, á qual

se juntaram a **Fragata Pilar**, que mando que logo que chegar á **Colonia** volte a unir-se á **Esquadra**; as quais comboiadas por mais algumas possam estar promptas logo que **V. Ex^a**. julgar conveniente que elles passem em seu socorro, devendo **V. Ex^a**. de lá ordenar o que os **Comandantes** devem praticar.

Ao **General da Repartição de S. Catarina**, ordeno, se **V. Ex^a**., entender, que devem ir nas mesmas fragatas algumas companhias de **granadeiros** ou qualquer outra **Tropa** para fazerem mais forte o ataque, que elle promptamente as faça embarcar, porem que logo que a acção se praticar **V. Ex^a**. fará restituir a sobredita tropa á mesma **Ilha** por não ser justo que ella fique por muito tempo **desguarnecida**.

Em **P. S.** Para acrescentar a defesa dessa fronteira pelo **Rio Pardo** creio principiarão a chegar a **V. Ex^a**. em muitos breves dias, os **Paulistas** que formam o corpo dos voluntarios, os quaes não só me avisam o **Governador de São Paulo** ter uma grande parte deles promptos, mas que efectivamente os fazia marchar.

Eu lhe tornei a recomendar novamente com a maior instancia que lhe não demorasse um só dia a marcha, que a fisessem por terra por me parecer mais breve e comodo para aquella qualidade de gente.

Agora torno a repetir as ordens ao **Governador de São Paulo**, e como elle é mais flexivel que o seu antecessor, julgo que ellas poderão ao menos por alguma vez serem executadas.

DOCUMENTO N.º 25

IIº. e Exº. Snr. Depois que tive a honra de escrever a **V. Ex^a**. pelo navio que partiu deste Porto no dia 17 deste mez, me chegou da **Ilha de S. Catarina**, o **Ca-**

pitão Tenente José da Silva Pimentel com as cartas do Chefe da Esquadra, e do General do Exercito do Sul, de que a V. Ex^a. tenho a honra de remeter copias, assim como remeto a V. Ex^a. tambem copia do Officio que dirige ao sobredito Chefe em resposta do que ele me escreveu.

Alem do que digo naquele Officio, devo dizer a V. Ex^a. que a Esquadra que ele diz estar só provida para um mez, é pela razão de ele ter provido duas Fragatas para trez meses, e de ter provido na mesma conformidade as com que conta sair. Esta mesma falta está já remediada, porque agora lhe mando quatro meses de mantimentos, não só para as embarcações de alto bordo, mas para todas as outras Embarcações de que se compõe a mesma Esquadra.

Se nesta ocasião se não resolve o Chefe, e o General do Exercito, a empreenderem a acção, eu já perco todas as esperanças de que a possamos têr; porque o General do Exercito, não só se acha com o numero de tropas de que a V. Ex^a. já remeti Mapa, mas a esta hora tem já mais quatro Companhias de São Paulo e assim o resto do Regimento de Infantaria d'aquella Capitania, como algumas das Companhias da Tropa Ligeira, que estam já em marcha, e dentro em breve tempo se poderão tambem unir ao Exercito.

E' certo que esta tropa de São Paulo, não vae tambem provida do preciso, como a mais Tropa, pelo não haver nesta Capital, nem nos armazens de El-Rei Meu Senhor, nem no dos Particulares; porem tambem é sem duvida que vão dusetas vezes mais bem providas do que costumavam ir os mesmos Paulistas, no tempo em que fizeram as acções mais distinctas, e valorosas, que se viram na America; e nesta ocasião sempre vão todos eles vestidos, vão pagos, levam armas de El-Rei, pol-

vora e bala, e o sustento para a sua viagem, o que em outro tempo nunca eles tiveram.

O Chefe da Esquadra tem para entrar n'aquelle Porto onze ou doze embarcações, alem de cinco que já estão dentro do mesmo Porto, as quais são comboiadas por sua Esquadra, que pode embaraçar qualquer socorro, que possa por ali entrar aos nossos inimigos.

Se estas forças não bastam em tempo que os Castelhanos estam faltos de socorro, confesso a V. Ex^a. que eu não sei o meio que hei de buscar para fazer dissuadir aqueles dois Comandantes.

Posso assegurar a V. Ex^a. que não ha providencia, que eu não tenha dado: Que da minha parte tenho feito muitas vezes mais do que me parecia possivel. Que o coração e o animo dos Portuguezes, segundo o que me parece, eles se acham promptissimos para se empenharem na Gloria do Estado até á ultima gota do seu sangue. Todos eles desejam a acção. Se eu tivesse sido digno de merecer a El-Rei Meu Senhor a licença de me ir pôr deante deles a mim me parece que teriamos tido já occasião; em que eu praticamente, podesse informar a El-Rei Meu Senhor da fidelidade com que estes seus vassallos, oferecem e sacrificam as suas vidas, pela Gloria de um Soberano, que só é digno das maiores felicidades.

Eu me acho feito sino: Estou cá do meu logar chamando a todos; grito, persuado, dou-lhe as providencias possiveis: como as minhas vózes são de longe, umas vezes, ou se não ouvem, e a maior parte delas, pouca ou nenhuma impressão fazem.

Eu espero porem que desta vez alguma cousa se consiga. Deus permita abençoar a acção e que tenhamos o feliz successo que espero e desejo.

Como tenho mandado para a Capitania de São Paulo fardamentos para 800 praças, não me tendo vin-

do de Lisboa: Alem disto mandei agora meio fardamento para toda a Tropa da Guarnição da Esquadra, que se achava nua e descalça.

Tenho tambem fardado muitos Recrutados dos Regimentos da Baía: Uns que vieram d'aquella Capitania sem fardas, outros dos que tenho metido aqui nos ditos Regimentos, que estavam no mesmo estado. Tudo isto tem exaurido os Armazens deste genero, o que ponho na presença de V. Ex^a. para ser servido dar as providencias que lhe parecer mais justa.

Tambem remeto a V. Ex^a. a copia da carta do General Vertiz que escreveu agora pela primeira vez ao General João Henrique Bohm, e inclusa vae tambem, a resposta que o General Bohm escreveu ao Vertiz.

Eu expeço este aviso com a brevidade que me é possível, para que El-Rei possa ser informado sem mais demora, assim do que se tem passado, como do que tenho disposto na conformidade das Reais Ordens.

E' o que se me oferece dizer a V. Ex^a. Deus Guarde a V. Ex^a. Rio de Janeiro a 30 de Dezembro de 1775
— Senhor Marquez do Pombal (a) Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO N.º 26

II^o. e Ex^o. Snr. No dia 16 do corrente mez entrou no Porto desta Capital uma Embarcação vinda da Ilha de S. Catarina em que me fazia aviso o chefe da Esquadra, de ter saído com nove Embarcações para o porto do Rio Grande; resolvendo-se a fazel-o antes de chegarem as duas Embarcações da Colonia e uma das que eu havia de mandar desta Capital, que deviam formar a Esquadra, o que fisera em virtude das minhas ultimas recommendações e de uma carta que recebeu do General

em Chefe do Exército do Sul, em que lhe fazia as maiores instancias para sair.

Esta carta me diz o Chefe que a remete com os Mapas pertencentes á mesma pequena Esquadra; porem tudo lhe ficou em S. Catarina porque eu só recebi simplesmente a carta do mesmo Chefe.

2.º — A este escrevi e ao Tenente General, comunicando-lhe o ultimo aviso de V. Ex^a. Eu lhe tinha ordenado nos ultimos Officios, que lhe tinha dirigido antes de receber as ultimas ordens de V. Ex^a.: Que a acção se devia executar desde o principio da Lua deste mez até antes de principiari o minguante são as ocasiões, em que o rio toma mais agua e que os ventos são mais favoraveis para aquella Navegação; por esta razão julguei que as ultimas ordens que recebi podessem chegar a tempo dele se regular na conformidade do officio de V. Ex^a.

3.º — Tambem demorei neste porto uma das embarcações da Colonia que deviam formar aquella esquadra e a ultima que restava das que se tinham escolhido neste Porto para ir tambem aumentar a força da Esquadra, tudo assim lhe dar tempo a que ele não tomasse alguma resolução precipitada, e que podesse regular-se como devia, segundo o que ultimamente V. Ex^a. me avisou. Vejo que nada disto bastou para ele sair, o que tambem creio succedeu, por lhe não ter chegado o meu Aviso, o qual por conta do tempo muito forte que houve neste porto por alguns dias, que embarçou a saida das embarcações, se demorou mais do que eu desejava; porem se o Chefe se tivesse regulado pelas minhas ordens, assim esperando as Embarcações de que tinhamos ajustado, se devia compôr a Esquadra, como pelo tempo mais proprio de se ir fazer aquella acção, teriam chegado as Ordens posteriores muito a tempo dele se poder regular por elas. E como esta novidade pode

ser de maior consequencia segundo o ultimo aviso de V. Ex^a. expeço a V. Ex^a. com toda a brevidade esta Embarcação para V. Ex^a. serem informadas com anticipação de todo este successo, o qual acontece, por não terem podido chegar as ultimas ordens a tempo e pelos significantes termos com que eu me expliquei com o Tenente General e com o mesmo Chefe, quando recebi o Officio do Snr. Marquez de Pombal em que positivamente me ordenava S. Ex^a. em nome de El-Rei Meu Senhor; Paragrafo nono do Officio datado de 26 de Agosto do ano proximo passado, depois de S. Exa. me participar o successo da Expedição dos Castelhanos, as conferencias que o nosso Embaixador n'aquela Corte teve com o Ministro de Estado, e as aberturas que ele teve com o mesmo Embaixador, nos têrmos seguintes:

Do clarissimo conhecimento e combinação dos referidos factos, resultou pois a decisiva resolução que Sua Magestade já tomou de não permitir que o dito Exercito suspenda as suas operações, antes de haver cumprido o que o mesmo Senhor ordenou a V. Ex^a. pela minha carta instructiva de nove de Julho do ano proximo passado, que principia com as palavras: — *Pela Carta Regia que V. Ex^a. receberá etc.* — desde o paragrafo trinta e trez até o paragrafo quarenta e oito inclusivamente, resultou a nova e mais urgente ordem com que o mesmo Snr. manda por esta participar a V. Ex^a. que sem a menor perda de tempo, procure V. Ex^a. fazer expugnar e lançar os Castelhanos fora das Fortalezas do lado Meridional do Rio Grande de São Pedro e da Vila do mesmo nome (como antes lhe havia ordenado) aproveitando V. Ex^a. esta favoravel conjuntura em que o Ministerio de Madrid se acha tão consternado e abatido, e em que chegou a confessar que não poderia mandar ao Rio da Prata forças capazes de contrapesarem as nossas; mostrando assim tambem que o Governador de Buenos Ayres se acha possuido de um tal terror panico, que exaggerou

tanto as nossas forças ao Marquez Grimalde, como este Ministro chegou a confessar.

4.º — E não tendo eu até entam positivamente determinado quando se devia atacar, por me não querer arriscar a que o fizessem antes de todas as forças estarem concluidas e o corpo do Exercito estar com a competente força para não arriscar acção, satisfazendo-me só em dizer ao General do Exercito, o que continham as Reais Ordens e que ele logo que se achasse com forças para as executar, não devia perder um momento de tempo: Isto alterei quando recebi o Officio do Snr. Marquez de que acima faço menção pelos positivos termos com que S. Ex^a. me determina o ataque, suposta a situação em que naquele tempo se achavam os Castelhanos.

5.º — Alem disto como o General do Exercito naquele tempo, já tinha quasi todas as forças juntas, por lhe irem chegando as tropas da Capitania de S. Paulo e ao mesmo tempo se foi patenteando ao publico, a continuação da má fé dos Castelhanos, não só pela petulancia com que publicamente tinham declarado irem tomar a Colonia, logo que viram sair o Regimento, mas vendo que eu me tinha antecipado em reforçar a mesma Praça quando eles o não esperavam, passaram ao outro desatino de se servirem dos meios mais sordidos e indignos, para fomentar a deserção entre os soldados, que de novo chegaram e egualmente conseguil-a dos Escravos dos Particulares, a quem prometiam liberdade.

6.º — Aquelas ultimas ordens do Snr. Marquez: O grande receio em que se acham os Castelhanos: Os meios sinistros que eles buscavam para nos arruinares: O achar-se o General do Exercito já com as suas forças mais unidas; os postos para retirada mais defensaveis e a estação a mais propria para se praticar a acção: E' sem duvida que tudo isto o obrigava comprehendel-a e como desde doze de Novembro do ano passado, em que eu recebi a ultima ordem do ataque, até vinte e seis do

mez passado, em que recebi o ultimo officio de V. Ex^a. não tive contra ordem nenhuma, eu não podia suspender cousa nenhuma, das que estavam determinadas.

7.^o — A execução daquelas Ordens, é feita no Rio Grande e em S. Catarina. Da minha parte não as tive que expedil-as, acautelar-me do modo que poude, não deixando partir o resto das Embarcações depois que recebi as ordens de V. Ex^a. a que eles não adiantassem a acção, e expedir a cada um deles por copia o officio que V. Ex^a. me dirigiu.

8.^o — As distancias são grandes. As viagens de mar são muito incertas, principalmente neste tempo que é o fim de monção para aquelas partes.

Eu obrei em os diferentes tempos, conforme as ordens que de V. Ex^a. tenho recebido, o mais creio V. Ex^a. conhece excelentemente, que não depende de mim.

9.^o — Eu deixo ficar uma Embarcação prompta para poder sair logo que tiver noticia do successo da Esquadra e do mais que o General praticasse com o Exército. Eu estimarei que eles antes de nenhuma acção recebam o meu Officio, com a copia do de V. Ex^a. para se regularem debaixo dos termos com que V. Ex^a. se explica.

10.^o — Depois de ter partido a Fragata, entrou uma Embarcação da Colonia, com a noticia de ter chegado toda a tropa em muito bom estado, e da mesma forma todas as munições de boca e guerra com que novamente forneci aquella Praça. As mais noticias são as que tenho tido a honra de repetir a V. Ex^a. já nesta carta.

11.^o — Nesta Embarcação vão dois Desertores Espanhois que passaram para a Colonia e deles poderá V. Ex^a. ser tambem informado do estado em que se acham por cá os Castelhanos. E' o que sobre esta materia se me oferece dizer a V. Ex^a. — Deus Guarde a V. Ex^a. Rio de Janeiro a 21 de Fevereiro de 1776 — Snr. Martinho de Mello e Castro (a.) Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO N.º 27

II.º e Ex.º Snr. Nesta ocasião já dirigi a V. Ex.ª um officio participando-lhe ter saído o Chefe da Esquadra com as pequenas embarcações em guerra, para o porto do Rio Grande de S. Pedro: n'aquelle Officio puz em presença de V. Ex.ª tudo o que se me ofereceu aquelle respeito. Agora porem reflectindo que aquella noticia poderá chegar em tempo em que a nossa Corte não queira sustentar aquelle procedimento; e egualmente não queira fazer conhecer que ele foi praticado em conformidade das positivas ordens, que tenho recebido, obrigando-me a esta lembrança o ver que nas primeiras ordens que V. Ex.ª me dirigiu me ordenava: que tudo o que praticasse o Tenente General n'aquelle Continente fosse em meu nome e debaixo da minha ordem, e parecendo-me que eu pela minha honra, e pelas obrigações com que nasci, deve sempre antepor os interesses d'El-Rei Meu Senhor, a sua reputação e ainda á conservação da minha vida, e da minha liberdade; parecendo-me digo, que poderia ser util, e conveniente, conforme as circumstancias, e semelhante em que as cousas se achavam no tempo em que chegaram estas noticias, que appareça este procedimento, da forma que se julgue da conta que dou dele, ser todo meu sem me referir a ordem nenhuma anterior; reduzindo-me só a tomar a resolução de pratical-o pelas obrigações do meu emprego, e pelos em que me puseram os continuados insultos d'aqueles visinhos, me resolvi a dirigir a V. Ex.ª um officio, que vae fechado com esta, em que dou a V. Ex.ª conta, por modo do manifesto do procedimento que pratiquei e dos justos motivos que me obrigaram a romper n'aquelle resolução.

Desta forma, sendo preciso, ficará a culpa recaindo toda sobre mim, e com a minha modesta pessoa poderá ficar resalvado o Estado, se assim fôr conveniente; ain-

da que a mim me pareça, que á vista dos factos que eu exponho nem a Corte de Espanha nem pessoa nenhuma do mundo poderá criminar-me do excessivo depois de ter suportado insultos tão manifestos.

Esta acção Snr., é a mais pequena d'aquelas que a minha felicidade deseja praticar pela honra e gloria do serviço d'El Rei Meu Senhor. A minha vida, a minha liberdade e quanto possuo, para cousa nenhuma outra eu o estimo e conservo, senão para oferecer aos Reais Pés d'El-Rei Meu Senhor, sempre que ela for precisa ao Seu Real serviço e á felicidade do Estado, e até deste modo continuarei a mostrar-me digno da protecção com que V. Ex^a. tanto me tem favorecido.

A II^a. e Ex^a. Pessoa de V. Ex^a. Guarde Deus muitos anos.

Rio de Janeiro, 22 de Fevereiro 1776. Marquez do Lavradio.

Snr. Marquez de Pombal.

DOCUMENTO N.º 28

II^o. e Ex^o. Snr. Em execução das ordens de V. Ex^a. de 11 de Janeiro, para fazer a entrada no Rio Grande na lua nova de Fevereiro, sai de S. Catarina no dia 7 do dito com as nove embarcações que eu remeti a V. Ex^a. no Mapa do dia 6 e segui a derrota, até o Rio Grande onde eu cheguei a dar fundo no dia 14 com vento N. E. bem fresco, cujo vento continuou até ao dia 19.

No dia 15 fui para a terra para ajustar o ataque com o Snr. General em Chefe, que me seguiu que tinha 3 Divisões promptas para passarem o rio, quando eu ti-

vesse ocasião para atacar, uma das quais estava na Barra, outra na Fronteira e a terceira entre ambas. A da Fronteira chegou ás Embarcações e as outras não se moveram dos seus Quarteis.

Depois que eu tive sondado a Barra e posto uma Lancha de cada banda, para as embarcações passarem entre ambas, os trez Corsarios Belem, Principe e Pilar a quem eu tive dado ordens, as mais fortes que foi possível para me encontrarem na boca da dita Barra, para me ajudarem com as suas Embarcações e dos quaes fazia eu tenção de tomar alguns Officiaes fora deles para comandarem as Embarcações que estavam para entrar, nunca apparecera (nem a Belem e Principe uma unica vez se avistaram na boca do Rio Grande em todo o seu Corso) e fizeram-me grande falta, mas remediei com as Embarcações de S. Antonio e entrei com felicidade ás 7 horas do dia 19 em que veio o vento S. O. e pelas 10 horas tive montadas as peças da Fragata Graça que estavam no porão, em cujo tempo fui eu encontrar com o Snr. General em Chefe na praia onde estavam as lanchas da Esquadra promptas para transportar a Tropa para atacar ao mesmo tempo que eu atacasse os Fortes e Embarcações, e o dito Snr. general me declarou que até as Embarcações estarem destruidas, ele não queria passar nenhum soldado.

Eu estava com as Embarcações muito dentro do alcance da Artilheiria Espanhola entre o estreito do banco e o Lagamar sem logar, para as segurar, resolvi-me a provar a fortuna do dia e como eu tive dado a toda a Esquadra o seu destino em o modo mais claro que foi possível, depois do grandissimo trabalho com espias, tive as Embarcações todas feitas á vela pelas 3 horas. Embarquei na chalupa e ensinei o caminho a todas as mais que seguiram a minha pôpa. O Forte Castelhana da Barra conservou o fogo até eu estar bem chegado, que principiou com toda a sua Artilheria, quatro balas

das quaes deram na chalupa a primeira descarga, principiiei eu a dar-lhe resposta com toda a força e continuei entrando até passar o Forte do Mosquito, onde eu dei fundo, para cobrir as Embarcações que tinham os seus lugares destinados. *José Correia de Melo foi mais chegado á chalupa e teve o seu posto para atacar a 3.^a Embarcação, nunca chegou ao seu posto e passou muito distante e deu fundo acima de todos. A Fragatinha de Pernambuco Antonio José Pegado em a mesma sorte passou o seu destino e deu fundo entre a 3.^a e 4.^a Embarcação, aonde não fez nada e logo cortou a sua amarra e se retirou fora do fogo o que destruiu o dia.*

A Graça Divina chegou propriamente ao seu posto o que mostrou a capacidade do Comandante que morreu a primeira banda depois de cuja morte a Fragata quasi parou o seu fogo, nem foi possível ao Tenente de Mar João Távila Betencourt e ao Oficial de Artilheria conservarem a gente nos postos, o que deu ao seu inimigo ocasião para atirar á sua vontade.

A Corveta Penha de Agostinho da Rosa que teve o seu logar na primeira Embarcação, encalhou ao pé do Lagamar e a Sumaca Bom Jesus espantou-se por um rombo que lhe fez o Forte da Barra e encalhou no banco, entre o Forte da Barra e o do Mosquito, aonde só salvou a gente. A Sumaca Monte defendeu longe mas logo eu a arrumei defronte da segunda Embarcação, aonde ela fez bom serviço. A Sumaca Belem que teve tomado o seu logar para ajudar a Chalupa que achei que não podiam fazer mal ao Forte, largou junto com a chalupa e ambas atacaram as duas Embarcações N.^o 1 e 2, e fizeram ambas largarem as suas amarras e encalharem na praia, aqui consta o contrario e neste mesmo tempo, em que a Fragatinha de Pernambuco fugiu do seu logar, sem fazer serviço algum e o Comandante da Graça morto e a maior parte da sua gente tinha largado

os postos e que tinha duas Embarcações contra ela (e estava quasi calado) uma das quaes esteve se preparando para lhe fazer bordagem, na vista do que mandei cortar a amarra, que foi a unica cousa salvar a Fragata. A chalupa e as duas sumacas já não podiam mais sustentar todo o fogo das Embarcações e Forte foi preciso fazer o mesmo: as duas Sumacas chegaram ao Patrão Mor, mas a chalupa esteve tão mal tratada, que foi a pique logo que largou o inimigo, depois do serviço de 3 horas mais forte que ainda não vi equal e o que é mais extraordinario não teve nenhuma pessoa ferida e salvamos toda a gente dela e o que acabou foi uma bala de 24 debaixo do lume da agua á prôa que foi impossivel tapar-se.

Logo depois que eu arrumei a Chalupa no seu lugar defronte do Forte do Mosquito e vi que as outras Embarcações não tomavam os seus logares, puz-me dentro do meu Escaler e fiz toda a deligencia, para remediar os prejuizos que já estavam feitos, sem me ser possivel e a noite a junta defronte do Patrão Mor 7 das 9 Embarcações que entraram bastantemente mal tratadas em os cascos, mastros e velas, amarras e ancoras e com mortos e feridos. Trabalhei todo o dia 20 para as pôr em modo de se concertarem, para fazerem outro ataque, o que não pode ser em menos de 15 ou 20 dias.

Os serviços deste dia foi unir as forças em lugar aonde elles podem todos chegar a acção juntos o que foi impossivel, que tive a barra para entrar o que mostrou que nunca chegaram mais do que a Fragata Graça e a Chalupa e as Sumacas Belem e Monte. A Fraga-tinha de Pernambuco e a Victoria nunca chegaram ao seu posto para servirem. A Sumaca Bom Jesus e a Corveta Penha encalhadas nos bancos e o Bergantim veio passando, fazendo o fogo que pode, que esteve em re

serva para borlote de fogo em caso que se achasse preciso.

George Hardcaste tem 12 Embarcações juntas com 1107 praças que são forças de sobejo para destruir as embarcações Espanholas em qualquer dia que o Snr. General em Chefe queira atacar por terra que ele a mim me declarou que o não queria fazer até os Fortes estarem atacados por terra, porque as Embarcações não podem chegar aos Fortes situados altos e longe da praia, que infalivelmente destruíam as nossas Embarcações ainda que tivéssemos as do inimigo destruidas e como V. Ex^a. me teve ordenado para não ter nada com o comando do Rio Grande, esse é moralmente impossivel o ficar quieto em tanto que os Espanhois estejam destruidos, retirei-me ao meu posto na Ilha de S. Catarina, para pôr a Esquadra que se pode ter recolhido, prompta para servir. Como V. Ex^a. tem recebido todas as correspondencias entre o Snr. General em Chefe e eu já tenho-lhe dado toda a força que pude, ainda maior do que esperava, sem perca de tempo, a todo o risco, e sem duvida tive vencido todas as dificuldades, que os Officiaes estavam praticando de semelhante obra antes, ainda que eu tive toda a força do Rio Grande, para encontrar nos Fortes e Embarcações entrincheiradas e cheias de Infanteria: V. Ex^a. hade ver pelo primeiro desertor que os Espanhois tiveram maior dano nas Embarcações, do que as nossas, e as Fortalezas foram as que destruíram as nossas duas Embarcações cujas guarnições naufragadas estão separadas em as diferentes Embarcações aonde eram mais precisas e os Officiaes nomeados de novo em os logares vagos, como mostra o Mapa que aqui remeto a V. Ex^a. para determinar como fôr servido confirmal-os.

Tudo o que eu posso dizer a V. Ex^a. é que eu aproveitei toda a força que V. Ex^a. me mandou, e as Embar-

cações não foram da qualidade que deviam ser, e como elas estão já unidas com a outra Esquadra, foi o meu ponto em caso de se não poder vencer o ataque, e se eu tivesse maior numero de Embarcações pequenas somente serviriam para maior confusão e se o Snr. General em Chefe não aproveitar unindo as forças debaixo do seu poder dele, mais Embarcações não servem de nada e sem as Tropas forçarem os Fortes, todas as Embarcações em America nunca hão de tomar o Rio Grande, e se eu tivesse somente 500 homens, para desembarcarem na praia da Barra, quando eu entrei o Rio Grande estava em nosso poder no dia 19.

Eu concertei o plano com George Hardcaste que é muito capaz para o executar e em breve tempo pode-se esperar que as Embarcações Espanholas estejam destruidas, porque o espirito da marinha está bastante raioso e deseja segundo ataque.

V. Ex^a. ha de ver pelo despacho que eu fiz em apromptar estas Embarcações o infatigavel trabalho com que eu as acompanhei até o ultimo e larguei a Nau onde eu comando (o que nenhum chefe faz) para animar os que entraram pelo meu exemplo e puz-me com todo o espirito na mais forte parte da acção, mas não foi bastante para subir com victoria, paciente, tive muitos inimigos, bancos, ventos, mares, Fortes e Fragatas e nenhum amigo para me ajudar. Embarquei na Nau S. Antonio defronte do Rio Grande no dia 21 e cheguei a este porto no dia 28.

Estimarei muito que V. Ex^a. logre muito perfeita saude e que me dê muitas ocasiões, em que eu possa demonstrar o quanto desejo empregar em tudo que de dar gosto a V. Ex^a. que Deus Guarde muitos anos. Bordo Nau de S. Magestade S. Antonio surta no porto de S. Catarina em 29 de Fevereiro de 1776 — Snr. Marquez Vice-Rei — Roberto Makdonall.

DOCUMENTO N.º 29

11.º e Ex.º. Snr. Em o primeiro deste mez recebi a carta de V. Ex.ª, datada de onze do mez passado, em que V. Ex.ª. me participa o infeliz successo que tiveram as nossas Embarcações, que entraram nesse porto em 19 de Fevereiro do presente ano.

Eu fiz todo o meu possivel por providenciar de forma que evitasse aquele mau successo e que ele nos fosse tão feliz, como certamente seria se se tivesse dirigido aquella acção, segundo o que eu tinha determinado; porem Deus a não quis, de tudo devemos dar-lhe infinitas graças.

Eu fico cuidando com toda a força em aprontar o que V. Ex.ª. me requerer, para se ressarcirem as Embarcações do que perderam naquella occasião. E como pela via do Mar será agora mais dificultoso, por ser a Monção contraria, será este o motivo por que este socorro haja de chegar a V. Ex.ª. com mais demora; porem sempre mandarei alguma Embarcação a que vá tentar a entrada nesse porto e se encontrar vento favoravel poderá mais facilmente chegar a V. Ex.ª. o que agora me requer.

O que V. Ex.ª. me apresenta a respeito da Embarcação que é preciso para a Laguna dos Patos, devo dizer a V. Ex.ª. que não só pode ir essa, mas as mais que V. Ex.ª. achar serem precisas para melhor serviço, commodidade e segurança desse Continente, e da subsistencia das Tropas e Marinha, que V. Ex.ª. tem debaixo da sua ordem, devo tornar a dizer a V. Ex.ª. que tudo o que fôr preciso, para isto se conseguir, bastará que V. Ex.ª. me pratique te-lo feito e os motivos porque assim o praticou. Pelo que toca ao mais que contem a carta de V. Ex.ª. o responderei mais por extenso na primeira occasião que tiver a honra de escrever a V. Ex.ª.

No mesmo dia em que recebi a carta de V. Ex^a. recebi por um Navio, que entrou no porto desta Capital, um Officio do Snr. Marquez do Pombal, em que me participa: Que a nossa Côrte se achava de novo em ajuste e acomodação com a Côrte de Espanha, por instancias que na nossa Côrte tinham feito os Ministros de Suas Magestades Christianissima e Britanica, e que assentido El Rei Meu Senhor F. ao que se lhe propunha, ordenava que por ora se suspendesse tudo quanto se estivesse praticando pela parte do Sul do Brasil. Em consequencia do que era o mesmo Senhor servido ordenar-me que eu assim mesmo o determinasse aos Officiaes que se achassem encarregados do Comando das Tropas e mais lugares pertencentes á jurisdicção do meu Governo, em cuja conformidade o praticará V. Ex^a. na parte que lhe pertence nos termos seguintes:

Em primeiro lugar: Fará V. Ex^a. saber ao Comandante da Fronteira, ou ao General de Buenos Ayres, que se receberam as Ordens para que se sustassem todas as hostilidades e procedimentos que parecessem contrarios a uma boa paz e amizade, que Suas Magestades Catolica e Fidelissima, querem se cultive entre uma e outra Nação: Que as ordens disem que esta deve ser reciproca: bem entendido que aquele que primeiro quebrantar debaixo de qualquer pretexto esta amigavel correspondencia será reputado como agressor contra as mesmas ordens, e se fará responsavel de todas as consequencias que se seguirem de um semelhante procedimento.

Em segundo lugar: Quer El-Rei Meu Senhor que as Tropas que foram auxiliar as forças daquelle Continente se recolham aos seus respectivos Quarteis; mas isto é bem entendido que se não deve praticar, senão a proporção que os *Castelhanos* forem retirando as suas.

Nesta parte devo tambem dizer a V. Ex^a. que ainda no caso deles retirarem a sua Tropa, V. Ex^a. deve

retirar a do seu Comando com muita lentidão; isto é que vejam que ela se move, mas debaixo dos pretextos que parecerem mais decentes, não deve ela efectivamente sair do Continente sem V. Ex^a. receber nova ordem minha. Não perdendo V. Ex^a. nunca de vista que estes visinhos sempre que nos conhecem com superioridades nos procuram enganar com estas negociações afim que diminuindo-nos as maiores forças com que nos achamos e eles ficando-nos superiores, possam vir sôbre nós com a mesma aleivosia, com que nos têm feito por muitas veses.

Os pretextos que podem tambem ser, são a falta de carruagens e cavalgaduras para um transporte tão consideravel. O ser a Monção contraria, assim para as Embarcações, como por não permitirem os Rios por conta da força das Aguas, a passagem da mesma Tropa. O não haver na Ilha de St. Catarina e Laguna, todos os mantimentos precisos para a Tropa subsistir, enquanto espera o tempo proprio de se transportar e semelhantemente se poderão afectar muitos outros pretextos que tenham apparencias de verdade, com que insensivelmente nos vamos demorando até que possam chegar as ultimas noticias, sem as quais não devemos desamparar o Continente. Em terceiro lugar: Continuará V. Ex^a. a não consentir que se nos façam insultos, assim como que os não façam os Vassallos d'El Rei Meu Senhor. Se os *Castelhanos* os fiserem, V. Ex^a. fará verificar o insulto em forma que possa constar legalmente. Não o consentirá e protestará aos *Castelhanos*, mostrando serem eles os agressores e que V. Ex^a. não faz que defender-se. E se fossem os Portugueses o que os fiserem, V. Ex^a. procederá contra eles e mostrará aos *Castelhanos* a bôa Fé que V. Ex^a. pratica.

Em quarto lugar: Se quando esta minha carta chegar a V. Ex^a. fôr a tempo de nos termos metido de posse de alguns terrenos, ou portos, em que se achavam os

Castelhanos, que estes os devemos conservar, dizendo aos mesmos Castelhanos: que se não podem entregar, sem virem novas ordens. Que disto se deu conta ao Vice Rei, o qual naturalmente não poderá determinar cousa alguma, sem nova resolução da Côrte. Este é o sistema que V. Ex^a. deve seguir, e o que eu compreendo das ultimas ordens, que acabo de receber. A Prudencia de V. Ex^a. o seu merecimento e experiencias me dão a certeza do acerto com que será conduzido este importantissimo negocio.

V. Ex^a. me tem sempre prontissimo para em tudo dar-lhe gôsto. Deus guarde a V. Ex^a. Rio de Janeiro, a 3 de Abril de 1776.

Snr. João Henrique de Bohm — Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO N.º 30

Tenho recebido os Officios de V. S^a. datados de 21 de Fevereiro de 5, 6, 11, 19 e 31 de Março do presente ano, aos quais com os papeis que os acompanha faço passar á Real presença d'El Rei Meu Senhor, pela sua Secretaria de Estado, assim como tenho feito a todos aqueles que V. S^a. me tem dirigido de mais importancia. Porém emquanto a nossa Côrte me não expede as suas ordens, para o que eu devo praticar, a respeito do conteúdo nos mesmos officios, sempre me julgo na obrigação de responder a V. S^a. ao que acho nos mesmos officios de mais extraordinário, e que quer uma positiva e pronta resposta.

Em primeiro lugar: Pelo que pertence ao mau estado em que se acham as Embarcações, se elas tivessem vindo a este Porto logo que principiaram a precisar de

maior concerto, não teria chegado ao ponto tão consideravel a sua ruina, como a que V. S.^a agora me representa, porque é bem certo que a ruina com que elas chegaram, quando entraram neste Porto vindo do de Lisboa, ela se remediou de forma, que não tiveram embaraço para sair e todos os Comandantes me disseram estarem prontos os seus Navios, para o serviço que eu lhe destinasse.

Sairam estas para S. Catarina e de aí passaram ao Rio da Prata, exceto o Galeão e a Princesa do Brasil que V. S.^a deixou sempre nesse Porto.

Encontraram as que foram os tempos fortes, que de ordinario costuma haver naquele Rio, não duvido que com aqueles temporais recebessem alguns prejuizos, podem que rasão teve V. S.^a para as não ir mandando ao Rio de Janeiro a concertar e preparar do que precisassem, o que certamente se teria feito com mais brevidade e menos despesa do que V. S.^a o praticou em S. Catarina e foram ali os concertos de tal qualidade que logo que se tornavam a recolher as Embarcações, elas vinham em muito pior estado do que estavam antes de ser concertadas e em lugar disto faser emendar a V. S.^a para não continuar ali a concerta-las, V. S.^a continuou a seguir o mesmo sistema, até que todas chegassem ao miseravel estado que V. S.^a agora me representa, e desta forma fica claramente conhecendo quem é o culpado neste artigo.

Em segundo lugar: Diz-me V. S.^a que tudo o que tem sucedido depois da sua saída, até agora, que nenhuma das suas propostas tem sido atendidas e pelo contexto deste paragrafo vem a redusir-se esta falta de atenção a não ter eu mandado as Embarcações para a Expedição do Rio Grande da qualidade que V. S.^a m'as pedia. Isto é verdade: Que eu não mandei das que V. S.^a me pediu, nenhuma pelas não haver neste Porto, como a V. S.^a disse, com as circunstancias que V. S.^a me de-

clarava, porem mandei-lhe das outras que ainda que mais inferiores que aquelas eram muito superiores a maior parte das que tinham os Castelhanos, na excepção das tres que eles tem logo na sua entrada, para as quais ficava sendo muito de sobejo a **Fragata Graça Divina**, a **Fragata Pilar**, a **Fragata de Pernambuco** e a **Corveta N. S^a. da Victoria**. Todas elas na excepção da **Corveta** de muito maior força que as **Embarcações dos Castelhanos** e as outras nossas **Embarcações** mais pequenas, não só podiam auxiliar as grandes, mas nos ficavam muito de sobejo e de maior força com que atacar as cinco ridiculas **Embarcações** que os **Castelhanos** tem entre o **Forte do Mosquito** e **Forte Novo**.

Sendo estas as minhas ordens e a **Esquadra** que eu determinava, para a acção, creio não haverá ninguem que deixe de confessar que se se tivesse executado, como eu determinei, o successo teria sido todo outro, que não foi, por ter **V. S^a**. alterado tudo, como sempre tem costumado faser, logo que conhece ser ordem minha. Primeiramente não quis **V. S^a**. que a **Fragata Pilar** fosse das que se determinasse para entrar naquele **Rio**, dizendo-me que ela não podia entrar de nenhuma forma, ao mesmo passo que se viu na entrada das **Embarcações**; que o **Rio** tinha agua muito competente para poder entrar aquella **Embarcação**, quando as outras entraram.

E' certo que o **Rio** nem sempre tem a mesma agua e que em muitas, e muitas ocasiões não poderia entrar lá aquella **Embarcação**, nem ainda outras, que demandassem menos agua do que ela; porem as noticias dos **Praticos** daquele **Rio** por muitas veses me seguraram que havia ocasiões, em que o **Rio** tomava quantidade de agua, que sem perigo poderia muito bem entrar aquella **Embarcação**.

Eu não mandava que ela positivamente entrasse se não tivesse agua para isso, porem porque a não havia **V. S^a**. levar consigo para no caso de achar agua com-

petente, com que ella podesse entrar, aproveitar aquella occasião, e com ella aumentar tão extraordinariamente as suas forças como ficaria tendo com o socorro daquela Fragata. Nada disto quis V. S^a. faser: mandou-a faser corso e ficou para esta acção que foi o principal fim, para que eu armei aquella Embarcação, sendo ella inutil, fahendo-nos a consideravel falta na occasião como todos viram. Depois disso dis V. S^a. que as Embarcações que eu mandei, não eram capases, ao mesmo passo que me dizia que era capassissima a Chalupa que V. S^a. construiu nesse Porto, na qual V. S^a. embarcou e achou que era capas de faser a vanguarda das outras: E achando V. S^a. aquella boa feita de madeiras verdes, toda aberta, fahendo agua, como uma canastra, mais pequena do que as outras, parece que as outras, que se não achavam nestas circumstancias, pelo menos seriam tão boas como aquella.

Mais: Eu ordenei a V. S^a. que escolhesse para aquella occasião todas as Guarnições, Equipagens e Comandantes que lhe parecesse mais capases. Eu não quis nomear uma só pessoa, confiei tudo do zelo, honra e intelligencia de V. S^a. porque como V. S^a. é quem me devia ser responsavel pela acção, eu não quis de nenhuma forma faser-lhe embaraço, assim que V. S^a. podesse obrar com todo o desafogo a sua satisfação. Que resultou desta minha resolução? O serem guarnecidas as Embarcações com os piores Marinheiros da Esquadra o serem nomeados Officiaes para Comandantes delas, na excepção de dois ou tres Officiaes do Corpo, gentes, que uns se tinham tirado de Marinheiros para se graduarem em Officiaes, outros voluntarios, sem experiencia indo com as mesmas graduações alguns subalternos de Infantaria sem experiencias nem estudos e estes foram os Comandantes, com quem se queria faser uma acção tão importante, e os Officiaes da Marinha, uns que já tinham visto fogo e a guerra como era Artur Filipe e o

Capitão Tenente Gaule e outros de muito prestimo, pela sua honra e applicação estes ficaram fora da acção e encarregados de serviços, que quais quer outros poderiam faser com igual acerto.

Alem disto preveni a V. S^a. para as instruções que devia ter dado, assim ao Comandante de cada Embarcação como aqueles que os deviam substituir: Que estas ordens não só deviam ser por escrito, mas que eles as deviam repetir a V. S^a. de palavra para V. S^a. vir no conhecimento se cada um deles estava certo em qual era a sua obrigação e o que devia praticar na acção, para evitar toda a confusão, ou disputa, que eles podessem ter entre si. Isto se não fes e daqui nasceu a grandissima desordem que se praticou na Fragata Graça Divina com a morte do seu honrado e valoroso Comandante, sem nenhum official tomar o commando, e por caprichos ridiculos não faserem os esforços que deviam para animar as suas equipagens, que desampararam os portos, a qual o não teria tambem feito, se fosse gente escolhida como eu tinha determinado.

Depois disto chega V. S^a. junto a esta Embarcação, vê aquela desordem, sabe a morte do Comandante, em lugar de subir e animar aquela gente e concluir a acção, manda picar a amarra, obriga a fugir e quando os Castelhanos tinham todos os motivos para se julgarem de todo perdidos, os deixa V. S^a. respirar a mais vaidosa liberdade.

Continua V. S^a. a diser-me que o fôgo das Fortalezas dos Castelhanos era tão forte, que as nossas Embarcações estavam no maior risco. Tres são as respostas a este ponto. A primeira: Que se nós abordassemos, imediatamente temos a primeira descarga, como deviamos, que pouco importava o fôgo dos Castelhanos. Segunda: Que suposto não abordarmos logo, se tivessemos amarrado as nossas Embarcações pelo mesmo modo que eles tinham as suas, nós ficaríamos sempre com

as dos Castelhanos, servindo-nos de parapeito aos Fortes, e não teriam lugar de nos atirarem, sem irem também nas pontarias as suas proprias Embarcações. Terceira: Os tiros mergulhantes, todos conhecem a pouca certesa que teem, principalmente no Mar, onde o objecto a que se atira se está sempre movendo e buscando diferentes planos, e a experiencia o mostrou naquella occasião, porque da mina que tiveram as Embarcações, se viu ser rara a que se podia julgar feita pelas Peças de maior calibre que tem os Fortes e se conhecia ser toda feita pela Artilheria das Embarcações e outras causadas dos estilhaços das Trincheiras de pau com que V. S^a. entrincheirou as Embarcações em logar das Trincheiras de coiro, ou cordas, como em toda a parte se pratica e que até parece ser conforme as Reais Ordens d'Elrei Meu Senhor que em todas as suas Naus manda pôr aqueles ferros que na occasião servem para sustentar essas Trincheiras.

Que culpa tenho eu no Rio de Janeiro de que tudo se praticasse diferentemente do que devia ser? V. S^a. não se lembra que eu nem um só Oficial tenho nomeado, nem permitido graduação a ninguem que não tenha sido proposto e informado por V. S^a. que teem chegado a minha condescendencia a tal ponto, para que V. S^a. não tenha com que se desculpe até a convir que tenha exercicios e graduações muitos daqueles que para mim os tenho por incapases dela e que são homens que por um acaso obraram um acerto, são daqueles que mais querem a paga com o dinheiro do que com a distincção dos postos, que eles não teem sentimentos nem a creação com que os possa conservar com honra.

Não tenho deixado obrar a V. S^a. solta e livremente, até muitas veses cedendo da autoridade do grande lugar que a Incomparavel Grandesa d'El Rei Meu Senhor foi servido conferir-me, tudo afim de que V. S^a. vi-

va em desafogo, e que se não embarace por nenhum modo a deixar de satisfazer as suas obrigações, sendo o meu unico fim conduzir tudo por modo que eu não faça oppressão aos que estão encarregados dos diferentes Corpos e que eles façam toda a acção como sua, que da gloria, que resultar do bom successo da mesma acção para mim me não fique mais que o gosto de lhe ver no Mundo faser justiça ao seu merecimento.

Não sou eu aquele que até constando-me publicamente o menos respeito, com que V. S^a. trata e fala em uma Nação, em que está tendo a honra de servir igualmente o com que trata os Generais, os Governadores e que finalmente as praticas de V. S^a. não consistem que em desabono, descredito e falta de respeito a estes; de nada disto me tenho dado por entendido, só afim de me servir de V. S^a. por El Rei Meu Senhor o ter nomeado para esta ocasião, e que ao mais que me tenho adeantado, é a diser-lhe que não se desgoste com os seus Subditos, que os trate com atenção e humanidade, que os tenha contentes, que os não injurie, porque alem deles o não merecerem, será no caso que eles o sofram abaterem-lhe os espiritos e o brio, por tal modo que eles depois não sejam já capases de satisfazerem as suas obrigações.

Não são tudo isto beneficios infinitos feitos a V. S^a? Não conhece V. S^a. que este sacrificio, com que tenho suportado tanto, todo é oferecido ao serviço dum Rei a quem devo tudo, e da Patria, em que tive a honra de nascer, e que isto obriga a V. S^a. a maior reconhecimento do que deve a Grandesa d'El Rei Meu Senhor que ela me fas sufocar no peito, o que aliaz me tem trespassado por muitas veses o coração? Que mais poderia eu faser ou qualquer outro General? Se o ha eu o não sei, nem me envergonho de o confessar. Eu tenho extinguido todas as minhas forças, meus tais ou

quais talentos e finalmente toda a prudencia para executar as Reais Ordens, que tenho recebido, para buscar a felicidade do Estado e ultimamente para conseguir maior gloria aos meus Camaradas, e afinal me vejo recluso ao desgosto de nada se ter feito, como eu esperava, as minhas ordens iludidas, o tempo perdido as Embarcações arruinadas e finalmente tudo ter chegado a um estado que nem por sonhos podia nunca lembrar.

As maiores providencias sôbre o estado deste negócio, será a nossa Côrte a que as tome, e eu obrarei na conformidade que se me ordenar, agora só me resta dizer a V. S^a. que pelo que pertence ás Embarcações, que necessitam de ser concertadas, deve vir faser o seu concerto nesta Capital, porem não devem vir logo todas, não só por não ficar de todo desamparado esse Porto, mas porque não tenho Officiaes que bastem para trabalharem em todas elas ao mesmo tempo que a proporção que fôr chegando alguma concertada, quando V. S^a. tiver noticia que ela vai acabando o seu concerto, fará V. S^a. sair outra para este fim, e deste modo, se irão remediando como couber na possibilidade.

Como a V. S^a. participei no ultimo Officio, que El Rei Meu Senhor por ora mandava suspender todos os movimentos, estamos entrados no Inverno, em que a Costa do Rio Grande não permite como V. S^a. me dis possam crusar nela as nossas Embarcações, V. S^a. suspenderá aquele Côrso e cuidará em ir restabelecendo o resto da sua Esquadra, como o tempo e a possibilidade lhe permitir.

Para as duas Fragatas que estão na Colonia, já mandei tudo o que os Comandantes me tinham requerido e com o que V. S^a. lhe mandou, ficam eles tendo dobrado do que necessitam.

O Galeão é certo estar incapas e não pode deixar de me faser admiração que não o achando V. S^a. em

estado de sair com a Esquadra, quando V. S^a. com ela passou ao Rio da Prata, que agora depois de muito mais arruinado escolhesse V. S^a. a titulo de ir aumentar as nossas forças naquêle Rio, contra as que nos opuseram os Castelhanos.

A Fragata Nazaré foi mandada por mim, a outra deixei ao arbitrio de V. S^a. que lhe pareceu justo mandar a mais incapas da sua Esquadra. Eu determino manda-la recolher, porem ha-de ser depois de receber as primeiras noticias da nossa Côrte, que as espero todos os dias.

E' o que por ora se me oferece diser a V. S^a. Deus guarde a V. S^a. Rio de Janeiro a 17 de Abril de 1776 —
(a.) Marquês do Lavradio. Snr. Roberto Mac Donald.

DOCUMENTO N. 31

III^o. Ex^o. Snr. Depois de ter escrito a V. Ex^a. por esta Embarcação com a data de 17 do corrente mez, vespera do dia em que esta mesma Embarcação estava para sair, entrou no mesmo dia nesta Barra uma Embarcação vinda de S. Catarina, com a carta do Tenente General João Henrique de Bohm e mais papeis a ela juntos, que tenho a honra de por na presença de V. Ex^a. por copia.

Deles verá V. Ex^a. o ter-se praticado a acção no Rio Grande, o acharmo-nos na posse dos Fortes e das Vilas e de uma grande parte do Terreno que os Castelhanos nos tinham tomado.

Pelo mesmo contexto da carta do Tenente General, continuará V. Ex^a. a vêr: Que a demora que teve o praticar-se esta acção, não esteve que da sua parte deles, resolvendo-se a fazel-a, não sei se no tempo mais

competente e deixando de a fazer, quando para nós tudo seria vantagens.

Ninguém poderá duvidar de que a surpresa foi bem imaginada, porem todos criminaram que um General depois de tanto tempo de estar naquela Fronteira, houvesse de ignorar as forças que tinham os nossos inimigos, deixando de executar o que se lhe tinha mandado, por temer um poder que não havia.

Porem Senhor a acção está feita e com felicissimo successo; está restituído o credito das armas de El-Rei Meu Senhor e está abatido o orgulho d'aqueles maus vizinhos e chegamo-nos a ver na America pela primeira vez respeitados e victoriosos.

Eu não posso segurar a V. Ex^a. o alvoroço que isto fez nesta Capital. Eu não quiz que se fizesse demonstração publica por conta de estarem ainda aqui os castelhanos e eu ter já dito, que tudo se tinha mandado suspender como efectivamente fiz, mas nada bastou para embaraçar que todos pusessem immediatamente luminaria fazendo-as conservar até por baixo de uma grandissima chuva que fazia; e com este mesmo tempo se buscavam uns aos outros abraçando-se e felicitando-se dando muitos vivas a nosso Augustissimo Amo e seu Ministerio, pela grande vantagem e interesses que esperam receber na reivindicacão daqueles nossos antigos Dominios ha 13 anos usurpados, com tanto descredito daqueles que o deviam defender.

Eu não julgo a acção ainda de todo acabada sem receber as ultimas noticias do Corpo comandado por José Marcelino. Se este estiver feito Senhor do Estreito, então como nos achamos fechados, poderemos conservar esta conquista sem receio de a tornarmos a perder, havendo o cuidado e vigilancia que é indispensavel.

Tudo o que se empregou nesta acção, foi segundo as providencias que eu dei: O plano dela foi meu, ain-

da que um pouco desfigurado e praticado em diferente tempo; e de tudo quanto eu fiz não tenho outro merecimento, que o de cegamente procurar se executassem as sabias e prudentíssimas ordens com que V. Ex^a. se serviu instruir-me.

Se as ordens de suspensão me não tivessem chegado o meu coração me saltaria no peito com desafoço e cheio de contentamento, porem o receio que tenho de que esta noticia não seja hoje tão estimada como seria ha 8 ou 10 mezes, faz que a minha satisfação não seja por hora a mais completa.

Devo ter a honra de dizer a V. Ex^a. porque talvez seja conveniente esta noticia: Que o Officio de V. Ex^a. datado de 15 de Janeiro deste ano, entrou a Embarcação que o trazia neste Porto no primeiro deste mez, como a V. Ex^a. faço certo pela certidão que remeto, e a acção no Rio Grande foi principiada na noite do ultimo mez passado; e fica sendo bem claro a impossibilidade que havia para que ela se suspendesse.

Ainda que a V. Ex^a. lhe não esqueceram fazer memoria para se glosar a resposta do Comandante Espanhol, dos factos que tem succedido depois que eles nos tem protestado terem recebido ordens da sua Côrte para tudo se conservar na melhor paz com tudo permitta V. Ex^a. que eu lhe repita: Que depois que eles fizeram aqueles protestos é que atiraram sobre as nossas Embarcações que entraram; é que se aproveitaram da saída do Regimento da Colonia; é que fizeram sair as suas Corsarias a dar caça aos nossos pescadores e é finalmente que continuaram as suas ameaças e fizeram publico que nos iam tomar a Colonia, que certamente fariam se eu lhe não acudisse com tanta pressa; e ainda que isto nos não deve admirar, por ser o que eles sempre costumaram praticar, pareceu-me que estes factos na ocasião presente tem uma grande força a resposta que lhe dermos se eles nos arguirem.

Se a noticia deste successo e eu pela repetir mereço alguma atenção, toda a que desejo por intercessão de V. Ex^a. é que El-Rei Meu Senhor queira mostrar a sua satisfação ao Tenente General que foi o Comandante do feliz successo e egualmente aos valorosos e honrados Officiaes que naquella occasião se distinguiram e se o mesmo Senhor for servido que eu em seu Real nome os aprove assim como aos mais que pelo Rio Pardo se tiverem distinguido, julgo que isto fará uma completa satisfação a todo aquele exercito aonde certamente julgo não haver um só soldado que deixe de querer dar até á ultima pinga do seu sangue pela gloria e felicidade do Estado e pelo serviço do nosso Augustissimo Amo.

O Tenente General me fala sobre a repartição das nossas Terras e das propriedades de casas que ha na Vila. Eu lhe ordeno: Que ele por hora seja quem providencie tudo até que El-Rei Meu Senhor resolva a este respeito e que de coisa nenhuma se disponha se não interinamente até eu receber novas ordens. E' o que sobre esta materia se me oferece dizer a V. Ex^a. Deus guarde a V. Ex^a. Rio de Janeiro em 19 de Abril de 1776 — Sr. Marquez Pombal (a.) Marquez do Lavradio — P. S. Como os Castelhanos ainda aqui se acham e logo que recebi a noticia da suspensão que El-Rei Meu Senhor mandava fazer dos movimentos que tinha ordem de praticar com o Exercito do Sul, eu mandei chamar os mesmos Castelhanos para lhe comunicar esta agradavel noticia dizendo-lhe ao mesmo tempo que eu expedia immediatamente as ordens ao General do Exercito, parecendo-me que será conveniente, que isto conste para se ver que a acção foi praticada tanto antes de se receberem as ordens, que no dia em que elas aqui chegaram, era já o segundo da acção disse aos Castelhanos: Que elles pusessem por escrito tudo o que comigo tinham passado, assinado por forma que possa fazer fé aonde se apre-

sentar e esta atestação a remeto a V. Ex.^a. (a.) Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO N.º 32

Illmo. e Exmo. Senhor Antonio Carlos Furtado de Mendonça: Esta manhã as três horas mandei passar dois destacamentos desta Tropa, o Rio para atacar quasi no mesmo tempo, com a Espada na mão o Forte chamado da Trindade (que é o mais visinho da Mangueira) e o Forte do Mosquito, visinho do da Barra; um e outro tiveram egual successo: O Major Manuel Soares Coimbra, mandava as Companhias de Granadeiros do Regimento d'Estremoz e do primeiro Regimento do Rio e achou bastante resistência, porem não perdeu mais que dois granadeiros d'Estremoz, um soldado d'artilharia e tem um Cadete e seis granadeiros feridos. O Major José Manuel Carneiro comandando os granadeiros de Moura e Bragança tomou o Forte, e só teve um soldado ferido.

Os Castelhanos tiveram por esta parte o Capitão gravemente ferido e onze soldados, os mais se aproveitaram da noite e fugiram deixando neste Forte duas peças de 24, duas de 18 e dois falconetes.

No Mosquito deixaram os Castelhanos um Capitão, um Tenente, dois cadetes e sete soldados, feridos, três mortos e dezeseis prisioneiros, uma peça de 16 e duas de 18. Mandeí seguir estes dois Corpos, ainda quasi de noite por quatro Companhias de Infantaria, commandadas por uma parte pelo Brigadeiro José Raimundo (que recebeu uma leve contusão em uma perna) por outro pelo Coronel Sebastião Xavier, para tomarem posse do Terreno e a Mangueira já caiu depois. As Embarcações

Castelhanas não esperaram o levantar do sol; levantaram ancoras, e se foram pelo Rio abaixo sem darem tempo a que o Capitão Hardcastle as atacasse como estava determinado, porem com tão pouco successo que receberem notavel dano do nosso Forte da Barra, e as três melhores encalharam fóra da ponta do Lagamar, uma delas que já tinha perdido o seu mastro principal já está sem gente que se salvou abandonando-a. Quando os Castelhanos viram a tomada dos Fortes puzeram fogo a Corveta, e a sumaca Portuguesa que estavam na ponta da Mangueira, e queimaram tambem os Armazens que ahi tinham perto. Deus todo Poderoso se queira interessar por nós para deante, e dar tambem um feliz successo á Tropa de Rafael. A nossa Tropa na presente acção se portou com maior valor, desde o primeiro official até o ultimo soldado dignos todos dos maiores encomios.

Dê-me V. Exa. repetidas ocasiões de lhe poder mostrar o meu grande affecto e sincera amisade. Deus Guarde a V. Exa. muitos anos com feliz saude; Campo de João da Cunha o 1.º de Abril de 1776. De V. Exa. muito venerador, sincero amigo e obediente servidor João Henrique de Bohm.

Como não se acabou ainda a acção de todo, não posso dar ao Sr. Marquez Vice-Rei uma parte tão imperfeita, como tomo a confiança de participar a V. Exa. porem se V. Exa. escrever para o Rio de Janeiro queira dizer o conteudo nesta carta ao Sr. Marquez. A nossa Infantaria houve-se com um desembaraço, como eu esperava que este pequeno successo a animára ainda muito mais. Não falo no meu projecto por não falar em mim mesmo. O nosso amigo José Raimundo não se acha embaraçado de tal sorte, que não possa continuar o serviço. Do Regimento de V. Exa. temos um granadeiro ferido. Viva V. Exa. contente e feliz. Como não posso por

hora escrever ao Snr. Chefe da Esquadra, V. Exa. me fará o favor de lhe comunicar esta noticia. Luiz Antonio da Cunha e Azevedo, actual secretario de S. Exa.

DOCUMENTO N.º 33

Monseigneur. Je me flate que Votre Excellence recevra de la satisfaction par la nouvelle de l'heureux succès qu'eurent les armes de Sa Majesté la nuit du 31 Mars au 1er. d'Avril et que je dois principalement à nos braves grenadiers que je fis passer la Rivière en deux corps, celle d'Estremos et du premier Regimt. do Rio avec des Officiers necessaires d'Artilhr.^e pour proffiter de l'Evenement Conmandées par le Major Coimbra et les grenadiers de Moura et de Bragance pour le Major José Manuel Carneiro pour surprendre les deux Forts les plus dominants sur la Riviere qui couvraient en même temps l'Esquadre Espanhole.

Les Grenadiers furent suivi d'un coté par le Brigadier José Raimundo et quatre autres Compagnies de son Régiment et de l'autre coté par le Colonel Sebastião Xer. da Veiga pour assurer les Postes en cas de succès. La Flote sur laquelle ces Troupes passaient consistaient en 4 jangades faittes par les soldats de Pernambuco et achevés justement et les lanchas qu'on put y cindre des deux cotés. Les Espanhols ne pouvaient avoir vent de mon projet les mesures ayant été prises depuis long temps, sans affectation et ame qui vive ne le savait que les quatre Personnes principales qui même ne le savaient pas complement. l'Execution n'en fut déterminé qu'une heure avant le coucher du soleil et le secret n'en puvoit transpirer encore, enfin Monseigneur, ces diferent passages de la Rivière s'executerent avec bonheur sans égal. Le Major Manuel Soares Coimbra Officier comme il a

peu, pour la bravure et l'intelligence emportat le premier le Fort de Sta. Barbara éloigné un peu du lieu où se trouvait celui de Mosquito, non obstant la resistance qu'on lui fait soit et que ne laissait pas de couetter deux Grenadiers d'Estremoz, un d'Artilherie du Rio e une huitaine (sic) de Grenadiers blessés avant l'arrivée des quatre compagnies avec le Brigadier qui devait passer dans les mêmes jangadas sur lesquelles avaient passé les grenadiers. Le brave et estimable Major José Manuel Carneiro eut le bonheur égal et emportât le Fort de Trindade le sabre a la main sans avoir de blessé qu'un grenadier de Moura: il est vrai que la garnison pouvoit avoir quelque doute de la prise de Sta. Barbara de sorte qu'elle ne resistoit pas tant et le Major etait maitre du Fort avant l'arrivée des quatre Compagnies avec le Colonel Veiga qui passoit dans une *Balandre*.

La consternation que ce coup donnoit aux Espanhols (qui nous souposoient naturellement fatigués des rejuissances du précédent jour et en profond someil) est inestimable, ce n'étoit que signaux tout le reste de la nuit.

L'Esquadre Espanhole qui se croyoit jusqu'ici si sure, entre ces deux Batteries et les voyants à cette heure entre nos mains prit l'Epouvante et se preparât de sorte qu'à la poente du jour quoique le vent nee e sentoit quasi les six Vaisseaux se virent avec des voiles se servant de tous leurs avantages du canal ete de la proximité du Rivage pour s'échapper d'entre les mains du Brave Capitaine Hardecastle qui n'attendoit que le jour et le vent pour aller a eux mais elles ne lui donnerent le temps et s'en furent avec peu de vent et tres mal traites de nos Batteries prises la nuit et de notre Fort de la Barre.

La Melieure Courvette ayant perdu son mât principal tombâ sur le banc auprès de la pointe du Lagamar. La Fragatte de trois mâts et une Setia y tomberent aussi et resterent.

Ce n'étoit depuis que consternation que confusion parmi eux: ils mirent le feu y une courvette très bonne qui se trouvoit y la bouche de la Mangueira comme aussi à la sumaque Portugaise qui se trouvoit dans le meme sac, ils abandonnerent leur Fort da Mangueira quasi 8 heures et fuyèrent avec precipitation vers la Villa; j'envoyer d'abord au Colonel Veiga ordre d'y envoyer des Troupes pour l'ocupper et voir s'il se pouvoit sauver quelque chose ce qui fut fait; la jolie Courvette Saneta quad le comandant d'Esquadre la passât ce digne officier voyant sa proie échapée se mit a l'ancre avec son Esquadre de 7 Vaisseaux (que je puis apeller sans vanité bien préparés) pres du Fort de la Trindade. Le Fort de l'autre coté de la Barre faisoit tout le jour un feu épouvantable sur le notre et la petite Batterie nou.^{lle} faite depuis le dernier combât mais les Espanhols mirent du feu á la Batterie do Ladino, qui avoit tiré beaucoup sur nos Fregattes et les gens disparurent. En revenant apres midi de la Barre ou j'avois été obligé d'aller je signés le manifeste déjà prompt dont Votre Excellence s'est plut ame pour voir et l'envoyes par l'Ajudant du premier Regimt. de Rio Jan^o. de la Fronteira à la Ville, et me preparois tout le temps pour les Evenements que pourroient suivre. Vers le soir ils abandonnerent la Batterie nouvelle faite entre les Forts emportées par nos grenadiers qui j'avois ordonné au Brigadier qui la fit attaquer de revers, déjà le matin, mais l'ordre devant passer la Rivière lui arrivât peu a temp parce que justement il m'avoit envoyoit donner part de l'action et me proposât si voulois qu'il le prit de lui envoyer des Pieces de six après que le Comend.* Espanhol s'en fut a tête perdue avec la garnison de 30 hommes et a un endroit retiré et caché en arriere ou il se trouvoit de chevaux prompts sur lesquelles ils s'échaperent le Brigadier envoyât le Capitaine Francisco José Franciu s'en metre empossession. Le Canon se trou-

voit enroulé comme a la Mangueira: on vit le soir de grands feux le long de la côte: après minuit on vit un terrible feu dans le Fort des Espanhols de la Barre et de temps en temps de grands explosions comme des mines ce que faisoit un fracas enorme: quand le jour paroissoit on ne vit en sentinelle le mât du Pavillon precepté et des signaux manifestes d'un incendie.

Je me jetois dans un Esquif et passois au Fort du Brigadier Chichorro ou je vis la même chose je fis d'abord prendre les armes aux grenadiers, prenois une petite de trois et marchois avec eux au Fort accompagné par le Major Manuel Soares Coimbra en effet il ne se trouvoit personne mais c'étoit un triste espetacle de voir tout l'intérieur consumée par les flammes, les magasins crevés des Barrils de goudron sous les affects des Pieces déjà enroulés pour consumer le bois etc. etc. cependant Monseigneur j'étois charmé du fond de mon coeur de voir ce Fort en ma possession qui nous auroit couté du monde avant de le prendre. C'est un Quarre asses requiller les Bastions ne sont pas de ceux qu'on apelles Royalles mais bonnes; les remparts commodes et les parapets asses gros; tout l'ouvrage est fraijé et a son espece de chemin couvert garni de palissades, tout est de terre fort sablonneuse mais je suis charmé qu'ils l'ayent évacué je fis planter la Piece de trois sur le parapet et fis saluer Le Roi Fideliceme notre Monarque dont le nom je consacroi au Fort et j'arborois le Pavillon Royal avec l'assistance du Gen^{al}. Funck, mon ami le Cap^{en}. Hardecastle, du Brigadier José Raimundo, du lieutenant Col. Joqm. José de Rib^o. je fis les dispositions pour que tout le monde excepté la garde, se mit á éteindre le feu et en suite a de blayer les descombres et je fis reunir de l'autre coté le Cap. Montanha avec les travailleurs et les Indiens, le vent ne permetoit pas de passer de la Cavallerie ni a nos lanchas d'aller abord de trois vais-

seaux espanhols perdues (dont le garnisons s'étoient sauvées) parce qu'il souffloit du sud. De sorte que ceux qui se trouvent de hors a l'ancre pourroient encore tomber en notre pouvoir: je passois le long du bord meridional visitant toutes nos nouvelles conquettes et donner les ordres necessaires: Arrivant a cette de la Trinidad l'Adjudant José Tomaz qui avoit été envoyé le matin á la ville do Rio Grande, porter au Colonel Osezada ma reponse a la lettre de cet officier faite sur la reception du manifeste envoyé le soir du 1er. Avril (que j'ai oublié de dire a Votre Excellence que j'avois reçu la nuit même et vient jointe en original avec ma reponse) cet Adjudant me dit qu'en arrivant á la Ville un peu après le dix heures du matin il la trouvoit decerte eut la curiosité de mettre pié a terre et de monter a la Forteresse on ne vit plus de Pavillon d'Espanhe et terát celui de son Escaler et l'arbora je ne me dilatois un instant ordenois le necessaire pour qu'il passait les comp^{es}. de Grenadiers avec le Major J. M. Carneiro pour la Ville de S. Pedro prendre possession de la Forteresse etc. j'embarquois pour la meme Ville pour voir en passant leur nouvelle Bateria a la pointte du Ladino mais arivant á la Ville je n'y trouvois point les grenadier ni perssonne qui n'arrivoient qu'a 8 heures de la nuit parce que les Espanhols avoient fait rompre toutes le comonications. A une trouvois assés longtemps seul avec une Disaine des Officiers dans cette Ville évacué á dix heures du matin par les Espanhols trouvant encore un couple chargées dans les Rues que n'avoient pu marcher faute de Boeufs, il n'y avoit q'un Inférme avec 6 blessés dans l'action du 19. Il y avoit déjà de marancleurs de la campanhe dans la Ville que desapparurent á notre vüe. L'Ennemi étoit parti sans y mettre le feu et la Ville n'a rien suspect, je donnois les ordres necessaires au Major Carneiro laissant avec lui mon Adjudant Manuel Mar-

ques née dans la même Ville pour veiller a la police et être sur leurs gardes contre les Espanhols restants ce soir á deux lieux de lá je retournois á mon Quartier et donnois ordre aux ouvriers necessaires pour desenclouer les Pieces et reparer les chemins, chargeant Mr. Betamio avec les Perssonnes du Commissariat pour passer de grande matin a la Ville faire l'Inventaire: Ils furent ce matin que je n'ai pu encore faire passer ni chevaux ni boeufs ce qui m'afflige extremement car avec un petit corps de dragons on leurs feroit perdre tout leurs Bagages et charrois (mais ne murmurons point).

Je ne saurois assez louer nos Troupes tant la Bravoure de ceux que furent de l'attaque que des autres que suivirent et montroient leur respectueuse impatience et de plaisir de n'être pas du parti. L'aimable Brigadier José Raimundo reçut une contusion d'une Balle de 4 onces de cartouches que lui fracassoit la montre et vint mourir au haut de la partie interieure de la cuisse droit mais il a echappé bien avec la perte de sa montre le coll. de Veiga se conduissit fort galament aussi bien que tous les autres Officiers dont aucun ne reçut le moindre Domage.

Je recomende a la protection de Votre Excellence Manuel Marques mon Adjudant que sert de conducteur aux grenadiers sous les ordres du Major Carneiro. Le Cap. Lourenso Caetano m'a tres bien servi je lui dois cette justice quoique il n'avoit part a l'action.

La perte des Espanhols est tres considerable une trentaine de Pieces d'Artilh^e. la plus part neuves et parfaitement bien montées des munitions proportionnées et belles aucune des affets á l'ancienne avec de rodas de Patesca toutes les Roues tres bien faites et de bonnes ferrures.

Pour la marine quantité des choses de valeur dont il m'est impossible de faire l'enumeration ni'ai je le

temps pour copier ceci dont Votre Excellence voudrât pardonner les defauts avec mil autres de ma façon.

Votre Excellence daignera donner le plus tot que possible ces ordres au Gouvernement et a cette jeinta (sic) pour ce que regarde les interets de Sa Magesté la Distribution des maisons de la Ville et des terres la residence de la junta car je ni fais que prendre possession par tout par l'autorisé de Votre Excellence pour le Roi. Des autres affaires a economiques et civiles, Votre Excellence connoit mon Incapacité totale quoique j'ai en occasion d'en apprendre quelque chefe en particulier: mais ce sont des choses que m'meritent consideration.

Des bonheur qui a suivi un Evenement qui en soi même est si peu de chose je ne m'en attribue la moindre Troupes m'ont montré.

Si Votre Excellence est contente de ma conduite je suis parfaitement bien recompensé et charmé de m'être aquite d'une petite partie des mes promesses. Ma Veneration égale le profond respect avec le quel j'ai l'honneur d'être. — Monseigneur. De Votre Excellence Le tres humble tres obseissants et tres soumis serviteur Jean Henri de Bohm. Rio Grande 3 Avril de 1776.

DOCUMENTO N.º 34

Illmo. e Exmo. Senhor — Remeto a V. Exa. as copias das cartas que recebi do Tenente General João Henrique de Bohm, do Brigadeiro José Marcelino e do Governador da Colonia; e igualmente as copias dos Papeis que acompanham as mesmas cartas. Por todos estes Papeis continuará V. Exa. a ser instruido do que

se tem passado assim na Fronteira do Rio Grande até ao Rio Pardo, como na Colonia.

Verá V. Exa. que estamos finalmente senhores do Praso de Santa Tecla e virá V. Exa. no conhecimento de como os Castelhanos dentro da nossa casa se tinham vindo fortificar para nos embaraçarem qualquer movimento que quizessemos ter, segurarem a sua comunicação para Missões e igualmente terem segura a sua retirada quando nos quizessem vir atacar por aquele lado.

Esta reducta, ou porto fortificado, o tinham posto nesta força depois que o General Vertiz, veiu á testa do seu Exercito no ano de 1773.

A tomada deste Porto foi feita e defendida por modos bem extraordinários, como V. Exa. verá de todos os Papeis que remeto.

Eu no officio do Sr. Marquez de Pombal faço algumas reflexões a este respeito como V. Exa. verá do mesmo officio que não repito a V. Exa. por não querer tomar-lhe o tempo com a repetição do mesmo que V. Exa. verá por aquella Secretaria.

A acção foi executada antes da do Rio Grande seis dias e sete antes de eu receber as ultimas ordens expedidas pelo Snr. Marquez de Pombal. E se estas me não tivessem chegado segundo o calôr em que as cousas se tem ido pondo e termos todas as nossas tropas que compõem aquele Exercito já juntas e até agora victoriosas, posso segurar a V. Exa. que esta era a occasião de ficarmos por uma vez senhores de tudo o que nos pertence até Montevideu, porem segundo as ultimas ordens que recebi logo que elas chegaram ao Tenente General, tudo se suspenderá na conformidade que se me ordena, apesar do ardor e bôa vontade com que toda a Tropa se achava para fazer os maiores esforços e apesar igualmente de todas as providencias e despezas que tenho dado e feito para conseguirmos aquele glorioso fim que

nos propunhamos. Eu para fazer aquele esforço me tenho destituído de tudo que tinha nesta Capital aonde me acho com as grandíssimas precisões que com imperitencia por muitas vezes tenho representado a V. Exa. e até agora ultimamente tem faltado os fardamentos de que eu de alguma forma vou remediando aos mais necessitados com alguns sobejos que tinha nos Armazens.

Como V. Exa. sabe o que tenho e o de que necessito e se estou em caso de o precisar ou não V. Exa. dará aquela providencia que lhe parecer mais justa, porque a mim só me pertence o fazer as representações e obedecer com todas as forças que tiver ao que me mandarem.

E' o que nesta ocasião se me oferece dizer a V. Exa.

Deus Guarde a V. Exa. — Rio de Janeiro em 30 de Abril de 1776. (a.) Marquez do Lavradio. — J. Martinho de Melo e Castro.

* * *

Copia da primeira carta escrita ao Comandante Espanhol que se acha dentro da Trincheira de Sta. Tecla depois do amanhecer, que se lhe fez o cêrco e a carta ás cinco horas da tarde.

Snr. D. Luiz Ramires. As hostilidades manifestas e continuas, que tem recebido os Povos Portuguezes nas Fronteiras do Rio Grande, apoiadas ás desta parte, principalmente pela Trincheira que V. M. comanda e que contra todos os direitos e concordatas novamente construíram, sem embargo de serem requeridos para o não fazer, me trouxeram a mim por estas partes com um corpo de Tropas tão respeitável e numeroso, como V. Exa. vê, afim de tomar satisfação de taes procedimentos, usando das leis da represalia, sem passar da defensiva. Pelo que requieiro a V. M.^{ce}. haja de entregar-se-me com

a guarnição que está às suas ordens no preciso termo de doze horas, depois de recebida esta, o que espero V. M. execute, suposto conhece não ter guarnição, nem estar em Trincheira de fazer outro ajuste, para desta sorte livrar esses individuos a serem passados a ferro e fogo, segundo as leis.

Estimarei a saude de V. M^{ca}. seja feliz, para que acompanhado dela se queira servir da que me assiste, pois se lhe oferece toda ao serviço. Deus a V. M. Guarde muitos anos. Campo do Bloqueio a 28 de Fevereiro de 1776. De V. M. — Muito seu venerador — Rafael Pinto Bandeira.

Illmo. e Exmo. Snr. — General em Chefe. Meu senhor. No dia vinte e oito ao amanhecer me meti com as tropas do meu mando, debaixo desta Fortaleza chamada Santa Tecla a tiro de mosquete e logo que clareou o dia nos entraram a sacudir com artilharia de 6 segundo mostram muitas balas que temos apanhado; e passeando-a eu em roda a ver a melhor forma de a poder investir, para todas as partes está bem fortalecida, e com os seus baluartes bem levantados; razão porque vareja artilharia em muita distancia tudo em roda.

A dita Trincheira está em um lugar muito eminente, e com mantimentos para trez mezes; as aguadas tanto para uma, como para outra parte, lhe ficam debaixo da sua artilharia: Dizem sete soldados que temos já prisioneiros, e vinte e seis Indios, que na Fortaleza ha uma Companhia de infantaria e seis artilheiros, perto de vinte Dragões, outros tantos beledengues, e uma companhia de paisanos de Montevidéu, e cento e tantos Indios: Na Fortaleza, ha trez peças de 6 e quatro ditas de menos calibre, com as quaes só trez tiros tem atirado e parece pouco mais de Pedreiras; com as grandes nos

tem atirado mais de cinquenta tiros, mas até agora sem efeito nenhum. No mesmo instante em que cheguei fiquei senhor de toda a Campanha, tomando-lhe mil e tantos cavalos, perto de cinco mil rezes, trezentos bois mansos, pouco mais ou menos e cem bestas mansas. Sobre tarde escrevi-lhe a carta de cuja vae a copia no dia vinte e nove de manhã respondeu-me o que V. Exa. verá pela cópia que remeto, e me mandou rogar me queria falar, a que respondi que sim e nos topamos em meio de terreno que está do meu Campo à sua Fortaleza; me tratou com muitos elogios e cumprimentos, que eu nunca vi e me fez oferta de viveres de tudo o mais que houvesse na sua trincheira, para a minha Tropa, ao que lhe respondi de tudo estava bem prevenido; disse-me ignorava o procedimento das Tropas Portuguezas, porquanto a ultima carta que tinha do seu General, era a copia que já me tinha enviado; eu lhe respondi que era vassallo e executava as ordens dos meus superiores e que me parecia á hora daquelas estaria o Rio Grande tomado pelas Tropas Portuguezas e que sua mercê tinha feito a defeza que me parecia bastante, para se poder entregar; respondeu-me, emquanto o não batessemos e lhe não matassemos parte da Guarnição, se não entregava, pelo bem, que estava coberto, lhe parecia impossivel podesse perigar nenhum dos seus: Quiz-me introduzir tinha feito seus avisos e esperava brevemente os seus socorros; a isso lhe respondi, os meus breve me chegariam e nessas respostas nos despedimos com muita amizade. Eu até manhã espero dois falconetes que o meu Governador me avisou vinham seguindo a minha marcha, a cujos já mandei transporte para que se adeantassem. Ao dito meu Governador logo avisei no mesmo dia, do sitio a forma desta Fortaleza, e o forte, que estava e que me parecia, que os falconetes não eram capazes, por pequenos e pouco alcance para a podermos bater; a mim me

parece que sem lhe botar algumas bombas dentro, ou granadas, que se não renderão tão cedo.

Dentro na Trincheira tem cincoenta cavalos e outras tantas rezes; da gente que estavam por fóra escaparam-se iam quarenta homens, entre Castelhanos e Indios, uns tomaram para Montevideu, e outros para Missões. E' o quanto se me oferece dizer a V. Exa. a quem desejo saúde e feliz successo nas suas pretensões. Deus Guarde a V. Exa. por muitos anos. Campo do Bloqueio de Santa Tecla 1 de Março de 1776. — De V. Exa. o mais humilde creado. — Rafael Pinto Bandeira — P. D. Esta noite com sete partidarios que fiz encostar á Trincheira, lhe mandei atirarem alguns tiros, o que fizeram, atirando-lhe quinze e os Castelhanos gastaram mais de duzentos na defeza da cortina por donde lhe bateram as balas, sem se poder perceber nenhuma pela parte de cima da muralha, e todas estas noites da mesma forma os hei-de inquietar etc.

Illmo. e Exmo. Snr. General em Chefe — Meu Senhor. Escrevi a V. Exa. no dia dois e chegaram ao Passo de S. Gonçalo os conductores no dia sete donde encontraram inda Guarda Espanhola retirando-se a este Campo, agora os torno a mandar a ver se consigo o saber V. Exa. o estado em que me acho. Do meu Governador tive carta datada de cinco em resposta á que lhe havia escripto no dia dois, em que me ordenava levasse esta Fortaleza a escala pedindo aos seus Officiaes os seus votos, assim o fiz, e deram-me cada um o seu muito descontrados. Eu bem conhecia que perdia a acção e a maior parte da Tropa, mas fiz seis escadas atadas com guarcas e bastante fachina, para ver se assim podia vencer o entrar-lhe, e na noite onze ao amanhecer doze

puz em execução o ataque determinando os postos que cada um devia ocupar, e os dois Falconetes entreguei ao Capitão Carlos, para que se pozesse chegado ao porão, o que fez fazendo dar vinte e sete tiros, em cujo tempo tinham principiado duas partidas pequenas minhas a fazer fogo solto á Fortaleza e durou o combate cinco horas. A Fortaleza deu acima de quatro mil tiros de peças pequenas e mosquete e tambem botaram algumas granadas no fosso.

Artilharia grande a tinham carregado de metralha direita ao fosso, segundo lhe percebemos, porque continuamente lhe deitavam fachos de fogo que lhe dava luz por muito tempo, a muralha bem guarnecida de pranchões e vigas e muitas pedras para deitar aos que chegassem. Mandei cessar o fogo, corri os postos a ver como estavam e achei muito desmorcada a Tropa que toda estava recebendo descarga de orgauz, mosquete, artilharia, e conhecendo eu não levava a Fortaleza dei ordem se retirassem, o que se executou, não deixando fachinas nem escadas: Feriu-se um cabo de Artilharia e desmontaram-se quasi a um tempo os falconetes que bastante trabalho deram para os retirarmos; a este tempo me pediam os Comandantes do fogo solto, e das peças, cartuchos, sendo que eu os não tinha, porque dos dois mil que trazia de reserva já não havia nenhum pelo continuado fogo que ha de dia e de noite, de tudo isto avisei o meu Governador no dia doze, inda que ele na resposta me dizia tinha muita gente, mas não se lembra de que isto é Fortaleza e não Trincheira e com as clavinhas é impossivel entrar-lhe: Estas Tropas estão muito trabalhadas e inda nos não chegou um pó de farinha pela crescente que teve o Rio de Camacuum, a cavalhada vae-se pondo em termo de não servir pelo muito trabalho que ha. Hoje ha dezeseite dias de sitio, tempo em que bem podiam vir os precisos para bater esta Fortaleza, os Castelhanos naturalmente hão

de vir marchando com os seus socorros por já terem tempo para isto. Deus conserve a vida de V. Exa. e lhe dê felicidades e o guarde por muitos anos. — Campo do Bloqueio de Sta. Tecla 15 de Março de 1776. De V. Exa. o mais humilde creado — Rafael Pinto Bandeira.

Illmo. e Exmo. Snr. General em Chefe — Meu Snr.

— Achando-me inteiramente impossibilitado de poder subsistir nesta Campanha, por falta de cavalos, os quaes nem já para me retirar me estão capazes, quanto mais sendo carregados, cujo receio me anunciavam os meus bombeiros por haverem sido atacados por uma partida Castelhana, em cujo choque perdi um soldado da minha companhia, e sucedendo nesta mesma ocasião (em que eu pretendia decampar e levantar o sitio pelas razões expostas) solicitar capitulação o Comandante da Fortaleza de Santa Tecla, me resolvi aceitá-la e fazel-o despejar, com toda a brevidade, para com a mesma me recolher á Camaenam, onde chegarei com muita parte da Tropa a pé, e fico a fazer arrazar a Fortaleza, e conduzir alguns armamentos e artilharias, como me é possível, e por esta causa não posso dar a V. Exa. mais individual conta, e remeto a V. Exa. a capitulação e o Inventário do que ficou na Fortaleza.

Estimarei que V. Exa. aprove este meu obrar, pois a necessidade em que me vi e a distancia destas campanhas me obrigaram a escolher o melhor, não me permitindo o tempo a poder dar conta e esperar resposta. Deus Guarde a V. Exa. muitos anos. Fortaleza de Sta. Tecla a 26 de Março de 1776. De V. Exa. o mais humilde creado. Rafael Pinto Bandeira.

Illmo. e Exmo. Snr. Marquez do Lavradio — Meu senhor: Tenho participado a S. Exa. tudo o que tem ocorrido nesta Fronteira; agora acresce haver a nossa Cavalaria e Dragões tomado posse da Fortaleza de Sta. Tecla; que se rendeu no dia 26 do passado com a condição de se recolher a sua guarnição de duzentos e cinquenta homens a Montevideu com uma peça de seis e um Pedr^o. e seis carretas carregadas, e isto depois de um cerco rigoroso com ataques de mosquete e espada na mão em que só feriram um cabo nosso e mataram um soldado.

O Comandante era official velho e tinha tambem dentro um Tenente Coronel Engenheiro que a fez com quatro baluartes reaes, e um meio baluarte e boa agua, e muito que comer, como melhor mostra o risco incluso dela, e como o Sr. General em Chefe a quem mandei o inventario e todas estas relações, ha de remetel-as a V. Exa. e não tenho copias não demora esta com mais escritas, e só digo que o aceitarem proposições as nossas Tropas não foi ordem minha mas Off^{es}. de Cavalaria que não tem visto estas cousas merecem desculpa, principalmente conhecendo-se a desigualdade com que nestas partes temos sido fornecidos da fortuna, e a respeito de outras desordens em alguns Officiaes direi a V. Exa. e o direi ao Sr. General para separar das Tropas aqueles que não forem dignos de servirem nelas.

Mandei arrazar a dita Fortaleza e queimal-a por se achar destacada deste Quartel e Fronteira cincoenta leguas com passagens rios de nado, e maus caminhos, e mandei conduzir para cá do Camacua, a Artilharia, Armas, Granadas e munições de guerra e boca que se acharam dentro, e poderão vir a tempo que me dizem vão chegando lá os socorros dos Castelhanos.

O Sr. General em Chefe a quem participo as m| disposições, tem até agora aprovado-as de sorte que me

faz o favor repetir se não pode acrescentar lembrança alguma, e eu^t tenho tido a confiança de falar-lhe na tomada da V.^a de S. Pedro e me avisa estar a passar lá.

Deus o permita, e nos felicite e guarde a V. Exa. cujas ordens repito a minha fiel obediencia. Fronteira do Rio Pardo, 3 de Abril de 1776. José Marcelino de Figueiredo. P. S. Já falei a V. Exa. a respeito da necessidade que tem este Governo ao menos de um Ajudante de Ordens e de um Secretario e se os meus Requerimentos merecerem alguma contemplação, terá o Serviço Real muito adeantamento que é só o para que olho, e para agradecer a V. Exa.

Illmo. e Exmo. Snr. — Depois de ter escripto a V. Exa. por esta Embarcação me chegam do sul as noticias que tenho a honra de remeter a V. Exa. por copia.

Eu conheço que a acção podia ter sido feita mais cedo, porem para V. Exa. me fazer a justiça que eu mereço de que a culpa não tem estado da minha parte, bastará que V. Exa. veja que o com que agora a acção se praticou, é com o mesmo que eu tinha lá a mais de dez mezes; e as minhas ordens foram todas aquellas que eu tenho feito presentes a V. Exa. regulando-as todas em conformidade das que recebia de V. Exa.

Se esta noticia chegar á presença de V. Exa. em tempo que não seja desagradavel, pode V. Exa. juntar ao gosto com que a receber, o da certeza de ter sido a acção completa, ivejando os soldados e officiaes que não foram á acção, a fortuna dos que eram nomeados para ella, porque não havia um só que quizesse ficar da parte de cá, e havia infinito tempo que todos se achavam na maior desesperação por ella se não ter emprendido.

O contentamento desta noticia nesta Capital, não é dizivel e tão tristes e melancolicos ficaram todos com o menos bom successo que teve a pequena Esquadra como agora fazem publica a sua alegria e satisfação, sendo-me necessário as maiores forças para embarçar demonstrações mais publicas, as quais não consinto por estar ainda aqui o Navio Castelhana e pelas ultimas ordens que recebi de tudo se suspender. Estas me chegaram no dia primeiro deste mez, a tempo de se ter principiado a acção no Rio Grande, na noite do dia 31 do mez passado. Isto tambem mando por certidão para a nossa côrte o poder assim o fazer constar parecendo justo, ou sendo preciso.

Ao Snr. Marquez de Pombal faço este mesmo aviso, em o qual V. Exa. poderá ver o mais que digo a este respeito, que não repito particularmente a V. Exa. por não querer augmentar-lhe o trabalho. E' o que sobre esta materia se me oferece dizer a V. Exa. Deus Guarde a V. Exa. — Rio de Janeiro em 19 de Abril de 1776 — Snr. Martinho de Melo e Castro. (a.) Marquez do Lavradio.

Monseigneur. J'avois l'honneur de promettre a Votre Excellence une Rellation détaillé de l'affaire des Ier. Avril que a eu de suites si extraordinairement heuruses, qui ou n'en pourroit esperer d'avantage d'une Bataille gagne sur toutes les Troupes; Mais Monseigneur, j'ai été tellement occupé, pour m'établir de ce coté de la Riviere et pour veiller aux interêts du Roi, qui il m'a été impossible et le sera encore pour quelque temps, vu que tout le monde est occupé.

La precipitation avec laquelle les Espagnols s'enfurent quoique deux compagnies de Grenadiers étoient

arrivées la Veille a leur secours est encroyable; pour assurer leurs retraites ils enleverent tous les hommes, chevaux, boeufs, charrettes et Bastiaux, ils rompirent tous les chemins, brulerent les poudres, tacharent a destruire les Beaux effets, par la hache et par le feu etc etc mais sans parler de la poudre la destruction n'est pas trop excessive et ils ont toujours laissé des choses d'une tres grande valeur. Dans les Magasins de Bois ils se trouverent des effets de reserve de toute espèce fort riches plusieurs tout neufs beaucoup de fer de clouage et instruments. Dans les Magasins pour la Marine ils ont laissé des mâts de vergues antennes, cordages etc que les Officiers jugent d'un grand prix comme aussi de la graisse et du goudron etc. Dans un petit Magasin d'Armes il s'en trouve pres de 400 fusils armés et neuves d'une calibre un peu moindre que le notre il y a de même quelques soulliers neufs d'ont nos pauvres soldats on tant de besoin que je ne saurais en refuser aux necessités et le Roi n'y perdra rien.

Dans les autres magasins ils abandonnerent quantité de Farinnes de Blé et nombre de Barrils pleins d'eau de vie concertada quelques autres provision mais en petit quantité l'hospital des Espagnols ou ils ont laissé huit blessés avec un Infermier est asses bon et l'apotecairie très bien pour vue: mais ils n'ont laissé aucun linge). Faisant visiter les petites Isles voisines ou á trouvé dans celle dos Marinheiros leurs Instruments pour couper du Bois faire de planches et de même que quelques charrettes pour les conduire a Bord de l'eau avec les Boeufs necessaires je ne saurois me dispenser de garder pour quelque temps un Caporal Espanhol deserté, qui étoit chargé de tout cela et l'ai agrégé á la Compagnie de Lourenso Caetano: Dans l'Isle de Marsal de Lima on a trouvé une Potterie et preparation pour faire de Briques et Feuilles: Ils pouvoient entreprendre

beau coup ayant des milliers d'Indiens travailleurs à leur Desposition.

Les Espanhols n'ont sauvé de toute leur Marine que le Brigantin du Commandant d'Esquadre une setia et une sumaque petite et perdirent sur la Barre pres du Fort de S. José de la Barre une belle Galère de trois mâts. La meilleure Courvette asses jolie et la sumaque Portugaise de ces 5 qu'on tiré tout ce qu'on peut. Dans le sac pres la Ville ils ont laissé quantité de Batiments de Barques grands plattes, des *saveiros*, des *Lanches* et canoas hormis une vieill e Tartane ils avoi enfoné la plus grande partie mais le mal est déjà réparé et plusieurs que nous servent. Quoique les Espanhols vouloussent détruire leurs Forts et nous faire perdre les munitions ils ne se donnerent pas le temps et quantité des Balles se trouvent déjà ramas et les eaux baissant on en ramasse continuellemt.

Come j'ai toujours considéré que la maxime des Espanhols a augmentter si excceviment le nombre de leurs Forts et disperser leurs Troupes et Artilherie, sera tôt ou tard la cause de leur perte et l'evennement l'a justifié je n'en conserveroi que les plus importantes que je ferai reparer et renforcer comme je pourroi.

La hâte qu'eut Monsieur Molina a se retirer ne lui permit d'emporter les papiers de sa secretairie que j'envairrois avec une des sumaques armées que retournent au Rio de Janeiro parce qu'il me paroît qu'il s'en trouve de très interessantes. Avec ces mêmes Batiments j'enverrois les Deserteurs et les Prisionniers, comme aussi les Espanhols blessés conforme les ordres de Votre Excellence.

Le Commandant de notre Esquadre s'occupe continuellement avec son monde à retirer des 5 Vaisseaux Espanhols tant crulés que naufrages comme aussi du fond de l'eau ancrés; artilherie, voiles, etc.

Mr. Betamio travaille jour et nuit avec les assistants que je lui puis fournir á mettre en sureté a qui partient au Roi, mais il ne sauroit encore donner le moindre compte exact. Avec l'Artilherie et munitions c'est la même dificulté quant'aux Pieces en Batteries le total est 47 canons deux murtiers de 6 et deux Fauconneaux quand on aura tiré des Vaisseaux tout ce qui se trouve aux Vaisseaux ennemis je crois qu'il ne manquera beaucoup á la centaine et la plus part des beles Pieces neuves tant celles de fer que celles de Bronze.

Votre Excellence ne s' imagine pas qu'il y ait si grande dificulté á faire tout cela et á faire passer la Rivière si large et si dangereuse aux Troupes et a venir s'établir sur ce Bord meridional ou l'on ne trouvât ni hommes pour aider au travail ni animaux ni personne capable pour donner des lumieres sur le passage des Boeufs tant pour le charriage que pour manger. Les essais faites jusqu'ici se montrent tres imparfaites.

La viande vien donc journallemt^e. de l'autre coté de même que la farine de mendioca jusqu'á l'Etablissements des Forts.

Les chevaux de Camillo et d'un petit Detachement de Dragons passerent a la nage et fort heureusement mais les Boeufs doivent passer en barques ce qui un grand point cependant allons experimenter. Cette Ville si pleine d'ordures, tant dans les rues que dans les maisons même cette de Molina remplissoit le coeur d'honneur et d'aomoment c'etoit une puanteur empestée par tout je ne sais comment des hommes vivoient parmi ces horreurs, cette multitude de chiens et de rats les juifs sont moins immondes: mais il me semble déjà deferent, je faire servir Fonseca de Major de Place c'est un garçon aussi abile qu'aitoy et droit pour empescher les ruines des maisons que les Espanhols n'ont entretenus les moins du monde j'ai resolu de louer aux Mar-

chands Vivandiers y necessaires ici ces Masures avec condition de les reparer et netoyer; se loyer se paye á la Fazenda Real jusqu'aux ordres de Votre Excellence que tout se fait mais pour les pretenssion sur les Terres. Elle envera une comission particuliere avec les anciens livres de calache de cette Province et pouvoir de decider sur les interets differents et tant de points litigieux.

Dimanche passé de Pâque j'ai pris la liberté de faire chanter le *Te Deum Laudamos* dans cette Eglise en son nom; un siège pour Votre Excellence posé sur le choeur les Pieces déjà desencloués de ce Forteroint la salve Royale, le reste de la Fête se fit comme mes forces le permetirent sans discontinuer les travaux.

Le 8 de ce mois je reçus du Brigadier José Marcelino la nouvelle que le Fort de Sta. Tecla s'étoit rendu par capitulation quoique ce ne soit pas exactement comme je le voulus je suis toujours bien aise de leurs avoir tirer cet asyle qu'on a rasé comme je l'avois ordonné; je remets les papiers ainssi comme je les ai reçus avec les remarques du Gouverneur José Marcelino et j'espere de voir arriver ici en peu nos Dragons comme j'ai l'ai demandé il y a longtemps. Si le Fort se rendoit ou qu'on le prenoit huit jours auparavant et la cavalerie marchoit conforme a mon place les Espanhols perdroient pour le moins leur Bagage et leur Artilherie et auroient de la peine a se sauver: ces derniers marchent e grandes journées a leur Forteresse de Sta. Tereza pres de chui environ 10 lieux en avant ou l'on en dit qu'ils ont fait un grosse depense et mis une belle artilherie: une vintaine de Dragons et quelques volontaires les suivent á distance hier au soir ils devoient camper au Curreal grande á 40 lieux d'ici: Que ne puisse avoir des Boeufs me fait une peine plus sensible que je ne saurois expliquer parce que je me vois pris et sans moyens de marcher

avec nos braves gens atravers 60 lieux d'un Pais devasté par les Espanhols dans leur marche qui n'on rien laissé. En faveur de la permission de Votre Excellence j'ai fait declarer enseigne le cadet José Faustino du Regiment d'Estremoz et passé l'Enseigne Balau au poste d'Enseigne de Grenadiers tous deux Postes Vacantes. (sauf son approvation) ces sont des braves garçons. Dans le Regiment de Bragance le Capt. de Grenadiers José de Barros n'a pas encore la solde de son Poste ni l'Adjudant Manuel Antonio. Dans le Regiment d'Estremoz les Capt. Pedro José Vieira et lieutenant Francisco Tejo ne reçoivent encore le solde de leurs Postes vacantes par la mort du Capt. Purry.

Tous ces officiers sont dignes de la compassion de Votre Excellence.

Hormis celá des ouvriers, comme charppentiers, Forgerons maçons Tournneurs a serruriers manquent beaucoup, si Votre Excellence veut que ceci se mette sur un pie respectable en peu de temps je suplie á Votre Excellence de daigner m'assister avant que la saison avance d'avantage. Le zele et le desinterressement a servir le Roi que je trouve dans tous l'Individus ne le peut asses louer c'est comme si tous avoit juré d'etre le premier a toutes les occupations, de sorte que Du Gen^{al}. au soldat de mon ami Betamio au moindre *Fiel* perssonne oisive. L'amitié que nous nous portons suavise nos ocupassions quelconques. J'ose recommander á Votre Excellence tous mes camarades tant de la Marine que des Troupes de terre car je leur dois a tous un atachement trop peu merité et que la Bienveillance seule que Votre Excellence a daigné me montrer m'a tire.

Veuillez Monseigneur me la continuer et recevoir avec bonté mes assurances de Devotion de respect et de reconnoissance avec les quatres je me fais gloire d'être. Monseigneur de Votre Excellence — Le tres humble le

tres obeissant et soumis serviteur — Jean Henri de Bohm. Quartier á la Ville de Rio Grande de S. Pedro
11 Avril de 1776.

Avec le premier vent favorable sorttent de ce Port la Fregatte de Pernambuco pour s'incorporer avec l'E-quadre de son Chef á l'Isle de Sta. Caterina et les شماques monte e H. M. S. avec le Briganten du Roi pour transporter a Rio Janeiro quelques Prisioniers et Deserteurs Espanhols.

Proposiciones debajo de las quales se procedera a la entrega del Fuerte de Sta. Tecla, pertenciente a S.M.C. por el Capt. de Regto. de Infantaria de Buenos Ayres D. Luiz Ramires Comte. de el enconsideracion a la bigorosa defensa que en el termino de veinte e siete dias tengo experimentado, y resistido con las Tropas, que me acompañan: se le concede los Capitulos siguientes:

Concedido.

1.º Que a todos los abitantes del sitiado Fuerte se les concede la bida, permitiendoles salir con la Tropa de el, y llevar sus oyectos.

*Concedido a
dozcartuchos,
menos granadas.*

2.º Que toda la Tropa, de que se compone la guarnision gosará de las honras de guerra, saliendo libre, por la puerta del Fuerte el dia que se señalare con todas sus armas, veinte cartuchos cada uno, Tambor batiente Bandera desplegada, mecha ensendido y una granada de mano cada soldado.

*Concedese las
seis destas una*

3.º Que todos los Equipages, y abios de los Oficiales como de los soldados de

*cubierta, y Ba-
lada compe-
tente.*

la guarnicion, será permitido a estos llevarlo, consigo; para cuió efecto se levantarán las seis carretas, que existen en este Fuerte, dandoseles por parte de S. M. F. la boyada correspondiente, como assi mismo vagages a toda la Tropa, para efectuar su marcha a Monte Video, preveniendo que de las seis carretas una sea cubierta, no siendo licito, ni permitido por ningun pretesto registrar lo que se embarca en ella.

*Daseles ciento
y cincuenta ca-
ballos y se les
asegura la
marcha en fé
y palabra de
honor dando-
seles veinte
reses p.^a sus-
tento.*

4.^o — Tambien se dará vagages a

todos los Basallos de S. M. C. assi hombres, como mujeres y muchachos, que se hallaren en este Fuerte, para transportarse unidos con la guarnicion, sin que aya otro destino, sino a Montevideo.

Negado.

5.^o Para poderse verificar la marcha de la Tropa de la Guarnicion, y demas Basalos de S. M. C. se les dará escolta afin de evitar toda hostilidad por el camino, praticandose lo mas comodo, y corto, asistiendoles diariamente con la carne regular hasta parase, que se allegado.

Concedido.

6.^o Que los Enfermos, y heridos, que no pudieren seguir la marcha, seran tratados como si fuessem Basalos de S. M. F. siendoles permitido emprender y exe-

cutar para los Dominios de S. M. C. en esta America dandoles para conseguirlo los Passaportes, y auxilios necesarios.

Concedese lleve un cañon de aseis que se halla reventado, y retochado, y uno de los Pedreros con dies cartuchos dobles, como propone.

7.º Será permitido a la Guarnicion llevar consigo la pieza que se halla en el Baluarte de S. Juan montada en su carreta con sus armas correspondientes a diez tiros dobles de polvora, y los demas de metralla, y bala, y dos Pedreros del calibre de medio con iguales circunstancias, fasilitandose los bueyes precisos, para tirar los expressados cañones.

Negado.

8.º Que la Tropa y Basallos de S.M.C. que estavan destinados al servicio deste Fuerte e estan echos Prisioneros se bolveran escoltados a Monte Video.

Concedese como se declara.

9.º No se interpretará ningun articulo de esta Capitulacion, ni se dará sentido, que no sea natural. Y en caso de duda se entendera siempre a favor de la guarnicion, y Basallos de S. M. C.

Concedido mandando sus abisos luego,

10.º Se permitirá luego que puede asegurada en la signatura despachar chasques al Governador de los Pueblos de Misiones afin de haserle suspender los ausilios, que tenia determinados sobre la defensa de esta Fortaleza; Y en caso de que el aviso no llegue a tiempo, y fuesen abidos por las Tropas de S. M. F. despues del concordacto, seran

debultos de buena fé, sucediendo lo mismo con los demas socorros que por qualquier parte le quedan benir a este Puesto.

Concedido asiendose entregadelFuerte a las horas que se arimarem a el los caballos y Bolada, que pide para su transporte saliendo del por la puerta principal, tiempo en que estará un cabo con cuatro soldados para ponerlos de sentinela a la puerta y luego sin perdida de tiempo que esta fuere firmada, se pasaron los reenes y hiran dos comisarios a hacer Inventario de lo que en el atho Fuerte se halla.

11.º Que luego que se efectue esta Capitulacion sesará toda hostilidad por ambas partes, y si hasta el dia viente y nueve del presente mez no fuere socorrido este Fuerte por parte de S. M. C. se entregará a las Tropas de S. M. F. y quedará en su fuerça, y bigor esta Capitulacion: Preveniendose que al tomar posesion se nombrará por ambas partes un Oficial, para que de buena fé, se forme el Inventario de las municiones, artilharia, petrechos, y lo demas que en el existe, cuio documento autorizado se me entregará. S. Tecla veinte y quatro de Marso de mil setesientos setenta y seis. Luiz Ramires.

Copia da carta que escreveu o Espanhol.

Señor D. Rafael Pintos Bandeira. Muy Sor. mio. En contesto de la VD. de 28 del cor.^{to} que recebi a las seis de la tarde de el por el Emisario que V.Mrd. se dignó remitir-me em Nome de S. Mgde. F. que Dios gu.^e disputando los derechos que no le corresponden por ninguno de los Tratados que tendo bistos en cuia vertud me persuado deliberô mi Soberano situar la Trinchera ó fortificacion que V.Mrd. disputa, ó solicita con la amenaza que de experimentar resistencia, seré pasado con su guarnicion a fuego, y fierro, Punto a que me hallo constituido, con la resignaçon de quantos me acompañan, quienes por instantes dessan, como yo la ocasion de emplear-se en la justa defensiva de los Dominios de Su principe, como fieles y leales Basallos, por cuia rason se da negada aquella Proposicion, y por lo que corresponde a los prejuicios, ó agrabios, que V. Mrd. me sita aber esperimentado los vassalos de S. M. F. por la parte del Quartel del Rio Grande, que esta de mi cargo. dudo quales sean, en consideracion a que nos mantenemos en uños Territorios sin pasar los limites preligados, y aun mas atras por politica de lo que racean, cuio termino asegura en mi entender mas y mas la buena fé, con que debemos proceder los Basallos de Sua, y ótra Magestade en bertud del oficio que copio a Vd. del Embaxador de Portugal a la côrte de España que lo es como se sigue: — Abiendo significado el Embaxador de Lisboa a ñra Corte, que El Rey de Portugal anelaba se tratasen amistosamente los Assuntos de estos Destinos, y inteligencia de que S. M. F. abia prebenido a los Comandantes de sus Tropas en estos parages se mantubiesen sobre la defensiva abstiendose de acometer a las mas.

Quiere El Rey se proceda por uña parte en los mismos terminos, cuio complemento encargo a V.nrd. Ntro.

Señor que a V.nrd. mt. an. Montebideo 18 de Nbre. de 1775. Juan Joseph de Vertiz. Sor. D. Luiz Ramires. Quedo con el mas pref^o. respecto esperando las deliberaciones de los Basallos de S. M. F. confiados al cargo de V.nrd. Quien como lo ofresco puede contar con mi afecto deseando de que ntro. Señor le que subida por n. an. Bl. M. de Vd. su mas afecto Servidor. Sor. D. Rafael Pintos Bandeira — Luiz Ramires.

DOCUMENTO N.º 34

Exmo. Señor. Mui Señor mio. Con fta. de 13 del corriente se sirve V. Exa. dezirme de Orden del Virrey del Brasil, que se han recibido las correspondientes para que cesen todas las hostilidades, y procidimientos, que pareciesen contrarios a la buena paz, y amistad, que sus Magestades Catolica y Fidelissima quieren se cultive entre una y otra Nacion; expresandose en ellas, que esta amistad deve ser reciproca, en inteligencia que aquel que primero la quebrantase bajo de qualquier pretexto sera reputado como agresor contra las mismas ordenes y se hara responsable a las resultas.

En su respuesta expondré a V. Ex. que con fta. de 19 de Octubre del año proximo passado comunicqué al Coronel D. Miguel de Tezada comandante del Rio Grande de San Pedro, lo siguiente:

Por oficio de 12 de Agosto, que acabo de recibir de la Corte, se me ordena que consecuente a haver significado la de Lisboa, se tratasen, amistosamente los asuntos que havian dado margen a las diferencias ocurridas en estos destinos, en la inteligencia de que El Rey Fidelissimo havia prevenido a los comandantes de sus Tropas, se mantubiesen sobre la defensiba, absteniendose de

acometer a las del Rey, quiere S. M. procedan las nuestras e nesta propria forma ciñendonos á resistir qualquier atentado. En esta inteligencia encargo a V. S. nó proceda por su parte con providencia alguna que sea dirigida á más que a mantener nos en la defensiva y conserbacion de los justos derechos del Rey sin causar motibo de inquietud con esos vezinos.

De cuyo contexto participé a V. E. en 16 de Noviembre siguiente, con motibo de pedirle la satisfacion del atentado cometido por las Tropas de S. M. F. en la guardia de Sn. Martin, sin que mereciese a V. E. contextualion de este asunto.

En 12 de este mes expuse al Coronel D. Joseph de Molina Comandante del Fuerte de Santa Teresa y sus pertencias lo que sigue:

En fta. de 10 de Enero de este año se me avisa de la Corte que ultimamente ha pasado el Sr. Embaxador de Portugal nuevo Oficio asegurando que la de Lisboa havia dado las Ordenes mas eficazes y positibas para que cesen las hostilidades en estos Dominios y quiere El Rey se repita la orden que se me comunicó en 12 de Agosto de 1775 y trasladé al Cuartel de Rio Grande a su respectibo tiempo afin que las Tropas de S. M. se abstengan de obrar hostilmente contra las del Rey Fidelissimo, siempre que estas nó procedan contra los Españoles: lo que traslado a Ud. para su inteligencia.

Y ultimamente en 16 de este mismo mes he prevenido al mismo Coronel D. Joseph de Molina lo siguiente:

En el correo maritimo que fundeó en este Puerto el 17 del corriente, se me previene que el 17 de Enero proximo pasado participó el Señor Embaxador de Portugal en nuestra Côte, que El Rey Fidelissimo havia repetido sus Ordenes al Virrey del Brasil, nó solo para que cesasen los actos de hostilidades contra los Españoles si nó tambien para que hiciese retirar de las Fronteras

todas las Tropas auxiliares de las demas Capitanias y quiere El Rey se proceda por nuestra parte en los terminos pazificos que tengo anunciados en mis anteriores Oficios, Cuya observancia reproduzco a V. Sa. sin embargo de que tan repetidas seguridades, dadas por el Señor Embaxador de Portugal, nó han ofrecido hasta ahora aquellas prometidas resultas, que afianzan entre Naciones civilisadas la sincera confianza que exigen, pues sin que por las Tropas del Rey se haya cometido la menor hostilidad contra las de S. M. F. el Virrey del Brasil con admiracion de todo el Orbe, y sin reparar en que exponia a dejar mal puesta la buena fé del Rey su Amo, ha hecho executar los excesos de detener las Embarcaciones Españolas de Comercio, que nabegaban á este Rio; atacar la Guardia de Sn. Martin; los pequeños Buques del Rey anclados al resguardo del Rio Grande de S. Pedro, que ultimamente fue imbadido por Tropas Portuguezas; y arruinar los Pueblos de Misiones con los considerables robos de Ganados, que han verificado sus Destacamentos á la orden del Sargento Mayor Rafael Pinto Vandeyra.

Estos oficios inserto a V. E. por demonstracion de la sinceridad, con que se ha procedido de nuestra parte al lleno de las Ordenes del Rey: Y sin embargo que la anunciada buena correspondencia y terminos amistosos de la Côrte de Portugal nó han sido dirigidos del mismo espirito quando los violentos procedimientos experimentados en nesta Provincia al abrigo del velo de la sana paz y buena armonia, en que han estado sus Magestades Catolica y Fidelissima, hacen distinguir los distintos fines, á que ha dirigido sus operaciones, nó permitiendo mi obligacion dejar de guardar religiosamente los mandatos del Rey, he reproducido nuevamente a todos los subditos de esta Capitania General, que nó cometan la Menor hostilidad contra los Vassalos de S. M. F. y solo si se man-

tengan como hasta ahora á la defensiba, de cuya seguridad puede quedar V. E. enterado, como de mi pronta disposicion a su obsequio.

Nuestro Señor gue. a V. E. M. añ. Monte Video 22 de Mayo de 1776. Exmo. Señor Blm^o. de V. E. su mas obsequioso Servidor. Juan Joseph de Vertiz — Exmo. Señor D. Juan Enrique de Bohm — Está conforme — Tomaz Pinto da Silva.

DOCUMENTO N.º 35

Copia dos paragrafos 30 e 31 do officio de 31 de Julho de 1776 do Marquez de Pombal —

30 — Sendo porem que as forças navaes que ahi temos e poderemos ter hão de ser sempre muito superiores ás Castelhanas, depois de ahi chegar aquella sua numerosa expedição: é preciso que V. Ex. previna desde logo ao Chefe da esquadra de S. M. que deve evitar toda a occasião de concorrer a mesma esquadra com a armada Castelhana. E muito mais o perigo de ser a primeira surprehendida pela segunda na Bahia da Ilha de Santa Catharina, onde não poderá evitar nem a surpresa, nem o combate com forças deseguaes: Ordenando-lhe V. Ex. que nestas circunstancias deve usar da prudencia politica de evitar aquelle e outros semelhantes conflictos com o expediente de tirar as nossas naus e fragatas de guerra d'aquella bahia ampla e aberta; e de as faser recolher no *Rio Grande de S. Pedro* e aos outros portos dos *Garoupas* e dos que achar mais oportunos e livres de perigo em toda aquella Costa do Norte onde podem achar oportuno asylo e abrigo: Deixando no entanto lutar com as mares e consumir mantimentos, e aguadas á mesma grande armada Castelhana; porque isso lhe bastará para

se arruinar, não tendo hoje parte alguma onde se possa refazer e reparar por toda a Costa que já, desde o Rio de Janeiro até o Rio da Prata e Maldonado.

31 — O que deixo assim referido tem feito cessar (pelo que pertence ao Sul) todo o cuidado que nos podia dar a fastosa expedição de Cadiz. Considerando o pouco que elle ahi poderia ir fazer, quando ha-de ir achar todas as disposições e prevenções, que constituem a materia desta carta: E lembrando-nos de que se as quarenta e tantas ou cincoenta naus de guerra, e os quatrocentos navios armados com vinte e cinco mil homens de desembarque foram fazer no mez de Julho proximo passado na Praya de Argel, a triste figura que todo o mundo viu; esta presente expedição, que não é metade da outra, podemos esperar que Deus N. Senhor a não faça mais bem sucedida quanto nós que somos Christãos e disciplinados, do que fez a outra contra os mouros, infieis, barbaros e bisonhos.

DOCUMENTO N.º 36

Ilmo. e Exmo. Snr. O acerto com que V. Exa. promove todos os Reaes interesses d'El-Rei Meu Sr. a consolação e boa ordem em que vive a Tropa que se acha debaixo das ordens de V. Exa. e os mais povos desse Continente, fazem que descansando eu mais naquella parte pertencente ao meu Governo, eu responda com mais demora a estas ultimas cartas de V. Exa. dando nesta forma tempo a que as acertadas providencias de V. Exa. se possam pôr em prática, e os povos se hajam de ir gozando dos beneficios que delas lhe podem resultar, como porém a modestia de V. Exa. quer sempre que eu diga o meu parecer sobre aquellas resoluções e novos

estabelecimentos, por condescender em tudo com o gosto de V. Exa., vou responder ao que V. Exa. me representa nos ultimos officios que de V. Exa. recebi datados de 10 e 15 de Maio.

As tentativas que V. Exa. tem feito para procurar os meios da subsistencia da Tropa em os novos terrenos reconquistados, é certo que são estes os primeiros cuidados de um General quando se acha nas circunstancias de V. Exa. para poder conservar a sua Tropa, para pôr o País defensável e até para poder adeantar mais as suas expedições quando o julgue conveniente o ganhar alguns postos, que façam mais certa e forte a segurança do Paiz. Tambem é maxima muito conhecida, de que todo aquele que possui um terreno conhecendo o injusto titulo com que nele se conserva, que não se satisfaz só com esta injustiça e dano que faz aos a quem ele pertence, mas que todo o seu cuidado é reduzil-o a tão mau estado, que ainda quando se veem obrigados a largá-lo, fique o proprio Snr. ainda por muitos tempos, sentindo os danos, e os estragos: Este é o caso em que os Castelhanos se achavam e por isso reduziram aquele Paiz à extrema necessidade em que V. Exa. o achou; nestas circunstancias tem V. Exa. praticado o mesmo que fizeram os sábios Generais, que todos respeitamos, muita paciencia, muita prudencia e muita constancia, estas são as forças mais poderosas, e com que para o futuro se restabelecem todos estes danos.

As embarcações que V. Exa. tem feito sair desse porto, todas elas tem chegado felizmente, elas tem conduzido os Desertores e Prisioneiros, de que faziam menção as Relações de V. Exa.

Estimo que sem embargo dos estragos que os Espanhoes fizeram no Paiz, V. Exa. encontrasse passagem em que podesse acomodar o Destacamento de 215 praças com que marchava o Major Patricio José da Camara, e igualmente os meios para aquele Destacamento ali

se restabelecer. O miseravel estado em que V. Exa. me diz chegaram os cavalos, e que seria ainda muito maior se não tivessem as Bestas Muares, em que alternativamente montavam, eu o não duvido e nem duvidarei nunca emquanto a Tropa marchar não comendo outra cousa que alguma pouca erva, que apanham pelo Campo nas oras de descanso da marcha; ninguem duvidará que é impossivel que vivente algum possa trabalhar, nutrir-se e ter força sem comer. Este é o caso, em que se acha toda a Cavalaria de todo esse Continente, por consequencia não pode fazer admiração o ela se arruinar com o mais pequeno trabalho que tenha.

A muita abundancia destes animais que houveram nesse paiz, a pouca gente com que ele foi povoado, a ambição de quererem estes reduzir logo a dinheiro, todos os frutos que a terra lhe produzia, fez estabelecer rigoroso jejum com que tratam os seus cavalos, porque como estes logo que lhe cansavam na jornada os largavam e passavam para outros que laçavam dos que se achavam pastando nos Campos, e, como havia muitos, nunca experimentaram falta: Aquela abundancia de animaes fez que se estabelecesse um costume sem consideração de que nasce na ocasião em que é preciso maior serviço dos mesmos animaes, o prejuizo gravissimo, que V. Exa. tem experimentado.

V. Exa. conhece melhor que ninguem que com este método é impossivel ter prompto um Corpo de Cavalaria capaz; Em primeiro logar cavalos sem comer, não podem ter forças: Em segundo logar, eles soltos no Campo, nem se pode apanhar muitas vezes quando é preciso, nem ficam naquella mansidão, que é necessária para o Cavaleiro o governar, e se poder servir dele: Que os particulares continuem nesta desordem, porque só querem os cavalos para irem correndo nas suas jornadas, onde sem maior desconmodo, passam de uns para outros, pouco importa, mas um Regimento regular, em que é

preciso que os cavalos tenham obediencia e governo, para se poderem fazer os diferentes movimentos que são precisos, e que é egualmente necessário, que tenham as competentes forças para darem e receberem um e mais choques, é meramente impossivel, que eles possam chegar ao bom est^o., sem lhe dar uma razão, que seja competente; eu bem vejo que isto vae fazer uma maior despeza; porem eu sempre acho melhor esta, com que se vai aproveitar, a qe. El-Rey Meu Senhor faz com o sustento daqueles soldados e Oficiaes, com os fardamentos, armamentos, arreios, e compra de cavalos para o mesmo Regimento, do que por pouparmos aquella menor porção, virmos a perder a vista desta a outra, que é mais consideravel: Alem disto, o Regimento conservado para aquele modo nunca será Regimento se não no nome como V. Exa. tem experimentado, e desta forma será sempre um Corpo que V. Exa. terá prompto e capaz de se servir dele todas as vezes que lhe fôr preciso.

Nestes têrmos devo eu dizer a V. Exa. o mesmo que já repeti em outra ocasião, que esta Tropa a reduza V. Exa. áqueles termos em que ela se possa pôr mais capaz e propria para serviço de defeza desse Continente, porque como as intenções d'el Rei Meu Senhor é de ter nesse Continente um bom Regimento de Cavalaria, que o possa bem servir, e não tem determinado que com este se gaste só uma determinada quantia e egualmente nos não devemos persuadir, de que queira que isto se consiga com cavalos bravos e mortos a fome, porque isto é ideia, que parece impossivel lembrasse a ninguem, e que até agora se não tenha emendado um erro, que não ha ninguem que o não conheça; nestes termos fará V. Exa. o seu plano, que logo irá mandando pôr em pratica, feito porem com todas aquelas medidas que são precisas, para que a Real Fazenda d'El Rei Meu Senhor não dispenda mais daquilo que fôr

justo: Como V. Exa. está já com a pratica de dois anos do paiz, o tem visto e examinado, com aquella judiciosa atencão, com que V. Exa. costumava obrar em tudo, ninguem nesta parte poderá formar este plano com igual acerto a V. Exa. e logo que ele fôr feito e tivermos conferido, até que ultimamente fique tudo sentado, o farei passar á Real Presença d'El-Rei Meu Senhor, para que V. Exa. tenha a grande consolação de o ver confirmado pelo mesmo Snr.

Os três diferentes logares que tinham estabelecido os Castelhanos para que os Portuguezes, que eles conservaram naquele Paiz, não ficassem nem perto da Vila nem do Rio, destes conservará V. Exa. aqueles que lhe parecerem estarem em logar mais proprio de se estabelecerem neles povoações. As doações das terras que fizeram os Castelhanos a particulares, não tem nenhum vigôr por ser injusto o titulo com que os Castelhanos as possuíam, e neste caso estão os antigos possuidores com o direito de prozlumini (sic); porem se os que eram senhores destes terrenos, não tiverem hoje meios com que os possam cultivar, ou reedificar as suas propriedades, neste caso se pode seguir um dos dois meios ou que os antigos possuidores as vendam aos que se acham estabelecidos querendo-lh'as aqueles comprar por um preço que seja competente, ou que estes fiquem conservados, pagando aos direitos senhores um arrendamento cada ano que pareça competente, segundo o valôr, ou rendimento da propriedade.

A equidade que justamente fez a V. Exa. admiracão de não terem os Castelhanos maltratado aqueles povos com impostos e tributos, e de lhe pagarem todos os frutos que lhe tiravam e igualmente de consentirem que o Vigario receba os Dizimos, tudo isto era para continuarem a maxima de persuadir por este modo aos que lá se achassem, que se conservassem e lhe fossem fieis, e aos companheiros e parentes destes, que ficarão

comnosco, a conduzil-os com estes insignificantes interesses a que nos fossem rebeldes e traidores, abandonassem o nosso paiz e ficassem por este modo mais debilitadas as nossas forças e como o Vigario é o Parocho, e pastor espiritual daqueles povos, a que eles devem grande reverencia e respeito, procurou tel-o satisfeito com aquella equidade, afim que ele não persuadissem os seus fregueses a alguma rebelião, ou desasosiego: Aquelas isenções que estabeleceram os Castelhanos, hoje não devem subsistir por quanto todos aqueles povos, se devem regular pelo que as Reaes Leis d'El Rei Meu Senhor tem determinado. Aos miseraveis, velhos e creanças, que ficaram naquela povoação, destituídos de todos os meios pela tirania dos Castelhanos, deve V. Exa. amparar e socorrer, ainda á custa da Real Fazenda, não só por assim o pedir a humanidade, mas porque esta acção é conforme a generosa piedade com que El-Reí Meu Senhor acode e ampara sempre a todos os que temos a incomparavel honra de sermos seus Vassallos.

Eu me tenho figurado o grandissimo trabalho que V. Exa. tem tido, e os grandes embarços em que se ha de ter visto; porem eu me lembro tambem que o coração de V. Exa. é maior que tudo isto, o que bem prova as excellentes providencias que V. Exa. tem dado, tendo ocupado os passos e postos que podem ser de maior consequencia para a segurança desse Continente.

As cartas que a V. Exa. deixou o Coronel Molina, não duvido que sejam de grande socorro pela falta que temos de cartas exactas, porque todos os que passaram a esse continente, e foram encarregados deste serviço, sabe V. Exa. muito bem, que tudo o que fizeram foi por informações, ficando quasi sempre em casa, só com o incomodo de riscarem no papel, o que lhe diziam.

Pelo que pertence ao soldo do Sargento Maior, Patricio José da Camara, e a razão para os seus cavalos, immediatamente se me propoz a duvida, eu a decidi, or-

denando que se lhe satisfizessem desde o tempo que ele era sargento maior, e os embarços que lhe faziam os seus credores a cobrança, não tem logar, porque as Reaes Ordens d'El Rei Meu Senhor, proibem positivamente que se possa fazer penhora nos soldos daqueles que tem a honra de o servirem e nesta conformidade fará V. Exa. executar, fazendo que não tenha efeito penhora nenhuma, que se ache feita no soldo de qualquer pessoa, que se ache nas Tropas.

O Tenente José de Moraes, supponho que por alguma equivocação minha se conserva ainda no posto de Tenente, porque eu logo que recebi a primeira carta de V. Exa. foi a minha intenção, que ele fosse nomeado Capitão em uma das Companhias que se acham vagas: V. Exa. o poderá declarar, assim como os mais officiaes que V. Exa. me tem proposto, vindo a Relação deles para poderem ser declarados na Parada.

Os miseraveis naufragantes Castelhanos, que foram dar á Costa, estavam nas circumstancias quanto a mim de que V. Exa. supoz de ficarem prisioneiros, por pertencerem a uma das Embarcações, que tinham feito fogo sobre nós, eles aqui tem chegado todos, e lhe tenho feito a hospitalidade que tenho podido.

Eu nunca duvidei, que as Jangadas fossem as melhores Embarcações para o serviço desse Rio, e por esta razão, eu fui que me lembrei de mandar vir de Pernambuco os paus proprios para elas se fazerem, que fui remetendo a V. Exa.; tanto as julguei uteis, que ainda antes de V. Exa. m'ò repetir, tinha encomendado ao Governador de Pernambuco uma bôa porção destes paus, de que já me tem chegado alguns, que eu tenho conservado, esperando que V. Exa. m'os requeresse quando lhe conhecesse utilidade: Pelas primeiras Embarcações que forem saindo para esse Rio os irei fazendo remeter da mesma forma, que já tenho praticado.

O requerimento que a V. Exa. fazem os moradores de Porto Alegre, quanto a mim não tem lugar, eles devem dar a sua entrada no porto dessa Vila e depois é que devem passar aos outros logares com os seus generos, para Embarcações que sejam proprias de navegar sem riscos por aqueles Rios, isto é o mesmo que eles praticaram em todo o tempo, o que não é util para a Fazenda Real, mas ainda para os particulares, que não terão tantos prejuizos: Quando ainda nesta minha resolução V. Exa. encontre alguma duvida de que possa resultar prejuizo aos Reaes interesses d'El Rei Meu Senhor ou ainda ao publico, rogo muito a V. Exa. queira propôr-me, e entretanto fique sem efeito, o que agora determino. V. Exa. conhece qual é o meu espirito e quaes são as minhas intenções e desta forma fico na certeza de que tudo se praticará livre de embaraços, que possam ser prejudiciaes.

A mim me não faz novidade o mau estado em que chegaram as Tropas de São Paulo, V. Exa. sabe muito bem, que nelas não se cuidou nunca, os Officiaes que tinham eram só para terem aquella Graduação e receberem os soldos; porem sem pratica nem teoria, nunca o General me quiz pedir Officiaes e até quando o primeiro Regimento desta Capital esteve naquela Capitania, sem embargo de eu rogar muitas vezes que com ele se exercitassem, nunca foi possivel conseguir que assim o fizessem, antes pelo contrário, no que em que se occupavam era em fomentar discordias e cabalas entre o Commandante e Officiaes do Regimento, de que ia nascendo a perdição de todo o Regimento.

O novo Governador tem querido fazer alguma cousa pediu-me Officiaes, dei-lh'os, porem estes sem tempo, não podem formar soldados, corpos que de novo são formados de paisanos; alem disto, a molestia de bexigas, de que tremem todos os Paulistas, veio não só com a mortandade a diminuir muito aquella Tropa, mas im-

possibilitou muitos outros pela ruina em que ficaram, e os que não forão atacados daquela molestia, ficaram tão timoratos e receiosos, que pouco se pode ora esperar deles.

Esta Tropa necessita costiar-se e convalescer, e só então é que com muito geito se poderá conseguir pol-os em bom estado, se V. Exa. porem achar que eles todos lhe não são necessários para a segurança do Continente, V. Exa. deixará ficar aquela parte de Infantaria ou Cavalaria, que julgar mais precisa; os quaes se irão exercitando com muito modo e geito, porque todo ele é preciso para os Paulistas, que são muito desconfiados, e os restos fará V. Exa. retirar para a sua Capitania, e até deste modo mostramos aos Castelhanos que vamos retirando parte das nossas Tropas. Estimo que o resto da nossa Tropa se conserve em tão bom estado, como V. Exa. me repete, o que eu não duvido sendo V. Exa. o General que a comanda.

Sinto muito que continuem as molestias do General Funk, se elas não lhe permitem a continuação do serviço, ele se poderá recolher a esta Capital, até esperar resolução d'El Rei Meu Senhor: a quem tive já a honra de fazer presente o seu Requerimento se V. Exa. julgar ser preciso e conveniente, que passe a esse Continente as ordens de V. Exa. em logar daquele Official o Brigadeiro José Custódio, com o aviso de V. Exa. o farei promptamente partir.

A multiplicidade de Fortes ou Redutos que tinham construido os Castelhanos para nos defenderem a passagem do Rio, eles a nós nos podem servir, que desfazer desprezar todos os dias, e de inutilmente nos ocuparem muita Tropa, os Castelhanos precisavam deles para se defenderem de nós; porem como nós estamos hoje de uma e outra parte do Rio, não temos ninguem de quem nos reccar, e pelo contrario se a desgraça algum dia fôr tal, que achando-nos em algum descuido os Caste-

lhanos, venham com maiores forças desalojar-nos, se nós lhe tivermos arrasado primeiro os postos com que eles se fortificavam, ficar-nos-ha sendo mais facil depois, o tornar-mos a vir atacalos. Eu posera todo o meu cuidado em fortificar a Barra, isto é o Forte de S. José, e algum outro porto que V. Exa. considere muito vantajoso para a segurança do paiz, isto é pelo que pertence á parte do Rio que nós reconquistámos, mas pelo que toca a outra parte é diferente o meu parecer, porque nós o devemos sempre considerar como unica retirada que temos, e aquella parte por onde eles nos poderão ser mais prejudiciaes, este lado quanto a mim deve ser o mais fortificado que fôr possível, e este deve ser um dos objectos do nosso maior cuidado. A parte do nosso Lagamar, que é onde se vinham recolher as nossas Embarcações, antes de sermos senhores da Barra, sem que os Castelhanos nos podessem fazer grande dano, este porto deve ser muito forte e defensavel, para embarçar que eles nos venham por ali fazer algum desembarque, porque se conseguirem, bem vê V. Exa. o perigo em que pode ficar todo o Continente. A Barra sendo de um e outro lado muito defendida, e egualmente a margem do Rio da nossa parte, quanto a mim nestes dois pontos consiste a maior parte da segurança desse Continente.

Este meu discurso não é mais que para mostrar a V. Exa. quem tenho aproveitado das suas lições e querer adeantar os meus conhecimentos com as reflexões, que V. Exa. me fizer sobre esta importante materia.

Da Artilharia que nos deixaram os Castelhanos, inda me não resolvo a mandar vir nenhuma para esta Capital, sem embargo de necessitar muito dela, em quanto V. Exa. não tiver guarnecido todos aqueles postos, que devem fazer a defeza do Continente, a que sobejar, e não fôr precisa para aquella defeza, dela me servirei quando já ahi não for necessaria.

Eu não duvido os incomodos que V. Exa. terá nestes primeiros tempos de poder conseguir tudo o preciso para a sustentação da Tropa.

A falta de gados e de Carretas, e outras comodidades semelhantes, é muito natural em um paiz de que saíram uns homens de tão má fé, e tão tiranos, como os nossos visinhos Castelhanos, e eles nos deixaram um deserto, onde por toda a parte só se respira a sua liberdade; porem as providencias de V. Exa. farão que muito brevemente inunde todo aquele Paiz em abundancia. Os Regimentos d'Europa que V. Exa. tem, quasi todos os soldados foram creados na lavoura, estes podem animal-a muito nas ocasiões em que não estiverem empregados como soldados, isto chamará muito os povos para essas terras, até os soldados crearão maior amôr ao Continente, até para o defenderem com maior vontade se fôsse preciso, vendo que eles no seu particular estão tendo mais algumas utilidades. Se as carretas que ha, não são bastantes para o transporte, V. Exa. poderá mandar fazer aquele numero que julgar conveniente: Eu da minha parte auxiliarei a V. Exa. com tudo que poder: Eu pela recomendação de V. Exa. já principiei a mandar Officiaes de alguns officios, agora mando mais alguns e assim continuarão a ir indo.

A companhia de V. Exa. é-me sempre a mais estimavel e a que me deve a maior saudade; porem meu Exmo., V. Exa. é o restaurador dessa parte tão importante deste Estado, que emquanto tudo não estiver estabelecido por um modo, que parece feito pela sabia mão de V. Exa. eu me não atrevo, nem a fazer ao Estado e ao Rei, o prejuizo que agora lhe causaria da separação de V. Exa., nem a V. Exa. mesmo faria a injustiça de lhe interromper uma ocasião em que se fará para o futuro aos Portuguezes o immortal nome de V. Exa. tenhamos paciencia meu Camarada, eu também pela minha parte gemo, e gemo quanto V. Exa. sa-

be; porem de males nenhuns nos devemos queixar, quando os nossos sacrificios todos os oferecemos a um Principe que não descansa de nos honrar e fazer beneficios. Nesta ocasião é o que me oferece dizer a V. Exa. ficando sempre prompto para tudo que fôr dar gosto a V. Exa. Deus Guarde a V. Exa. Rio de Janeiro a 8 de Agosto de 1776. Sr. João Henrique de Bohm (a.) Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO N.º 37

Illmo. e Exmo. Sr. Reservei para carta separada a resposta á carta de V. Exa. de dez de Junho deste ano, e ainda que na Carta que escrevi a V. Exa. datada do dia oito do corrente, faço resposta a alguns dos pontos, de que trata este officio de V. Exa. por serem os mesmos que V. Exa. me participava no officio de dez de Maio deste ano, como alem daqueles contem este officio outros com algumas noticias mais modernas me pareceu justo responder a eles separadamente.

Principiando pelas Cartas que V. Exa. me remete do General Vertiz, ela vem concebida naqueles termos arrogantes, soberbos e dolorosos, com que aquella Nação sempre se costuma explicar: Ele se queixa de termos nós sido os primeiros que rompemos, depois das participações, que se haviam feito para nos contermos em bôa paz e harmonia, e não se lembram de quanto primeiro eles o tinham feito assim pela parte da Colonia, como ainda nesse mesmo Rio: Não se lembram que eu lhe quiz verificar tanto a bôa fé, que procurava tratar com eles, que até lhe mandei tirar o Regimento que guarnecia a Colonia e que vendo eles esta acção continuaram logo as suas Corsarias o Corso, ou roubo costumado, tomando as nossas Embarcações da pesca, apre-

sando os pescadores, e escravos, que iam nela; chegando a tal ponto a sua ambição e aleivosia que até faziam logo venda dos mesmos escravos.

Não se lembram mais que eles eram aqueles que continuamente estavam atirando sobre as nossas Embarcações, que iam ao Lagamar, sem nos darem nunca satisfação destes insultos e que no dia 19, quando entraram as nossas Embarcações eles foram os primeiros que nos atiraram e nos declararam a Guerra, e queriam depois destes e de muitos outros factos, que eu os conservasse tão visinhos, para continuamente nos insultarem e conserval'os de mais a mais dentro dos Dominios d'El Rei Meu Senhor que ainda que por tantos titulos nos não pertencessem, bastaria para os Castelhanos os não disputarem, o terem-se-nos mandado entregar por S. Mag^{de}. C. seu soberano em virtude do publico e solene Tratado de Paris assinado a 10 de Fevereiro de 1763.

Se nós quizessemos repetir os factos, que provam a sua má fé, teriamos de que compôr muitos e grossissimos volumes, e ela é tal que ainda quando eles se estão queixando, acabamos de encontrar uma Partida sua nos nossos Dominios, mandada pelo Comandante do Forte de Sta. Tereza, como se vê do Passaporte, que se lhe achou. V. Exa. respondeu áquele Comandante com o acerto com que V. Exa. costuma fazer tudo, e eu fico bem certo que V. Exa. sempre os tratará debaixo do mesmo tom, todas as vezes que eles se não conservarem nos limites, moderação e respeito que devem.

A grandissima confiança que eu de V. Exa. sempre tenho feito, tem o seu principio não só nas recomendações que sempre tive da nossa Côrte, mas na natural inclinação com que sempre me uni a amizade de V. Exa.: Hoje tem ela outros fundamentos, que são a justiça que eu devo fazer ao merecimento de V. Exa. a experiencia do zelo, que a V. Exa. deve o Real servi-

ço e o acerto com que V. Exa. tem procurado restituir as Armas Portuguezas nessa Fronteira aquella gloria Portugueza, que outros tinham feito escurecer. Sendo estas as bases, que tanto nos ligam estou bem certo que V. Exa. me não fará a justiça de desconfiar por um só instante a constancia da minha amisade e veneração e ao mesmo passo me persuado que V. Exa. ainda sendo lhe alguma cousa dolorosos os novos trabalhos e incomodos desse Continente, não duvidará de ajudar me a levar esta pesada cruz, que tanto tem massacrado os meus hombros, e ferido com sustos e aflições o meu coração, até pormos esse Continente e Fronteiras naquella solida e precisa segurança que é conforme as Reaes Intenções do Nosso Augustissimo Amo, afim que para o futuro, ele e todo este Estado, possam tirar destes nossos trabalhos aquellas utilidades e beneficios por donde em todo o tempo se venha a conhecer a honra, e fidelidade com que temos satisfeito em tudo as nossas obrigações: Eu meu Exmo. se fizesse caso do discurso dos ignorantes, dos invejosos, e dos maldizentes, muito tempo ha, que eu não teria animo, para me conservar constante no logar em que me acho, continuando com o mesmo ardôr todas as funções da minha obrigação: Deixemos falar a eles, por nós falará sempre a verdade e a experiencia; esta os confundirá; e a nossa honra ficará sempre ileza, como merecemos.

O Edital que V. Exa. fez publicar, era sumamente preciso, para advirtir a todos esses povos. Eu creio bem a grande vontade com que eles procuraram tornar a ir estabelecer-se dessa parte pelo grande amor que sempre lhe deveram esses Estabelecimentos; porem V. Exa. faz uma justissima reflexão a respeito dos que já estão estabelecidos do lado em que nós nos achamos; pois é certo que se admitirmos estas passagens absolutamente a todos os que quizessem mudar-se, não haveria nenhum que o não fizesse; ficariam destruidos os Esta-

belecimentos já feitos, e padeceria infinitamente todo esse Continente, emquanto desse lado se não fizessem os novos Estabelecimentos.

Nste caso é o meu parecer que aqueles que não tiverem estabelecimento da parte de cá, que se lhe possa permitir a passagem para o outro lado, dando-se-lhe as terras competentes ás suas forças e meios, para ele cultivar e se estabelecer: Se as terras já tinham sido suas e ele presentemente se achar com poucos meios, deve ele só ficar cultivando as que poder e as mais deve ser obrigado arrendal-as a outros, a quem se estabelecerá uma competente porção que deva pagar de arrendamento até que o verdadeiro mostre ter todas as possibilidades para ele as cultivar.

Aqueles porem que já estiverem estabelecidos se lhe pode persuadir que casando eles seus filhos, estes que não tem ainda estabelecimentos, se deixarão ali estabelecer nas porções de terras, que foram competentes as forças, com que os Pais os ajudarem.

Todas estas terras, que tenham donos com legitimos titulos, ainda que eles estejam estabelecidos do lado, em que nós nos achavamos, nunca perdem o jus, e direito que tem aquella propriedade; porem como eles não podem ir para umas, sem que larguem as outras, devem ficar naes em que se acham e as outras reparti-rem-se por arrendadores que lhe fiquem pagando o seu competente arrendamento.

As mais que não tem proprietários, me parece justissimo que se repartam pelas pessoas que estiverem desacomodadas, á proporção dos meios, que tiverem, e como haverá muitos que não tenham nenhuns meios e não é justo que por esta razão fiquem eles ociosos, a terra sem cultura, e El-Rei Meu Senhor, sem tirar as utilidades que pode perceber a mim me parecia que V. Exa. por conta da Fazenda Real fizesse dar a estes homens algum gado e instrumentos precisos para eles prin-

cipiarem a sua lavoura, obrigando-se eles a irem satisfazer pelos rendimentos da sua Fazenda este emprestimo ou socorro, com que se lhe houver assistido.

Este beneficio se deve fazer áqueles que forem casados declarando V. Exa. que sem que eles casem, se lhe não ha-de permitir este socorro e beneficio. Deste modo parece-me se multiplicarão muitas Familias, e terá um grande augmento a lavoura, e dentro em breves anos poderemos nos Cofres d'El-Rei Meu Senhor conhecer as grandes utilidades que lhe resulta destes Estabelecimentos.

A respeito do terreno que se pede, para o Sangradouro de Merim, para a parte do Serro Pelado, tambem por hora me não atrevo a resolver nada sobre esta materia, sem embargo de eu me persuadir que aquele terreno é dentro das nossas Demarcações; mas, como isto pode fazer nascer alguma nova disputa, eu faço chegar esta duvida á Real presença d'El-Rei Meu Senhor, e com a resposta, que se me der, responderei a V. Exa.

Estimo que V. Exa. continue a achar a Sebastião Francisco Betamio com aquella honra e fidelidade, e zelo no Real Serviço que eu sempre lhe conheci, e por essa razão o gabei e inculquei a V. Exa.

Eu parece-me que ele não ha de mudar de caracter e que sempre a V. Exa. em todas as materias de Serviço tratará com aquella fidelidade que ele costuma.

Todos os logares que V. Exa. observou inhabitados, e que constam também da Parte, que deu o Brigadeiro Chichorro, a mim me não faz admiração: Primeiramente porque os Castelhanos tem cuidado muito pouco em estabelecerem colonos, para povoarem as terras que possuem, e em segundo logar, como eles todos os dias estavam receando entregar estas, não quizeram nunca fazer trabalhos, que podesse ao depois cair em nosso beneficio.

V. Exa. tem feito admiravelmente em meter outros Colonos na Estancia de João Gomes, e a Mangueira, visto terem passado com os Castelhanos as Familias, que ali estavam e não terem dado noticia nenhuma de si depois que se foram.

O Regimento de Chichorro, parece-me muito bem o logar, que V. Exa. lhe destinou, e os exames, que V. Exa. ordenou ao Coronel se fizessem. Se os soldados daquele Regimento se lhe permitir que possam no tempo do descanso cuidar tambem da lavoura, dentro em breve tempo, sem muito trabalho, poderá haver, alem da precisa subsistencia, para as Tropas muitos fructos de sobejo, de que eles possam tirar utilidade.

Se as ordens de suspensão não tivessem chegado tanto a tempo, V. Exa. havia de vencer o milagre, porque os talentos de V. Exa. são para milagres muito maiores; porem como o tempo nos dá agora logar, aproveitamos nós trabalhando por modo, que se para o futuro tivermos outras ordens, possamos obrar mais pelas causas naturaes, do que sendo nos preciso recorrer as extraordinarias, e milagrosas.

Pelo que respeita aos Fortes da Mangueira, Trindade, Triunfo, Sta. Barbara, se V. Exa. julga serem inuteis, já a V. Exa. digo na outra Carta se podem arrazar, aproveitando-nos do que eles tiverem, para adiantarmos as defezas nos logares, que forem precisos.

Estimo que esteja tão adiantada a Fortificação de S. José da Barra, e segundo o que V. Exa. me participa, espero que dentro em muito breve tempo ficará concluida aquella obra.

A Bateria do Lagamar; e o Forte da Conceição, como ficam tambem na boca e entrada do Rio da outra parte, me parece tambem sumamente necessario todo o cuidado na sua conservação, e em se lhe aumentarem, até o ponto de se lhe fazerem todas as obras, que forem precisas, para a sua segurança; e pelo que pertence aos

outros Fortes, Baterias ou Redutos, que tínhamos na nossa parte, já a V. Exa. respondi sobre esta materia na ultima carta, que tive a honra dirigir a V. Exa. datada de oito deste mês.

Pelo que pertence á Artilharia e seus reparos, já tive a honra de dizer a V. Exa. na mesma carta, que depois de V. Exa. deixar nesse Continente toda a que lhe fôr necessaria, para a segura defeza do mesmo Continente o resto poderia V. Exa. ir remetendo para esta Capital e o mesmo irá V. Exa. fazendo pelo que pertence a munições de Marinha, as que não forem precisas, para as Embarcações que se conservarem nesse Rio.

Parece-me muito bem que V. Exa. mande para este pôrto a Fragata Graça Divina: Eu bem conheço que ela não é propria para as navegações desse Rio; mas como ela demandava a precisa agua, para entrar no Rio, achei ser uma das mais proprias para a ação, assim como era também o Pilar, que pode ser que se a ignorancia ou imprudencia do Chefe da Esquadra, não tivesse por teima e capricho particular determinado outra cousa, pode ser, digo, que a ação que tivemos no Rio fôsse tão gloriosa, como eu esperava, e nos não desse um desgosto tão consideravel.

As outras embarcações pequenas, como V. Exa. acha o Invencivel bom, para o combate, e os mais bons para os transportes, V. Exa. os pode conservar e empregar na-quele serviço em que julgar eles podem ser de mais utilidade.

Os tres Officiaes da Marinha que V. Exa. ali tem tido, eles me parecem muito dignos do elogio, que V. Exa. lhes faz, e este elogio merecem todos os Officiaes daquele Corpo, que teriam mostrado a sua honra e merecimento, se não tivessem tido um Chefe que tem procurado denegrir a honra de todos, e não se contentando

com a querer tirar aos seus subditos, procura com mil imposturas tocar naquella dos que lhe somos superiores. Entre as culpas de que me acusa é a de lhe ter escolhido as peiores gentes, para lhe mandar por Marinheiros da Esquadra, quando V. Exa. sabe que ele com os seus Officiaes, é quem os andava apanhando, e escolhendo e os mais foram todos aqueles que me mandaram os Senhores Governadores da Baia e Pernambuco.

V. Exa. diz-me que sem embargo de serem tão bons os Officiaes que lá tem, que os Senhores da Marinha, são tão dificultosos de contentar que os tres Regimentos de Europa lhe não dão a V. Exa. a metade do trabalho para a sua assistencia, como lhe dão esses Senhores: Agora julgue V. Exa. qual eu terei tido, sendo o Chefe Makdonall e sendo tanto mais as Embarcações e de maior força as que compoem a Esquadra.

Os Officiaes da Marinha, de que V. Exa. já não precisar, os poderá fazer recolher á Esquadra.

A respeito da Tropa de São Paulo já tive a honra de responder a V. Exa. na ultima carta.

Pelo que pertence a conducta, que tiveram os Officiaes que foram á tomada de Sta. Tereza, V. Exa. a respeito destes tomará aquella resolução que lhe parecer mais justa. Os delictos daquela qualidade devem ser castigados muito exemplarmente, porque do contrario, conhece V. Exa. admiravelmente as funestas consequencias que se podem seguir.

Eu espero com a chegada a esse Rio das Embarcações que eu tenho mandado daqui, e tem ido a Sta. Catarina, terão chegado a V. Exa. assim os Artifices que V. Exa. me tem requerido como tudo o mais, que V. Exa. tem pedido nesta Capital; e com a mesma bôa vontade e promptidão, com que tenho assistido a V. Exa. me achará V. Exa. sempre promptissimo, para continuar a socorrer-o e a dar-lhe as mais exuberantes provas da minha fiel amisade.

V. Exa. em tudo me tem sempre prompto, para lhe dar gosto.

Deus Guarde a V. Exa. Rio de Janeiro a 14 de Agôsto de 1776. (a.) Marquez do Lavradio. Sr. João Henrique de Bohm.

P. S. Depois desta feita entrarão neste porto duas Embarcações Espanholas, sendo uma delas das que saiu desse porto na ocasião que as nossas Tropas passaram ao outro lado, o Comandante dela era o que fazia de Almirante, o qual veio a este porto pela Embarcação fazer mais de dezoito polegadas de agua por ora; a outra tinha vindo da Europa com destino de entrar no Rio Grande: Esta não tem necessidade alguma e se viu obrigada a entrar neste porto, por vir comboiando a outra: Nestas Embarcações vem sessenta Officiaes da Marinha, dos quaes cinco se achavam nesse porto na ocasião que nos fizemos senhores do outro lado. Eu os tenho tratado com todo o obsequio, fazendo-lhes ver que os motivos que me obrigaram aos procedimentos, que mandei praticar nessa Fronteira, são só com aquele General, e não com os mais Vassallos d'El-Rei C. Eles vão para Cadiz, e levam as Embarcações carregadas de Coiros, por conta de Sua Magestade.

DOCUMENTO N.º 38

Illmo. e Exmo. Snr. — Depois de haver tido já a honra de escrever a V. Exa. nesta ocasião entrou no dia 19 deste mez no porto desta capital uma setia Castellhana por invocação Nossa Snra. da Misericordia, armada em guerra comandada por um Tenente de Navio com a graduação de Capitão mais antigo de terra, chamado D. Francisco Idiagues Borja, o qual trazia a seu bordo mais dois Officiaes de Marinha. Saiu esta Embar-

cação de Montevideu como consta do Termo que a V. Exa. remeto e por ele verá V. Exa. a necessidade em que vinha a mesma Embarcação.

Escreveu-me o Comandante a Carta que tenho a honra de remeter a V. Exa. copia; fiz muitos cumprimentos ao Oficial que a trouxe; mandei-lhe fazer os exames do costume e no dia seguinte dei audiencia ao Comandante e aos mais officiaes como se pratica quando ele vem assinar o termo, e ouvir a sentença.

Não é dizivel a admiração que a estes Officiaes fez o Rio de Janeiro; A Tropa, o Corpo de Officialidade, o agrado que encontraram, e ao mesmo tempo as cautelas que com eles pratiquei.

Logo me disse, que na sua conserva vinha outra Embarcação que a acompanhava atendendo ao mau estado em que se achava a sua, a qual dela se tinha separado desde o dia antecedente por causa de uma trovoadas que tinha havido.

Esta Embarcação que entrou primeiro era a que tinha servido de Almirante ás Embarcações que estavam dentro do Rio Grande, e o seu costado traz bastantes certidões de fôgo que ali receberam quando entraram as nossas Embarcações.

Naquele mesmo dia de tarde entrou a segunda Embarcação por invocação São José, comandada por outro Oficial da mesma graduação, mas mais antigo chamado D. Fernando Tujirlo y Poblaciones, que é o Comandante assim das duas como de outra que continuou a viagem para Europa.

Este me mandou o seu recado por um Oficial dizendo vinha fazendo comboio áquella Embarcação pelo mau estado em que ela se achava que não tinha nenhuma outra necessidade, e que só visto entrar neste Porto tomaria algum refresco,

Mandei-lhe fazer os exames do costume, a que se sujeitou e no dia seguinte que eram os anos do Príncipe Nosso Senhor, lhe dei a audiência do costume.

Este Oficial tinha estado já no Rio de Janeiro perto de sete mezes no tempo do Conde da Cunha e como assim no tempo deste que no do Conde de Bobadela todos os Estrangeiros tinham neste porto a liberdade que queriam, andavam por toda a parte, tomavam quartéis em terra e finalmente tinham todas as liberdades de um porto franco, fez a este homem grandissima especie e reparo o ver-se tratado pelo diferente modo que eu pratico na conformidade das Reaes ordens.

Logo me requereu que as suas Embarcações não deviam ser acompanhadas por guardas, nem ele devia ser acompanhado por Officiaes porque isto era andar na figura de preso, e que ele tinha entrado neste porto debaixo de bôa fé, daquela paz e amizade que reinava entre os dois soberanos:

Que este tratamento não era conforme as ordens porque ele tinha estado já neste porto e que assim ele como todos os mais Officiaes das duas Fragatas Castelhanas que aqui se achavam e igualmente os Officiaes da Tropa, todos tinham andado na sua liberdade, e que nestes termos ele devia requerer-me para que os mandasse tratar como sempre se tinha praticado com os Officiaes da sua Nação.

Respondi-lhe que eu me não achava aqui no tempo do Conde da Cunha, que os motivos que ele tivera para o praticar naquela conformidade, eu os não sabia: Que eu me não governava pelo que os outros tinham feito; que eu me governava só pelas Reaes Ordens que achava neste Estado, que estas não eram novas, que eram das do estabelecimento do mesmo Estado; que não haviam nenhuma em contrarias; que aqui mesmo tinha eu praticado já com diferentes Embarcações Castelhanas de guerra e que o continuaria a pra-

ticar sempre enquanto El-Rei Meu Senhor me não determinasse diferentemente: que se isto lhe não convinha que ele podia logo logo sair porque não só o não demorava um só instante, mas que devia advertir que a permissão que eu lhe dava dele estar neste porto e não ter com ele praticado, o que as Ordens determinam, visto não trazer a sua Embarcação necessidade; que era um beneficio que ele recebia em virtude das repetidas ordens que tenho para conservar a paz mais solida e melhor harmonia com os Vassallos de Sua Magestade Catholica, e de ter, com eles toda a possivel benevolencia; porem que se ele abusava de todo este favor, eu lhe não havia de consentir o dar-me leis ou argumentar-me na execução que eu dou áquelas que eu executarei sempre com o mais sagrado respeito: Esta linguagem o fez logo mudar de tom deu-me muitas satisfações dizendo-me que a posse em que ele tinha estado sete mezes é que tinham dado motivo aos seus requerimentos. Este Oficial é muito vivo e me pareceu ter bastante intelligencia. Desde que avistou a barra do Rio de Janeiro, até que chegou a falar-me, fez as maiores observações sobre todas as entradas do porto; não lhe escapando cousa alguma, porque a mim mesmo m'o repetiu fazendo-lhe grande ideia todas as defezas que eu tenho feito e que em tão pouco tempo se tenham adeantado tanto.

As Baterias que fiz na Praia de fóra, as que mandei construir nas alturas do Pico que comandam Santa Cruz, e comandam a mesma Praia de fóra e que batem os Navios de costado logo que entram em Santa Cruz, estão construidas em um Monte tão escarpado que se fazem impraticavel o atacar, porque não se lhe pode atirar que por elevação e por salto no caso de quererem fazer desembarque, o Monte não dá subida que por umas gargantes muito apertadas, que todas ficam enfiadas pela Artilharia. Tudo isto observou ele pelo co-

nhecimento que tinha já daquele sitio quando aqui esteve aonde o tinham até deixado ir pairar.

Passou por Vilagalhon cuja Fortaleza o era só em nome, sem parapeitos sem Artilharia sem defeza nenhuma regular porque até o logar em que estava os quarteis casa de polvora, armazens de munições, era na parte daquela Ilha que não tinha defeza, e aonde os desembarques se podem fazer com grande facilidade, e a toda a hora protegidos por uns grandes Montes de terra que tem, que eu lhe estou mandando arrazar, os quaes embaraçavam que os tiros da Artilharia de tal ou qual Fortaleza, que ali havia podessem fazer dano aos que ali saltassem.

Toda esta Fortificação viu ele hoje em diferente figura admirando-se de não ter ouvido falar nem em Montevideu, nem em Buenos Aires desta notavel mudança que fazia o porto do Rio de Janeiro ser hoje bastantemente respeitável.

Disse-me que se ele julgasse pela Oficialidade as Tropas que hoje suporia no Rio de Janeiro uma grande guarnição mas que ele sabia que a maior parte daqueles Officiaes eram auxiliares, e que aquella qualidade de gente não tinha de soldado se não a farda. Disse-lhe que ele se enganava com os do Rio de Janeiro porque estes talvez que fossem melhores ainda do que as Tropas.

Que as Tropas serviam porque se lhe pagava e estes serviam tambem como aqueles sem quererem receber soldo.

No primeiro domingo mandei-os convidar para irem comigo ao Campo de S. Domingos, ali se achavam os quatro Terços separados exercitando-se por companhias, que os mandei separar em forma que enchessem todo aquele grandissimo campo: perguntaram logo se aquelles Regimentos eram alguns dos que tinham vindo de Europa e ficaram muito surpreendidos quando lhe dis-

se que aqueles eram alguns dos Terços dos meus auxiliares; fiz-lhe juntar algumas companhias, todos fizeram exercicio e eles ficaram em uma admiração que eu não posso explicar.

Eles se teem envergonhado da má Tropa que trazem de forma que não tem deixado vir soldado nenhum a terra. Como a primeira Embarcação que entrou necessita treinar, pediram-me lhe permitisse desembarcar na Ilha das Enchadas, disse-lhe que sim mas que haviam ajustar com o dono dela, e mandei instruir o dono para o que lhe havia de responder. Foram falar com ele que lhe respondeu estar prompta, e que escolhessem todas as acomodações que lhes fossem precisas e pelo que pertencia a preço que ele não queria nenhum: que eles deviam saber que ele era um dos Negociantes desta Praça dos a quem os Castelhanos com os seus procedimentos na Colonia, e Rio Grande tinham feito maior prejuizo; porem que como via que Sua Magestade Fidelissima tinha feito ao Vice Rei do Estado as maiores recomendações para tratar aos Vassallos de Sua Magestade Catolica com todas aquelas demonstrações por donde eles viessem ao conhecimento da boa paz e amizade que reinavam entre ambos os soberanos; que ele queria ser dos primeiros, que até esquecendo-se dos prejuizos que tinha recebido mostrasse a Sua Magestade Fidelissima a sua obediencia e fidelidade muito mais não sendo aquellas Embarcações do Comercio d'El Rei Catolico, comandadas por officiaes seus; instaram os Castelhanos, ele não cedeu, e assim se tem conservado.

Eu os tenho tratado, fazendo-lhe muita festa, protestando-lhe a bôa paz em que estamos, e repetindo-lhe, que os procedimentos do Sul todos foram de determinação minha, pelos excessos, insultos e violencias, com que o General de Buenos Aires me inquietou pondo-me na obrigação de que pelo direito da força já que não tinha bastado o da justiça e da razão, eu o houvesse de

obrigar a conter-se nos limites que devia. Eles me disseram que nas muitas desculpas que o General lá dava, mostrava bastantemente ter ele dado motivo a estas desordens.

Devo pôr na presença de V. Exa. que no dia dos anos do Príncipe Nosso Senhor, achando-se na Sala do Palacio dos V. Reis os Officiaes Castelhanos, todos os Officiaes Militares desta guarnição assim da Marinha como das Tropas e todos os Ministros, perguntou o Official Comandante da primeira Embarcação que entrou que era que fazia de Almirante no Rio Grande, se estaria ali o Comandante da nossa Embarcação chamada a Carvoeira, que tinha ido a Expedição do Rio Grande, e dizendo-se-lhe que sim foi ele buscar com todos os mais ao lugar em que estava José Correia de Melo, que era o tal Comandante, e depois de o abraçar muito lhe disse: que estimava ter a honra de conhecer um Official do seu valor, e do seu desembaraço, que todos os rombos que trazia a sua Embarcação eram os que ele lhe tinha feito: Que ele comandando aquela Embarcação no Rio Grande, era o que tinha querido abordar a Fragata Graça depois de ter morrido o Comandante, o que não só não podera conseguir, mas se vira no ponto de ir ao fundo, pelo horroroso fogo, que lhe fizera a Carvoeira, e pelo ardor e desembaraço com que ele animava aquela acção, que todos tinham desejado ter o gosto de o conhecer, e que ele estimara infinitamente ter tido agora de o encontrar aqui.

Perguntaram-lhe depois em particular qual tinha sido o adeantamento que tinha tido este Official e se admiraram dele se conservar ainda no mesmo posto; em nenhum outro official falaram.

O que estes Officiaes disseram é conforme a um exame que eu mandei fazer em publica forma a respeito deste Official, requerendo-me ele quando aqui se recolheram algumas Embarcações que foram á acção por lhe

constar ter o Chefe informado muito contra a sua honra e reputação.

Eu fico na resolução de continuar a fazer a estes Castelhanos todas as demonstrações de amisade que couberem no possível, afim que eles possam informar o como se praticam no Rio de Janeiro as ordens d'El Rei Meu Snr. e que ao mesmo tempo não sou capaz de consentir que se falte ao respeito que se deve aos seus Dominios e aos seus Vassallos. Eles já escreveram para Buenos Aires e eu lhe remeti as Cartas, e agora me entregam as inclusas para o seu Ministro e para a sua Côrte.

É o que sobre esta matéria tenho a honra de pôr na presença de V. Exa. Deus Guarde a V. Exa. — Rio de Janeiro em 31 de Agôsto de 1776. (a.) Marquez do Lavradio — Snr. Martinho de Melo e Castro.

Exmo. Señor. El dia 7 del proximo passado Julio, sali del Puerto do Monte Video en el Rio de la Plata, con esta Saetia del Rey mi amo, haciendo derrota para Cadiz con registro de Cueros, viniendo en mi conserva otras dos tambien de S. M. Catolica, y estando yá ciento y ochenta Leguas a la mar, el 12 del mismo mez, descubrió este Buque, una mui considerable agua que imposibilitó continuar una tan dilatada navegacion, viendome en la absoluta necessidad de arribar al Puerto mas proximo, y porporcionado para remediarme, y siendole este, por causa de lo crudo del tiempo, lo verifiqué desde aquel dia mismo, haciendo para esto que continuar la navegacion a Europa una de las citadas Embarcaciones, y viniendo la otra comboyandome y en ella el Comandante de las tres quien se apartó de mi con una turbonada la noche del 15 de este mes que rige; el 15 del citado Julio, un fuerte viento N.N.E. nos hizo consentir que acaso podriamos tomar el Rio de la Plata y ási arribámos a el; pero la tenazidad de los vien-

tos por el O y SO, nos obligaron ya maltratadas las Embarcaciones, á continuar el primer designio, arribando el 24 para esta Bahia en la que acabo de fondear; y surgiendo al mejor servicio de S. M. Catolica la pronta abilitacion y salida de esta Embarcacion para sú destino, espero que V. E. franqueandome sus auxilios haga que asi se verifique, señalandome para esto el paraje donde se deve descargar, para descubrir y recorrer el fondo y al mismo tiempo permitiendo que aquella carga que nó se halle en la mejor condicion para embarcarla de nuevo se beneficie y venda á favor del mismo registro. Me linsongeo que la notoria eficacia de V. E. coadyudará á quanto conduzca para que se cumplan los Ordenes del Rey mi amo, como tan proprio de la buena armonia, que media entre S. S. M. M. Fidelissima y Catolica, con lo que podré de nuevo emprender, com mui pocos dias de detension en este Puerto, mi navegacion al destino, que se me tiene mandado. Nuestro Sr. g^o. V. E. muchos años. A bordo de la Saetia de S. M. Catolica nombrada Nuestra Señora de la Misericordia al Anela en el Rio Janeiro a 19 de Agôsto de 1776. Francisco Idioguez de Borja — Exmo. Sñr. Marquêz de Labradu.

DOCUMENTO N.º 39

Illmo. e Exmo. Snr. Achando-me a escrever largamente a V. Exa. sobre os arranjamientos do novo Paiz reconquistado com aquela atençaõ que pede um negocio desta qualidade para que os novos Estabelecimentos que lhe fizemos possam ser uteis para o futuro: Estando discorrendo neste grandissimo detalhe, entra no porto desta Capital uma Embarcaçaõ vinda da Bahia, com os importantissimos officios da nossa Côr-

te de que a V. Exa. remeto copia; isto é daqueles que envolvem materia que diz respeito á esse Continente.

Assim neste como em os mais officios, vejo com a maior consolação ter merecido a Real aprovação d'El Rei Meu Sr. tudo o que se tem praticado nesse Continente debaixo das sabias Direcções de V. Exa. como a El Rei Meu Sr. fiz presente nos meus officios e não se satisfazendo a Grandeza do mesmo Senhor com me ordenar agradeça a V. Exa. no seu Real Nome as acertadissimas providencias e vantagens com que V. Exa. procurou restaurar o credito e gloria das Armas Portuguesas nesse Continente e que V. Exa. á testa das Tropas agradecesse e louvasse a todos aqueles que com tanto acerto, valor e obediencia souberam não só executar as ordens de V. Exa. mas mostrar igualmente a honra valor e fidelidade com que se procuraram fazer dignos do Nome Portuguez e de serem Vassallos do mesmo Senhor, foi servido que o Exmo. Marquez de Pombal Ministro de Estado, em Officio particular escrevesse a carta que tenho o grandissimo gosto de remeter-lh'a em que aquele respeitável Ministro repete a V. Exa. em Nome do mesmo Senhor o que a mim igualmente se me ordena haja de participar a V. Exa. parecendo justamente ao grande coração do Nosso Augustissimo Amo, que por todas as partes que forem possiveis deva chegar ao conhecimento de V. Exa. a grande satisfação do mesmo Senhor. Julgue V. Exa. da minha amisade e do interesse que me devem as acções de V. Exa. a gloria e a consolação que eu terei recebido com estas noticias, que tanto ilustram o nome de V. Exa.

Foi outro sim o mesmo Senhor servido recompensar com a generosidade que é propria e natural da sua grandeza, aos primeiros Officiaes que foram encarregados daquela acção. Está disposto o seu Generoso animo a remunerar igualmente a todo outro official parti-

cular que se tiver distinguido, assim como aqueles que daqui em diante se distinguirem.

Se as cousas tivessem parado neste estado, poderia o meu coração tão trespassado de dolorosos cuidados respirar em mais desafogo; porem Deus, que reservou para o meu tempo os maiores e mais importantes trabalhos da America, o insuportavel peso com que ainda outros hombros mais fortes se sepultariam pelas entranhas da terra, é servido ou por castigo meu, ou para nos fazer conhecer mais a sua imensa e infinita grandeza, que continuem os mesmos trabalhos e que se até agora foram formidaveis eles de novo apparecerão ainda muito mais extraordinarios.

As noticias que tão agradaveis forão á nossa Côrte, foram acender as maiores labaredas no espirito dos Castelhanos: A sua paixão, a sua soberba e a sua ambição os obrigou a romper no excesso de formarem uma Esquadra para passar ao Brazil, em que embarcam oito mil homens, alguns Marechaes de Campo, Brigadeiros e Coronel, pondo á testa deste Corpo, o celebre D. Pedro de Sevallos, pelo odio, rancor e crueldade que sempre teve aos Portuguezes e com que em todo o tempo os tratou.

Esta expedição é muito natural que antes de passar ao Rio da Prata, haja de fazer alguma tentativa em alguns dos portos do Brazil, mais ricos e importantes julgando El Rei Meu Senhor que será o da Bahia, por constar achar-se com pouquissima guarnição, me ordena faça passar áquella cidade os dois Regimentos que eu tinha nesta Capital. Julgue V. Exa. meu Exmo. o estado em que eu fico reduzido só com Regimento Regular e ainda que disciplinado, todo de Recrutadas novas, Officiaes sem experiencias e sem ter nenhum Official Maior nesta Capital, que possa ajudar-me de que me possa servir com mais desafogo. Uma terra toda aberta com as vastissimas praias e desembarques que

V. Exa. conhece. Eu rodeado de Paisanos, que ainda formados em Corpos Auxiliares e com mais disciplina do que nunca teve aquella Tropa, nunca isto são Corpos de que se façam confiança, não havendo muita e boa Tropa Regular, que os sustente e anime, e lhes faça temer os Castigos e perigos a que se expoem, se cometerem alguma acção de cobardia. Conhece V. Exa. igualmente o estado em que estavam as Fortalezas que ainda que nelas tenho trabalhado ha quasi dois anos com a maior força, bem vê V. Exa. que é impossivel o poderem achar-se já em estado de fazerem uma forte e regular defeza.

Esta meu Exmo. é a minha situação. Deus quiz dar-me um coração grande proporcionado aos trabalhos que deviam cair sobre os meus hombros; porem julgue V. Exa. se ha coração que possa suportar lançadas tão penetrantes. E só a consideração de que quando Deus Omnipotente dá os trabalhos, ele ministra aos que se resignam a sua vontade os meios proporcionados, se os fins são justos; esta confiança, a fidelidade do meu coração, a vivissima memoria do que o Nosso Augustissimo Amo devo a lembrança, que sou Portuguez, o exemplo que darei aos meus compatriotas, a justiça indisputavel da nossa causa, estas considerações são unicamente o que me confortam e que me conservam as forças que muitos outros já teriam de todo perdidos. Eu mandei descer o novo Regimento de Cavalaria de Minas; mas V. Exa. conhece bem o que poderá ser esta Tropa levantada e creada de novo, sem tempo, nem todos os Officiaes competentes para lhe darem a precisa e regular disciplina.

Tudo o com que me acho são porções de gentes tumultuosas e sem cabeças proprias, para as conduzir.

Segundo estas ultimas ordens, que a V. Exa. participo, vê V. Exa. não ser justo separar desse Continente qualidade nenhuma de Tropa; Igualmente vê V. Exa.

ser **El Rei Meu Senhor** servido que nos façamos quanto antes fôr possível **Senhores** dos dois postos, de que faz menção o officio N.º 11. Ordenando **El Rey Meu Senhor** que estes se ponham defensaveis quanto fôr possível e que depois de estarmos senhores deles **V. Exa.** escreva o Manifesto ao General de Buenos Aires de que a **V. Exa.** remeto copia, afim de justificarmos o nosso procedimento, mostrando que não é uma Guerra que lhe declaramos, mas que a justa defeza natural nos poem na precisão de tomarmos aquelas cautelas.

Pode ser que se no primeiro golpe, que descarregarem estes nossos furiosos e desacordados inimigos, não tiverem o bom successo, que esperam, pode ser digo, que com o tempo que lhe fôr necessario para se refazerem de algum estrago, que receberem, seja o que baste para que as Potencias Medianeiras, Inglaterra e França, possam concluir a negociação de acomodamento, sobre que trabalham com a maior força os dois Embaixadores daquelas Côrtes na de Madrid.

Eu depois de remeter a **V. Exa.** as copias dos Officios que me foram dirigidos, e da grandissima experiencia que tenho dos talentos e constancia de **V. Exa.** do zelo, fidelidade e amôr que lhe deve o Real serviço, não me resta a dizer a **V. Exa.** mais que repetir-lhe o gosto com que me fico prevenindo para ver continuarem a passar por mim a Real Presença d'**El Rei Meu Senhor** as agradaveis noticias dos felizes successos, que continuaremos a alcançar com a maior gloria desse Continente por efeito das sabias providencias de **V. Exa.** Ordena **El Rei Meu Senhor**, como **V. Exa.** verá, que se forme uma Legião, de que deve ser Coronel, **Rafael Pinto Bandeira.** A mim me lembra que na falta de homens capazes naturaes desse Continente, cuja falta supponho pelos poucos habitantes que ahi ha se poderá formar esta com alguns dos soldados Dragões e ainda

com alguns dos homens ou soldados das Tropas de S. Paulo.

A formatura deste Corpo a deixa El Rei Meu Senhor a disposição de V. Exa. confiando justamente das grandes luzes de V. Exa. a formará sobre aquele pé de que dela se possa tirar o melhor serviço.

Os meus novos trabalhos e insuportaveis cuidados, em que fico não permitem que eu possa ser mais extenso, reservando para outra ocasião a resposta dos mais negocios, em que estava respondendo a V. Exa.

V. Exa. me tem sempre prompto com o maior gosto para tudo o que fôr do seu serviço e mostrar a V. Exa. a minha fiel e verdadeira amizade. Deus guarde a V. Exa. — Rio de Janeiro 20 de Outubro de 1776. Marquez do Lavradio — Sr. João Henrique de Bohm. — P. S. A todos os nossos Camaradas quererá V. Exa. por me fazer mercê dar os Parabens da minha parte, e segurar-lhes o grandissimo gosto, com que vejo atendido e remunerado o seu merecimento.

Em me sendo possivel eu escreverei a cada um deles, segurando-lhes isto mesmo, que a V. Exa. agora peço queira da minha parte repetir-lhe. Marquez do Lavradio.

P. S. Tornando a vêr os Mapas desse Continente, ainda que tão pouco exactos, como V. Exa. terá conhecido, eu não posso deixar de ficar com grande cuidado e fazel-o passar ao conhecimento de V. Exa. o que me causa a praia toda que corre desde o nosso Forte da Barra até o sitio de João Alves Mourão; sendo esta tanto do conhecimento dos Castelhanos e dando tão facil desembarque no verão, assim como em todas aquellas ocasiões, em que o mar se acha menos agitado.

Naquelas praias é que desembarcou José da Silva Paes, desembarcou igualmente a Tropa, Artilharia e mais munições, que levava. Naquela Costa é que ficou fundeada a Nau que serviu a todo este transporte.

Isto foi no Governo de D. Pedro de Sevallos, que naturalmente se não esqueceram destas vantagens, para se poder aproveitar delas.

Sobre esta Costa julgo serem tão necessarias as cautelas, como na entrada do Rio. A praia é muito aberta: Eu conheço todas as difficuldades que ella tem para ser defendida porem pode ser que as grandes luzes de V. Exa. os conhecimentos pessoaes que terá daquelle posto possam lembrar algum meio, que faça mais difficullosa a acção por aquelle lado.

Se as ordens d'El Rei Meu Senhor não fossem tão positivas para eu fazer marchar dois Regimentos da guarnição da Bahia, para aquella Capitania, eu principiaria a mandar reforçar a V. Exa. com mais um Regimento o que agora me é absolutamente impossivel, por não ficar que com um só Regimento nesta Capital, para acudir com elle as diferentes urgencias que se me poderão oferecer.

Eu fico cheio de cuidado que V. Exa. pode imaginar e este seria muito mais insuportavel, se eu não confiasse tanto nos grandes talentos de V. Exa. e na honra, fidelidade e valôr, com que todos os nossos distinctos Camaradas procuraram executar as ordens de V. Exa. fazer os maiores esforços para continuarem a conseguir para V. Exa. para elles e para o Estado, aquella felicidade que fará sempre a gloria da Nação.

Tambem me lembra dizer a V. Exa. que como as Embarcações que procuram entrar no Rio, podem ter a vantagem de entrar sem aguada, e até com poucos mantimentos, e por isso fazendo-se mais leves, se facilitam mais a passagem do que as que sahem, que não podem dispensar-se daqueles provimentos, que podendo isto facilitar a entrada as Embarcações Castelhanas de maior força, seria sumamente conveniente que as nossas Embarcações, as de maior força que temos neste Rio, se chegassem o mais junto da barra, que possivel

fosse: E se V. Exa. julgar ser-lhe necessario dentro do Rio mais alguma outra Embarcação de maior força servir-se. V. Exa. de avisarm'o para eu com a brevidade, que me fôr possivel, a fazer logo expedir.

Para que estas noticias cheguem a V. Exa. com a maior promptidão, as faço passar em duas vias, uma em direitura a esse porto, com ordem ao Mestre da Embarcação, para que tendo algum receio de ser tomado por Embarcação inimiga, a deite ao mar, presa em uma bala de calibre competente a levar o sacco ao fundo de que passa recibo nesta Secretaria, e a outra a faço passar pela via de terra a Sta. Catarina, buscando todos estes meios para sem perda de tempo participar a V. Exa. o que novamente se me tem oferecido sobre as importantes incumbencias de que estamos encarregados. Marquez do Lavradio.

P. S. Depois desta feita e fechada, chega aqui uma noticia dada pelo Sargento Maior Patricio José da Camara de que o Tenente Coronel Molina, o Coronel de Infantaria Tezada e os mais Comandantes, que o eram das Fortalezas evacuadas se achavam presos em Buenos Aires e que a Tropa desertava de S. Tereza com muita continuação.

Sendo assim parecia-me a ocasião excelente para nos adeantarmos a amparar os postos que as Reaes Ordens determinam e embaraçar o logar por donde os Castelhanos possam fazer passar a cavallhada, em que hão de montar o Regimento de Dragões que trazem no caso de poderem fazer o desembarque na Costa do mesmo Rio Grande, como imagino. Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO 40

Illmo. e Exmo. Snr. — Em o dia 18 do corrente, entrou no porto desta Capital uma Embarcação vinda do da Bahia, aonde tinha chegado a Fragata de Guerra Princeza do Brazil Comandada pelo Cap. de Mar e Guerra Nicolau Schiner Kel, que conduzia um sacco com officios para mim, o qual m'os conduziu aquella pequena Embarcação, pelos não poder trazer a Fragata, por ser o destino desta ficar naquele porto ás ordens do General daquela Capitania.

Fazem estes officios a resposta dos meus em que tive a honra de pôr na presença d'El Rei Meu Senhor, os successos do dia 19 de Fevereiro 1.º e 2.º de Abril deste ano. E com aquella consolação que V. Exa. pode considerar me segura o Ministro de Estado em nome d'El Rei Meu Sr. não só aprovação, mas a grande satisfação com que o mesmo Senhor se dignou por grandeza sua, dar por bem feito tudo o que se praticou naquele dia: Honrando em sinal da sua satisfação aos Principaes Officiaes que foram empregados na acção, como V. Exa. verá da pequena relação que remeto. Chegaram á Côrte de Lisboa as noticias de todos aqueles successos, muito primeiro pelos que se expediram de Montevideu a Espanha, do que por aqueles que expedi em direitura do Rio de Janeiro a Lisboa; por que os primeiros poderam passar com 60 dias de viagem e os meus gastaram na viagem 83 dias e outros 90 e tantos. A nossa Côrte se viu em bastante cuidado emquanto não chegaram as minhas relações, porem com a chegada delas tudo se tornou em Prazer e satisfação, e tanta foi a que teve a nossa Côrte, como a ira e desesperação que nasceu nos corações dos Castelhanos.

O que sobre este ponto houve e verá V. Exa. da copia da carta que escrevo ao Chefe da Esquadra, a

qual deve V. Exa. contar como uma parte deste officio, que tenho a honra de dirigir-lhe. Não me sendo possível segundo o muito occupado que me acho, o repetir a V. Exa. as circumstancias que houveram, que são as que V. Exa. verá daquela carta e reduzindo-me a falar só no que pertence a essa Ilha. Em primeiro lugar remeto a V. Exa. o paragrafo que se dirige ao pertencente a essa Ilha em um dos Officios que acabo de receber. Devendo só acrescentar ao que no § daquele officio se me diz: que V. Exa. sobre todas as vigilancias; Que V. Exa. dê todas as precisas providencias para que nessa Ilha nem as partes que lhe sejam immediatas se conservem gados, mantimentos, ou cavalgaduras, que possam em caso de infelicidade, o que Deus não permita, augmentar as forças e os meios aos nossos inimigos, não só para se sustentarem, mas para poderem prosseguir as suas marchas. Que V. Exa. terá disposto com toda a possível dissimulação, um Porto aonde V. Exa. possa ter uma segura retirada, e que nele se possa fazer forte para embaraçar o transito para deante aos mesmos Castelhanos; isto porem se entenda depois de se tere feito nessa Ilha a mais assinalada e exemplar resistencia, tendo V. Exa. a certeza de que esta occasião poderá ser aquella que immortalise o nome de V. Exa. e encha a Patria e o Estado de maior gloria.

Não me sendo possível escrever tão estensamente como desejo ao Governador dessa Ilha, rogo a V. Exa. queira comunicar-lhe este officio, com todas as particularidades que ele encerra, afim de que ele possa ser igualmente instruido de tudo o que se passa. Se eu me não achasse agora tão despido, como V. Exa. verá do que digo no officio do Chefe, porque me acho de todo nu, sendo obrigado a cobrir e defender as mazelas desta Capital, aseguro a V. Exa. que sem m'o requerer, eu reforçaria de mais gente essa Ilha, porem não tendo eu para mim, mal posso com ella socorrer os outros. De-

vo dizer a V. Exa. que El Rei Meu Sr. quer que o **Chefe** continue na sua comissão e como ele continua a merecer esta distincta honra, devemos nós continuar com a maior efficacia, em por todos os meios que forem conducentes, a ele poder fazer com a **Esquadra** todos aqueles movimentos que lhe parecerem mais uteis e vantajosos ao Real serviço.

Rogo incessantemente a V. Exa. que os termos grosseiros e até mal soantes de que este Oficial continuar a servir-se, os procedimentos altivos, e soberbos que ele quizer praticar, nada disto faça impressão a V. Exa; suponha V. Exa. que nada daquilo tem a significação que costuma ter na nossa lingua, que aquilo é uma linguagem estrangeira que V. Exa. não percebe e significa coisa muito diferente.

Meu Camarada ofereça V. Exa. este sacrificio ao serviço de nosso Augustissimo Amo e não só o praticará V. Exa. a respeito dele, mas se houver alguém que V. Exa. veja murmura dos seus procedimentos, foge da sua obediencia e não lhe preste o respeito que deve, seja V. Exa. o primeiro a repreendel-o e avisar-me dos individuos que presistem neste espirito inquieto, para eu com eles fazer uma exemplar demonstração, comtudo porem, devendo V. Exa. pratical-o na forma que lhe repito, será sempre por modo que ele não conheça as instruções que V. Exa. tem a este respeito e que tome isto como uns procedimentos naturaes.

Esta mesma recomendação deve pertencer ao Governador afim de vermos se este homem cai mais na razão e se se conduz com a moderação que é necessaria. Porem torno a dizer ou se conduza ou não, o sistema que devemos seguir é aquéle que acabo de ter a honra de repetir a V. Exa.

V. Exa. queira fazer expedir este sacco para o Rio Grande com toda a brevidade e se dahi poder avisar ao Governador da Colonia das novidades que ha, será

muito conveniente que ele as saiba para seu governo e cautela e que V. Exa. lhe faça ir toda a Farinha e lenha que a V. Exa. fôr possível fazer-lhe transportar.

A pressa e o grande trabalho em que me acho não me dá logar a ser mais extenso. Deus Guarde a V. Exa. — Rio de Janeiro em 20 de Outubro de 1776. Sr. Antonio Carlos Furtado de Mendonça — assinado por S. Exa.

DOCUMENTO 41

Illmo e Exmo. Snr. Em resposta das ultimas instruções sobre a Ilha de Santa Catarina de nove de Setembro.

1 — A Enseada que separa a Ilha de Santa Catarina, da terra firme, começa na Ilha do Arvoredo e continua até a Ilha dos Ratores, navegavel para as Naus de Linha, e em parte nenhuma tem menos de quatro braças de agua, com fundo limpo, e em parte nenhuma tem menos largura do que quatro milhas; das Ilhas de Ratores até á Vila só podem navegar Embarcações de 14 palmos.

2 — Se ambas as Barras do Norte e Sul fossem inteiramente fechadas, a Costa tem portos e Bahias bastantes para desembarques.

3 — A pequena Fortaleza da Ponta Grossa, não pode resistir á Nau de Cincoenta peças, meia hora, nem a Fortaleza de Anhatomerim pode resistir a uma Nau de sessenta peças por mais tempo e a inconsideravel força da Ilha de Ratores grande, não pode resistir a uma Fragata e a Ilha de Ratores pequena não tem, nem nunca teve Fortaleza.

4 — Na banda da Ilha ha uma Fortaleza que defende o estreito ao pé da Vila, nem pode passar o ditto Estreito nenhuma Embarcação, sómente com vento feito, ou com remos, nem tem algum inimigo precisão nenhuma de separar as suas forças pelo comprimento da Ilha de Santa Catarina, quando pode desembarcar todo junto em qualquer Bahia em toda a Costa de Mar, sem dificuldade.

5 — Do Arvoredo, até perto da Ilha de Ratonés, não ha embaraço nenhum para qualquer Armada que na Europa se possa armar.

6 — Não ha corrente nenhuma, nem maré que embarace qualquer Nau ou Embarcação para bordejar dentro ou fóra á sua vontade, como tem sempre praticado toda a Esquadra debaixo do meu comando: E' notorio que não ha um baixo, nem Banco de areia em parte nenhuma, para embaraçar a passagem de qualquer Nau das maiores; e como as Fortalezas de Ponta Grossa e Anhatomerim não cruzam as Balas, nenhuma precisão tem as Naus para se chegarem a meio tiro de peça, quando podem passar do alcance delas.

— E' notorio e conhecido que da Ponta das Canavieiras até a Fortaleza da Ponta Grossa, que são mais de duas leguas, que toda aquella parte da Ilha de Santa Catarina é terra baixa e bancos de areia (excepto um quarto de milha defronte da Ilha dos Francezes, que tem pedras que não embaraçam qualquer desembarque) é uma continuada Praia mais plana que a Praia de Coína, em que os habitantes portam com Canôas todas as horas á sua vontade, e da Ponta Grossa até á Vila se passa sem embaraço, com Cavalos, carros e a pé. Suposto que o Capitão de Mar e Guerra Guilherme Roberto quer dizer Espingarda sem fechos, porque ainda tem aumentado muito as pessoas depois daquelle

tempo, não se acha metade daquele numero, entre pequenas e grandes e muitas das que ha não são capazes de fazer um tiro.

8 — A Ilha de Ratonés grande, tem desoito peças de Artilharia, a maior parte de calibre 3 e 4 e é bem cinco milhas distante da Ilha de Anhatomerim e mais distante da Ponta Grossa.

9 — As Ilhas de Ratonés demoram ao Sul de Anhatomerim e é Enseada a mais bela, até á Praia da Igreja de S. Miguel, diminuindo a agua até a dita praia, sem embaraço algum, com fundo todo de lodo, que não faz mal a qualquer Embarcação encalhada nele.

10 — E' impraticavel o fazer-se cadeia de Embarcações para fechar o Canal de mais de uma legua e ainda que se fizesse, pouco importa Cadeia de Embarcações pequenas, aonde podem chegar Naus nem Baterias flutuantes, aonde as Naus podem chegar ao pé delas, nem pode a gente ficar no seu posto na Bateria flutuante, porque as Armas miudas de uma Nau logo a ha de destruir; e nada vale uma Esquadra recolhida detraz de semelhantes Embarcações.

As Naus de Guerra devem proteger as Embarcações e não as Embarcações as Naus; sendo certo que é impraticavel Embarcações pequenas o suportarem Artilharia grossa.

11 — Como as respostas dos artigos acima mostram que a nossa Côrte está enganada em consequencia nenhuma das propostas são praticaveis. Eu acho a maior imprudencia o pôr a nossa inconsideravel pequena Esquadra no sacco de uma Bahia, para ficar até o inimigo entrar á sua vontade com superior força que infalivelmente ha-de destruir tudo, nem posso eu responder por semelhantes medidas e como eu tambem

conheço que não ha outra defeza para a Ilha de Santa Catarina, só a Esquadra que a pode defender, a nossa pequena Esquadra deve ficar solta de toda a sorte, para aproveitar qualquer vantagem que o vento ou manobra pode lhe dar para embarçar o formidavel Inimigo, ou para se retirar, em caso que não achem semelhante ocasião, e não perdermos estas que temos, quando não podemos recrutar com mais ou aproveitar a ocasião de atacar a alguma parte do Rio da Prata, enquanto elas estiverem em Santa Catarina.

Mas ainda que fosse praticavel a cadeia de Embarcações e Naus seguras atraz delas, nenhuma precisão tem o Inimigo de atacar em tal logar, quando eles tem toda a Ilha a roda para escolherem sem embarço para fazer desembarque á sua vontade e marcharem direito á vila.

Eu torno a repetir que as Fortalezas não valem nada emquanto não houver Tropa em terra para defenderem o desembarque o que é impossivel porque tanto da Ilha, como da terra firme, não ha meia legua sem boas praias para desembarque, e caminho para marcharem de traz das Fortalezas a sua vontade para a Vila, que tem bem pouca defeza.

Os exemplos dos Almirantes Ingleses defronte de Brest, e Toulon e de Cadiz e Ferrol, capitaes portos de duas poderosas Nações de França e Espanha, com Esquadras dentro deles, é quasi igual aos Ingleses que bloquearam os portos, e que não levaram Tropa de transporte para desembarcar, é bem diferente da pobre Ilha de Santa Catarina; mas com as vantagens que temos tido no Rio Grande, faremos deligencia para as repetir contra toda a dificuldade emquanto podermos e as mais ocasiões que podermos achar para provarmos a falta de disciplina deles, melhor é e debaixo da providencia do Omnipotente Deus aproveitarmos.

E' longe de toda a comprehensão que motivo tem esta Informação que a Ilha de Santa Catarina não tem agua para beber, quando o proprio nome da Ilha deve ser de Mil Fontes nem se podem passear 100 braças, sem um Rio ou Fonte corrente de agua cristalina, o que basta para mostrar a pouco bôa informação que tem a nossa Côrte da situação da Ilha, Porto e Continente da Capitania de Santa Catarina. O Monarcha que tiver maior força pelo mar, sempre pode ser Senhor da Ilha de Santa Catarina. Bordo da Nau de Sua Magestade, Santo Antonio, 21 de Novembro de 1776. — Roberto Mak Donall.

DOCUMENTO 42

Illmo. e Exmo. Snr. Em o dia 18 do corrente mez entrou no porto desta Capital a Embarcação expedida por V. Exa. com os primeiros Officios que a nossa Côrte me dirigia, que conduziu o Capitão de Mar e Guerra João Nicolau Schener Kel, Comandante da Fragata Princeza do Brazil surta nesse porto: E no dia 20 entrou outra Embarcação desse porto com os segundos Avisos da Côrte, que V. Exa. expediu em 8 deste mez, os quaes contem as terceiras vias de alguns dos Officios de que já recebi as segundas.

Na conformidade das Reaes Ordens d'El Rei Meu Senhor, fiz apromptar logo os dois Regimentos de Infantaria da Guarnição dessa Cidade, que agora partem nas Embarcações que pude com mais brevidade apromptar.

Levam os armamentos competentes e promptos para entrarem logo em serviço: Vão municidados com os seus dobrados cartuchos, feitos pelos adarmes dos seus

armamentos. Cada um deles leva a forma das balas dos seus competentes adarmes. Levam as pás, enxadas, machados, alviões que o Regulamento determina. Levam mais cada um deles o numero competente de Armas compridas para poderem praticar as novas Evoluções que o Marechal General estabeleceu de Ordem d'El Rei Meu Senhor.

Vão mais numerosos do que vieram, com gente mais robusta. Vão bem disciplinados e sabendo fazer o serviço de soldados. O segundo Regimento poderá parecer a V. Exa. a sua chegada menos bem, porque lhe falta o seu sargento maior, que é sobre quem caiu todo o trabalho, e disciplina daquele Regimento, porque o Coronel pelos seus anos, achaques e má Escola em que aprendeu na sua mocidade, serve hoje mais para arruinar e destruir a bôa ordem e disciplina do Regimento, do que para inspirar e conservar a verdadeira disciplina. O Tenente Coronel que eu nessa Capitania vi com algum geito, inteiramente o tem perdido. E' sumamente descuidado, tem um caracter de não conservar respeito, vive muito com os soldados e Officiaes, quando depende deles. Serve-se da sua jurisdição para os querer castigar por motivos particulares. Não tem nenhum segredo. Mede pouco as suas acções. E finalmente não está nos termos de poder ser um Comandante. Tudo isto fará que este Corpo não pareça no primeiro tempo tão bem a V. Exa. como o outro, devendo eu segurar a V. Exa. que ele no essencial em nada lhe é inferior.

Eu quiz fazer conduzir estes dois Corpos nas duas Fragatas N^a. Sra. da Nazaré e Graça Divina, de que são Comandantes os Capitães de Mar e Guerra Tomaz Stevens e Tristão da Cunha de Menezes, aproveitando a ocasião de as ter apromptado para passarem a este porto, aonde rogava e rogo a V. Exa. por serviço d'El Rei Meu Senhor se sirva dar as precisas providencias para que ellas promptamente possam fazer os Concertos que neçes-

sitam afim de se poderem com a maior brevidade juntar á nossa Esquadra que se acha sumamente enfraquecida por causa do grande estrago, que todos os Navios da mesma Esquadra receberam na Campanha passada nas Guardas Costas do Rio Grande e mares do Sul, obrigando-me a dar a V. Exa. este incomodo o não caber no possivel que eu no porto desta Capital possa fazer o grandissimo concerto de todos os Navios sem uma grandissima demora, receando que nesse meio tempo, seja aquele em que elas possam ser mais necessárias. Não me aproveitei, digo desta ocasião, por me determinarem as Reaes Ordens eu fizesse embarcar os sobreditos Regimentos em Embarcações costeiras, que no caso de encontrarem no mar alguma novidade, que nos faça receio, elas possam aportar em terra em algum dos muitos pequenos portos, que temos pela Costa dessa Capitania, comtudo porem sempre fiz embarcar alguns nas mesmas Fragatas, assim para elas irem com mais forças para se defenderem, como para evitar á Real Fazenda maior despeza.

Como principio neste paragrafo a falar a V. Exa. a respeito da Esquadra, devo continuar este Discurso dizendo a V. Exa. que ela hoje se acha tão sumamente enfraquecida que eu receio nos não possa fazer nenhum daqueles uteis serviços para que El Rei Meu Senhor a tem destinado. Em primeiro logar todos os Navios ficaram tão arruinados da ultima campanha, que fizeram, que a todos tem sido preciso um formidavel concerto; e ainda que este se vae fazendo, e se poderá vencer o numero de Navios que ficam, não fazem uma força competente, que constitua respeitavel áquela Esquadra.

Em segundo logar tem de menos a mesma Esquadra tres Fragatas que são a Princesa do Brasil, Assumpção e N. Sra. da Gloria, as quaes tem assentado toda a Mestrança e Officiaes da Marinha, que por maior concerto que se lhe faça elas não são capazes de fazerem

um util serviço na Esquadra de forma que a primeira já entreguei ao Negociante a quem ela pertencia e as duas como são da Corôa, as conservo, como espantalhos neste porto.

Estes motivos e a necessidade que considero de engrossar a Esquadra, sem o que não poderá o Chefe com ela pertender nenhuma acção nem fazer nenhum util serviço, me põem nas precisas circumstancias de dizer a V. Exa. que a mim me consta se acham nesse porto construindo diferentes Navios, que dois estão quasi acabados e que são muito bons. Sendo assim, insto e rogo a V. Exa. para que dois deles possam ser fretados e armados em Guerra, para suprir os dois que estão inteiramente destruidos e inuteis e fazendo os V. Exa. ahi preparar como lhe fôr possível, virão receber o mais que necessitarem dos dois inuteis e encapazes que eu aqui tenho, e deste modo poderemos ficar com mais algumas forças devendo V. Exa. considerar que ainda todas estas pode ser nos não sejam ainda necessarias.

Como com a chegada destas duas Fragatas em que vão Comandantes Officiaes de muita honra e intelligencia e com a assistencia que V. Exa. tem do honrado Capitão de Mar e Guerra João Nicolau Schenerkel e dos mais Officiaes seus subalternos, fica V. Exa. tendo quem muito o possa ajudar para estes trabalhos que pertencem a Marinha, juntando V. Exa. a isto a sua grandissima eficacia e pondo em pratica os seus grandes talentos, eu me esperanceio que dentro em muito breve tempo V. Exa. possa concorrer para augmentarmos as forças que tanto necessitamos.

Com esta Tropa vae tambem o Brigadeiro João Custodio de Sá e Faria, Official de muita honra e intelligencia e que a vinte tantos anos serve na America empregado em muitos e distinctos serviços, tendo dado de todas as suas incumbencias uma tão excelente conta, que sempre mereceu dos Senhores Governadores a maior

atenção. El Rei Meu Senhor me ordena o faça passar destacado a essa Cidade ás ordens de V. Exa. para V. Exa. nesta ocasião se poder servir dele no que lhe parecer mais util ao Real serviço. Ele leva ás suas ordens seu sobrinho Tenente Agregado ao segundo Regimento desta Capital. Leva mais um Sargento do Regimento de Artilharia e ambos estes dois Militares andaram ultimamente com ele nas deligencias a que foi mandado na Capitania de São Paulo. Levam as suas guias e todas as mais clarezas para os seus vencimentos. Tambem remeto a V. Exa. o segundo Oficial que aqui tenho dos Artifices de fôgo. Eu não digo a V. Exa. que ele é muito habil, porem ha muitos anos que é empregado neste serviço e o seu Coronel me diz ser ele muito bom.

As Reaes Ordens d'El Rei Meu Senhor me determinam que eu auxilie a V. Exa. com tudo o que me couber no possivel. Devo dizer a V. Exa. que eu estou promptissimo; isto é pelo que diz respeito a minha boa vontade; no mais eu me acho com tão poucas forças que não sei em que poderei ser util a V. Exa. quando eu para mim mesmo estou ainda muito longe de ter o que preciso; porem se a V. Exa. lá lembrar ou lhe constar que possa haver nesta Capital ou em alguma parte das dependencias do meu Governo, cousa com que eu possa auxiliar a V. Exa. pode V. Exa. persuadir-se que logo que avisar-me, me achará promptissimo para em tudo lhe obedecer.

Tambem El Rei Meu Senhor continua a determinar-me eu haja de dizer a V. Exa. o meu parecer sobre a defeza dessa Cidade, e ainda que nela eu tivesse estado o tempo preciso para formar um projeto justo e bem combinado para a sua defeza, as luzes de V. Exa. teriam descoberto metodos mais acertados de que eu desejarei sempre aproveitar-me para a minha Instrução. Mas por não faltar ao que se me ordena sempre terei a honra de dizer a V. Exa. o pouco que me lembra.

A situação dessa Cidade é sumamente vantajosa para a sua defeza e ainda que a sua Bahia é muito larga e o porto muito amplo para poderem entrar infinitas Embarcações e dar fundo nela, com tudo o desembarque das Tropas, havendo precisa vigilancia, será bem difficultissimo.

Eu não faria a minha confiança nas Fortalezas, que tem essa Bahia, não digo que se abandonem, mas não são elas as que hão de embaraçar o estrago que procurarem fazer os inimigos.

Eu poria o meu cuidado todo em defender as gargantas, ou passos estreitos que dão comunicação as diferentes partes aonde se pode desembarcar, para se communicarem com a terra. Eu mandaria fazer diferentes Trincheiras naqueles logares mais injustos, aonde a minha Tropa estivesse mais coberta e com a possível superioridade.

Nas paragens que as estradas oferecem mais facilidade mandaria fazer muitas e profundas cortaduras. Em outras paragens lhe poria o caminho que eles julgassem mais franco e nestes me lembraria construir-lhe com o possível segredo algumas minas, que ainda que não fizessem grande estrago, os faria retroceder a marcha pelo receio que é natural tivessem de encontrarem na estrada mais e mais portas daqueles perigos.

Eu procuraria fazer a comunicação por terra para a outra parte da Bahia, por donde podessem continuar a vir os mantimentos que costumam todos os dias vir do outro lado, para esse porto, os quaes estando a Esquadra fundeada na Bahia, inteiramente ficam embaraçados e o povo e a Tropa padecerá se não se lhe der esta providencia.

Eu repartiria a polvora e as mais munições de guerra por diferentes armazens, não só para me precaver contra alguma noticia que os inimigos tenham do lugar aonde tenho o Armazem Geral, mas porque se succeder

algun daqueles infortunios que muitas vezes acontecem em ocasiões semelhantes, com ele nos não ponhamos no perigo de perdermos tudo e ficarmos sem nenhuma esperanças.

Estas são umas ideias geraes que me lembram que V. Exa. enriquecerá com outras muito mais acertadas.

Permita-me V. Exa. agora que eu lhe fale com a verdade e sinceridade do meu coração. Estas ocasiões são aquelas aonde nos é preciso termos muito mais trabalho do que os Generaes que comandam os Exercitos. Estes todos os a quem governa são gentes disciplinadas com a natureza costumada a uma cega obediencia e sujeição, uns homens que o seu Officio e profissão é oferecerem-se e prepararem-se para o trabalho, para os perigos e para neles pelo interesse da honra e da gloria, derramarem o seu sangue até o ultimo instante da sua vida.

Com estas gentes dispõem o General o Plano da sua campanha, forma as suas ordens de Batalha e entrega aos diferentes Generaes habeis os Corpos que lhe parecem competentes para por um lado e outro executarem as diferentes disposições de quem se compõem o seu Plano afim que todos aqueles movimentos separados fossem a conclusão do Plano total que ele se tem proposto. Como todos obram debaixo do mesmo fundamento e doutrina, parece que naturalmente se não pode duvidar do bom successo porem este ainda assim muitas vezes falta.

As nossas circumstancias são inteiramente diferentes. Nós sim temos algumas vezes Tropas, mas faltamos os Generaes de quem as confiamos, porem estes ainda que os houvesse de pouco ou nada nos serviam.

A maior parte das gentes, que comandamos, são uns povos costumados a moleza, enervados nos seus interesses particulares, fazendo a sua gloria e consistindo

a sua honra no augmento dos seus cabedais, não querendo expor-se nunca ao trabalho, nem ao incomodo, buscando todos os meios de conservar a vida, para fazerem a consolação e servirem de amparo as suas familias.

Estas são as gentes que hão de compôr as forças do nosso Exercito e é que havemos reduzir com uma arte superior, a que mudem de um sistema tão contrario aos fins para que nós nos servimos deles. Eu não tenho descoberto outro modo que o da humanidade e benevolencia, sem comtudo descer servilmente do grande logar que representamos.

Eu me faria o mais tratavel que fosse possivel com todos estes Individuos. Eu lhe mostraria uma extraordinaria proteção. Aqueles que eu por espirito honrado, e ainda em ocasiões semelhantes por um espirito lisonjeiro, me mostrassem por algum modo mais extraordinarios a sua constancia, a sua promptidão e a sua bôa vontade, a estes faria eu taes distincções publicas, que fizessem inveja aos outros, para procurar merecel-as.

Nas suas aflições eu os buscaria mostrando-lhe quanto me compadecia e lhe valeria quanto me fosse possivel. Nunca meu Exmo. empregaria no Comando destes homens nenhum daqueles espiritos fortes, que querem vencer tudo mais pela força que pelo modo e pela razão.

Sobre este ponto é preciso uma grandissima vigilancia; afastar do Comando destes homens, não só aqueles genios que não admitem razão, mas ainda muito mais aqueles indignos, que tenham o outro vil espirito da ambição, porque estes tem ainda maior perigo que os outros. Os primeiros as suas violencias causam clamores que mais tarde, ou mais cedo, sempre chegam aos nossos ouvidos e nós mesmos no seu modo poderemos conhecer a dureza do seu genio. Os outros pelo contrario trabalham como uma lima surda engolfada nos cabedaeas que tiram dos povos, esquecem-se das

nossas ordens, não executam o que lhe é incumbido, dispensam e encobrem o que nos não deviam ocultar e como os povos com aquele vil premio, conseguem mais algum descanso, eles se não queixam, supomos que tudo se observa e afinal pomo-nos no perigo de perdermos a nossa honra e reputação, o credito do Estado e da Nação, achamos a Patria arruinada e até aqueles miseraveis pelo seu proprio dinheiro verão consigo reduzidas a cinzas as suas mesmas familias. Estas reflexões meu Exmo. creia V. Exa. que são aquelas que devemos ter vivamente diante dos olhos todos os que governamos, e devendo elas serem sempre inseparaveis de nós nas ocasiões, em que presentemente nos achamos devem ser nossas Companheiras, e não darmos ouvidos a nenhuns daqueles que queiram separadas da nossa imaginação.

Perdoe-me V. Exa. se eu neste meu discurso me tiver mais adeantado. Eu o não repito por julgar ele esquecerá a V. Exa. mas para me justificar com V. Exa. me adiante todas aquelas sabias reflexões que V. Exa. me pode ditar para maior acerto do meu Governo.

V. Exa. me pede lhe remeta a copia das minhas instruções com este titulo não vem nenhum dos Officios que recebi. O mesmo que a corte diz a V. Exa. a respeito das minhas instruções de que a V. Exa. se remete copia, me diz a mim a respeito das de V. Exa. Eu julgo que umas e outras hão de vir na Embarcação, que traz as primeiras vias e como eu não sei os Papeis de que constam os de V. Excia. não posso julgar quaes sejam os demais que eu tenha recebido, que sejam necessarios, para a instrucção de V. Exa. porem como isto pode parecer uma desculpa ou misterio que tenho com V. Exa. quando ambos devemos obrar de comum acôrdo, para evitar essa desconfiança tão contraria ao meu genio, e ao meu character, resumirei a V. Exa. os particulares, que contem os meus officios, isto é aqueles que em particular nos dizem respeito.

O primeiro contem a participação do grande desgosto, que recebeu a Côrte de Madrid com as noticias dos felizes sucessos do sul que achando-se no tempo em que elas chegaram, fazendo conferencias os Embaixadores de França e de Inglaterra, como medianeiros das duas Côrtes para se ajustarem as diferenças e logo se fizeram varios conselhos de Guerra e de Estado para neles se assentar sobre o que S. Mag. C. devia mandar fazer em satisfação do que acabava de acontecer.

O segundo: as instruções que a Côrte mandou ao nosso Embaixador para poder instruir aos Embaixadores das duas Côrtes Medianeiras, mostrando-lhe a pouca razão que tinha a Côrte de Madrid de se queixar daquele ultimo procedimento o qual não alterava o estado das coisas por ser praticado o que eu mandei fazer antes de receber as ordens de suspensão o que se provava, não só dos meus officios, mas até de alguns documentos que a eles juntei.

Terceiro. O aviso de D. Francisco Inocencio de que a Côrte de Espanha tinha resolvido mandar uma Expedição ao Brazil, que se dizia ser de oito mil homens comandada por D. Pedro de Sevallos, que vinha feito de Vice Rei de Buenos Aires, Vice Reinado creado de novo para o que se juntaram algumas Provincias que pertenciam ao Vice Reinado de Lima, ao qual General tambem S. Mag. C. tinham mandado nomear Capitão General dos seus Exercitos. Que traria a este General alguns Marechaes de Campo, Brigadeiros, e um Coronel á sua Ordem, e que entre a Tropa vinha um Regimento de Dragões com tudo prompto para servir a Cavallo, aonde os achasse: Que trariam muitas munições, galeotas para bombas e tudo o mais preciso a Expedições semelhantes.

Quarto. Que suposto tudo o de que se me avisa S. Ma. julgava que aquella Expedição veria dirigida a Bahia de todos os Santos pela opinião que tinha aquella

Cidade de ser rica e por constar achar-se sem nenhuma Guarnição, e que lhe não lembrariam vir ao Rio de Janeiro, por se saber da muita Tropa e Munições que para aqui tinham vindo: sendo nesta conformidade o que havia mais que recear nesta ocasião essa Cidade, assim como também a Ilha de Santa Catarina, que por estas razões devia eu logo mandar marchar para esse porto ao Coronel José Clarke logo que El Rei Meu Senhor tinha nomeado para chefe do Regimento de Infantaria e Artilharia, que estava formado nessa Cidade e faria igualmente passar os dois Regimentos de Infantaria pertencentes á Guarnição da mesma Cidade, e com eles o Brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, para ajudar a V. Exa. nesta ocasião; porem que depois que esta grande Expedição passar para o Sul, como pode succeder desistindo ainda da ideia de atacar a Bahia eu poderia fazer voltar para esta Capital, um dos Regimentos dessa Cidade, que agora partem com a facilidade que permite a visinhança fazendo copiar este artigo na carta, que escrever a V. Exa. para aquele efeito. Isto é substancialmente o que contem os meus Officios concluindo todos que devemos V. Exa. e eu obrarmos de comum acordo, afim de reciprocamente nos auxiliarmos conforme a maior ou menor necessidade que cada um de nós se achar, para o que torno a repetir a V. Exa. a minha bôa vontade e a promptidão, com que sempre me achará para tudo o que seja concorrer para a gloria e felicidade do Estado e de V. Exa. — Deus Gde. a V. Exa. — Rio de Janeiro 23 de Outubro de 1776 — Marquez do Lavradio. Snr. Manuel da Cunha Menezes.

P. S. — Devo dizer a V. Exa. que o Sargento Maior Francisco José de Matos Ferreira e Lucena não parte nesta ocasião com o seu Regimento por se achar ainda gravissimamente doente, restos de uma grandissima malina, que tem tido; porem se acaso se restabelecer ime-

diatamente se ache com forças o farei passar á presença de V. Exa. Em companhia do mesmo Oficial deixo ficar o Capelão do Regimento, dois cabos, um soldado e um Ajudante de Cirurgia, os quaes lhe tem assistido em toda a sua molestia e como com a separação destes homens poderia ele vir no conhecimento de que partia o seu Regimento, e segundo o seu genio assim mesmo quereria partir, podendo-lhe esta inquietação causar ainda maior estrago, do que o que tem experimentado com a molestia me pareceu seria tambem justo deixal-os ficar e logo que o sobredito Maior se achar nos termos de poder receber esta noticia, farei logo partir os sobreditos Assistentes.

Tambem por ora deixei ficar ao Alferes Manuel Henriques por estar encarregado das precisas e indispensaveis obras de Villailhou as quaes o seu zelo e actividade tem posto em um grandissimo adiantamento, logo que estiver concluido este trabalho se me não for necessário dar-lhe algum outro destino de que tenha utilidade o Real Serviço, o farei marchar a incorporar-se ao seu Regimento.

No tempo em que estes Regimentos aqui estiveram, faleceu o Tenente Leandro Pereira do Regimento de Viga, cujo posto provi na conformidade das Reaes Ordens assim como tambem o do Alferes Manuel Joaquim do mesmo Regimento, que passou a servir na Capitania de São Paulo, tendo feito uns e outros provimentos, na conformidade das Ordens que tenho d'El Rei Meu Senhor, para providenciar na promoção dos postos, como eu achar mais util ao seu Real Serviço afim que neste se não experimente falta.

Vagando porem no Regimento de Pissarro um alferes e não pedindo a necessidade que eu logo provesse aquele posto, que se conservou vago por mais de um mez, até me chegaram as Ordens de fazer marchar este

Regimento, pareceu-me devia deixar ir vago o mesmo posto para V. Exa. ser quem o prova, com aquele acerto que costuma fazer tudo.

DOCUMENTO 43

Pelos ultimos Officios que recebi da nossa Côrte, se vem a manifestar os ultimos projectos dos Castelhanos, e o motivo porque tem feito os grandes preparos de Quartéis e mais obras de Fortificação, que V. Exa. me avisou. Chegaram a Madrid as noticias dos felizes successos que tinham alcançado as nossas Armas no Rio Grande de S. Pedro, e no porto de S. Tecla. Imediatamente aquella soberba e vingativa Nação determinou fazer uma Expedição de oito mil homens, para mandar á America, supõem-se que a visitar primeiro algum dos tres portos Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro e depois passarem a Santa Catarina e Rio Grande.

Para melhor instrucção de V. Exa. repetirei o estado em que as cousas se achavam, quando chegou aquella noticia. O que a nossa Côrte respondeu aquele respeito e o que me determina, suposta a obstinação com que os Castelhanos não querem admitir razão. Achava-se a nossa Côrte com a de Madrid em negociação para se ajustarem as disputas e diferenças que havia na America entre os Generaes dos dois Soberanos: Principiaram-se as conferencias a este respeito, sendo medianeiros das mesmas acomodações a Côrte de Paris e de Inglaterra nas pessoas dos seus dois Embaixadores residentes na Côrte de Madrid.

Deu motivo a estas conferencias as noticias que tinham chegado do primeiro choque que tinhamos tido para o Rio Pardo e da grande disputa com que tinham

entrado as nossas Embarcações e as dos Castelhanos no Rio Grande e igualmente o terem retido as Fragatas da nossa Esquadra as duas Embarcações do Comercio Castelhanas, que trouxeram uma a este porto e outra ao de Santa Catarina.

Assentaram as Côrtes entre si: Que deviam ambos os Soberanos expedir ordens aos seus Generaes para suspenderem todos os procedimentos e hostilidades, enquanto as duas Côrtes entre si perante as duas Medianeiras ajustavam as diferenças que davam e darão sempre motivo a estes movimentos em quanto por uma vez não fixarem os verdadeiros limites de um e outro Soberano.

O nosso Embaixador esteve por esta suspensão, porem queriam um Reserval por donde se fizesse certo que a Côte de Madrid passava aos seus subditos as mesmas positivas ordens que El Rei Meu Senhor F. me fazia a mim passar, como Vice Rei do Estado, porem isto teve alguma demora até que afinal deram o Reserval ao nosso Embaixador.

A Corte de Madrid fez expedir logo de Cadiz as suas ordens: A nossa, como gastavam mais tempo a chegar a Lisboa, não poderam partir tão cedo, como as outras. As que saíram de Cadiz vieram com uma viagem mais curta, e chegaram com mais pressa a Buenos Aires. As de Lisboa tiveram na viagem a grandissima demora que em todo este ano tem tido as Embarcações vindas daquele porto e por esta causa chegaram aqui muito mais tarde e tão tarde que entrou aqui o Navio que as trazia, no mesmo dia em que as nossas tropas tinham praticado no Rio Grande a acção de desalojar os Castelhanos dos nossos terrenos, em que se achavam; estava bem visto que chegando ao Rio de Janeiro naquele dia, se faria impossivel que eu mandasse suspender e em uma tal distancia, uma acção que já estava executada; Sim é verdade que eu tinha tido ordens ante-

riores de me conservar na melhor paz e harmonia que fosse possivel com os nossos vizinhos; porem isto sempre se entendia conservando-a eles conosco e sendo mutua a nossa boa correspondencia, porem ordem positiva de suspender o que eu tivesse na intenção praticar obrigado pelos insultos e violencias e até falta de humanidade que os Castelhanos praticavam comigo, estas ordens nunca as tive e só recebi positivamente as mais fortes a este respeito depois que os dois Soberanos entre si se ajustaram reciprocamente a que tudo se suspendesse em qualquer estado que se achasse.

Os Castelhanos porem com a noticia daquele successo suspenderam as Conferencias pretestando termos quebrantado o que tinhamos ajustado, sem admitirem razão, não querendo combinar as epocas, pelas quaes positivamente se via a pouca ou nenhuma razão com que eles se queixavam. A nossa Côrte instruiu as duas Côrtes Medianeiras da nenhuma justiça que tinham os Castelhanos para faltarem ao que tinham prometido e a solida verdade e bôa fé, que a nossa Côrte tinha sempre praticado, principalmente na presente Negociação até a data dos ultimos Officios a cousa nenhuma tinha cedido a Côrte de Madrid, antes tinha nomeado a D. Pedro de Cevallos para Vice Rei de Buenos Aires, desmembrando para este novo Vice Reinado algumas provincias pertencentes a Lima: fel-o Capitão General do seu Exercito e é o que vem comandando esta Expedição, trazendo consigo alguns Marechaes de Campo, Brigadeiros e um Coronel. Entre os corpos que se destinam para esta Expedição, é um Regimento de Dragões preparado de tudo na excepção de cavalos. Mandaram fazer muitas jangadas a nossa imitação. Trazem muitas Galeotas para lançar bombas e todos os mais petrechos precisos para ocasiões semelhantes.

A vinda da Expedição quanto a mim é infalível, mas eu não considero o mesmo pelo que toca ao bom successo do golpe que eles premeditam.

Se eles primeiro vierem a Bahia ou a esta Capital poucas serão as forças que lhe restem para passarem ao Rio Grande e ao Rio da Prata. Oito mil homens sim fazem um corpo respeitavel e muito mais junto com as Naus e Fragatas que devem vir conduzindo aquele transporte; porem os incomodos da viagem, uma Tropa não costeada neste Paiz; as poucas prevenções com que os Castelhanos costumam fazer estas Expedições é certo que tudo ha de concorrer para que o numero bom que cá chegue, seja muito mais diminuto.

Poder-se-lhes ha não embarçar a entrada, ainda que eu espero esta lhe seja bastantemente disputada; porem como hão de aqui subsistir? Que partido poderão tirar do numeroso povo que fará os maiores esforços por se defender e destrui-los. Eu não julgo que eles sejam tão indiscretos e imagino que o seu ponto principal de direcção seja a Ilha de Sta. Catarina e a Costa do Rio Grande pela parte ulterior do mesmo Rio, afim de que pela praia, que corre de Sta. Tereza até a embocadura do Rio, eles possam ser socorridos de cavalhadas e de mais algumas cousas, das que precisam, buscando atacar-nos pela rectaguarda das Fortalezas, que lhe tomámos.

Esta ideia me parece a mais provavel, porem se o Tenente General chamar para ali a Tropa Ligeira, augmentando o numero desta quanto lhe for possivel, permitindo-lhe o fazerem a Guerra ao seu modo e que eles se aproveitem de tudo o que poderem ganhar sobre os inimigos, tenho por sem duvida que nem a Cavalhada lhe ha de chegar, nem eles ali irão buscar que a sua destruição.

Sucedendo-lhe pois o que imagino é certo se irão voltar contra a Colonia. Sustentando Vsa. S.^a aquella Praça

com os esforços de valor e constancia os mais exemplares, dará V. S. tempo a que nós os possamos atacar por modo que eles fiquem todos destruidos, porque nesse caso poderão os Navios da nossa Esquadra estar já promptos e as nossas Tropas continuarão por terra a seguir os inimigos e no perigo de perderem mais no seu Continente do que poderão ganhar com a Colonia, é sem duvida que hão de abandonal-a para porem em mais segurança o seu Continente.

V. S. deve lembrar-se que lhe fala com este desafogo quem está governando esta Capital tão importante, sem Tropas e quasi sem Officiaes porque até os ultimos dois Regimentos que eu tinha da Bahia, El Rei Meu Senhor me ordenou os fizesse passar aquella Cidade, para donde já partiram; porem assim mesmo no estado em que me acho, espero que o meu exemplo, mediante a Misericordia Divina, em que confio, me não desampare, o meu exemplo, digo será seguido de todos os moradores desta Capital que até a ultima gota do seu sangue, sendo o meu o primeiro, daremos todos a vida pela conservação da mesma Capital e do Estado.

Eu nesta ocasião vou continuando a remeter a V. S. o que constava das suas ultimas relações.

A Fragata que V. S. ahi tem, sendo só, não a julgo de muita segurança, porem V. S. consultará com o Comandante e se regularão em forma, que obrem aquilo que lhe parecer mais util, e conveniente ao Real Serviço.

Devo dizer a V. S. que emquanto não houver por lá movimento maior, V. S. não bula consigo, que havendo-o deve conservar-se em uma rigorosa defensiva, bem visto que tambem se entende como tal, o amparar-se daqueles postos, que julgar podem dar maior facilidade de ser atacado pelos inimigos, isto tudo porem se entende depois deles se declararem e principiarem as suas hostilidades.

E' tudo quanto na presente ocasião se me oferece dizer a V. S. e o muito trabalho com que me acho não permite que eu seja mais extenso. Deus Gde. a V. S. Rio de Janeiro 30 de Outubro de 1776. Marquez do Lavradio. Sr. Governador Francisco José da Rocha.

DOCUMENTO 44

Illmo. e Exmo. Snr. Depois de ter escripto a V. Exa. os Officios que vão com data de 16 do corrente mez, para partirem pela Corveta Nossa Senhora da Piedade e S. Boaventura que estava esperando o primeiro vento favoravel para sair, entrou no porto desta Capital no dia 18 uma Embarcação vinda do porto da Bahia e expedida pelo General daquela Capitania, em que o mesmo General me remetia as Vias que V. Exa. me dirigia pela Fragata Princesa do Brasil, comandada pelo Capitão de Mar e Guerra João Nicolau Schenerkel, que tinha estado naquele porto no dia 6 deste mesmo mez. Logo que recebi os sobreditos Officios fiz apromtar os dois Regimentos daquela Capitania que se achavam nesta Capital, de forma que se o vento tivesse dado logar no dia 22 teriam saído, porque nesse dia pela manhã se achavam todas as bagagens embarcadas, e eles sobre as armas, não tendo podido embarcar, por não permitir o vento e o mar que eles saíssem. No dia 23 sem embargo de continuar o mau tempo, os fiz comtudo embarcar porem por causa do vento contrario, não poderão sair que no dia 26.

Vão os sobreditos Regimentos não só muito bem disciplinados e muito bem fardados; porem mais numerosos e o numero que leva cada um deles todos é de gente capaz de serviço e sabendo-o fazer como verdadeiros soldados.

Alem disto levam o excelente Armamento de que eu os provi destes Armazens por serem indignas e inca-

pazes as Armas que trouxeram. Levam tudo o de que precisa um Regimento para a acção excepto o abarracamento. Levam cartuchames dobrados e até cada Regimento leva uma forma para balas do competente adarme do seu Armamento.

O Regimento do Coronel Francisco Antonio da Veiga, poderá conservar-se em bom estado porque o seu Coronel debaixo das minhas ordens se cançou infinito com o mesmo Regimento; tem efficacia e intelligencia; sabe conservar-se com respeito entre os seus subditos e sem embargo de ver mais adeante seu irmão e alguns outros Officiaes mais modernos do que ele, nada disto o tem feito afrouchar nas suas obrigações antes pelo contrario tem caprichado muito em que o seu Regimento se distinga. O segundo Regimento receio muito que se perca em pouco tempo. O Coronel que tem é um homem brutal muito impossibilitado para continuar o serviço por causa das grandissimas molestias que tem o obrigam a estar de cama sete e oito mezes no ano. Alem disto não tem sido possivel o perceber as novas doutrinas com que hoje se criam as Tropas. Maltrata infinitamente de palavras a todos os seus Officiaes de forma que todos do seu Regimento o aborrecem. Nesta Capital quiz por algumas vezes mandar, foram taes os disparates que disse e a confusão em que poz o Regimento, que uma vez que eu assisti, foi necessario que eu acudisse fazendo emendar os imensos despropositos que ele estava fazendo.

O Tenente Coronel tem viveza e tem percepção; porem depois que passou a Tenente Coronel, inteiramente se esqueceu das suas obrigações. E' o primeiro que concorre para a relaxação do Regimento e não sabe conservar a decencia e gravidade do seu posto.

Sobre o Sargento Maior caiu todo o trabalho e creação deste Regimento que pode conseguir mediante a minha protecção. Este Oficial foi o unico do estado

Maior que trabalhou com o maior ardor para que o Regimento se adeantasse até o ponto em que todos aqui ouviram de forma que o outro em nada lhe preferia.

O grande trabalho e imensos soes que suportou lhe causaram uma horrenda malina com que tem estado e ainda se conserva em grandissimo perigo de vida.

A falta que este Oficial fez naquele Regimento logo se conheceu, de forma que quando marcharam para o embarque parecia outro. Se este Oficial se restituir á sua saude e o General quizer olhar para o Regimento, em pouco tempo se poderá remediar o atraso que o mesmo Regimento tiver tido, porque tem bons Officiaes nas companhias, bons soldados e todos com excelente vontade de satisfazerem as suas obrigações.

Devo nesta occasião tambem falar a respeito do Coronel José Clarke Lobo. Este Oficial é de muita honra e muito capaz, ele porem se viu bastantemente consternado, ao mesmo tempo que confundido pela honra que El Rei Meu Senhor lhe fez da patente de Coronel vendo-se empregado em um corpo scientifico que para o qual lhe são necessarios conhecimentos de Matematica que ele absolutamente ignora, receando que por esta causa ele não possa satisfazer tambem as suas obrigações como deseja.

Ele me pediu logo um Oficial com quem ele se podesse instruir pratica especulativamente. Eu lhe dei um segundo Tenente que aqui havia muito bom. Eu posso segurar a V. Exa. que ele da sua parte ha de fazer toda a deligencia, para obrar com acerto as suas obrigações, porem tarde adquirirá os conhecimentos que precisa; e se ele fosse Coronel de um Regimento de Infantaria ordinaria poderia creal-o e conserval-o em toda a sua perfeição.

A este Coronel fiz tambem passar com a mais Tropa áquela Capitania como El Rei Meu Senhor ordena e o mesmo pratiquei com o Brigadeiro José Custodio de

Sá e Faria, sem embargo de se achar já destinado e com ordem para marchar para o Rio Grande como V. Exa. verá de um dos meus Officios que antes de receber estas ultimas ordens tinha já escripto a V. Exa.

A consternação em que esta Capital ficou, vendo-se sem Tropa e com o receio de movimentos maiores eu a não posso explicar a V. Exa. e a mim mesmo me tem sido necessario bastante constancia, vendo-me na obrigação de responder por este importantissimo porto, que dá acesso e entrada para todas as Provincias e Capitánias mais importantes deste Estado, achando-me sem Tropas de que possa confiar-me e sem os competentes Officiaes que possam ajudar-me e até com menos meios, porque se até agora me não chegavão para a despeza as assistencias da Capitania da Bahia como me poderei eu agora remediar faltando-me aquelas? E ainda que se possa dizer que tambem me falta a despeza que se fazia com aquella Tropa devo lembrar a V. Exa. que eu vou fazer ainda muito maior com os Auxiliares a quem hei de chamar para o serviço e a quem me é indispensavel tambem pagar.

Se as Capitánias destinadas a socorrer-me com dinheiro mandassem as importantes quantias com que El Rei Meu Senhor supunha elas me poderiam assistir e se as despezas não fossem muito maiores do que as que se imaginam, poder-se-ia tudo suprir, porem o que elas mandam é muito menos do que se entendia e as despezas muito mais excessivas do que se considerava, de forma que eu estou já em grande divida com estes povos, e como eles não tem de que vivam que do seu trabalho e o fruto das suas terras e dos generos com que comerceam faltando-lhe o prompto pagamento todos se escondem e os que se sujeitam é com tal violencia que reputam o que se lhe faz, ou o que se lhe tira pela maior tirania; porem assim mesmo eu tenho procurado o revestir-me de um semblante de tal indiferença que

não só não acrescenta a consternação dos povos mas eu procuro persuadi-los a que temos muitas forças e que eles cousa nenhuma devem recear.

Eu não posso responder a V. Exa. pelos bons successos, porem posso segurar a V. Exa. que se ha de fazer para os conseguirmos todos quantos maiores esforços se poderem imaginar e que se acaso o destino dos nossos maus vizinhos fôr de visitarem-me que eu espero eles encontrem no Rio de Janeiro menos condescendencia do que encontraram os Francezes as vezes que aqui entraram.

Para que as minhas ordens possam ser mais bem executadas e com menos confusão separei diferentes Officiaes para estas incumbencias encarregando a cada um separadamente o que me pareceu mais proporcionado ao seu character e o em que julguei eles poderiam dar melhor conta de si.

Dividi a defeza do porto pelo que toca a Embarcações fazendo comandante do mesmo porto por Comissão ao Capitão de Mar e Guerra Jorge Hardcaster para baixo das minhas ordens se dispor aquella defeza que eu julgo mais proporcionada e competente ás forças com que me acho. A ordem que lhe distribui é a que remeto por copia a V. Exa. e do Plano que formo a este respeito é o seguinte.

Determino fechar a Barra, empregando para isto todos os Navios Mercantes de maior força que estiverem nesse porto, os quaes estarão fundeados para dentro da Fortaleza de Santa Cruz no logar aonde chamam o sacco que é aonde ha melhor fundo e formarão a sua linha até antes de principiar o baixo da Fortaleza da Lage.

Fundearão estes Navios com as suas amarrações competentes e será passada a todos eles uma corrente de ferro que possa sustentar mais o choque e embarace a entrada.

Nesta mesma conformidade haverá uma segunda linha destas mesmas Embarcações para que no caso de terem vencido a primeira linha sem confusão a segunda linha que se conservará ainda sem ruina posa fazer-lhe dobrado embaraço.

Por detraz destas Embarcações determino ter algumas lanchas e sumacas para serem incendiadas e se podem lançar entre as dos inimigos e o mesmo determino praticar com algumas das Embarcações maiores para augmentar a desordem e confusão da Esquadra e como o logar deste ataque é para dentro da Fortaleza, na demora que a Esquadra tiver a vencer aqueles embaraços, ficará a Fortaleza de Santa Cruz e da Lage e a nova Fortaleza que fiz construir no Pico, atirando pela rectaguarda e pelos flancos da mesma Esquadra, assim com a Artilharia como com os Morteiros que mando montar naquelas Fortalezas.

Ainda que este modo de defender não é o que baste porque eu não posso ter as competentes forças para que estas linhas de defeza sejam tão fortes como era preciso comtudo tambem me lembro que os Castelhanos é tambem a Nação que menos podemos temer e que nos pode atacar com menos intrepidez e desafogo.

Escolhi aquele Oficial para executar as minhas ordens por ser um Oficial já acostumado com o fogo e por não querer tirar da Esquadra nenhum daqueles que ainda o não viram e que se podesse supor que eu por algum espirito de parcialidade o separava das ordens do mesmo Chefe. Este Oficial que escolhi é obediente, tem valor e ainda que o seu entendimento não é muito abundante de Ideias, isto muitas vezes é melhor, porque tambem obedecem com mais promptidão e menos difficuldades.

Nomeei tambem por Comissão para Inspector Geral dos Corpos Auxiliares na excepção dos desta Capital ao Tenente Coronel Vicente José de Velasco Molina,

Oficial de muita honra e valor com bastante intelligencia, muito obediente e que tem bastante modo para se conduzir com os povos, ao qual dei tambem a incumbencia de guarnecer com aqueles Terços as Fortalezas todas desta Marinha e vigiar para que nas mesmas Fortalezas se conserve tudo o preciso para que aquella Tropa possa satisfazer as suas obrigações.

Para augmentar o numero daquelles defensores determinei que todos os Auxiliares que viessem destacados, trouxessem consigo um dois até tres dos seus Escravos, os quaes viriam armados com paus de ponta ou suxos que ajudariam tambem a defeza vindo por este modo a augmentar-se muito o numero de defensores em cada Fortaleza. A estes mando assistir com ração de farinha e os senhores alem desta ração hão de receber os seus soldos.

Nomeei para Inspector das Fortificações e de todos os trabalhos desta qualidade ao Sargento Maior Francisco João Rocio para quem já pedi a Patente de Tenente Coronel que é o unico Oficial Engenheiro que aqui tenho e de quem me tenho servido em todas as obras de Fortificações que tenho mandado fazer, tendo-se em todas elas conduzido com muito acerto, o qual vendo a necessidade em que eu me achava de Officiaes, tem formado dos moços que se acham muito adeantados e que hoje o ajudam já muito neste trabalho, para os quaes tambem pedi já licença para os nomear Ajudantes.

Nomeei para fazer de meu Ajudante General ao Tenente Coronel Gaspar José de Matos Ferreira e Luceña que é o de quem me tenho servido em todas estas Expedições e que cada dia mostra mais o seu grande prestimo segredo e fidelidade e desinteresse. A estes tres Officiaes ordenei que emquanto exercitassem estas suas comissões tivessem as graduações de um posto mais, isto é para livrar as questões com os Coroneis e com os Mestres de Campo; porem que não venceriam soldo se

não os das Patentes que tinham d'El Rei Meu Senhor e finda que fosse a Comissão, voltariam aos exercicios dos postos que dantes tinham.

Determino nomear Comandante General de todas as Tropas que ficam em terra, assim regulares como Auxiliares a D. Antonio de Noronha logo que ele aqui chegar.

Como todos estes serviços se não poderão fazer com acerto sem serem misturados entre os Officiaes Auxiliares diferentes Officiaes dos Corpos Regulares, determino augmentar o numero de Officiaes para poder ter quem possa mandar para as Fortalezas e quem haja de poder ficar com os Corpos, porque como a maior parte da gente auxiliar, se não houver alguem que os possa conduzir com mais regularidade, tudo será desordem e confusão.

Se El Rei Meu Senhor aprovar esta minha determinação continuarão eles a servir nos postos em que eu os nomear e se ao mesmo Sr. não for do seu Real agrado, finda esta ocasião, tornarão aos postos em que se achavam.

Os Corpos Auxiliares desta Capital, continuam a exercitar-se com toda a força. Agora estão no exercicio de fogo, já tem perdido a maior parte do horror que aquele exercicio lhe causava, vão agora atirar ao alvo e eu espero que as vantagens que se podem tirar de semelhantes Corpos, se hajam de conseguir destes que aqui tenho formado.

Os Officiaes e Officiaes Inferiores dos Corpos regulares que eu aqui tenho, principalmente o de Gregorio de Moraes que se acha todo novo formado por mim, desde o soldado até o ultimo Official, me tem servido de muito para o adiantamento desta Tropa irregular.

Aquele Regimento o divido todo, misturando-o pelos Pelotões e meios Pelotões de cada um dos Terços e os estão ensinando com toda a miudeza e cuidado na minha

presença, conseguindo um progresso que não é crível sem se dar nenhuma só pancada em nenhum dos Auxiliares, porem estes tem alguma desconsolação de se lhe chamarem ainda Terços e não Regimento e de não ter havido alguma demonstração de agradecimento ao menos aqueles que são mais antigos. Sobre este ponto eu já em outro Officio tive a honra de falar a V. Exa.

E o que sobre esta materia se me oferece ter a honra de dizer a V. Exa. — Deus Guarde a V. Exa. — Rio de Janeiro em 31 de Outubro de 1776. — Marquez do Lavradio. Snr. Marquez de Pombal.

DOCUMENTO 45

Illmo. e Exmo. Snr. Depois de ter escripto a V. Exa. no dia 11 do corrente a carta que com esta remeto a V. Exa. em que a V. Exa. participava não me ter chegado até áquele dia nenhuma novidade a respeito das Embarcações que foram entrar no Rio Grande, chega no dia de hoje uma Embarcação daquele porto, dando-me a noticia do successo das mesmas Embarcações, dizendo-me mais o Mestre, que ele e toda sua equipagem presenciaram toda a acção.

Depois de eu receber esta noticia, entrou no mesmo dia de hoje a Fragata Assumpção de que é Comandante D. Francisco Xavier Teles pela qual me dá o Chefe da Esquadra a conta que tenho a honra de remeter a V. Exa. a quem tambem remeto a copia da Carta que o General em Chefe escreveu ao General Antonio Carlos. E parecendo-me justo de ver V. Exa. ser informado de tudo o que até o presente consta e dizem se praticara naquela ocasião, vou continuar a participar a V. Exa. tudo o que tem chegado até agora á minha presença e o modo porque tenho recebido estas noticias as quaes

necessitam de maiores averiguações para se vir no conhecimento da verdade, ou menos verdade delas.

Em primeiro logar remeto a V. Exa. uma carta sem nome que recebeu o Ajudante das Ordens do General Antonio Carlos, a qual este General m'a remeteu. Em segundo logar fiz tirar um depoimento ao Mestre da Embarcação que veio do Rio Grande e a mais algumas pessoas da mesma Embarcação para que a V. Exa. conste por escripto o que elles me repetiram de palavra.

As vozes publicas que já constam por esta terra não são as de maior credito para o Chefe e ainda que isto pode ter nascido da grande prevenção que toda esta Capitania tem contra aquele Official pelo mal que tem tratado a todos, comtudo sempre é digno de maior reparo, que achando-se ele no seu Escaler junto á Fragata Graça Divina quando esta combatia e lhe faltou o seu honrado e valoroso Comandante. participando-se-lhe de cima esta noticia, e que havia falta de gente para continuar o combate, uns feridos, e outros por terem ido para baixo, que o Chefe neste caso não tomasse a resolução de subir, puchando a si o comando, animando as gentes e acabando de ganhar a gloriosa acção, que tinha quasi conseguido o Comandante da Fragata ao instante que lhe tiraram a vida.

As ordens que deu foi: Que cortassem a amarra e que seguissem para dentro.

E tambem de notar: Que a desordem que houve na mesma Fragata, procedeu da falta das ordens que tinha o segundo Official que devia comandar; porque se o Chefe tivesse dado aos segundos Comandantes de cada Embarcação as ordens claras e positivas do que elles deviam fazer no caso de ficarem comandantes, na conformidade que eu lhe ordenei a ele Chefe em carta de 27 de Dezembro do ano passado, de que a V. Exa. remeti copia, não entrariam os tres Officiaes que ficaram no Navio depois da morte do Comandante, no capricho

de qual deles devia descer abaixo a chamar a gente parecendo-lhe, que como estava continuando o fogo do inimigo, e no lugar em que eles estavam se achavam mais expostos, que seria contra a sua honra sair deste para outro mais seguro, ainda no caso tão preciso como aquele de ir chamar a gente para cima.

Egualmente dizem todos os que escrevem esta acção daquele Continente: Que a desordem não teria sido tão grande naquela Fragata, se não se tivesse dado aguardente á guarnição e equipagem, como ordenou o Chefe, e que daqui veio a principal desordem, por terem ficado muito bebados. Conseguimos enfim no meio de tantos desconcertos, que sempre entrassem as Embarcações e segundo as relações, sem mais perda, que a de 18 homens, e como nos achamos já com uma força mais respeitavel naquele Rio, julgo que nos fica em muito maior segurança o nosso Continente. E' certo que se o Chefe tivesse executado a acção como ela estava premeditada, não só ficariam sendo nossas as Embarcações dos Castelhanos, mas a Tropa muito a seu salvo, teria passado a outra parte, porem Deus ainda o não quiz e talvez que reserve esta felicidade para o tempo e outro Vice Rei que tenha mais merecimentos para esta gloria.

Eu dei as ordens todas que pude nesta distancia como a V. Exa. tenho participado. O que se me tem pedido, e o que eu tenho podido achar, seja a força de trabalho ou de dinheiro, tudo tem sido com a maior promptidão.

A minha consciencia nesta parte em nada me acusa: A fortuna e a felicidade ha de ser sempre daquele a quem a providencia a tiver destinado.

Eu fico mandando apromptar tudo o que de novo pede o Chefe nas suas Relações.

Esta Fragata que agora chega, diz o Chefe que para nada presta. Eu logo amanhã determino mandar-lhe fazer os maiores exames. Se admitir concerto se lhe fará

promptamente para continuar o serviço e no caso de estar inteiramente incapaz farei toda a deligencia por ver se acho outra alguma Embarcação que possa suprir a falta dela. Devo dizer a V. Exa.: Que os Castelhanos foram os primeiros que atiraram sobre as nossas Embarcações, segundo me dizem e que depois de atirarem é que o Chefe mandara fazer o sinal de combate.

O Chefe da Esquadra Espanhola, que dizem ser Capitão de Mar e Guerra e Oficial de muito valor, tambem morreu na acção e ao mesmo tempo em que se fizeram as honras funebres a Fridrich Hesselberg principiaram os Castelhanos a faze-las tambem ao seu Comandante.

E' o que sobre esta materia se me oferece de novo dizer a V. Exa. e como expeço esta Embarcação com a maior brevidade e estou certo será este Officio por V. Exa. tambem presente ao Sr. Marquez de Pombal, para evitar mais demora a Embarcação, assim como para não tomar o tempo a Sua Exa. repetindo-lhe o mesmo que será presente por V. Exa. o deixo de fazer agora em carta separada. Deus Guarde a V. Exa. — Rio de Janeiro a 13 de Março de 1776. (a.) Marquez do Lavradio. Sr. Martinho de Melo e Castro.

DOCUMENTO 46

Illmo. e Exmo. Snr. Na madrugada do dia de hontem, entrou no porto desta Capital felizmente a Corveta Nossa Snra. da Boaviagem, tendo escapado de ser registada pelas Embarcações Castelhanas, não as tendo encontrado por fazer diferente derrota das outras que aqui chegaram.

Por ela recebi um officio de V. Exa. datado de 9 de Setembro deste ano que acompanhava a Instrucção que V. Exa. me dirige a respeito da defeza da Ilha de Santa Catarina, uma relação das forças de que se compõe a Esquadra com que os Castelhanos nos pretendem e um papel de noticias particulares sobre diferentes circumstancias desta mesma Esquadra.

Em conformidade da sobredita ordem, immediatamente escrevi ao General de Santa Catarina, nos termos que V. Exa. verá da copia da minha carta. Remeti-lhe uma das Cartas Topograficas das que V. Exa. me mandou e uma copia das instruções para defeza da mesma Ilha.

Ao Chefe da Esquadra Roberto Macdonald que tinha chegado a este porto no dia 17 deste mez comuniquei logo as ordens de V. Exa. Ele me disse ser quasi impossivel o fazer-se serviço util com a pequena Esquadra que temos, porque esta sabe V. Exa. muito bem que se tem diminuido de tres Fragatas que estavam inteiramente incapazes de nenhum serviço de Guerra como são: a *Fragata Assumpção*, a *Fragata do Contracto das Baleas Princeza do Brazil* e a *Fragata N^a. Sr^a. da Gloria*, chamada tambem o Galeão, as quaes estão neste porto; a segunda carregando de azeite e barba para o seu contracto, depois de se lhe ter feito um imenso concerto para poder receber esta carga, e as outras duas estão servindo de fantasmas neste porto até que haja, ou ocasião delas carregarem madeira para o Arsenal de Lisboa ou que El Rei Meu Sr. a respeito delas determine o que lhe parecer mais justo.

A *Fragata N^a. Sra. da Nazaré* está de tal forma aquebrantada e a receou tanto o seu Comandante que me disse se não atrevia a fazer serviço com ela, sem que primeiro se lhe fizesse o grande concerto que necessitava; A isto a mandei a Bahia como já dei conta a V.

Exa. e igualmente a pequena *Fragata Graça Divina* que tambem necessitava de algum concerto.

O Navio Mercante *Principe do Brazil* que tambem serve de *Fragata*, veiu totalmente arruinado das repetidas Guardas Costas que fez nos mares do Sul. Está concertando com toda a fôrça, porem como a ruina foi muita, não pode apromptar-se com a brevidade que se deseja.

A *Nau Ajuda* está ainda em Santa Catarina. Eu a tinha mandado vir para ver se admitia algum concerto. O Chefe me diz que ela não é capaz de cousa nenhuma, e por isso em todo este tempo se não tem servido dela.

O Navio Mercante *N^a. Sra. do Pilar* que tambem serve de *Fragata* é o que tem estado na Colonia para embaraçar os insultos que continuamente costumam praticar as Corsarias Castelhanas, com os moradores daquela Praça, o que se tem evitado muito com a presença daquella pequena *Embarcação*.

Eu vendo-me neste grande aperto pelas poucas forças que tem a *Esquadra* me resolvi a escrever ao General da Bahia, na conformidade que V. Exa. verá da copia da minha carta.

Se eu tivesse neste porto alguns Navios Mercantes que tivessem possibilidade de serem armados em guerra, eu os teria armado sem nenhuma demora, porem como todos os Navios de que agora se servem os Comerciantes, não são que umas más *Corvetas*, é impossivel o eu servir-me delas e por consequencia o é tambem que eu possa aumentar a força da *Esquadra*.

Sem embargo destes embaraços, eu sempre faço sair as tres *Naus* e que vão juntar-se com a outra, a qual determino que emquanto poder faça o serviço que fôr possivel; considerando-a sempre como uma bateria nadante que não sendo exposta a mares mais fortes, sempre por algum tempo poderá ajudar para a defeza.

Vi a carta Topografica que V. Exa. me faz a honra de remeter, a qual examinada pelos que tem conhecimento daquele porto e vendo que hão de ser responsaveis pelas informações menos verdadeiras que me derem assentam não estar ella exacta.

As Fortalezas não estão nas grandes eminencias, que ella mostra. E' verdade que ha aqueles outeiros e rochedos; porem as baterias principaes todas são baixas; é evidente que sendo assim ellas não ficam superiores aos Navios.

Depois disto: Ainda que aquellas Fortalezas estejam em direcção de cruzarem os seus tiros, a distancia em que fica uma das outras, é tal e tão larga a passagem que não só um tiro não cruza com outro, mas os Navios podem passar sem que nenhuma delas lhe possa fazer dano.

Alem disto: A construção das mesmas Fortalezas é tão falta de verdadeiros preceitos, que nenhuma delas poderá fazer uma rigorosa resistencia se fôr atacada. Depois disto: Ellas são tão destacadas da Ilha e com tão difficilissima comunicação para se poderem retirar com brevidade á mesma Ilha, no caso de irem vendo, que não podem sustentar resistencia, que devemos julgar por gente perdida, toda a muita que é precisa para guarnecer aquellos postos.

O Marechal Funck e o Tenente General Bohm a quem eu mandei quando passaram por aquella Ilha, que me dessem o seu parecer a respeito da defeza daquele posto, assentaram que a defeza se devia reduzir ás partes mais proximas da mesma Ilha, e onde as forças estivessem mais juntas para em um posto vantajoso fazerem a sua defeza.

Que se deviam embaraçar todos os meios com que os inimigos tivessem com que se sustentar, ou podessem conduzir as Suas Munições e Artilharia e que deste modo elles seriam obrigados a largar a mesma Ilha, tendo

entretanto perdido nela o seu tempo e arruinado em grande parte a sua Tropa e a sua Esquadra.

Assim me pareceu então sumamente acertado aquelle arbitrio e nessa conformidade instrui ao General e o Governador da mesma Ilha, cuja instrução não terá hoje mais logar que naquella parte em que ella fôr conforme as Instruções que V. Exa. me remete.

Eu não posso segurar os nossos felizes successos, porem o que me parece que posso certamente fazer certo a V. Exa. segundo o conhecimento que tenho, assim dos dois Officiaes, General e o Governador daquella Ilha como dos mais Officiaes que tem a Tropa que a garante e ainda dos mesmos Soldados; que se os Castelhanos ali forem não haverá um só Portuguez que não faça prodigios de valôr. Todos estão com tão boa vontade e tão resolutos a darem a vida pela gloria da Patria, e com tanta inveja dos felizes successos que tiveram os seus Camaradas que a mim me parece que se Deus continuar a abençoar-nos, fazendo cada um da sua parte o que deve, não conseguirão os Castelhanos o que desejam.

Pelo que toca porem á Esquadra, visto a sua pouca força, pareceu-me que o logar mais proprio para esta estar, era a enseada das Garoupas, aonde fica abrigada de todos os ventos, tem excelente fundo; e indo os Castelhanos atacar a Ilha, podemos daquelle logar excellentemente atacál-os pela sua rectaguarda, fazendo-lhe a possivel destruição e ao mesmo passo lhe divertimos a força, com que elles quizerem fazer o seu ataque; e no caso deles nos quererem ali atacar, como o não podem fazer se não oferecendo-nos por cada vez eguaes forças áquellas que nós ali temos, e neste caso temos nós muita vantagem sobre elles, me parece que este é o unico meio de podermos tirar utilidade da nossa Esquadra.

O Chefe concorda comigo: Eu lhe remeti a carta topográfica e as instruções que recebi de V. Exa. e lhe

ordenei: Que por escrito me desse o seu parecer, o qual remeto por copia a V. Exa. que eu assinei.

V. Exa. pode ficar na certeza que tudo quanto V. Exa. me ordena se ha de praticar. Deus permita que tudo seja feito com tanta felicidade, que não haja acção, que não seja a mais gloriosa para a Nação e que com elas se faça immortal o nome de Nosso Augustissimo Soberano e que a posteridade conheça o quanto tambem devemos a V. Exa.

Ao Chefe tenho tratado com os maiores obsequios como se ele fôra o maior dos meus Amigos e não fôra aquele que tanto tem ultrajado a minha Pessoa e o meu logar.

Ele entrou em minha casa com a mesma soberba que sempre: Ele porem que estava receoso do como eu o trataria e que na sua consciencia tinha muitos remorsos a meu respeito se tem visto tão confundido que não pode deixar de declarar-se comigo com umas demonstrações de ternura que não é propria do seu caracter nem da sua Nação.

Eu lhe respondi palavras formaes. *Meu Chefe: V. S^a. é um Estrangeiro e não tem ainda tempo de conhecer a força dos termos da nossa lingua. Eu de cousa nenhuma do passado fiz caso porque estou certo que se V. S^a. soubesse as desacertadas palavras com que fazia os seus discursos, V. S^a. se não serviria nunca delas, assim pelo respeito que deve ao meu logar, como porque certamente ha de conhecer que eu como quem sou, não era capaz de sofrel-o.*

Eu me lembro do valôr e acerto com que V. S^a. se conduziu no dia 19 de Fevereiro, do zelo que lhe deve o Real Serviço, que tudo me esperanceia do acerto com que V. S^a. em toda a ocasião, fará os maiores esforços para conseguir para o Rei e para o Estado a maior gloria. Suponha V. S^a. que tudo o passado foi um sonho e

que em mim tem V. S^a. um verdadeiro Amigo para o estimar.

Ele me representou que durante a sua Comissão, como tinha a Patente de Coronel, aos quaes El Rei Meu Sr. tem conferido as graduações de Brigadeiro, se lhe deviam fazer as distincções de mais um posto: Que esperava que eu lhe houvesse de deferir.

Eu vi que assim as ordenanças de Espanha, como as de França em ambas se manda praticar, o que o Chefe me requereu. E lembrado que no Exercito o Marechal General *Conde de la Lippe* ordenou: Que todos os Officiaes que se achassem comandando Praças ou Provincias, durante os seus Empregos, se lhe fizessem as honras de um posto mais do da sua graduação: E vendo por outra parte, que o Chefe com isto se lisongeava muito, ordenei que assim se lhe fizesse; que arvorasse a sua bandeira e que todos os Navios a reconhecessem e nas guardas e Tropas de Terra, lhe mandei fazer as mesmas distincções.

Desejarei com todos estes procedimentos continuar a mostrar a El Rei Meu Senhor e a V. Exa. que ainda os maiores sacrificios para mim serão sempre os mais gostosos, sempre que eu entender que com eles se satisfaz mais o mesmo Senhor e se dá por melhor servido.

E' o que se me oferece ter a honra de dizer a V. Exa. nesta ocasião. Deus Guarde a V. Exa. Rio de Janeiro, em 20 de Novembro de 1776. Snr. Marquez de Pombal — (a.) Marquez do Lavradio.

Illmo. e Exmo. Snr. Na madrugada de hoje que se contam 19, entrou uma corveta do porto de Lisboa com officios para mim da nossa Côrte datados de 9 e 11 de Setembro deste ano, ha tempo de me achar em bastante cuidado por terem já chegado duas Embarcações do mesmo porto, que tinham saído dias antes, que sendo registadas por uma Esquadra Castelhana que se acha nes-

ta deligencia na altura das Canarias, se viram precisados os Mestres a deitarem as Vias que vinham para mim, ao Mar, para deste modo evitar que passassem ás Mãos dos Castelhanos, os exames que faziam eram a respeito de petrechos de Guerra, como os não achar deram permissão que continuassem a sua Viagem.

Esta novidade me tinha naquele justo cuidado que V. Exa. pode supôr, do qual me livreí pela Embarcação que hoje chegou, em que recebo as novas e positivas ordens, que vou participar a V. Exa.

Julga-se por sem duvida que a grande expedição que está a partir de Cadiz, é todo o seu destino para a Ilha de Santa Catarina e o Rio Grande de S. Pedro; isto é que as Embarcações de Guerra se irão fazer senhores daquela Ilha e que depois nas Embarcações de transporte, farão passar para Montevideu toda a Tropa que trazem.

Nesta inteligencia ordena El Rei Meu Senhor que eu ponha todos os maiores esforços na defeza da mesma Ilha, consistindo estes presentemente: Primeiro em mandar passar para ella ao Brigadeiro José Custodio de Sá e Faria para ajudar ao Marechal de Campo Antonio Carlos Furtado de Mendonça nos diferentes serviços que são precisos para a defeza da mesma Ilha. Ordenando-me que o mande sem perda de tempo transportar para a dita Ilha em uma Embarcação segura e que o conduza com brevidade.

Em segundo lugar: Que mande defender a entrada do porto da mesma Ilha pela Esquadra de que é chefe o Coronel do Mar Roberto Macdonald fazendo partir logo as Naus e Fragatas, Santo Antonio, Ajuda, Prazeres, Belem, Nazaré e as mais que poder formar.

Em consequencia das sobreditas ordens, devo rogar instantemente a V. Exa. que por serviço d'El Rei Meu Senhor haja de fazer partir logo ao sobredito Brigadeiro, na forma que eu repito a V. Exa. me é ordenado.

Que se a Fragata Nossa Senhora da Nazaré estiver capaz de sair, V. Exa. a faça igualmente partir a ajuntar-se naquella Ilha com a Esquadra.

Que se as duas Fragatas S. João Batista e Graça Divina estiverem capazes de sair V. Exa. as aprompte e as mande incorporar á mesma Esquadra. E como pode ficar nesse porto o Capitão de Mar e Guerra João Nicolau Schemerkell para os diferentes serviços que V. Exa. julgar preciso ele com o seu grande prestimo e actividade pode montar Artilharia sobre algum Navio Mercante que haja dentro desse porto fazer o mesmo serviço que faria a Fragata S. João Batista a qual unida á Esquadra pode ser mais util que nenhuma Mercante.

Se porem V. Exa. vir que a Fragata Nazaré não está capaz de navegar tão cedo e que algum outro Navio Mercante é mais capaz sendo armado em Guerra de fazer serviço na Esquadra, V. Exa. o mandará armar com o que pertence áquella Fragata podendo ela entretanto ficar servindo no porto. Em uma palavra meu Exmo. o que El Rei Meu Senhor quer e ordena é que se augmentem as forças da Esquadra quanto couber no possível.

Eu daqui faço sair tudo quanto tenho e julgo que V. Exa. desse porto deve fazer o mesmo. Isto que repito a V. Exa. é o mesmo que ponho na Real Presença d'El Rei Meu Senhor a quem V. Exa. fará o mais distincto serviço em todo o maior reforço com que poder socorrer aquella Esquadra.

E' o que nesta ocasião se me oferece dizer a V. Exa. — Deus Guarde a V. Exa. — Rio de Janeiro a 19 de Novembro de 1776. Senhor Manoel da Cunha (a) Marquez do Lavradio.

Illmo. e Exmo. Snr. Na madrugada do dia de hoje entrou no porto desta Capital uma Embarcação vinda

do de Lisboa com officios da nossa Côrte para mim, em que El Rei Meu Senhor é servido dar-me as suas ultimas ordens pelo que diz respeito á defeza dessa Ilha aonde o mesmo Snr. julga será dirigida a Expedição que os Castelhanos tem preparado para o Brazil, de que é Comandante D. Pedro de Cevalhos.

Consta a sobredita Expedição, do que V. Exa. verá pela Relação que remeto: consta que uma grande parte dos soldados e Marinheiros é de gente bisonhos tirados do Campo sem nenhuma disciplina; consta mais que todos vem cheios de susto, lembrando-se ainda do infeliz successo que tiveram em Argel do que tiveram no Rio Grande e receando a ardencia do Paiz para onde são conduzidos, fazendo-se por todos estes motivos aquelas gentes menos para reçar, porque a experiencia tem mostrado, que não é a multidão de gentes com que se ganham as acções gloriosas, mas sim a bôa Tropa e bem disciplinados, e com bons Chefes cheios de sciencia e actividade que as comandam, e por outra parte tambem é de crer que suposta a soberba daqueles Generaes, se nós lhe rebatermos os seus primeiros esforços, em que vejam não é tão facil a conquista como eles imaginaram, que eles esmoreceram não menos, do que já vem esmorecidas as Tropas que eles comandam.

Remete-me o Snr. Marquez de Pombal uma carta topográfica dessa Ilha e uma instrução feita á vista da mesma carta, do que se deve praticar na defeza da mesma Ilha, as quaes remeto a V. Exa. repetindo-me que El Rei Meu Senhor ordena, que em tudo e por tudo se haja de executar nessa Ilha como determina a mesma instrucção a vista do que a mim me não resta nada a acrescentar, nem a diminuir e só lembro a V. Exa. que a alteração deste plano, o unico logar que poderá ter, e o em que poderá ser desculpavel, é quando V. Exa. veja segundo algumas circumstancias, que tenham ou hajam de ocorrer de novo, que a alteração que fizer é

absolutamente necessaria para salvar a Ilha e ficarem gloriosas as nossas Armas. Determinam as mesmas instruções que a nossa Esquadra haja de vir defender a entrada do porto; nisto tem grandissima duvida o Chefe pelas poucas forças que tem a nossa Esquadra. Eu faço sair sem embargo disso com tres Naus que aqui se acham e ainda que eu mandei ordem para que viesse concertar a Nau Ajuda, V. Exa. dirá da minha parte que suspenda até nova ordem. Alem destas Embarcações, mandei pedir ao Snr. Manuel da Cunha que quizesse fazer sair, assim as que mandei concertar á Bahia como a em que veiu o Capitão de Mar e Guerra João Nicolau Schamekell, aquelas que com mais brevidade podesse apromptar, e no caso de haverem algumas Embarcações Mercantes, que podessem servir a Esquadra armadas em guerra, ele fazia um grandissimo serviço apromptando todas aquelas que lhe fossem possiveis. Ao mesmo Snr. General da Bahia ordenei que fizesse logo partir para essa Ilha ao Brigadeiro José Custodio de Sá e Faria que S. Magestade me ordena o mande para a mesma Ilha, para ajudar a V. Exa. aos diferentes serviços, que ahi se fizerem precisos para a defeza dela, esperando El Rei Meu Senhor que V. Exa. o Governador dessa Ilha e o sobredito Brigadeiro, não só entre si conservem a mais constante união, mas que todos a tenham com o Chefe da Esquadra, sem que a V. Exa. e aos mais Officiais lhe sirva de embaraço algum modo mais grosseiro de que elle se sirva, devendo-se refletir, que o caracter na Nação Ingleza não é o mais do Sul, e que a creação dos que sempre serviram naquela Marinha, não é a mais escrupulosa em obsequios e cumprimentos; e como aquele Official nos é presentemente muito necessario e S. Magestade julga que ele poderá com a sua Esquadra fazer ao Estado distintos serviços; nestas circunstancias tudo se deve tolerar e reputar algum transporte seu, como cousa de nenhuma contemplação: El Rei Meu Senhor assim

o ordena, na mesma forma o devemos nós á risca executar e eu não só espero que V. Exa. e todos os Officiaes comandantes assim o executem, mas se houver alguma pessoa na Esquadra, que conste a V. Exa. que arma alguma cabala, ou partido de discordia contra o mesmo Chefe, V. Exa. logo me avise para eu o mandar buscar, e ser castigado exemplarissimamente.

Voltando de novo a falar a V. Exa. a respeito das providencias para a melhor defeza dessa Ilha, e para que os Castelhanos nela não possam subsistir, devo lembrar a V. Exa. que todas as pequenas Embarcações da armação das Baleas, e as dos mais portos visinhos deve V. Exa. tel-as em parte onde se possa servir delas para inquietar de noite a Esquadra Castelhana, enchendo algumas Embarcações de mistos combustiveis, e ainda cheias de mato que se possam incendiar, e ser lançadas entre a Esquadra, ao que se atreverão talvez alguns escravos prometendo-lhe V. Exa. não só a sua liberdade, mas ainda outra maior recompensa, aquella que V. Exa. julgar os animará mais a eles se atreverem áquella acção.

Não consentirá V. Exa. que assim na Armação das Baleas, como em qualquer outra parte, em que possam desembarcar estes infectos hospedes, se conservem nenhum mantimento, gados, nem nenhuns outros animaes de que se possam sustentar, ou servir para conduzirem a sua Artilharia e munições, de forma que resolvendo-se eles a fazerem algum desembarque se achem em um Deserto, que pareça não ter sido nunca habitado.

Ainda que tenho provido a V. Exa. das munições que me tem requerido, de novo remeto mais a V. Exa. mil armas, a bala competente para tres cartuchames e mais tresentos barris de polvora e devo continuar a dizer a V. Exa. que se V. Exa. lembrar pode aqui haver mais alguma cousa que seja precisa, que com o primeiro aviso de V. Exa. tudo irá sem a mais pequena demora. V. Exa. participará estas noticias da minha parte immediata-

mente ao Tenente General João Henrique de Bohm, assim que ele se haja de adeantar aproveitando-se do tempo e das vantagens que tem, fazendo-se senhor dos postos mais importantes, que podem fazer a segurança do Continente. Nestes pontos lhe tocará V. Exa. com aquele melindre, que pede a delicadeza do genio daquele General, de sorte que ele não haja de desconfiar, isto é no caso de eu lhe não poder escrever, porque se eu ainda poder nesta ocasião remeter a V. Exa. carta para ele bastará que V. Exa. só lhe participe, o que V. Exa. entender a respeito dessa Ilha. O que a V. Exa. participo nesta carta deve tambem servir de instrucção ao Governador dessa Ilha, a quem não escrevo em carta separada por querer que ele por V. Exa. saiba tudo, afim de que continue a ser inseparavel de V. Exa.

Nesta ocasião é o que se me oferece ter a honra de participar a V. Exa. — Deus Guarde a V. Exa. — Rio de Janeiro a 19 de Novembro de 1776 — Snr. Antonio Carlos Furtado de Mendonça. (a) Marquez do Lavradio.

Illmo. e Exmo. Snr. — Em resposta das ultimas instrucções sobre a Ilha de Santa Catarina de 9 de Setembro:

1 — A Enseada que separa a Ilha de Santa Catarina da terra firme, começa na Ilha do Arvoredo e continua até á Ilha dos Ratonos Navegavel para as Naus de linha, e em parte nenhuma tem menos de 4 braças de agua, com fundo limpo e em parte nenhuma tem menos largura do que 4 milhas, das Ilhas Ratonos até á Vila, só podem navegar Embarcações de 14 palmos.

2 — Se ambas as Barras do Norte e Sul fossem inteiramente fechadas, a Costa tem portos e Bahias bastantes para desembarques.

3 — A pequena Fortaleza da Ponta Grossa não pode resistir á Nau de 50 Peças, meia hora, nem a For-

taleza de Anhatomirim pode resistir a uma Nau de 60 Peças por mais tempo, e á inconsideravel força da Ilha de Ratonos Grande não pode resistir a uma Fragata e á Ilha de Ratonos Pequena não tem, nem nunca teve Fortaleza.

4 — Na banda da Ilha ha uma Fortaleza que defende o Estreito ao pé da Vila, nem pode passar o dito Estreito nenhuma Embarcação, sómente com vento feito ou com remos, nem tem algum inimigo percisão nenhuma de separar as suas forças pelo comprimento da Ilha de Santa Catarina, quando pode desembarcar todo junto, em qualquer Bahia, em toda a Costa de Mar, sem dificuldade.

5 — Do Arvoredo até perto da Ilha de Ratonos, não ha embarço nenhum para qualquer Armada que na Europa se possa armar.

6 — Não ha corrente nenhuma nem maré que embarce qualquer Nau, as Embarcações para bordejar dentro ou fora a sua vontade, como tem sempre praticado toda a Esquadra debaixo do meu Comando. E' notório que não ha um baixo nem banco de areia em parte nenhuma, para embarçar a passagem de qualquer Nau das maiores e como as Fortalezas da Ponta Grossa e Anhatomirim não cruzam as balas, nenhuma precisão tem as Naus para se chegarem a meio tiro de peça, quando podem passar do alcance delas.

7 — E' notorio e conhecido que da Ponta das Canaveiras até á Fortaleza da Ponta Grossa que são mais de duas leguas, que toda aquela parte da Ilha de Santa Catarina é terra baixa e bancos de areia (excepto um quarto de milha defronte da Ilha dos Franceses, que tem pedras que não embarçam qualquer desembarque) é uma continuada praia mais plana, que a Praia de Coina, em que os habitantes portam em canôas todas as horas, a sua vontade e da Ponta Grossa, até á Vila, se

passa sem embaraço com cavalos, carros e a pé. Suposto que o Capitão de Mar e Guerra Guilherme Roberto quer dizer Espingarda sem fechos, porque ainda que tem aumentado muito as pessoas depois daquele tempo, não se acha metade daquele numero entre pequenas e grandes, e muitas das que ha não são capazes de fazer um tiro.

8 — A Ilha de Ratonos Grande tem desoito peças de artilharia, a maior parte de calibre 3 e 4 e é bem 5 milhas distante da Ilha de Anhatomirim e mais distante da Ponta Grossa.

9 — As Ilhas de Ratonos demoram ao Sul de Anhatomirim e é enseada a mais bela, até a praia da Igreja de S. Miguel, diminuindo a agua até a dita praia, sem embaraço algum, com fundo todo de lodo, que não faz mal a qualquer Embarcação encalhada nele.

10 — E' impraticavel o fazer-se cadeia de Embarcações para fechar o canal de mais de uma legua, e ainda que se fizesse pouco importa cadeia de Embarcações pequenas aonde podem chegar Naus, nem Baterias fluctuantes aonde as Naus podem chegar ao pé delas nem pode a gente ficar no seu posto na Bateria fluctuante, porque as Armas miudas de uma Nau logo a ha de destruir e nada vale uma Esquadra recolhida detraz de semelhantes Embarcações. As Naus de Guerra devem proteger as Embarcações e não as Embarcações, as Naus, sendo certo que é impraticável Embarcações pequenas, o suportarem Artilharia grossa.

11 — Como as respostas dos artigos acima mostram que a nossa Côrte está enganada, em consequencia nenhuma das propostas são praticaveis. Eu acho a maior imprudencia o pôr a nossa inconsideravel pequena Esquadra no sacco de uma Bahia para ficar até o Inimigo entrar á sua vontade, com superior força que infalivelmente ha de destruir tudo, nem posso eu responder por

semelhantes medidas e como eu também conheço que não ha outra defeza para a Ilha de Santa Catarina, só a Esquadra que a pode defender; a nossa pequena Esquadra deve ficar solta de toda a sorte, para aproveitar qualquer vantagem que o vento ou manobra pode lhe dar para embarçar o formidavel inimigo, ou para se retirar em caso que não achem semelhante ocasião e não perdermos estas que temos, quando não podemos recrutar com mais ou aproveitar a ocasião de atacar a alguma parte do Rio da Prata, enquanto elas estiverem em Santa Catarina. Mas ainda que fosse praticavel a cadeia de Embarcações e Naus seguras atraz delas, nenhuma precisão tem o Inimigo de atacar em tal logar, quando eles tem toda a Ilha á roda para escolherem sem embaraço, para fazer desembarque á sua vontade, e marcharem direito á Vila.

Eu torno a repetir que as Fortalezas não valem nada enquanto não houver Tropa em terra para defenderem o desembarque, o que é impossivel, porque tanto da Ilha como da terra firme, não ha meia legua sem boas praias para desembarque, e caminho para marcarem detraz das Fortalezas, a sua vontade para a Vila que tem bem pouca defeza.

Os exemplos dos Almirantes Inglezes, defronte de Brest e Talaon, e de Cadiz e Ferrol, Capitaes portos das 2 poderosas Nações de França e Espanha, com Esquadras dentro deles é quasi igual aos Inglezes que bloquearam os portos e que não levavam Tropas de transporte para desembarcar, é bem diferente da pobre Ilha de Sta. Catarina, mas com as vantagens que temos tido no Rio Grande faremos deligencia para as repetir contra toda a dificuldade enquanto podermos, e as mais ocasiões que podermos achar para provarmos a falta de disciplina deles, melhor é e debaixo da providencia do Onipotente Deus aproveitaremos. E' longe de toda a compreensão

que motivo tem esta informação que a Ilha de Santa Catarina não tem agua para beber, quando o proprio nome da Ilha deve ser de mil fontes, nem se podem passar 100 braças sem um rio, ou fonte corrente de agua cristalina, o que basta para mostrar o pouco bôa informação que tem a nossa Côrte da situação da Ilha, Porto e Continente da Capitania de Sta. Catarina. O Monarca que tiver maior força pelo Mar, sempre pode ser Senhor da Ilha de Santa Catarina. Bordo da Nau de Sua Magestade, Santo Antonio 21 de Novembro de 1776 - Roberto Mak Donall - Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO 47

Illmo. e Exmo. Snr. Devo pôr na presença de V. Exa. que eu me acho em o maior embaraço pela grandissima falta que ha de dinheiro nos Cofres da Tesouraria Geral; as despesas tem crescido infinitamente e as consignações tem-se diminuido. Os Marinheiros todos da Esquadra andam na maior desconsolação pela grande falta que tem tido de pagamento, isto os faz tambem desertar, e os que são obrigados a ficar, servem de muito má vontade. Eu fico fazendo toda a deligencia, por ver se posso achar até duzentos mil cruzados, para conservar quatro mezes de soldos ás Tropas que estão nas Fronteiras e dar a gente da Marinha a conta do que tem vencido, outros quatro mezes, porque este será o unico modo de os poder conter na deserção, e de que sirvam com menos violencia.

No caso de eu não achar este dinheiro na Praça, por empréstimo debaixo do mesmo empréstimo será preciso que eu me sirva dos quintos, indo restituindo aquele Cofre, o que lho tirar, de forma que quando fôr a remessa para a Côrte, possa ir inteirada a sua verdadeira importância.

Se os quintos de um ano ficassem nesta Capital, poderia ser que se satisfizesse a maior parte da dívida que se tem contraído nesta ocasião.

V. Exa. que tudo providencia com o mais exemplar acerto, espero que nesta materia me queira resolver como precisa a minha justa necessidade.

E' o que sobre este particular se me oferece ter a honra de participar a V. Exa. — Deus Guarde a V. Exa. — Rio de Janeiro a 19 de Novembro de 1776. Snr. Marquez de Pombal (a) Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO 48

Illmo. e Exmo. Snr. Hontem no fim do dia entrou no porto desta Capital uma sumaca vinda da Bahia pela qual recebi da nossa Côrte muitos e diferentes Officios a respeito dos sucessos do Sul, e do que naquele Continente praticaram as nossas Tropas de ordem minha.

Estas noticias chegaram a Espanha com muita antecipação das que eu mandei á nossa Corte, sem embargo de eu não ter aqui demorado; porem os Castelhanos, logo que aconteceu aquele successo, sem perda de tempo, expediram o seu aviso de Buenos Aires, que não gastou a Cadiz mais de 60 dias, e o nosso foi expedido 20 dias depois do successo e gastou 83 dias até o porto de Lisboa.

As noticias digo, do dia primeiro e segundo de Abril inflamaram e irritaram tanto os Castelhanos, quanto foram estimaveis para a nossa Corte.

Merecendo eu da Real Grandeza d'El Rei Meu Sr. não só o aprovar tudo o que eu tinha determinado, mas remunerar com a sua costumada grandeza e generosidade, aos Officiaes que mais se distinguiram nas acções daqueles dias: Como foi ao Brigadeiro José Raimundo, conferindo-lhe Sua Magestade a Patente de Marechal de Campo. Ao Coronel Sebastião Xavier da Veiga, conferindo-lhe a Patente de Brigadeiro, aos dois Sargentos Mores, Manuel Soares Coimbra e José Manuel Carneiro, conferindo-lhes as Patentes de Tenentes Coroneis, e ao Sargento Maior de Cavalaria de Tropa Ligeira Rafael Pinto Bandeira, conferindo-lhe a Patente de Coronel de Cavalaria e Comandante de uma Legião que El Rei Meu Senhor manda formar naquele Continente, dando-lhe mais o habito da Ordem de Cristo, e duzentos Mil reis de tença, sem exemplo, pela valorosa e extraordinaria expugnação que fez do Castelo de Santa Tecla, aonde se tinham feito forte os Castelhanos.

Alem disto me ordena o mesmo Snr., que eu determine ao General do Exercito, que ele na frente daquelas Tropas agradeça em nome do mesmo Snr. a todos os Officiaes e mais Tropas, não só a bôa vontade e fidelidade com que tem a honra de o servir, mas igualmente o muito que se distinguiram naquelas acções. E isto mesmo o torna Sua Magestade a recomendar em um Officio que se lhe dirige de agradecimento.

Os Castelhanos porem levados da sua Colera e soberba tem disposto uma grande Expedição com que venham buscar a sua revanja.

Consiste esta em oito mil homens de Tropas de que é General D. Pedro de Cevalhos, a quem S. Mag. deu a Patente de Capitão General dos seus Exercitos e fez Vice Rei de Buenos Aires; para o que desanexou, do Vice Reinado Lima algumas Provincias que devem ficar pertencendo áquele novo Governo.

Tem a nossa Côrte todos os fundamentos para supôr que o primeiro ataque dos Castelhanos, será dirigido ao porto da Bahia de todos os Santos pela certa noticia que os mesmos Castelhanos tem de que aquella Cidade se acha sem tropas algumas. Ordenando-me por este motivo que eu faça expedir para aquelle porto os dois Regimentos que aqui se acham daquela Capitania, e que não me deve pôr em cuidado o enfraquecida que fica esta Capital porque certamente os Castelhanos não virão a ela pela grande bulha que lhe tem feito as muitas forças que aqui se acham; com tudo porem que eu devo requerer a V. Exa. faça marchar logo para esta Capital o excelente e bom Regimento de Cavalaria que V. Exa. ahi tem creado (*São palavras expressas do Officio da Côrte*) e que igualmente requererei a V. Exa. os mais socorros que me poderem vir dessa Capitania.

Nesta conformidade sou a pedir a V. Exa. em primeiro lugar o sobredito Regimento com a brevidade possível; em segundo lugar seriam muito convenientes todas aquellas reclutas que V. Exa. me podesse mandar, sem bulha nem detrimento maior dessa Capitania, e em terceiro lugar que alguns Corpos Auxiliares se achassem promptos em paragens competentes, a poderem acudir sem demora se eu o necessitar, isto porem deve ser conduzido com tal prudencia que se não ponha essa Capitania em consternação.

A prudencia de V. Exa. e sua eficacia, e a humanidade com que procurará alcançar este beneficio para esses povos fará que tudo se consiga e que eles com a bôa vontade com que prestarem consigam ter grande parte na gloriosa defeza desta Capital, e por consequencia de todo este Estado, que eu espero conseguir da infinita Misericordia do Altissimo que sempre protege e ampara, as causas justas, e os inocentes.

Devo acrescentar mais para a noticia de V. Exa. que os Castelhanos nas nossas Fronteiras da Europa,

ainda que nos não tem declarado a guerra, para todas elas tem puchado infinitas Tropas, muitas munições e toda a qualidade de Petrechos de Guerra. Que nas Praças Fronteiras estão fazendo um serviço tão vivo, como se a guerra se achasse já declarada.

Tambem devo comunicar a V. Exa. que os dois Embaixadores de França e Inglaterra em nome dos seus Augustos Soberanos, se acham trabalhando com toda a força no acomodamento desta discordia, porem como se não sabe em que virá a parar a conclusão daquela Negociação, pede a prudencia que nos não fiemos de cousa alguma que nos acautelemos como se nós não tivessesemos esperança de nenhuma acomodação.

E' o que sobre esta materia se me oferece ter a honra de participar a V. Exa. Deus Guarde a V. Exa. — Rio de Janeiro a 19 de Outubro de 1776. Marquez do Lavradio. — Snr. D. Antonio de Noronha.

P. S. — V. Exa. guardará a respeito destas noticias aquele segredo que lhe parecer competente, ainda que eu julgo que todas elas, bem depressa se divulgarão pelas cartas que forem desta Capital em consequencia das que os particulares tem tido da Bahia.

DOCUMENTO 49

1 — No dia de hoje que se contam 11 do corrente, permitindo o tempo se fará V. S. á vela, e o mesmo praticarão os Comandantes das duas Naus N. Sra. dos Prazeres e N. Sra. de Belem, levando-as V. S. na sua conserva, irá demandar o Porto de Santa Catarina, aonde se acha a Nau N. Senhora da Ajuda, a qual fará V. S. fazer com a maior brevidade que couber no possivel, o preciso concerto, afim que ela possa pôr-se em estado

de que unindo-se com a Esquadra de que V. S. é Chefe, possa estar capaz de fazer algum util serviço.

2 — A estas Naus se unirão as Fragatas Princesa do Brasil, Graça Divina, N. Sra. da Nazaré e N. Sra. do Pilar e as duas pequenas Embarcações armadas em Guerra, denominadas, uma o Invencível e a segunda N. Sra. da Conceição. A todas elas tenho expedido ordens dirigidas aos diferentes postos em que elas se acham, para que sem perda de tempo se hajam de incorporar com a Esquadra, buscando para isso o porto de Santa Catarina, e no caso de não achar a V. S. já naquele porto, hajam de seguir as ordens que V. S. ali tiver deixado.

3 — E' o destino desta Esquadra que V. S. comanda, o de rebater as forças Navaes com que os Castelhanos procuram atacar os Dominios d'El Rei Meu Senhor Fidelissimo nestas partes do Brazil que a grandeza do mesmo Snr. tem confiado de mim, com o Emprego de Vice Rei do Estado. E igualmente ir socorrer os Portos que possam ser atacados pela mesma Esquadra, embarçando-se por todo o modo que fôr possível, o estrago que aquella Esquadra pretende fazer em qualquer parte dos Reaes Dominios de El Rei Meu Senhor.

4 — As forças com que se diz virem os Castelhanos atacar-nos, são muito maiores que aquelas com que nós presentemente nos achamos, porem a autoridade de V. S. prestimo, honra e valor, de todos que teem a honra de servir nesta Esquadra, o exemplar espirito de uma Nação que sempre com a inveja de muitas outras, se tem em todas as ocasiões distinguido, faz esperar que as distintas qualidades desta Esquadra, supra muito ao maior numero de Embarcações que trazem os Castelhanos.

5 — O conceito que me deve o merecimento de V. S. a incontestancia de qual será o primeiro lugar atacado, de como virá a Esquadra formada, se em uma ou

mais divisões, embarçam quem possa determinar a V. S., a paragem certa aonde deve ter a Esquadra do seu Comando: se deve esperar pelos inimigos no Porto de Santa Catarina; se os deve ir atacar ainda na viagem, ou se finalmente não fazendo caso do ataque, que se já tiverem principiado os inimigos neste ou naquele Porto, se devem estes ir ser atacados em outra parte em que tenham menos forças e que para nós nos sejam mais vantajosos e em que eles venham experimentar maior ruina, do que sejam as utilidades que tirarem do ataque que houverem feito. Comtudo porem: sempre repetirei a V. S. as minhas lembranças a este respeito, das quaes V. S. se servirá quando lhe pareça que de alguma delas se pode conseguir os gloriosos fins que todos devemos desejar para o Estado.

Não servindo nunca para embarçarem a V. S. em todas aquellas acções que V. S. tiver assentado serem as mais proprias para o ganho e felicidade da acção, pois como V. S. fica sendo responsavel de todas elas, deve V. S. obrar em todo o desafogo, como o seu espirito e conhecimentos mostrarem ser mais acertado.

6 — Lembra-me que no Porto de Santa Catarina, ainda no logar em que a nossa Esquadra tem ali estado, não estão as nossas Embarcações demasiadamente seguras e por outra parte, como estamos tão descobertos, virão logo os Castelhanos no conhecimento da inferioridade das nossas forças.

7 — Lembra-me que o Porto de Garoupas não só é porto mais abrigado, mas como fica mais retirado, pode estar mais comodamente a nossa Esquadra e não será tão depressa vista. E alem disto, daquele porto poderemos vil-os atacar na sua Rectaguarda, ou atacar-lhe alguns Navios que venham mais ronceiros; ou sairmos a ataca-los no Rio da Prata, conforme as circunstancias nos mostrarem ser mais vantajoso.

8 — Lembra-me que os Castelhanos suposta a grande distancia desta viagem, é verosimil, que entre aquella Esquadra hajam muitos Navios ronceiros, e que isto os obrigue a marchar em diferentes Divisões.

9 — Lembra-me digo: que succedendo isto assim nós teriamos grandissima vantagem em os atacar divididos sobre a viagem, não só porque desta forma dividindo as suas forças os Castelhanos poderá ficar compondo-se cada divisão de um numero mais competente a poderem ir sendo atacados separadamente pela nossa Esquadra; mas porque é de esperar que em uma viagem de tão longo curso, eles não venham em costado competente para poderem receber um semelhante encontro: E este inesperado successo em uma Nação que não é das mais acauteladas, poderá causar-lhe tal desordem que immediatamente se decida a Gloria pela nossa parte.

10 — Lembra-me que poderá ser conveniente o atacarmos pelo Rio da Prata, antes que lá lhe cheguem as maiores forças; porem como este ataque não poderá ter todo o seu bom efeito, sem que entre nestas mesmas idéias o General do Exercito do Sul, quando parece justo esta lembrança, deve primeiro concertar-se este Plano com aquelle General afim que nem de uma nem de outra parte possa faltar nada do que se tiver ajustado.

11 — Este ataque se entende depois de ter vindo a Esquadra ainda que antes dela parar ao Rio da Prata: E o ajuste com o General do Sul deve ser antecipadamente feito, para se praticar a acção quando fôr tempo competente e se tiverem já declarado mais abertamente contra nós os Castelhanos.

12 — Qualquer destes dois ultimos ataques eu o preferiria sempre ao de atacarmos a Esquadra com toda a sua força, sendo as nossas tão diminutas, porque ao Porto que formos socorrer, pouco ou nenhum beneficio lhe podemos fazer e quasi que parece infalivel a des-

truição da nossa Esquadra e destruída esta, não temos por ora meios com que resarcir aquella importante perda.

13 — Se porem a nossa Esquadra com a maior vigilancia e ardor emquanto a Esquadra Castelhana se entretem com a Ilha de Santa Catarina, ou com a entrada do Porto da Bahia ou do Rio de Janeiro; passar ao Rio da Prata a atacar Monte Videu e os mais Portos que tem naquelo Rio, os Castelhanos fazendo-se a estes pela parte de terra ao mesmo tempo o mais vigoroso ataque, assim o General do nosso Exercito do Sul, como ainda o Governador da Colonia, saindo daquela Praça com toda a gente que poder, poderemos entretanto tomar aos Castelhanos o unico Porto aonde eles se podem ir reparar dos estragos que receberem em Santa Catarina e ainda daqueles que tiverem tido na viagem.

14 — Espero supôr vista a situação da Ilha de Santa Catarina e as irregularidades e debeis Fortificações que ella tem para a sua defeza que não possa deixar de ceder a maior força dos Castelhanos, sempre depois de uma larga e complementar resistencia.

15 — Quero supôr que os Castelhanos tomem a Ilha, é bem certo que o General e o Governador daquelle Departamento a não cederão sem terem buscado primeiro na Terra firma d'um posto vantajoso, aonde possa sustentar-se com mais segurança do que tinham na Ilha. E é tambem certo que não deixarão na Ilha cousa nenhuma que possa ser capaz dos Castelhanos se aproveitarem para suprirem a sua necessidade, ou se repararem dos estragos que tiverem recebido.

16 — Nestas circumstancias de que ficará servindo aquelle Porto e aquella Ilha na ocasião presente aos Castelhanos?

E' sem duvida que não lhe podendo ella servir de coisa alguma elles a desampararão e irão buscar socorro aos seus portos do Rio da Prata. Se estes se acharem tomados, tendo já a nossa Esquadra depois de feita aquella

acção, saído para fóra do Rio, é sem duvida que não tendo os Castelhanos outros socorros, mais que os que trazem, tendo mais resistência e embaraços do que supunham tendo gasto mais tempo do que imaginavam, que eles se verão reduzidos a extrema necessidade, e que será infalivel a sua destruição, assim como o alcançarmos sobre eles a maior gloria, porem se este Plano não fôr bem combinado; se V. S^a. o General do Sul e o Governador da Colonia não obrarem de comum acordo ao mesmo tempo com a maior vivacidade, não só não conseguiremos as felicidades que eu suponho quasi certas, se praticar debaixo dos mais sinceros sentimentos, mas pelo contrario virá a ser a nossa total ruina.

17 — Lembra-me finalmente que para a Esquadra não ser surpreendida e poder com segurança fazer todas as suas disposições que deve sempre trazer cruzando duas Embarcações da mesma Esquadra, as mais veleiras, para com antecipação poder ser informada de toda a novidade; já seja pelas noticias que lhe derem as Embarcações que encontrarem Portuguezas, ou por elas terem descoberto algumas das mesmas Embarcações dos Castelhanos.

18 — A estas lembranças poderia juntar mais alguma se eu não fizera tanto conceito do grande prestimo e merecimento de V. E^a. de quem confio haja de ter sempre as mais proprias e acertadas, para conseguir para El Rei Meu Snr. e todo este Estado, as maiores felicidades. Deus Guarde a V. S^a. Rio de Janeiro, em 11 de Dezembro de 1776. Snr. Roberto M. Donall. Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO 50

De Mac-Donall para o Vice-Rei

24 Dezembro 1776. E como eu não acho estas quatro naus em modo nenhum seguras neste sacco, estou resolvido a sair com o primeiro vento para a enseada das Garoupas aonde hei de vigiar com toda a vigilancia para aproveitar o que puder fazer em caso que venha alguma esquadra contra esta Ilha, ou qualquer outro porto deste Continente.

Como até agora não acho que o Snr. General do Exercito do Sul tome algumas medidas contra o passo de S. Theresa, o plano contra Monte Videu, acho impraticavel, para fazer corso com a esquadra é muito mais provavel o successo mas o fazer corso, é arriscar e deixar esta Ilha sem resguardo algum, porque bem pode ser não os encontrar no mar. Como a defesa da Ilha de Santa Catarina, é o principal motivo desta esquadra acho-me bastante embaraçado no modo em que devo obrar com estas Naus, e como a demora das Fragatas fazem grandissima falta nas nossas forças, V. Exa. bem pondera que estas 4 naus contra as 19 de que se compõe a esquadra de Espanha, é força bem pequena, mas tudo o que fôr, até o ultimo ponto, V. Exa. pode ter a certeza na defesa desta Ilha ou no que mais depender desta esquadra.

DOCUMENTO 51

Illmo. e Exmo. Snr. Pelos ultimos Officios que recebi de V. Exa. recebo um com data de 9 de Outubro do ano passado em que V. Exa. me manda suspender a Ordem que se me tinha expedido para ser retirado o

Regimento da Colonia e os Paisanos capazes de pegar em Armas.

2 — O Officio de que aquella faz menção, eu o não recebi, julgo ser um dos que se deitaram ao mar vindo ou na Corveta Nossa S^a. da Ajuda e Santo Antonio da Estrela, ou no Navio Paraiba.

3 — Diz-me V. Exa. no persente Officio dar causa a esta ultima ordem, o ter-se reflectido na minha carta datada de 20 de Junho que começa pelas palavras: Por uma Embarcação e pelos mais Documentos junto a ela pelos quaes consta as reparações e mais documentos juntos a ela, pelos quaes consta as reparações e mais obras que o Governador tem feito e continua a fazer na sobre-dita Praça, a Artilharia e mais Munições com que ela se acha e a grande disposição de todos os seus habitantes para se defenderem.

4 — Devo pôr na presença de V. Exa. que tudo o que então repeti e constava dos documentos a ela juntos, não padece nenhuma duvida, porem aquella Praça é impossivel defender-se sem ter por mar as forças competentes. Depois disto El Rei Meu Sr. é necessário que sustente hoje não só toda a tropa, mas a todos os moradores, porque os particulares, como já dali lhe não vem as utilidades que recebiam algum dia, e os Castelhanos se lhe tem atrevido a insultar as Embarcações até o ponto de lhe terem tomado algumas, nenhum se quer arriscar a estes prejuizos, é necessario um trabalho imenso para fazer resolver a algum a mandar alguma pequena Embarcação por sua conta.

5 — Isto tem dado causa a ter-se experimentado por vezes já no meu tempo necessidades naquella Praça, porque como faltam a frequencia das Embarcações dos Particulares e não se pode fazer um calculo certo, com o que levam as poucas que vão porque umas são tomadas, outras levam tão mal acondicionados os seus efeitos, que chegam podres e perdidos, vem desta forma a

faltar ao povo o que lhe é preciso, vê-se o Governador precisado a remedial-o do que tem para as Tropas, avisa-me desta necessidade, vae gastando o que tinha para si chegam muitas vezes estas noticias em tempo de Menção Contraria, em que ou não pode ir Embarcação, ou primeiro que ela se prepare e que lá chegue desde que saiu a noticia até que tenham o socorro, passam-se dois e tres mezes, tendo gasto neste tempo muito mais do que tinha para sustentar.

6 — Os mesmos efeitos que vão por conta d'El Rei Meu Sor. padecem grande ruina principalmente carnes, porque rara é a vez em que se não perca quasi metade do que se manda.

7 — Eu confesso a V. Exa. que neste ponto tenho tido quanto cuidado é possível, porem ainda assim tenho tido o desgosto de que por muitas vezes tenha padecido necessidade a mesma Praça.

8 — Alem disto a Fortificação daquela Praça é muito defeituosa, necessita infinitamente de ser reedificada a fundamento em muitas partes.

Tudo é necessário para esta mesma construção que lhe vá de fóra, não tem de que façam nem uma fachina, porque o apertado cêrco em que nos tem os *Castelhanos*, nos embaraça podermos tirar do campo as *Madeiras* e lenhas com que nos poderíamos remediar.

9 — Eu receio infinitamente que a Praça se fôr atacada não possa resistir. O Governador, eu me persuado que fará os maiores esforços. Eu lhe ordenei que se defendesse até a ultima extremidade e novamente lhe socorri de *Mantimentos* e *Munições* e vou continuando a socorrel-o emquanto a *Munição* permita e me não chegue a noticia de ter partido a *Esquadra Castelhana*. Deus permita que isto baste, porem eu a receio infinitamente.

10 — Ele me avisa ultimamente: Que os *Castelhanos* tem espalhado varias barbatadas de que em breves

dias determinavam ser senhores daquela Praça, que eles tinham as suas Tropas em movimento, com vozes de fazerem marchar para o Campo, maior numero das mesmas Tropas, pede-me o Governador o socorra com algumas Fragatas, a que eu lhe não posso deferir, porque a nossa Esquadra não tem forças com que eu possa repartir. Se a Esquadra não vier e os Castelhanos de Monte Videu por cá fizerem alguma cousa, nesse caso sempre me hei de resolver a mandar-lhe fazer uma visita com a mesma Esquadra que eles certamente não esperarão. E' o que sobre esta materia se me oferece dizer a V. Exa. — Deus Gde. a V. Exa. — Rio de Janeiro, em 3 de Janeiro de 1777. Snr. Martinho de Melo e Castro. (a.) Marquez do Lavradio.

DOCUMENTO 52

1 — Illmo. e Exmo. Snr. — Recebi o officio de V. Exa. datado de 29 de Setembro do ano passado que principia com as palavras "Sendo demonstrativamente certo que o Armamento" em o qual dá V. Exa. por certo ser o Armamento que se prepara em Cadiz destinado para os Portos do Brazil, sendo o principal e unico objecto da sua direcção o Rio da Prata com o fim de nos arrancar das Mãos toda a parte Meridional da America Portugueza e que os meios de o poderem conseguir são o de nos fazerem tres ataques ao mesmo tempo: dois com Tropas de Terra na Colonia do Sacramento e no Rio Grande de S. Pedro e o terceiro com as forças de Mar, na importantissima Ilha de Sta. Catarina: Tudo como prova V. Exa. desde os Paragrafos 2.º até o 6.º ordenando-me V. Exa. em nome d'El Rei Meu Senhor desde o Paragrafo 8.º até o 12.º o que eu nas cir-

cunstancias presentes devo determinar a este respeito. Em consequencia do que contem o mencionado officio, devo ter a honra de repetir a V. Exa. o que tenho determinado e o como se vão praticando as ordens que tenho recebido de V. Exa.

2 — Pelo que pertence á Colonia como não recebi o Officio em que se me ordenava fizesse retirar o Regimento daquela Praça, e este ainda lá se conserva e por outro Officio de V. Exa. posterior áquele se me ordena a suspensão daquela ordem, tenho mandado para aquella Praça todos quantos mantimentos tenho podido e emquanto a Munição o permite vou continuando a remetel-os.

3 — Ao Governador passei as mais positivas ordens para se defender até a ultima extremidade, porem olhando para a força da Praça e que não tenho forças do Mar para a socorrer, devo dizer a V. Exa. que eu a receio muito e que temo não haja de nos dar algum desgosto no caso de ser vigorosamente atacada.

4 — Pelo que pertence ao Rio Grande de São Pedro ainda que o General Bohm tinha avisado o General de Santa Catarina lhe suspendesse a remessa de farinha por não ter já onde as acomodar, eu antes de receber esta nova ordem de V. Exa. tinha já ordenado se não suspendesse e que continuassem a ir todas as mais que fosse possivel.

5 — Quanto á Ilha de Santa Catarina pode El Rei Meu Senhor estar na certeza que da parte do Continente da mesma Ilha se tem feito todas as disposições e maiores preparos que cabem na nossa possibilidade.

6 — O General e o Governador tem trabalhado com a maior eficacia, sendo eles quem pessoalmente vão assistir a todos os trabalhos e com o seu exemplo tem animado a todos aqueles Povos, para adeantarem as defezas daquela Ilha que até tem sido dirigidas pelo

Sargento Maior José Silva Leão, e o Capitão de Mineiros do Regimento da Artilharia desta Capital, Eusebio Antonio de Ribeiros, que sem embargo de não serem Engenheiros, pela sua applicação e grande prestimo, tem feito com muito acerto, o que se lhe tem encarregado, fazendo-se dignos por este distincto serviço da Real atenção d'El Rei Meu Senhor.

7 — Quanto a defeza exterior pela parte do Mar determina V. Exa. que seja esta feita com a Esquadra que tenho naquelle porto. Eu li o Officio de V. Exa. e o do Snr. Marquez de Pombal, nesta parte, ao Chefe da Esquadra. Para logo me disse que a Esquadra dentro daquelle porto não serviria para outra coisa mais, que para perder-se: que ella devia estar fóra em parte da donde podesse sair a atacar os Navios da Esquadra que viessem mais atrasados e que fossem de uma força competente ás com que se achasse a nossa Esquadra. Que logo que os Castelhanos se engajassem no ataque da Ilha de Santa Catarina, Nós lhe fossemos tambem atacando os Navios que lhe viessem na sua rectaguarda, porque deste modo seria o unico com que podessemos tirar vantagem contra aquellas grandissimas forças, sendo as com que nos achamos tão inferiores e diminutas.

8 — A' vista destas ponderações lembrei-me do porto da Enseada das Garoupas; achou o Chefe excellente e o mais proprio para ali estar a Esquadra e dali sair a buscar alguma vantagem contra os *Castelhanos*.

9 — Como aquele official é de tanto credito, as repetidas ordens d'El Rei Meu Senhor assim dirigidas por V. Exa., como pelo Snr. Marquez de Pombal, todas me determinam, eu confiro com aquele Official, a respeito dos serviços que deve fazer a Esquadra, por ser de muita experiencia adquirida na Excelente Escola da Marinha de Inglaterra e vendo que este Official de nenhuma forma assentava em que a Esquadra devia estar

em Santa Catarina, porque ali seria certa a sua ruina, ordenei-lhe a este respeito o que V. Exa. verá da copia da carta de ordens, com que ele saiu deste porto.

10 — Pelo que toca aos Navios Mercantes que V. Exa. ordena vão para aquele porto, para servirem de baterias flutuantes, eu o não posso praticar, porque ainda que tenha os Navios falta-me Artilharia para eles, e sem a levarem, julguei seria fazer uma destruição geral a todo o Comercio, sem esperança de tirarmos dela nenhuma utilidade.

11 — As pequenas Embarcações porem que podem servir, ou como Borlotes, ou para se encherem de materias combustiveis e poderem desta forma serem lançadas entre a Esquadra, eu ordenei ao Chefe que assim o praticasse, e ele ficou de o fazer, servindo-se quando lhe parecesse de algumas das pequenas Embarcações que costumam navegar para aquele porto. E como V. Exa. me diz no mesmo Officio no paragrafo 11 o Chefe da Esquadra é o Oficial mais habil para dirigir este trabalho, pela grande experiencia que tem dele adquirida com a pratica de toda a ultima guerra, e que nas presentes circumstancias, nem estes trabalhos, nem os concertos e reparações que precisam as Naus e as mais Embarcações da Esquadra, se pode fazer em outra parte que não seja a Ilha de Santa Catarina. Ordenando-me V. Exa. que eu assista ao sobredito Chefe com todas as provisões, generos e materiaes que forem necessarios para o sobredito serviço de sorte que a Esquadra que o mesmo Chefe Comanda, se ponha não só em estado de defender vigorosamente o porto daquela Ilha, mas de aproveitar as ocasiões favoraveis, que nos accidentes do Mar e da Guerra se apresentam frequentemente, em que se pode atacar o inimigo a golpe seguro.

12 — Em observancia de tudo o referido, lhe mandei já as duas Fragatas, Princeza do Brazil, e a Graça

Divina; fica a partir a **Fragata Príncipe do Brazil** que já se acha prompta. Partiram já também as duas pequenas Embarcações armadas em guerra, uma denominada o **Hiate S. Francisco Xavier** e a outra a **Corveta Nossa Sra. da Conceição**; e o **Capitão de Mar e Guerra Tristão da Cunha** fica a partir para a **Bahia** para conduzir a **Fragata Nossa Sra. da Nazaré**, que segundo os avisos do Governador daquela Capitania, julgo estará prompta a sair logo que aquele Oficial ali chegar.

13 — Pelo que toca as defezas desta importantissima Capital, **V. Exa.** quererá da minha parte fazer chegar á **Real Presença d'El Rei Meu Senhor** o meu profundo e respeitoso agradecimento pela honra que o mesmo Senhor me faz de se persuadir que eu terei tomado as possiveis medidas para acautelar alguma invasão mais repentina; e para eu igualmente nesta parte acertar como desejo, vou repetir a **V. Exa.** o que tenho feito e o que determino ir continuando a fazer segundo o que fôr permitindo o tempo para que chegando todas estas minhas resoluções ao **Real conhecimento d'El Rei Meu Senhor** ele seja servido determinar-me o mais que eu devo praticar.

14 — Logo que cheguei a esta Capital, em o mez de **Outubro** do ano de **1769** procurando tomar conhecimento das forças que tinha a mesma Capital para a sua propria defeza, assim pela parte do mar, como da Terra: Achei um porto aberto, ainda que com diferentes Fortalezas, porem estas muito mal construidas e nenhuma em estado de sofrer uma rigorosa defeza. E pela parte de terra absolutamente indefensavel, sendo a sua situação a mais propria para nela se fazer a defeza mais forte e mais regular.

15 — A **Fortaleza de Santa Cruz**, que é a principal da barra, é construida sobre uma pedra que avança ao mar, ficando a sua defeza como em anfiteatro. Os parapeitos sem serem construidos na grossura que devem

ser; as Caixas dos Merlões, feitas de tijolo e cheias de terra mal batida; as baterias sem plataformas; a maior parte dos reparos arruinados e sem ter aquella Fortaleza os Armazens competentes, nem para ter os seus sobrecelentes, nem para se recolher o numero da guarnição que precisa para a sua defeza.

16 — Fica esta Fortaleza na terra firme ao entrar da barra metida entre dois sacos, um que fica fora da barra, e outro que fica da parte de dentro.

17 — O primeiro: Tem uma grande praia a que chamam a Praia de Fóra, aonde se acostumam abrigar as Embarcações pequenas, quando o tempo é forte, que lhe não dá logar a entrar a barra. Por este logar se entra em uma boa Campanha, a qual vem dar a um excelente porto dentro da barra, e muito fora do alcance, e até da vista da Fortaleza de Santa Cruz; e dá egualmente em uma excelente bahia, que borda muita parte da terra firme do outro lado desta Capital.

18 — Alem disto se podia comunicar por diferentes partes a uma altura chamada o Pico, que fica muito superior á Fortaleza de Santa Cruz e na distancia de pouco mais de meio alcance de tiro de Artilharia, de forma que em se tendo ganhado aquella altura, a Fortaleza de Santa Cruz necessariamente dentro em breves horas estaria reduzida a cinza.

19 — No sacco da parte de dentro, é dificultoso o desembarque, por ser este cheio de rochedos e só em dias muito serenos, é que permite em alguma parte o desembarque.

20 — Em nenhuma destas partes achei feita nenhuma defeza. Na Praia de Fora, consta que em algum tempo se fizera ali uma pequena reducta que o tempo e o descuido consumiu. Tambem me dizem que o Conde da Cunha intentava defender aquele porto e que esta obra teve algum principio; porem este foi tão pequeno e as ordens do Vice Rey tão mal executadas, que eu

já não achei que a memoria disto, sem sinal nenhum de se ter feito, havendo tão poucos anos, que aquele Vice Rey tinha daqui saído.

21 — A altura do Pico tinha-se por inacessível: Contava-se por cousa muito grande o ter ali ido Luiz Diogo Lobo, e o Conde de Vila-Flor, quando aqui passou, convidado pelo Marechal Funks, que foi o primeiro, que subiu aquele outeiro, que o Conde da Bobadela julgava como impraticavel.

22 — Pareceu-me justo ir visitar os postos que eu julgava importantes. Quiz levar o Tenente General comsigo e o mesmo Funks, porem se me foi sempre deferindo por tal forma, que eu não pude conseguir mais que o ver a ruina em que estavam todas as Fortalezas e providenciar o dar principio a elas serem reparadas. Comtudo sempre ouvi por escrito ao Marechal Funks sobre estas defezas; ordenei-lhe que me fizesse o seu projecto sobre a melhor forma e augmento que devia ter a defeza do porto; e lhe ordenei igualmente que fizesse outro semelhante sobre a defeza da parte da Terra. Tudo assim praticou o sobredito Marechal e tão bem imaginado, como feito por um homem tão habil, como eu o considero a ele.

23 — Dei conta a El Rei Meu Senhor do Plano que pertencia á defeza de Terra, que foi o primeiro que me apresentou o Tenente General e o Marechal Funks e tive a ideia de dar logo principio, porem como a despeza havia de ser muito consideravel, não quiz principiar cousa alguma sem primeiro receber as ordens que se me expedissem na conformidade da minha proposta.

24 — Remeti o parecer que sobre este negocio fez o Marechal Funcks, José Custodio e Francisco João Rocio.

25 — Respondeu-se-me: Que eu não devia por ora fazer aquella obra e que suspendesse logo toda a que por

aquela parte tivesse principiado; que devia só occupar-me em fazer alguns reparos pela parte da Marinha, que era o por donde eu podia mais reccar.

26 — Aproveitando-me desta Ordem, mandei fazer um Plano por donde ficasse fortificada esta Cidade, pela parte da Marinha, a donde não tinha nenhuma defeza para que os concertos ou reparos que se fizessem de novo na Marinha, fossem sempre feitos debaixo de um sistema de sorte que os mais Vice Reis ou Governadores, que se me seguissem o podessem continuar com regularidade, até que um dia ficasse toda fortificada debaixo de principios solidos e regulares.

27 — Neste meio tempo fui examinar os Armazens do Trem e o Quartel feito para a Cavalaria, que principiam, os primeiros no sitio a que chamam Calabouço aonde ha um pequeno reducto e achei que assim os Armazens como aqueles Quartéis, estavam no perigo de virem abaixo, porque já os alicerces de um cunhal estavam descobertos pelo mar que para se entrar pela porta principal dos Armazens, o não podiam fazer já dois homens emparelhados, tão pequena era a porção de terra que mediava das paredes principaes ao Mar.

28 — Resolvi-me logo antes que caissem a dar principio áquella reedificação; logo fui praticando na conformidade do Plano. Fui continuando esta obra que foi preciso sair muito ao mar, assim por conta da sua segurança, como para fazer a regularidade do mesmo Plano.

29 — Foi-se continuando esta obra e depois de vencida até o Quartel da Cavalaria, viu-se que se achava na mesma necessidade o aquartelamento em que estava o Regimento de Moura que são quartéis pertencentes á Fazenda Real.

30 — Continuei pelos mesmos motivos a obra; cheguei a conclui-la, ficando já em bastante altura fora da agua e feito o grandissimo aterro que ella precisava.

31 — Estando neste estado e eu na ideia de a ir continuando, por ter conseguido já o que era de maior custo e tambem de maior dificuldade, houve quem quizesse ir acusar na Presença d'El Rei Meu Senhor estes meus desacertos. Recebi uma ordem para que suspendesse as obras que andava fazendo e que desse Conta dos motivos porque as tinha feito e a ordem, ou licença com que a tinha praticado.

32 — Eu sem embargo dos motivos serem aqueles que refiro e a ordem, a resposta que tive ao Plano que remeti da defeza da Terra, sem embargo digo de ter estes justos fundamentos, julguei que eles não seriam tão justos, como se me apresentava e que eu devia abster-me enquanto me não visse em uma maior urgencia. Neste estado ficou aquella obra, toda ela paga e feita com o maior comodo e a maior fortidão.

33 — Seis meses depois dela parada, se seguiram os movimentos maiores do Sul, estes foram crescendo até que o General Bohm, e o Marechal Funcks, partiram com as Tropas. Todos os meus cuidados se empregaram áqueles movimentos e nas percisas providencias para que os diferentes serviços daquele Continente, se praticassem na Conformidade que El Rei Meu Sr. e o seu Sabio Ministerio me determinava.

34 — Até ao ponto de me chegar o primeiro Officio de V. Exas. em que me participavam que os Castelhanos se achavam preparando uma grande Esquadra, que diziam ser com o destino de ir a Argel, porem que se suspeitava poder ou toda, ou parte dela dirigir-se á America: Que eu devia sempre prevenir-me na conformidade destas noticias.

35 — Logo que recebi este primeiro aviso, passei immediatamente a examinar a altura do Pico e a Praia de Fóra. Vi a grande importancia daqueles dois postos e que sem eles não poderia a Fortaleza de Santa Cruz,

ainda que ella fosse muito mais fortificada de nenhuma forma conservar-se; e fortificados os dois postos principalmente a altura do Pico, não só augmentaria muito a defeza de Santa Cruz, mas quando ella seja percusada a ceder tem a sua guarnição uma segura retirada e nenhum inimigo se poderá conservar nella; porque aquella altura domina de tal forma a sobredita Fortaleza e em tão pouca distancia, que pessoa nenhuma se poderá ali conservar, que não seja debaixo do fôgo mais violento daquella Fortaleza.

36 — Esta altura protege igualmente a Praia de Fóra, do mesmo modo e talvez ainda melhor que protege a Fortaleza; fica superior a toda aquella Campanha e ao mesmo passo bate os Navios pelo Costado, immediatamente elles vencem a ponte de Santa Cruz.

37 — Resolvi-me sem perda nenhuma de tempo a mandar fortificar aquella altura, sem embargo das muitas difficuldades que se me ofereceram para esta obra; trazendo-me os exemplos dos Snrs. Vice Reis e Governadores que sempre julgaram ser impossivel o pratical-a, assim porque seriam difficultosos os meios de transporte áquella altura, o que era necessário para construção da sobredita Fortaleza como ainda muito mais impraticavel seria o fazer lá conduzir a Artilharia Grossa, que ella necessitava para ser da utilidade que se imaginava e que fazendo-se um largo caminho por donde ella podesse ir, este facultaria tambem ao depois a comunicação daquella altura para os inimigos.

38 — Tudo isto desprezei: Mandeí descortinar o Monte e dei logo principio assim áquella obra, como a fortificar a Praia de Fora. Cada dia se me ofereciam um cento de difficuldades, de nenhuma fiz caso e fui continuando a praticar a minha Ideia. Ao mesmo passo mandei fazer muitas mil fachinas que as mandei guardar nas diferentes fortalezas deste porto.

39 — Consegui finalmente o pôr as duas Fortalezas em estado de defeza, de sorte que a do Pico se acha já com 12 peças de Artilharia, duas do calibre de 24, duas de 18, seis de 12 e duas a 9. E a da Praia de Fóra com 12 peças tambem montadas, cinco de calibre de 18 e sete de doze e se eu poder dispensar mais algumas peças elas podem ainda montar, a do Pico 36 mais e a da Praia de Fóra outras tantas.

40 — Esta segunda defeza, como muita parte dela é de fachina, principalmente as cortinas, está de todo concluida. A do Pico porem como toda tem sido feita de pedra e cal e com muita fortidão, ainda por algumas partes não está acabada, mas os flancos e cortinas que são mais principaes estão concluidas.

41 — Deixei aquele Monte em figura dele ser ainda mais inacessivel do que antes da obra. As pouquissimas serventias que há para ele são enfiadas pela Artilharia, de forma que não aparecerá um só homem que imediatamente não haja de perder logo a vida.

42 — Passei a pôr em mais defeza a Fortaleza da Lage, que para V. Exa. julgar no estado e descuido em que tudo se achava, bastará que V. Exa. saiba que naquella Fortaleza sendo uma das mais principais, não havia aonde se acomodasse a sua guarnição, sem embargo de se lhe terem feito logares para quartéis, os quais serviam de despejo a toda a guarnição, que era um fetido tão horroroso que não havia quem podesse parar em nenhuma parte da mesma Fortaleza.

43 — O Armazem da polvora e dos mais sobrece-lentes, era o primeiro alvo e ponto de vista que se oferecia a qualquer Embarcação que entrava. A artilharia toda, a pior, é a que se mandava para aquella Fortaleza e a maior parte dos seus reparos estavam sustentados sobre espeques, por uns não terem rodas e outros terem as tão mal, que se não podiam sustentar.

44 — Não havia um lugar em que se dissesse Missa e como aquella Fortaleza quando o mar anda mais agitado, fica sendo impraticavel o chegar a ella e ha occasiões em que isto succede 15 e 20 dias, ficava aquella guarnição sem poder satisfazer aquelle preceito, e como não havia lugar aonde se celebrasse, tambem não havia ali um sacerdote, de que nasceu por algumas vezes, sendo elle preciso a alguns soldados da guarnição em molestia repentina, virem a morrer sem ao menos se poderem confessar.

45 — A tudo isto acudi logo, ainda primeiro que ás Fortalezas que já fiz menção; porque esta necessidade me foi logo patente e eu a presenciei pessoalmente e hoje se acha tudo emendado, como a curta possibilidade da mesma Fortaleza o permite.

46 — A guarnição tem já quarteis aonde se recolha; a polvora está recolhida a um Armazem mais occulto e seguro; a Artilharia toda escolhida e montada sobre excellentes reparos; tem Capelão e lugar decente aonde se celebra o santo sacrificio da Missa nos dias de preceito.

47 — Passei á Fortaleza de Villegailou, Fortaleza que em Portugal tinha tanto nome e reputação. Eu me envergonho que houvesse quem se atrevesse a pôr na respeitavel presença do nosso Ministerio e muito mais na d'El Rei Meu Senhor Fidelissimo, que aquella Fortaleza se assemelhava a uma daquellas celebres obras dos antigos Romanos. Creia V. Exa. que tão longe estava de poder ter esta semelhança, que teria vergonha hoje qualquer Engenheiro ordinario de que se dissesse que elle tinha feito aquella ridicula obra.

48 — A situação daquelle posto é admiravel. Ella faz uma Ilha com extensão e largura competente a se construir uma excelente fortificação; porem até agora nada mais era que uma insignificante reducta, com dois maus baluartes, os quaes tinham uns parapeitos, sim da grossura competente para resistirem a Artilharia, mas

estes tão mal construídos que a maior parte deles se achavam rachados por não poderem com o pezo da terra.

49 — Sobre esta Fortificação tinha um Cavaleiro todo descoberto, sem parapeito algum, de sorte que de fóra se podiam fazer as pontarias aos que estavam dentro, até a ultima extremidade do Sapato. Os maus quartéis o Armazem da Polvora e sobreceletes, que era um Telheiro, tudo ficava fóra dos logares desta Fortificação sem terem a mais pequena defeza.

50 — Conservando-se de fóra destes logares fortificados alguns morros ou outeiros que encobriam o verso dos logares fortificados uma grande parte das Praias, aonde se podiam fazer desembarques podendo o inimigo que chegasse ali a desembarcar ir a coberto amparar-se de alguma daquelas alturas aonde podia muito comodamente estabelecer uma ou diferentes baterias com que arruinasse a mesma Fortaleza e protegesse o desembarque de toda a Tropa com que quizessem atacar aquele porto.

51 — Esta era a figura e o estado, em que estava a grande Fortaleza de Villagayllou. Cuidei sem perda de tempo em a pôr em estado de defeza; tem sido uma obra muito trabalhosa e ainda que não se acha de todo concluída, está já toda ela em estado de montar artilharia, de poder receber dentro em si a guarnição que lhe é competente; tem um excelente e segurissimo armazem para Polvora, vão-se continuando a fazer as casas matas para a guarnição e se acaso fôr atacada, já hoje poderá fazer uma vigorosa resistencia.

52 — Como a Ilha é grande e seria de grandissimo custo e desnecessario fortificar-a toda, separei o que pertence a Fortificação do que não ficava fortificado, fazendo-lhe uma cortadura larga, por donde passa o mar e ali uma ponte levadiça para se poder comunicar

a Fortaleza com o resto da Ilha. Estou cuidando com toda a força em lhe demolir as alturas, afim de que não fique padraço nenhum que embarace aquela Fortaleza.

53 — A Fortaleza de São João também foi reedificada, porem esta não estava em tão mau estado e a sua situação dá mais vantagens para a sua defeza. Sempre tenho feito bastante obra nela. Não posso dizer que ela esteja em uma perfeita defeza, porem pode sustentar-se havendo cuidado, valor e vigilancia no Oficial que a defender.

54 — A Fortaleza da Praia Vermelha tem uma Fortificação muito debil, porem a bateria da parte do mar é muito sofrivel. A cortina e os baluartes que olham para o porto de dentro da Barra em que de ordinario se desembarca para aquella Fortaleza, é a cousa mais ridicula que se tem nunca feito. A muralha de toda aquella cortina não parece que a do muro de uma quinta mandado fazer por quem tivesse pouco dinheiro. O alicerce tem tres palmos e do alicerce para cima aonde tem maior grossura, tem dois palmos e meio de sorte que depois dele feito se não mandou terraplanar, porque se viu que o muro não tinha forças com que pudesse sustentar a terra do terraplano que se lhe havia de fazer, e por consequencia ficou só este delgado muro sem logar para se lhe por nenhuma peça nem ao menos o tem para estar a Infantaria.

55 — Aos dois lados deste muro, ha dois pequenos ourados a que deram o nome de baluartes; os muros em que eles foram formados, eram mais fortes que os da cortina; porem ainda assim tão fora de proporção, que com o peso da terra que se lhe poz, logo principiaram a abater. Os terreplenos destes baluartes eram sumamente curtos de sorte que não havia logar competente para poder laborar a Artilharia que competia ao numero das canhoneiras que se lhe tinham feito. Este ultimo inconveniente se remediou e também no mais ficarão

remediados os ditos baluartes, aquilo que a possibilidade de terreno permitiu.

56 — Tem esta Fortaleza a um lado uma grande altura e lá em cima tem um largo terreno que domina toda a Fortaleza e as diferentes praias e desembarques que ela tem pela Praia de fóra.

57 — Nesta altura havia uma vigia para fazer o sinal dos Navios, que apareciam fora da barra. Subia-se para aquele logar por uma pedra lisa e altissima, indo-se sustentando por um grosso cabo que corria por todo o comprimento da mesma pedra. Muitos soldados se precipitaram nesta jornada, uns quebraram as pernas, outros arrebentaram; porem alguns subiam, indo descalços e de gatinhas.

58 — Esta pedra era um dos grandes divertimentos daquela Fortaleza, porque todo o instante se estavam infinitas gentes exercitando no modo de subil-a e muitos havia que a subiam toda sem se pegar ao cabo, indo direitos, levando algumas cousas á cabeça e desciam por ela do mesmo modo. Quasi todos iam fazer destas experiencias, até o Tenente General a foi fazer; descalçou-se, deu ainda cinco passos por ela acima mas muito depressa voltou agarrado ao cabo, que por lhe acudirem promptamente não experimentou algum dano maior.

59 — Parece-me que não devia existir esta comunicação por aquele modo. Mandei-lhe fazer uma excelente e forte escada de madeira, a qual se podesse promptamente cortar, logo que a Fortaleza estivesse em ataque. Mandei estabelecer naquela altura uma bateria que fica comandando toda a Fortaleza e todas as Praias e está em um logar muito dificultoso e ariscado o acesso.

60 — Não tinha a Fortaleza Quarteis para a Tropa: Não tinha Armazens para sobrecelentes e só tinha um para polvora, que por muito unido não podia servir para aquele fim. Tudo remediei; acham-se muito bem

aquarteladas as Tropas e os Armazens de sobreceletes são os mais sofríveis que permite o terreno.

61 — No logar da Bôa Viagem e no Sitio da Gravata havia em cada um deles uma bateria, isto é tinham feito uma muralha e em cima desta tinham posto algumas peças em terreno competente para elles se postarem, fizeram-lhe suas guaritas e um insignificante parapetto de sorte que quem de fora as via julgava que eram duas baterias que podiam ter serventia; porem o terreno de dentro era tão curto que quasi parecia se tinham medido ali aquelas peças á força. Não tinham nenhum terreno para o seu recuo e por consequencia o não havia nem para estar a Tropa, nem para se ter uma pouca de palamenta, nem ao menos um Armazem portatil para polvora.

62 — A da Bôa Viagem era preciso que subisse uma Montanha descoberta para ir buscar o seu socorro lá acima e ainda assim com as peças não podiam recuar, ficavam sendo inuteis.

63 — A do Gravatá, mais perto podia ter o seu socorro mas não tinha lembrado, o dar-se-lhe a providencia.

64 — Considerando eu tambem aquellas duas baterias importantes, mandei-lhe fazer a obra que precisava, esta se acha já concluida e ellas em estado de manobrar.

65 — Na Fortaleza da Ilha das Cobras, tambem tenho feito bastante trabalho; porem ele ali pouco ou nada pode luzir. Aquella obra é a mais imperfeita e cheia de defeitos, que creio se fez nunca em genero de fortificação.

66 — Ela não pode ser defendida com menos de dois mil homens, e não tem acomodação para tresentos e ainda esta é tão mal, que ás primeiras bombas que lhe caem dentro, já não ha adonde ninguem se recolha.

67 — E' esta Fortificação tão extensa e com tantas obras exteriores destacadas e imperfeitas e a maior parte delas arruinadas, que todas as forças do Rio de Janeiro, não seriam bastantes para de repente fortificá-la muito menos para a defender com regularidade.

68 — Propuz-me reduzir mais aquella defeza; achei um baluarte principal que é o de Santo Antonio todo caído e em tal desmazelo que caído uma das peças do mesmo baluarte na praia, ainda lá se achava, dizendo-se que cousa nenhuma daquelas se podia fazer de que resultaria alguma despeza, sem que fosse primeiro o Provedor da Fazenda, os Mestres da Fazenda Real, escrivão e diferentes outras pessoas a fazer uma vistoria; pôs-se em lanços aquele trabalho; porque do contrario toda a despeza apagara todo o que a houvesse feito; e nestas contas e etiquetas semelhantes se gastava todo o tempo, tudo se acabava de arruinar e cousa nenhuma se fazia.

69 — Prescindi destas formalidades e mandei levantar a Muralha e concertei o Baluarte. Fiz destacar um Regimento para aquella Fortaleza e mandei-o trabalhar em todos os aterros que eram mais necessarios. Fiz parapetos largos e fortes com fachina, aonde eles estavam mais fracos e principiei a construir uma cortina de pedra e cal para a parte do porto aonde aquella Fortaleza não tem nenhuma defeza e mais a necessita; esta tem custado mais trabalho e ainda se acha muito atrasada e como eu julgo a mais principal para se poder sustentar por mais tempo aquella Fortaleza, estou na ideia de a mandar continuar ao menos até á altura dela poder montar alguma Artilharia. Nos mais logares da Ilha não me pareceu competente bulir, porque seria gastar por ora o tempo inutilmente, Deus queira que eu tenha o que me é necessario para que aquella cortina e os baluartes que lhe correspondem, possam ficar em estado de laborar com artilharia no caso de sermos atacados.

70 — Esta Ilha fica a Cavaleiro e Comanda quasi toda a Cidade, e sendo ella tomada de necessidade se hão de retirar os povos porque as bombas porão por terra todos os edificios.

71 — Como V. Exas. me diziam em um dos seus Officios que eu não tinha que recear o Rio de Janeiro e que por isso se me tiravam as Tropas para acudir a Bahia: descancei mais sobre a defeza interior, não perdendo porem nunca de vista a ideia que eu me tinha formado para fazer esta defeza quando as circumstancias e a occasião assim o pedissem.

72 — Logo que recebi os Officios de V. Exa. e que nas noticias que V. Exa. me mandavam por copia vi que entre os exames que os Castelhanos faziam dos Mapas, os faziam tambem no do Rio de Janeiro, dei immediatamente principio ao que ha tantos anos tenho projectado.

73 — Em primeiro logar: Busquei a altura de S. Bento aonde os Frades daquela ordem tem um Convento e delinieei naquele sitio a fortificação que me pareceu competente. Por varios motivos me resolvi a principiar ali primeiro a fortificar-me.

74 — Primeiro: Porque aquella altura é a que, tem a Cidade para a parte da Ilha das Cobras, que seja mais competente a fazer fogo sobre ella e embaraçar-lhe uma grande parte dos pontos de vista certos que daquela Ilha se pode fazer para uma parte da Cidade.

75 — Segundo — Porque da mesma altura se descobre sem nenhum embaraço a maior parte dos logares proprios de desembarque que a Ilha tem para esta parte.

76 — Terceiro — Porque como aquella parte da Fortaleza que se descobre desta altura é a que é mais fraca e menos defensavel, fortificado este monte se põem mais embaraço aos Inimigos para que ataquem a mesma Fortaleza por aquelle lado e ao mesmo passo, o fogo desta Fortificação serve para proteger a tirada da guar-

nição daquela Ilha no caso em que eles não possam sustentar a sua defeza.

77 — Quarto — Porque aquella altura fica eminente sobre o porto aonde costumam a vir dar fundo a todas as Embarcações maiores, e donde naturalmente se hão de por para fazer a destruição dela.

78 — Quinto — Para embarçar o facil desembarque que havia nas Praias de todo aquele outeiro e outro muito franco e excelente que ha na ultima extremidade daquele monte, aonde chamam a Prainha.

79 — Tudo isto fortifiquei com diferentes baterias e para estes serviços é que eu guardava as muitas mil fachinas que havia tanto tempo que eu tinha mandado cortar e por em arrecadação.

80 — Acha-se todo aquele outeiro e os lados que o guarnecem com uma respeitavel fortificação ainda que de fachinas, porem tão fortes e bem flanqueada que posso segurar a V. Exa. que se os Castelhanos cá vierem e nos quizerem atacar por aquele lado, que ele só bastará para lhe causar maior estrago ás forças com que eles nos pertendam atacar neste porto.

81 — Debaixo do mesmo sistema tenho fortificado toda a Marinha desde a Prainha, até á reducta de calabouço: toda muito bem flanquedada; as cortinas formadas por uns trincheirões de 19 palmos, muito bem batidos. Os flancos que são muito fortes a maior parte deles tem já Artilharia montada e toda esta Fortificação vem seguindo a ideia que eu tinha desde o principio formado para a defeza da mesma Marinha.

82 — Agora me serviu excelentemente a obra que eu tinha feito até o Quartel da Infantaria e se eu tivesse continuado a mesma obra como pretendia, nesta ocasião me não seria perciso fazer o grandissimo trabalho que isto me tem custado presentemente.

83 — Todo este grandissimo serviço se tem feito: O primeiro do Monte em menos de 2 mezes e o resto da mais Marinha no tempo de um mez.

84 — Tem sido feito este serviço pelos Auxiliares e Ordenanças de dentro desta Capital. Eu lh'o tenho feito fazer com a maior suavidade que é possível, não lhe embaraço o seu commercio. Aos artifices deixo trabalhar nas suas lojas, ordenando que cada um que tenha que fazer seu particular, possa mandar-me escravos em seu logar; tenho-lhe prompto os instrumentos todos perçisos para aquele trabalho e como este veio a cair no tempo do mais ardente calor, não consinto que eles trabalhem se não nas horas em que o Sol está com menos força. Sem embargo de eu lhe dar estas permissões, infinitos auxiliares vem. Os homens de negocio que negoceiam em escravos, emquanto os não vendem tem mandado todos os que estão capazes de trabalhar, de sorte que tenho tido occasião de trazer perto de tres mil homens no trabalho.

85 — Os Officiaes auxiliares não posso segurar a V. Exa. o ardor interesse com que a maior parte deles tem assistido diariamente a estes serviços.

86 — O corpo da ordenança não tem de nenhuma forma feito menos. Eu desejaria merecer a El Rei Meu Senhor alguma remuneração para estas gentes. Todo este serviço tem feito sem soldo e sem nenhuma outra despeza da Fazenda Real. Isto parece impossivel a alguns Estrangeiros dos que estão no nosso serviço, que o presenciam. Eu assisto todos os dias a estes trabalhos. Eu faço a estes homens todas as festas que posso, e todos os mais beneficios que cabem da minha possibilidade; porem como presencio o grandissimo trabalho que tem tido; a boa cara e vontade com que o fazem e a grande utilidade que dele pode resultar a esta Capital, devo não cessar em rogar para eles, alguma outra recompensa.

87 — Este é o trabalho que se acha feito porque o julguei ser o mais principal. Agora vou pelo mesmo modo remediar a Fortificação do Castelo desta Capital, posto sumamente vantajoso; a retirada mais segura para estes povos e a situação mais segura para dali se bater o inimigo se ele poder conseguir o entrar na Cidade. Aquela Fortaleza é importantissima e ela é a mais arruinada de todas.

88 — Nenhum Governador depois que ela foi feita tornou mais a olhar para ela, acha-se toda arruinada, os parapeitos caídos; os flancos abatidos, os baluartes abertos e até ultimamente achei cercada e coberta de mato e arvores tão grossas que se ocultavam dentro daquelles grandes bosques, que chegaram até á raiz da muralha, infinitos, negros e negras e quilombados, e muitas outras gentes que fugiam da Cidade.

89 — Mandei descortinar este Monte todo; puz á vista toda a sua Fortificação. O abandono em que ella estava tinha feito, que até os particulares fizessem casas na sua esplanada, e estendessem os seus quintaes até ás muralhas das Fortalezas, fazendo-se tão senhores deste terreno que até passavam estas propriedades de uns aos outros, umas vendidas, outras por herança e reduzia-se a Fortaleza a não ter outra cousa que lhe pertencesse que as muralhas arruinadas de que ninguem convinha o aproveitar-se.

90 — Esta obra a não posso eu fazer de pedra e cal que seria de um grandissimo custo, ainda que devo dizer a V. Exa. que é das mais percisas e que merece a maior atenção, porem determino remedial-a por ora com terra e fachinhas e segundo a posse em que os particulares estão de terem ali edificado as suas casas e jardins será sumamente conveniente que venha uma ordem para que sejam logo expulsados todos aqueles, cujo sitio for preciso para desafogo da mesma Fortaleza.

91 — Eu já dei principio a isto se ir praticando; porem sendo isto só de minha ordem, não dura mais que o tempo que eu aqui estiver, e depois pode ser que os meus successores tendo melhor genio e menos impertinencia, hajam de condescender mais com as rogativas daqueles que ficam agora desacomodados.

92 — Alem desta defeza determino por um e outro lado da Marinha ir fazendo nos passos que poderem ser de mais algum receio, aquella defeza de Campanha, que o tempo me permitir; e espero em Deus que se os nossos implacaveis inimigos me derem mais algum tempo que eles não de achar-se no Rio de Janeiro o que certamente não imaginam.

93 — Já no estado em que presentemente está o porto eu espero que eles não entrem, sem que primeiro paguem bem o seu atrevimento porem se tardarem mais alguma cousa ainda será maior o seu castigo.

94 — Esquecia-me dizer a V. Exa.: Que julgava eu dever ser a primeira defeza a entrada da Barra; que eu tenho disposto fazer nela uma cadeia com duas ordens de Embarcações.

95 — A primeira — Segura por uma corrente de ferro e sustentada nos dois lados, pelas duas Embarcações que aqui se acham de guerra, N. Sra. da Assumpção e o Galeão, tendo toda esta linha de Embarcações a possível Artilharia para junto com as Fortalezas da Barra fazerem fogo as Embarcações que forem entrando.

96 — A segunda linha das mesmas Embarcações ha de ser de outras mais pequenas que estejam com diferentes materias combustiveis para no caso de romperem as Embarcações inimigas a cadeia, elas poderem incendiarem-se e misturar-se entre as Embarcações inimigas. Deste serviço e de todo outro exterior do porto, tenho encarregado ao Capitão de Mar e Guerra, George Hardcastle, Oficial costumado ao fogo, e que tem muita actividade e obediencia.

97 — Estas cadeias tem custado muito a fazer pela grande grossura que é preciso que tenham; porem vão-se concluindo, tem gasto infinito ferro, pelo que será preciso que V. Exa. faça remeter para os Armazens desta Capital maior porção deste genero.

98 — Eu necessito tambem infinitamente de mais Artilharia e muito mais de um grande numero de balas de todos os calibres.

99 — Perdôe V. Exa. a extensa narração deste Officio. Ele vae sem nenhum ornato. Eu repito simplesmente o que me parece preciso para que V. Exas. possam informar a El Rei Meu Senhor do estado em que se acham os diferentes serviços de que a grandeza do mesmo Snr. me tem encarregado e do que tenho praticado em consequencia das sabias Instruções de V. Exas. Eu sentirei não o ter feito com o acerto que devo e desejo, pedindo a V. Exas. hajam de desculpar os meus desacertos em que só terá culpa a falta dos meus conhecimentos. Deus guarde a V. Exa. — Rio de Janeiro em 8 de Janeiro de 1777. — Marquez do Lavradio. Snr. Martinho de Melo e Castro.